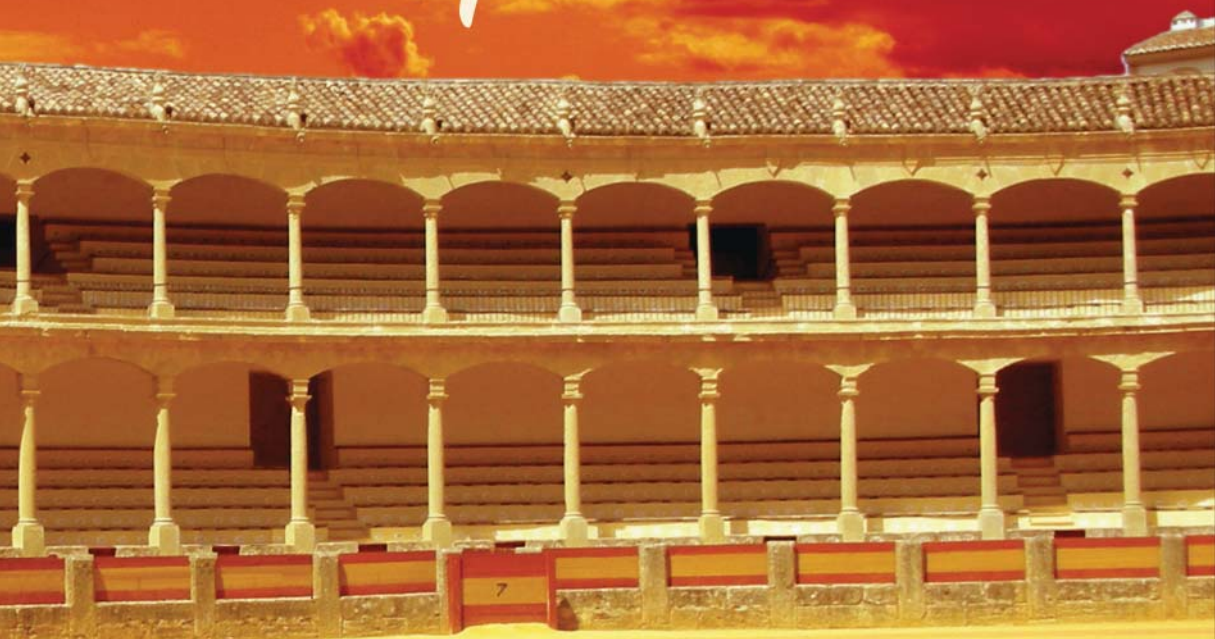


José Barros

*A paixão de um  
Matador*



A paixão de um  
Matador



José Barros

*A paixão de um  
Matador*



São Paulo, 2011

**Título Original em Português:** A paixão de um matador

© 2010 de José Barros

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

**Coordenação editorial:** Simone Mateus

**Digitação:** Diogo Francisco Felipe, Douglas Fré, Rosana Accietta

**Revisão:** Prof<sup>ª</sup> Carmem Lúcia Ebúrneo da Silva

**Ilustrações:** Prof<sup>º</sup> Vinicius Aloise e Douglas Fré

**Organização:** Cristiane de Biagi Barros

**Editoração eletrônica e capa:** Equipe Giz

**Impressão:** Alternativa Digital

**Giz Editorial e livraria ltda.**

Rua 24 de Maio, nº 77 – 10º andar – Sala 1002

CEP 01041-001 – São Paulo – SP – Centro

Website: [www.gizeditorial.com.br](http://www.gizeditorial.com.br)

E-mail: [giz@gizeditorial.com.br](mailto:giz@gizeditorial.com.br)

Tel/Fax: (11) 3333-3059

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Barros, José

A paixão de um matador / José Barros. -- São Paulo : Giz Editorial, 2011.

ISBN 978-85-7855-134-6

I. Ficção brasileira I. Título.

11-05754

CDD-869.93

**Índice para Catálogo Sistemático**

I. Ficção : Literatura brasileira 869.93

*À Bernadette, nossos filhos Bia, Mauricio,  
Cris, Dri; e netos João, Vitor e Lucas,  
agradecendo pela paciência e compreensão.  
À nora Elaine, pelo constante incentivo.  
Aos meus genros e a todos os demais parentes  
que constituem nossa inestimável família.*

*À amizade – o grande patrimônio que  
formei ao longo da minha vida.  
Aos amigos e amigas de São Paulo, de Itajaí e  
Florianópolis, da Receita Federal, de Osasco  
(A.A. Floresta), Barretos, de Bofete e Botucatu,  
a todos que me acompanharam neste projeto.  
Recebam o meu saudoso abraço, onde quer que estejam!*

*José Barros*



# *Ao Leitor*

Este livro é uma história; um romance entre um belo e jovem casal vivenciado na Espanha dos anos 90, trabalho que não é — e nem pretende ser — mais um compêndio ou documentário especializado sobre touradas, ou mais propriamente — corridas de touros — conforme são designadas nesse País os eventos representativos das lutas entre homens e touros, de secular tradição.

Por outro lado, sendo o nosso herói um *matador* de touros, cuja carreira se desenvolve junto com a trama, esta, certamente, envolve vários eventos típicos da chamada *fiesta*. Assim, algumas descrições de lances, ações e técnicas estão incluídas, no limite em que achamos necessário à devida compreensão e imaginação.

Especificamente quanto às corridas de touros — tão odiadas por uns e tão admiradas por outros — sem preocupação com tabus ou preconceitos, ao final do livro, elaboramos um apêndice onde são analisados vários aspectos desta controvérsia, constituindo-se num debate imaginário, com protagonistas imaginários.

Caberá a você, meu caro leitor, folheando as páginas do debate, decidir-se por sua leitura antes do romance, enquanto este se desenrola, ao final do mesmo, ou simplesmente ignorá-lo. Se quiser, ainda, entre no debate...

Boa sorte!

*O autor*



# Sumário



CAPÍTULO I	
O Encontro .....	11
CAPÍTULO II	
Na casa dos Cortez .....	31
CAPÍTULO III	
La Tienta .....	39
CAPÍTULO IV	
El Rayo.....	55
CAPÍTULO V	
Ronda: Surgimento de El Gringo .....	69
CAPÍTULO VI	
O Pesadelo de Malu .....	81
CAPÍTULO VII	
Pamplona: Festa de San Fermin.....	95
CAPÍTULO VIII	
El Gringo nas arenas de toda Espanha .....	107
CAPÍTULO IX	
México: “Diestro” ou “Impostor”?.....	119
CAPÍTULO X	
Madri: O Reencontro .....	131
CAPÍTULO XI	
A Sedução .....	141
CAPÍTULO XII	
O Desencontro .....	151
CAPÍTULO XIII	
Flamenco Dancing.....	167

CAPÍTULO XIV	
Sevilha: O “Indulto” de um Touro.....	183
CAPÍTULO XV	
Nas Passarelas e “Las Ventas” .....	201
CAPÍTULO XVI	
Entrevista de El Gringo. Malu no Brasil .....	215
CAPÍTULO XVII	
Nina e Malu.....	225
CAPÍTULO XVIII	
Malu e Maurice.....	241
CAPÍTULO XIX	
Barcelona: O Prelúdio do Medo .....	257
CAPÍTULO XX	
Madri: Acidente e Desilusão .....	271
CAPÍTULO XXI	
Linares: Tragédia .....	285
CAPÍTULO XXII	
35 Horas de Decisões.....	297
Epílogo.....	321
Debate.....	331
Glossário .....	369
Bibliografia.....	373

# O Encontro

ABRIL DE 1990

**N**aquele final de tarde ensolarada, sob o céu azul de Madri, em sua Plaza Mayor, ocorreria o primeiro e casual encontro entre um homem e uma mulher, o qual daria origem a um apaixonante romance —objeto desta nossa história.

A Plaza Mayor de Madri é uma magnífica praça retangular rodeada e praticamente fechada por edifícios uniformes de três andares, com janelas e sacadas, telhados inclinados, formando um ambiente quase teatral, com pinturas alegóricas e decorações de quadros em suas paredes. Integra-se ao conjunto a chamada Casa de Panadería, onde os nobres mantinham seus aposentos e de cujos balcões ou sacadas assistiam, com privilégio, os eventos que ocorriam na praça.

Ao adentrar-se pela Plaza Mayor por um dos pórticos, depara-se com um conjunto arquitetônico verdadeiramente esplêndido, respirando-se o ar e sentindo-se o ambiente carregado de história, como se os fluidos dos acontecimentos e tragédias ali ocorridos permanecessem no local.

Foi nessa praça, mandada construir no século 17 por Felipe III que em agosto de 1619, ocorreu a primeira corrida com touros bravios, sendo que os toureiros eram os nobres montados





em seus magníficos cavalos. Também ali, ocorreram os trágicos julgamentos da Inquisição chamados Autos-de-fé, neste mesmo século, cujas sessões eram presididas e mandadas executar pelo monarca da época. Grandes eventos religiosos como a canonização de Santa Teresa, San Isidro, San Ignacio de Loyola e San Francisco Xavier ocorreram lá. Assim, comemorações religiosas, julgamentos e execuções, corridas de touros e atos públicos da monarquia, eram eventos realizados através dos séculos nessa histórica praça.

O térreo dos edifícios que circundam a praça é formado por arcadas externas aos diversos bares, tavernas e outros estabelecimentos que se distribuem pela área. Vários desses estabelecimentos são dedicados aos aficionados da tauromaquia e seus donos exibem, com orgulho, os quadros e fotos antigas, em preto e branco, sobre *matadores*, touros e acontecimentos que marcaram época. As arcadas e as paredes externas são costumeiramente utilizadas para fixação dos grandes cartazes ou pôsteres que divulgam os programas das corridas de touros. No interior das tavernas e nas calçadas exteriores distribuem-se as mesas e cadeiras para o público frequentador, constituindo um ponto de encontro festivo que rivaliza com a Puerta Del Sol na Madri noturna.

Em alguma das tavernas um cliente qualquer seleciona na *jukebox* uma música cujo som se espraia pelo ambiente — “Bulerias de La Perla”, ritmo flamenco na interpretação inconfundível de Camaron de La Isla, acompanhado pela guitarra mágica de Paco De Lucia, cuja melodia parece fundir-se com a atmosfera do lugar tão tipicamente castelhano.

Um homem alto e loiro, parecendo um turista estrangeiro, vem caminhando vagarosamente pelas arcadas da praça, visivelmente interessado em ler os cartazes das touradas que ali estavam fixados. Passa à frente de quatro cartazes, consulta-os atentamente, mas não consegue lê-los, pois estavam borrados por grandes manchas de tinta vermelha, obviamente, por ação premeditada de alguém. Dirige-se então a um último cartaz, não manchado e

se aproxima para ler, quando então alguma coisa o atinge à altura do colarinho de sua camisa branca.

— Droga! — exclama o homem, ao mesmo tempo em que leva a mão ao seu pescoço borrado de tinta — O que está acontecendo? Quem será o idiota que está fazendo isso... — acrescenta o rapaz olhando para as mesas localizadas nas proximidades.

Em uma das mesas três moças se movimentam e conversam entre si, olhando de soslaio para a direção do rapaz e do pôster.

— Malu, olha o que você fez! Acertou em cheio o pobre rapaz.

— Anita, eu não fiz por querer, joguei a tinta para acertar o último cartaz e não percebi que o moço se aproximava...

— E agora o que faremos? — disse Isabel, a terceira moça, à sua irmã Malu. — Eu acho que você deve ir pedir desculpas a ele, que já está nos olhando, antes que venha até aqui nos agarrar. Mesmo porque, se você não for, eu irei com muito prazer, só para ver de perto esse “gato”...

— Tudo bem, tudo bem — disse Malu levantando-se e pegando o pano da mesa. — Vou até lá limpar o seu “guapo” e pedir-lhe perdão... Só porque vocês querem...

Nesse ínterim, o rapaz as observava com um sorriso simpático, mãos na cintura, como quem aguarda e cobra uma reação da parte delas. Quando Malu levanta e se dirige lentamente em sua direção, o rapaz literalmente a fotografa, capturando a imagem de corpo inteiro de uma morena clara, cabelos negros e longos, com olhos brilhantes, estatura média e uma silhueta esbelta e sensual.

Quando chega bem próxima ao rapaz, Malu, sentindo-se meio desorientada com aquele olhar fixo, diz-lhe então:

— Desculpe-me senhor, não tive nenhuma intenção de atingi-lo, pois queria apenas eliminar essas propagandas indecentes de touradas. Certamente o senhor não conhece tais programas, que aqui na Espanha são infelizmente conhecidos como *fiesta*, mas que na verdade, são atos de crueldade explícita contra os animais.

O rapaz responde-lhe:

— Primeiramente, meu nome não é “senhor”. Meu nome é Hémin, mais precisamente Pablo Hémin Jones e saiba você, minha senhora, que eu sou espanhol, sou aficionado pela *fiesta* e um futuro grande *matador* — finaliza o rapaz com um sorriso irônico.

— Eu também não me chamo “senhora”, meu nome é Maria de La Luz Cortez e meu apelido é só para os íntimos... Se soubesse que gosta tanto desses atos de covardia contra os touros, teria acertado você de propósito...

— Errado, minha querida Maria de La Luz Cortez, agora me debes duas desculpas: por ter manchado minha roupa e meu rosto e por ter me considerado um candidato a covarde.

Enquanto Hémin e Malu continuam de pé discutindo, frente a frente, sua irmã Isabel e a amiga Anita continuam esperando sentadas à mesa, surpreendidas com o prolongamento daquele diálogo.

Ao mesmo tempo, em outra mesa mais ao fundo do ambiente, estavam sentados três homens. Um deles forte como um touro e cravejado de tatuagens nos braços, levanta-se e grita em direção a Hémin:

— Hei Gringo! Tá precisando de ajuda? Por que ainda não deu uma “estocada” nela?

Outro homem da mesma mesa, alto e magro, também se levanta e grita:

— Hei Gringo! Quer que eu ponha um par de *banderillas* na morena?

Hémin apenas acena para os homens amigavelmente e faz sinal para que esperem tranquilos.

— Ora, ora... — diz Malu. — Então o nosso *matador* já tem até um apelido... “Gringo” e ao que parece o futuro ídolo não nasceu mesmo na Espanha... Na verdade eu queria ver a coragem de vocês *matadores* enfrentando um touro bravo quando ainda inteiro, ou seja, sem que antes lhe tirem toda força, sangrando-o e cortando seus músculos com piques e *banderillas*.

Nesse momento, a irmã de Malu, Isabel, grita dirigindo-se ao casal:

— Malu, Malu, vamos embora, já está ficando tarde!

Hémin ouve a informação e fala para Malu:

— Então, já sou íntimo não é “Malu”? E por falar nisso, minha cara, você estava se referindo ao homem enfrentar o touro em seu estado natural, a campo, não é? Pois saiba, Malu, que é exatamente isso o que vou fazer nessa madrugada, junto com meus amigos, quer acredite ou não...

— Bravo! — diz Malu gesticulando com palmas.

Em seguida, acena para Isabel e Anita pedindo que aguardem.

Retornando a Hémin, continua Malu:

— Não acredito mesmo! Mas desejo que um novilho lhe acerte logo uma cornada, evitando que o futuro *matador*, mais tarde, venha trucidar os pobres animais na arena.

— Jesus Cristo, protegi-me! — exclama Hémin, levando a mão esquerda ao peito e segurando um escapulário da Virgem de La Macarena. Com a outra mão apertada um pequeno crucifixo de marçassita pendente de sua orelha direita.

— Desculpe-me. Não quero que ninguém morra, nem você e muito menos o touro — diz Malu, fazendo menção do encerramento da conversa.

— Tudo bem — diz Hémin. — Mas parece que você veio até aqui para pelo menos limpar a minha camisa cheia de sangue...

Malu, ainda com o pano na mão, aproxima-se mais de Hémin para tentar remover a mancha de tinta. Ela era pequena e quando junto ao corpo do rapaz, sentia-se desconfortável, pois tinha de levantar a cabeça para falar com ele.

Hémin indica com os dedos o local a ser limpo. Em seguida, Malu leva o pano na direção da mancha, fazendo um esforço e ficando nas pontas dos pés. Sentindo-a tão próxima e desprotegida, Hémin, não resiste ao fascínio daquele corpo jovem e num ímpeto entrelaça-a com o braço direito, beijando-a com vontade...

Quando Malu consegue desvencilhar-se daquele abraço, desfere uma sonora bofetada no rapaz e lhe fala com ar de espanto:

— Seu estúpido, atrevido, cafajeste!

Hémin nem se moveu, encostou-se na parede com a mão no rosto, cabisbaixo como se estivesse morrendo de dor.

— Meu Deus! O que você fez? Meu dente... Você quebrou meu dente.

A cena parecia convincente e comovente, pois até Malu ficou parada olhando e dirigiu-se a Hémin.

— Perdoe-me, mas você mereceu. Deixe-me ver o que houve com seus dentes.

Com isso, Malu é levada a ficar novamente bem junto de Hémin para ver o estrago que sua bofetada causara. Entrega-lhe um lenço branco que tirara da bolsa para limpar o possível sangue da boca.

Hémin, mais uma vez, não teve dúvidas — agora com a mão esquerda, puxa-a contra si e a beija novamente, o quanto pode...

Quando Malu se desprende, o próprio Hémin oferece-lhe a outra face para receber o próximo tapa... E a bofetada veio... Plafth...

— Maldito! Espero que você morra! — diz Malu, caminhando em direção às amigas que vinham a seu encontro.

Já estavam as três saindo da Plaza Mayor, quando Hémin gritou:

— Malu, Malu... Espere!

Ao longe e de tanto ouvir seu nome, Malu volta-se e observa que Hémin mostra-lhe o seu lenço branco e manda-lhe um beijo com a palma da mão.

— Que atrevido! Que atrevido!

Malu balança a cabeça, conformada e juntamente com sua irmã Isabel e a amiga Anita, prosseguem comentando o episódio inesperado que acabavam de vivenciar. Pegam o carro, dirigido por Malu e seguem em direção ao Bairro Residencial e Comercial de Salamanca, um dos bairros mais privilegiados de Madri, onde mora a família de Malu.

Depois do susto e em segurança, as jovens agora chegavam a se divertir com o episódio e Malu tinha de aguentar as gozações a respeito.

A residência dos Cortez era um sobradão antigo, porém rigorosamente conservado na sua arquitetura em estilo Barroco, com amplos janelões decorados e azulejados, pintura tosca de cor terracota, um grande portal de madeira acessado por amplos degraus de mármore acinzentado. O sobrado era rodeado por amplos jardins e gramados, alguns arvoredos esparsos que se destacavam na paisagem. Entre o gradil frontal do terreno e a escadaria, um caminho calçado com pedras irregulares, tendo nas laterais duas fontes ou cascatas que davam graça e suavidade à grande construção.

Malu, Isabel e Anita chegam em casa, abrem a porta e adentram num amplo salão retangular, mobiliado com harmoniosa austeridade, dividido em dois ambientes; à esquerda uma enorme mesa em madeira maciça com cadeiras almofadadas em veludo vermelho. Era o centro da sala de jantar que se completava com móveis do mesmo estilo, ressaltando de um lado uma estante-biblioteca e do lado oposto, uma cristaleira espelhada com as pratarias e cristais visíveis. À direita, uma sala de estar com estofados em couro carmim, várias poltronas de diferentes estilos e nas paredes destacavam-se grandes pinturas e telas com motivos de paisagem campestre. Alguns quadros com fotos antigas da família Cortez estavam fixados num dos cantos da sala de estar, logo acima de um grande abajur de metal envelhecido, tipo ouro velho.

Do lado oposto à porta de entrada e bem ao meio do amplo salão, subiam as escadarias em mármore de Carrara que faziam uma suave curvatura, até atingir o pavimento superior, no qual se distribuía a parte íntima do casarão. Todo esse conjunto era particularmente notável pelo pé direito de oito metros de altura e de cujo teto pendiam os amplos lustres de cristais.

— Boa noite meninas. Onde estavam até essa hora? E o que estavam vendo ou fazendo para chegarem aqui tão esbaforidas?

— pergunta Dona Carmen, mãe de Malu, que estava sentada ao canto da sala enquanto folhava uma revista de fofocas.

— Ah, mãe, Malu bateu num moço lá na Plaza Mayor — respondeu Isabel. — E sabe do que mais? Era um belo rapaz, um “gato” legítimo!

Malu dirige um olhar recriminatório a Isabel e diz:

— Sabe mãe, é tudo história e imaginação dessas meninas que não têm o que fazer.

— Mas que parecia um príncipe, parecia... — retruca Isabel. As três moças continuam se entreolhando e sorrindo...

— Bem meninas, eu não estou entendendo nada, mas se encontrarem alguém, não um príncipe, mas um marido encantado, lembrem-se de que tem de ser um homem correto, respeitador e sincero em tudo o que diz — argumenta Dona Carmen.

Nesse momento, Malu pensa em Hémin e replica, sem querer:

— Meu Deus! Não tem nada a ver com essas qualidades...

As moças, rindo sem parar, deixam a mãe pensativa e sobem as escadarias em direção aos aposentos superiores, para comentarem na intimidade o acontecido na Plaza Mayor.

Já no interior do quarto de Malu e em meio às divertidas e picantes confabulações, Anita põe a mão no ombro da amiga, olha-a fixamente e arremata com um comentário final:

— Malu, minha cara amiga, dizem que uma mulher raramente esquece um beijo roubado... E no seu caso foram dois! Deus te ajude!

Enquanto isso, ainda na Plaza Mayor, logo depois da saída das três moças, Hémin se dirige à mesa dos amigos que o aguardavam, cumprimentando-os efusivamente.

Eram amigos de muitos anos, embora de origens e regiões diferentes, todos com idade entre 20 e 25 anos. Desde a adolescência tinham o hábito de marcar seus encontros e fazer juntos os programas típicos da sua mocidade. De uma forma ou de outra, relacionavam-se com o mundo da tauromaquia, cujos eventos

tanto na capital como nas cidades e povoados do interior da Espanha tinham lhes proporcionado as melhores de suas aventuras.

Hémin, ou “Gringo” para os amigos, era o mais culto do grupo e aceito por eles como um líder. Tinha concluído o ensino de nível médio e frequentara por dois anos a faculdade de Educação Física, abandonando os estudos quando ocorreu a separação de seus pais. Alex J. Jones era seu pai, americano nascido em Detroit; trabalhava numa montadora desta mesma cidade e durante muitos anos na filial mexicana da multinacional. Com os conhecimentos adquiridos no México, foi transferido para um departamento da empresa na Espanha, especificamente em Madri, onde permaneceu por vários anos, pois apreciava as corridas de touros que conhecera nas arenas mexicanas e era fã incondicional do escritor americano Ernest Hemingway.

Foi então que conheceu Dona Valéria e com ela se casou em Madri e desta união nasceram os dois filhos do casal: Pablo Hémin Jones — Pablo por exigência da mãe e por ter nascido espanhol, Hémin como homenagem do pai ao escritor americano e Jones devido ao sobrenome paterno — e a caçula Beatriz. Aliás, Mr. Jones queria colocar o nome exato de Hemingway, porém a mãe relutara pela dificuldade da pronúncia e grafia e consequentes problemas de identificação prática na vida do filho, optando-se afinal, pelo nome abreviado — Hémin. É bem verdade que mesmo assim, Hémin sempre teve de dizer às pessoas que seu nome devia ser escrito com “H”...

— Puxa, Gringo! Nunca pensei em ver você levar dois tabe-fes de uma mulher, sem xingar nem revidar! — disse Julio Mendes, o “Gato” — um jovem magro e esguio, cabelos negros e revoltos, parecendo um árabe e cujo apelido era devido a sua esperteza e ligeireza em tudo o que fazia. Se Hémin já fosse um *Matador*, na sua *cuadrilla*, “Gato” seria certamente o homem das *banderillas*.

— Creio que você afinou diante dessa bezerra, heim, Gringo — atacou Aparício Mendes, o outro amigo, o qual pela tez pálida, braços musculosos e todo o seu corpanzil, era apelidado “Hulk”.

Ele continua:

— É bem verdade que essa bezerra tinha umas tetas avantajadas. Ai que vontade de ter levado uns *tapitos* desses.

É obvio também, que nessa *cuadrilla*<sup>1</sup>, Hulk seria o homem da lança — o *picador*.

— É minha gente, pelo que eu vi, Gringo bem que estava se amarrando naquela “morenaça”. Ah, se eu já tivesse crescido, essas meninas também não me escapavam! — argumenta Josué Mirandel, o “Pequeno”, dirigindo-se ao grupo.

Josué, o terceiro amigo de Hémin, fazia juz ao apelido — franzino, baixinho, cabeça chata e cabelos carapinha, mas muito esperto, obediente e pau pra toda obra. Era um peão de grande valia.

Estava assim completa a equipe, *cuadrilla*: Hémin, El Gringo — o *Matador*, chefe e líder do grupo; “Gato” — o *Banderilleiro*; “Hulk” — o homem das Lanças, o *Picador*; e “Pequeno” — *peão*, toureiro auxiliar e salva-vidas.

— Vocês estão é com inveja, moçada! — disse Hémin — É bem verdade que estou com o rosto meio que doendo, mas valeu à pena. Olhem a lembrancinha que ela me deixou — e abana o lençinho para os amigos num gesto de gozação.

Já escurecia e enquanto tomavam suas taças de vinho, Hémin senta-se também e dirige-se ao grupo.

— Estão todos prontos e de acordo com o que havíamos combinado?

— Eu não tive na última reunião, vamos à outra *capea*? Onde? — pergunta Pequeno.

— Não cara, nada de mais *capeas*. É uma confusão danada, muita gente e não leva a nada. Trata-se de uma aventura diferente para testar em definitivo as nossas habilidades e a nossa coragem. Nas proximidades da arena de Carabanchel está havendo uma feira de gado bravo da *ganaderia* de Don Ferdinando e muitos novinhos são soltos à noite para pastarem nas proximidades...

---

1. Equipe de toureiros.

— Vamos mesmo tourear a campo? — pergunta Gato. — Isso é meio loucura...

— É isso mesmo! — responde Hémin. — Você está preparado? Conseguiu as *banderillas*?

— Sim, por mim tudo bem.

— E você, Hulk, conseguiu a lança com dobradiça, para não ficar muito grande?

— Foi difícil, mas consegui, estou pronto.

— Gringo, somos seus amigos e você sabe que topamos qualquer parada, já vimos você lidar com novilhos e mesmo touros em *capeas* e em pequenas arenas por esse interior afora... — diz Gato. — Embora você tenha sido expulso da escola de toureiros de Madri... — risos... — Você aprendeu muito bem e domina uma ótima técnica.

— É verdade — diz Hulk. — E coragem é o que não lhe falta, além disso, aquela capa vermelha e amarela que você tem em casa já está toda rasgada de tanto que treinou os passes.

— Sim, mas confesso que estou desanimado e com vontade de desistir. Meu sonho, vocês sabem, é ser um *matador*, mesmo contra a vontade dos meus pais e agora dessa gata que me esbofeteou... — risos — E gostaria também de vencer e levar junto comigo vocês, que são meus melhores amigos.

— Está faltando o Q.I., ou seja, aquele que indica, que abre caminho, o “padrinho”... — comenta Gato.

— É isso mesmo! — diz Hémin. — Você disse que seu irmão trabalha com um empresário de corridas e que iria falar com ele sobre alguma chance, mesmo que fosse em uma *tienta* — teste de bravura de novilhos e novilhas. Os empresários conhecem muitas *ganaderias* — fazendas de criação do gado bravo — e estas sempre organizam as *tientas*. É uma real oportunidade para travar conhecimento com os homens que são os mandões e com *mata-dores* profissionais.

— E principalmente, de demonstrar qualidade e coragem... — arremata Hulk.

— Já falei com meu irmão, Gringo. Estou aguardando resposta para breve. Vamos torcer e rezar pelo padrinho.

— Uma coisa eu digo, não aguento mais aquele meu trabalho na oficina mecânica do meu tio lustrando carros de bacanas. Meu sonho mais do que nunca é ser um *matador* profissional. Com a participação de vocês agora é definitivo, ou vai ou racha! Ou vencemos ou desistimos e vamos plantar batatas! As corridas de touros estão numa fase decadente e eu não quero ser mais um *matador*, mas sim “El *Matador*”.

— Você não é nada convencido, heim, Gringo — diz Pequeno.

— Pequeno, você já viu algum *matador* de verdade, humilde, indeciso e conformado?

— Bem, gente, se temos que estar lá de madrugada, vamos dormir — diz Gato.

— Certo! Vamos! Amanhã, às quatro horas, nos encontramos em Carabanchel.

Despedem-se os amigos e tomam seus destinos.



Era ainda noite escura quando Hémin e seus amigos se encontraram na hora marcada nas proximidades do acesso principal da Arena de Touros de Carabanchel. Pequeno, que morava próximo ao local escolhido, ficara encarregado de guardar no quintal de sua casa, Arisco, um cavalo baio, grande e forte com seus oito anos de idade, pertencente ao Hulk e que, segundo ele, era desde potrinho a única herança deixada por seu falecido pai. Como sempre, a tarefa mais ingrata era do Pequeno. Cumprimentam-se silenciosamente. A atmosfera era de ansiedade e apreensão. Aquela temerosa determinação de quem não pode mais voltar atrás. Não há o que comentar, é só fazer.

Seguindo o plano traçado, cada um trouxera suas “armas”: Hémin, sua espada e capa; Hulk, a lança bipartida; Gato, as *banderillas* e Pequeno, o resto dos apetrechos. Desse ponto, seguiriam a pé por cerca de uma hora, com o cavalo carregando todo o material até chegarem às pastagens de destino.

Embora muito fraca a luz do dia que principiava, já deixava transparecer uma pequena planície de capim, tendo em um dos lados uma formação rochosa e alta em semicírculo. Em continuação, uma pequena floresta de *sombreros*, cujo conjunto quase se fechava num círculo perfeito. Essa área, além de servir de abrigo contra o vento, o frio e as intempéries, dispunha de viçosas pastagens e por isso, era muito frequentada pelos animais em suas andanças noturnas.

— Bem, chegamos! Alguém quer desistir? — fala Hémin.  
— Preparem-se, não vamos fazer barulho. Hulk, fique a postos com o cavalo! Lembrem-se, isto é para ser uma aventura, uma experiência e não uma tragédia. Se algo der errado ou se sentirem em perigo, nada de arriscar. Protejam-se sempre nas árvores e mesmo nelas subindo. Nós não estamos em uma arena de touros, as nossas “armas” não são adequadas e dos animais, não temos a mínima idéia. E o que é mais importante, temos de ser rápidos e sair correndo, pois se alguém nos pega aqui vamos ser presos e sofrer multas que não podemos pagar.

— É... Seremos uma quadrilha de ladrões... — disse Pequeno.

— Quietos, quietos! — fala o Gato. — Estou vendo uma sombra.

Era um novilho na faixa de uns dois anos, umas 12 arrobas, que entrara naquele espaço atravessando as brechas dos *sombreros*. Parecia ser macho e estar só. Já se podia vislumbrar o seu par de chifres pontiagudos e aquele negrume veio se aproximando do meio do recinto.

— Vou atraí-lo com a capa — disse Hémin. — Apronte-se Hulk!

Hémin, com a capa desfraldada, segue em direção ao novilho e, a uma distância de 10 metros, bate os pés no chão chamando: “— *Toro, toro.*”

O novilho ergue a cabeça em direção ao chamado e quando vê aquele pano tremulando, avança decididamente. O *matador*, mantendo-se no seu território, aguarda o ataque e o touro investe contra a capa e passa por ela rapidamente. O *matador* vira-se e chama novamente o touro e o recebe com outra *verónica* suave. A cada lance o touro está mais próximo do *matador* e ele o faz ir e vir, por diversas vezes, chegando cada vez mais perto e ainda com força total, tentando massacrar aquele pano vermelho que o desafia e o engana seguidamente. Quando a distância touro-*matador* já era arriscada, Hémin grita para Hulk:

— Venha, Hulk, é a sua vez!

Já em cima do cavalo e com sua tosca lança, Hulk dirige-se para a *arena* com o objetivo de tornar-se visível ao novilho e também o chama:

— *Venga toro, venga toro.*

Hémin, o *matador*, aplica mais um lance com a capa, fazendo-o direcionar-se para o cavalo. Então, o novilho esquece o *matador* e avança furiosamente sobre o cavalo, chifrando-o no abdômen. Haviam colocado uma proteção metálica na barriga de Arisco e o impacto dos chifres se faz ouvir num ruído estridente. Se não houvesse essa proteção, embora rudimentar, era uma vez um cavalo... Ao mesmo tempo em que o novilho impacta seus chifres, Hulk cutuca o seu dorso e já aparece um pequeno sangramento no novilho. Hémin aproxima-se e chama o touro com a capa para livrar o cavalo e depois, num trabalho perfeito o reconduz para o *picador*, quando receberia uma nova *picada*.

— Já chega! — grita Hémin. — Vou prepará-lo para Gato.

Hulk retira-se com o cavalo e a lança enquanto Hémin distrai o touro aguardando a ação das *banderillas*. O *matador*, novamente age com passes curtos, para que o touro não se alongasse muito e saísse da área da luta. O touro está parado e observando qual o próximo inimigo a atacar.

Saindo de trás de um dos *sombreros*, Gato, tendo às mãos aqueles projetos de *banderillas* grotescamente coloridas, entra na

*arena* e ao ser divisado pelo novilho corre em sua direção, transversalmente, e quando bem próximo, o touro abaixa a cabeça para dar a chifrada e atingi-lo. Gato, rápido como um raio, crava-lhe na região lombar o primeiro par de *banderillas*.

Hémin, novamente, faz um tranquilo trabalho de capa, preparando-o para o segundo par de *banderillas*. Gato e Hémin se retiram, escondendo-se sob a sombra das árvores, enquanto Pequeno olha espantado aquelas cenas. Seria então na sequência, a hora do trabalho do *matador* com a *muleta* para o encerramento da corrida até a estocada final. Essa estocada não fazia parte do plano, tendo em vista os sérios riscos que correriam, inclusive financeiros, além da precariedade do material para a execução. O importante seria o trabalho com a *muleta*<sup>2</sup> porque o novilho ainda conservava seu vigor. Hémin, com a *muleta* na mão, encaminha-se para o animal e quando se aproxima mais da claridade, nota algo estranho. Conseguia divisar dois novilhos e cada um tinha um par de *banderillas*, ou seja, Gato fixou o segundo par de *banderillas* em outro novilho, o qual não fora percebido na área, devido à escuridão. Hémin grita:

— Hulk, são dois novilhos! É preciso tirar um daqui! Use o cavalo.

Nesse íterim, o primeiro novilho avança sobre Hémin, que com a *muleta* faz com que ele passe por baixo do pano vermelho, quase o derrubando ao resvalar do seu corpo. Enquanto isso, o outro novilho o ataca pelas costas e o *matador* se utiliza de toda maestria para fazer o animal passar o mais longe possível e do outro lado, tem que se postar para arremetida do segundo novilho.

— Hulk, ande logo com esse cavalo... — diz Gato. — Gringo está num fogo cruzado! Galope na direção de um dos novilhos e faça com que ele o persiga, enquanto Hémin fica com o outro.

Dos dois novilhos, um havia recebido dois piques e um par de *banderillas* e o outro apenas um par de *banderillas*. Justamente

---

2. Pano vermelho fixado num bastão de madeira, usado pelo matador na última fase da corrida.

este último é que Hémin está enfrentando, já que Hulk atraía o primeiro. Com um passe natural por baixo, rasante, o novilho passa resvalando o chifre no chão e logo à frente, tropeça e cai.

— Gringo! — grita Hulk. — O outro novilho está voltando!

— Gringo! — grita Pequeno — Não é um novilho, é uma locomotiva negra! É um touro! Sai fora!

A confusão se estabelece. Tentando ajudar, Hulk volta com o cavalo, o touro enquadra o cavalo e parte em sua direção. Enquanto isso, em cima da árvore, Pequeno tenta atrair o novilho, fazendo barulho, descendo e subindo dos galhos e Gato passa correndo com um pano na mão em frente ao novilho, como se fosse uma *banderilla*.

Do outro lado, o touro arremete sobre o cavalo, num estrondo de chifres e metais. O impacto faz o cavalo relinchar dolorosamente. Hulk tenta conter o touro com sua lança, que se parte em duas. Na segunda investida o touro derruba o cavalo e o cavaleiro e em seguida passa a investir sobre os dois. A situação é crítica. Caído sobre os arreios e sem a proteção metálica, o cavalo fica então à mercê do touro, que lhe desfere uma chifrada mortal. O golpe foi tão violento que chegou a deslocar o cavalo no chão, empurrando para fora as pernas de Hulk.

O cavalo solta um profundo gemido e fica inerte. Hémin corre desesperadamente na direção do touro na tentativa de fazer o *quite* e desviá-lo rapidamente, pois agora o cavaleiro, Hulk, ainda cambaleante, seria a próxima vítima daquele touro. Hémin grita com o touro e praticamente joga a capa sobre o animal. Por fim, consegue fazer com que o touro pule por cima do cavalo e avance sobre ele, enquanto Hulk se salvava. Novamente trabalha com a capa num passe largo, enquanto o touro enfurecido, passa à distância, dando tempo a Hémin e a Gato de se protegerem. Por sorte, entram diversos novilhos e novilhas no local; o touro se acalma juntando-se à boiada. Hémin e os amigos se refazem do susto.

O dia já está clareando e a *cuadrilla* tem que se mandar.

— E o cavalo? O que vamos fazer? — pergunta Hulk.

— Nada mais pode ser feito — retruca Hémin. — Sinto muito Hulk, nós sabemos que esse animal era de sua estimação. Foi a nossa grande perda nessa aventura.

— Eh pessoal, vamos embora! Daqui a pouco os homens vão chegar, não deixem rastros.

Exaustos e com alguns ferimentos todos saem rapidamente do local, aproveitando a calma dos animais. Os comentários ficariam para quando chegassem em casa. Enquanto caminham, os amigos observam com carinho o amigo Hulk, que está com a roupa toda manchada de poeira e sangue e de cujos olhos vertiam incontroláveis lágrimas de dor.

Chegando a Carabanchel, com o sol já alto, trôpegos e exaustos, não tinham forças nem para falar...

— Vamos para casa rapidamente — diz Hémin — e ficaremos sumidos por alguns dias, até vermos o que acontece. Depois nos encontraremos novamente na Plaza Mayor, *hasta luego!*

Assim, com esse desfecho triste, cada um tomou o seu caminho.





## *Na casa dos Cortez*

Uma empregada bate à porta do quarto de Malu e entreabre-o-a vagarosamente, diz-lhe:

— Maluzinha, tem um moço da floricultura lá embaixo, dizendo que tem uma encomenda para você.

— Mande-o subir, Nina, eu ainda não estou vestida para descer.

Um jovem alto, todo vestido de branco, com um boné na cabeça e óculos escuros, sobe a escadaria. Malu, vestida com uma camisola de cetim, que lhe marcava graciosamente a silhueta, espera o rapaz com a porta do quarto aberta. Quando o jovem chega perto, com um grande buquê de rosas vermelhas, se apresenta dizendo:

— Malu, vim para oferecer-lhe estas rosas que vão enfeitar a moça mais bonita e mais valente da Espanha.

Ao mesmo tempo, o rapaz tira o boné e os grandes óculos escuros, deixando aparecer um rosto conhecido e sorridente...

— Hémin, então é você?... Como é atrevido! Vou chamar o meu pai, que vai jogar-lhe na rua!

Mas enquanto Malu, com buquê de flores nas mãos, ainda está surpresa, Hémin segura o seu rosto delicadamente e beija-a com paixão...

Malu se sente indecisa entre resistir ou não. Num gesto inesperado, também vai abraçar o rapaz, quando um vaso de flores cai ao chão, provocando um estrondo.

— Nina! Nina! — grita Malu.

Malu então acorda abruptamente, sentando-se na cama e tentando se recuperar do sonho, ou melhor, do pesadelo...

— Meu Deus! Que sonho! É tudo por culpa de Anita. Ah... Até que foi gostoso! — Malu ria e falava sozinha.

— Maluzinha, você está bem? Parece que ouvi você me chamando — disse Nina. — Ouvi você falando e rindo sozinha... Está na hora de se levantar!

Nina era uma simpática senhora, já com seus 50 anos, a mais antiga empregada da casa. Originária da Andaluzia, alta e de porte imponente, com os cabelos longos, porém penteados com coque, ela era bem diferente. Trajava sempre vestidos longos e multicoloridos, mais parecendo uma dançarina de flamenco. Enquanto trabalhava, portava sobre o vestido um alvíssimo avental branco, dando a impressão de que ela tivesse saído de um show e chegado em casa para fazer o almoço. Estava sempre alegre e já era considerada como gente da família. Aliás, na verdade, ela desempenhava a função de governanta, de absoluta confiança. Tinha especial predileção por Malu, que criara desde bebê. Este carinho era correspondido, pois Malu a adorava e a respeitava. Nas confidências, tinha maior acesso e intimidade com ela do que com a própria mãe.

— Nina! — grita Malu. — Já estou descendo para tomar café.

Numa saleta adjacente à sala de jantar, destinada às refeições íntimas da família, uma grande mesa oval de madeira entalhada, cercada de cadeiras recobertas de palha, está posta para o café matinal. Esse ambiente era particularmente agradável, menos austero e por isso mesmo, preferido por todos. Duas grandes portas-balcão envidraçadas permitiam a visão dos jardins externos e amplos vasos de flores, ao mesmo tempo em que favoreciam a iluminação natural — os raios de sol que inundavam o local.

Aos sábados pela manhã, era tradicional que todos da família viessem tomar o café juntos. Eram reuniões informais, sem horário rígido de começo ou fim.

Nina, atentamente, toma as últimas providências para a mesa do café. Sobre a alvíssima toalha de linho branco, já estão colocadas as frutas, os quitutes, os sucos e a jarra de vinho, que nessa refeição era bebida somente pelo pai e pelo filho mais velho.

Os pais de Malu já estão sentados numa das cabeceiras da mesa oval. O pai, Don Sebastian Cortez, *madrileño* legítimo, com seus 64 anos, era um próspero empresário da construção civil e antigo apreciador de touros e touradas. Tinha sociedade com seu primo Hector em uma fazenda de criação de gado bravo, na província de Navarra, além de outros negócios nessa área. Alto e magro, tinha uma aparência austera, com longos cabelos já grisalhos, amarrados num rabicho. À sua direita, o lugar era reservado para sua esposa, Dona Carmen de La Luz Cortez, Dona Carmita para os íntimos. Uma senhora bem morena e discreta que apesar dos seus 60 anos, mantinha uma suave silhueta, sendo visíveis os cuidados que ela tinha com a aparência, pois mesmo em reuniões informais na casa, estava sempre vestida com muita elegância.

Quando Malu chega à sala de café, também já está sentada à mesa, sua irmã Ruth, a filha mais velha, casada já há tempos, acompanhada de seus dois filhos de 10 e 12 anos.

— Bom dia pai, bom dia mãe, bom dia Ruth, oi queridos.

Malu estende um bom dia geral aos presentes, com um largo sorriso.

Todos respondem ao cumprimento no mesmo instante em que Isabel, a outra irmã, apenas dois anos mais velha, chega ao recinto. Isabel era companheira constante de Malu, uma bela jovem, morena e de cabelos encaracolados que caíam graciosamente sobre seu rosto. Era muito simpática e estava sempre alegre. Estava praticamente noiva, faltando apenas a oficialização do noivado perante os pais, pois o noivo encontrava-se sempre viajando.

— Filha — disse Dona Carmen dirigindo-se a Malu —, observe você desde que chegou aqui e estou te achando diferente, o olhar... O sorriso... Certa alegria...

— Ora mamãe, eu sempre fui muito bonita! — todos sorriem.

— É verdade, diz Don Sebastian, todas as minhas filhas são muito bonitas e certamente puxaram por mim... Ó, desculpe! É claro que puxaram por Carmita, que quando jovem também era uma linda mulher...

— Ah, então é assim — diz Dona Carmen —, quer dizer que hoje sou uma mulher feia?

— Oh! Meu Deus! É só uma brincadeira... — diz Don Sebastian, olhando carinhosamente para sua mulher — Na verdade, os anos a fazem cada vez mais charmosa!

— Eh, Malu! — diz Isabel. — Nina me falou que você teve um sonho estranho essa noite e acordou assustada. Será que esse brilho todo no seu olhar é porque teria sonhado com o príncipe?

Malu sente-se meio desconcertada e sorrindo dirige-se a Isabel:

— Pare com essas brincadeiras, minha irmã. Foi só um pesadelo e depois te conto os detalhes.

— Que história é essa de príncipe? — pergunta Don Sebastian.

— Ora, marido, é só uma brincadeira dessas meninas. O único príncipe nesta casa, por enquanto, é meu neto Pedrito... Mas já ouvi duas vezes essa história e também estou curiosa!

— Vamos mudar de assunto — diz Malu. — Pai, o que há de novidades hoje?

Don Sebastian abre o jornal do dia e meneando a cabeça, aborrecido, mostra a todos uma nota em destaque na primeira página:

*“Parlamento tem projeto para abolir as corridas de touros.”*

Don Sebastian lê então para todos, os tópicos principais:

*“Diante da pressão popular, de vários abaixo-assinados apresentados à Câmara de Deputados, dos movimentos de Associações e ONGs de proteção aos animais, o Deputado Josué Castillon apresentou um novo projeto que prevê a abolição das corridas de touros na Espanha.*

*Esse movimento contra as corridas tomou força, recentemente, em razão do baixo nível de vários espetáculos e da visível decadência de touros e toureiros.*

*Inclusive, no último domingo, a corrida de touros foi lamentável, com toda a mídia especializada considerando-a deprimente. Dos seis touros postos na arena, quatro foram verdadeiramente massacrados com seguidos golpes incompetentes, para derrubá-los com exagerada violência.*

*Não é preciso enfatizar o que aconteceu no final: vaias, reclamações, insultos e uma montanha de objetos atirados na arena.”*

— O artigo prossegue por aí afora, com detalhes sobre os movimentos e opiniões — arremata Don Sebastian, fechando e jogando com força o jornal ao chão.

Nesse instante chega à saleta, o filho mais velho do casal, Pedro, um moreno robusto e baixo, barba e cavanhaque escuros, casado há 10 anos com Laura, que o acompanhava. Tinha apenas um filho, Pedrito, de 8 anos, paixão das avós, menino esperto que irrompe pela sala correndo em direção ao colo da avó.

— Só ouvi o final da conversa — fala Pedro, depois de cumprimentar o pessoal — O que há de novo com as corridas de touros, pai?

Em decorrência da pergunta de Pedro, todos naturalmente emitem seus comentários e opiniões sobre o tema.

— Pedro, o que acontece e está aqui no jornal de hoje, é que novamente os inimigos de sempre querem acabar com as corridas de touros, uma das nossas maiores tradições. E por incrível que pareça, temos aqui dentro de casa, uma linda “traidora” — acrescenta Don Sebastian, desviando o olhar para Malu.

— Don Sebastian, nós temos um acordo a esse respeito. Eu realmente participo de alguns movimentos da APA — Associação para Proteção de Animais — aqui de Madri e o senhor sabe que eu sempre fui contra as corridas, que considero uma crueldade. O senhor mesmo acabou de ler a notícia sobre essa coisa deprimente.

— Infelizmente ocorrem em certos períodos, eventos que depreciam a verdadeira *fiesta* de touros — retruca Don Sebastian, que continua argumentando. — Em qualquer outra manifestação de arte ou esporte isso também ocorre. Pessoalmente, me desgosta. É pena querida que você nunca tenha assistido a uma *corrida* autêntica, com um touro nobre e um *matador diestro*. Você teve uma má impressão por ter visto uma corrida ruim em sua primeira experiência. Se tivesse assistido a um Antonio Ordonez, a um El Cordobez e já nem quero me referir a *diestros* antigos como Pedro Romero, Manolete ou Bienvenida, Juan Belmonte, Domingo Ortega, Luís Miguel Dominguin, Marcial Lalanda e Joselito, dentre muitos outros, você seria hoje, quem sabe, uma “aficionada”.

Pedro intervém na conversa:

— Pai, eu acho que no momento atual o toureio está precisando de um ou dois ídolos, *matadores* de primeira, que conquistem e atraíam as multidões, que façam acirrar as disputas. Para isso o *matador* tem que ser fora de série na técnica e na coragem, mesmo que às vezes seja audacioso, convencido e mulherengo, pois afinal, a mídia e o povo adoram tudo isso.

— E outras pessoas também — acrescenta Isabel, olhando maliciosamente para Malu.

— Talvez tenha razão, Pedro — continua Don Sebastian —, o que acontece é que se as pessoas vão a um espetáculo de balé clássico, a uma luta livre ou a uma partida de futebol e não gostam ou não acham graça nenhuma, simplesmente não vão mais e pronto. Mas com as touradas, gostando ou não, as pessoas já tomam partido: ou se tornam aficionados ou já querem acabar com elas. Isso porque, gostem ou não os críticos, a tourada é uma verdadeira paixão, que tem séculos de tradição, de história, de dra-

mas, de conexões religiosas e de toda uma cultura profundamente hispânica. Mexem com as pessoas, com seus instintos, com sua psicologia pessoal e até mesmo com seus mais secretos traumas existenciais...

— Puxa, pai! — fala Ruth — Na defesa das corridas e dos seus touros, desta vez, o senhor exagerou... Há certamente formas mais tranquilas e agradáveis de se resolver problemas sexuais, digo existenciais...

O grupo todo sorri e Dona Carmen intervém:

— Meninas e meninos, olhem o respeito! — seu tom é suave, sem nenhuma intenção de repreensão. — Eu só fui uma vez à Arena de Touros de Las Ventas com Sebastian. Isabel e Malu nem eram nascidas, eu sentia um grande medo e o sangue me apavorava. Não voltei mais, mas me lembro que aquele conjunto de público ruidoso, touros, toureiros, capas vermelhas e amareladas que volteavam e se entrelaçavam no meio da arena, constituíam um belo e emocionante visual, um teatro de verdade. Segurando fortemente as mãos de Sebastian, tinha uma sensação incrível de beleza e de cheiro de tragédia. Cada vez que via aquele touro imenso passar com os chifres raspando o corpo do toureiro, eu podia pressentir a morte em cada lance. Como vocês veem, passados tantos anos, nunca esqueci os detalhes dessa chamada *fiesta*.

— Eu só fui duas vezes com Pedro às touradas, uma em Madri, Las Ventas e outra em Sevilla — fala Laura, até então quieta. — Achei que realmente é preciso ter coragem para enfrentar aqueles touros negros no meio da arena, mesmo que estes estejam em desvantagem no duelo. Não entendo nada de corridas de touros, só que se eu fosse o técnico do jogo, tiraria do campo aquele homem a cavalo, cutucando e sangrando o animal. Ali eu vejo covardia.

— É discutível seu ponto de vista, minha querida — diz Pedro à sua mulher. — Existem vários aspectos técnicos a considerar quanto à intensidade da ação dos *picadores*, mas isto é uma longa história e fica para depois.

Nesse instante Nina chega apressada e vai dizendo ao grupo:

— Me desculpem interromper, mas acabei de ver um noticiário na televisão, dizendo ter sido encontrado ontem, nas proximidades de Carabanchel, três touros com *banderillas* e pedaços de lança no lombo, com sinais de sangramento e ainda um cavalo morto com sinais de chifradas. A polícia foi chamada pelos proprietários do gado e investiga o caso.

— Isso me parece ser ação de *espontaneos*<sup>3</sup> e se os pegarem vão enfrentar pesadas indenizações e cadeia — esclarece Don Sebastian.

Malu imediatamente relembra a cena da sua conversa com Hémin na Plaza Mayor. Sente-se paralisada por uns instantes, no que é observada por sua irmã Isabel, a qual faz menção de perguntar-lhe alguma coisa.

Sentindo o perigo, Malu a interrompe dizendo:

— Isabel, vamos subir para o meu quarto? Tenho umas coisas pra falar com você.

A reunião termina e todos se despedem.



---

3. Toureiros amadores.

## *La Tienta*

**N**a manhã posterior à aventura com os seus amigos, Hémin chega em casa e procura entrar escondido pela porta dos fundos, para evitar que sua mãe visse seu estado lastimável. Entra rapidamente no banheiro, toma um banho e troca de roupa. Deita-se na cama de solteiro e desmaia.

A mãe de Hémin, Valéria Gutierrez Jones, nascida em Madri, era uma simpática senhora com seus 55 anos, bem vividos, de estatura baixa e franzina, a pele muito clara que dava destaque a um par de olhos negros. Vestia-se com simplicidade e estava sempre com saias longas e óculos de fina armação metálica. Tivera três filhos: Marialva — a mais velha, já casada, fruto de seu primeiro casamento; Hémin e a caçula de 12 anos — Beatriz, chamada carinhosamente de Bia. Esta idolatrava o irmão, que por ela tinha todo carinho. Hémin e Bia eram frutos do segundo casamento de Dona Valéria, com o americano Alex J. Jones, com quem esteve durante quase 20 anos. Com a transferência de Mr. Jones para os Estados Unidos, a vida do casal foi se tornando cada vez mais difícil, até que veio ocorrer uma separação amigável. Em consequência, Mr. Jones mandava mensalmente uma ajuda financeira e a cada seis meses viajava até Madri para visitar os filhos.

Com a separação e as dificuldades financeiras, Dona Valéria voltou a dedicar-se à sua antiga profissão de costureira. Trabalhava

em casa e com o tempo a clientela foi aumentando, tornando-a conhecida como uma profissional de alto padrão em costura.

A casa onde moravam era simples, mas rigorosamente conservada e limpa, casa esta, que fora adquirida por Mr. Jones e deixada em definitivo para a família espanhola. Como não pagavam aluguel, os rendimentos dos serviços de costura de Dona Valéria, mais o salário de Hémin na oficina de seu tio Rafa, somados à “pensão” que mandava Mr. Jones, constituíam uma renda suficiente para proporcionar-lhes uma vida confortável.

O tio Rafael, dono da oficina mecânica onde trabalhava Hémin, era o irmão mais velho de Dona Valéria, solteirão, chamado pelos íntimos de “Rafa”. Gostava de Hémin, era muito paciente com o jovem e este considerava o velho tio como conselheiro.

— Hémin, Hémin — diz Dona Valéria, batendo à porta do quarto. — O almoço já está na mesa. Você não vai trabalhar hoje?

Meia hora depois, Hémin entra na pequena sala de almoço junto à cozinha e cumprimenta sua mãe e sua irmã Beatriz, que já estão terminando a refeição.

Dona Valéria observa o olhar cansado do filho e pergunta-lhe:

— Filho, onde você foi esta noite? Você só chegou de manhã... Espero que você e seus amigos malucos não tenham ido atrás dessas *capeas* outra vez... Já estão bem grandinhos e devem dar um rumo certo às suas vidas.

Dona Valéria detestava touradas e via com muita apreensão os movimentos de Hémin no sentido de uma carreira no setor.

— Ora, mãe! Eu estive numa reunião com os amigos justamente para tratarmos com seriedade sobre o futuro. Eu já resolvi, vou me tornar um *matador* o mais rápido possível.

— Você já tem a roupa Hémin? — indaga sua irmã Beatriz. — Acho tão lindos aqueles trajes cheios de cores, pedras e brilhos!

— Deus me livre! — diz Dona Valéria. — Você deveria continuar nos estudos e desistir dessa idéia maluca. Eu não quero passar o resto dos meus dias assustada com fantasmas de touros.

— Beatriz — diz o irmão. — Por favor, avise o tio Rafael que estou doente e que não vou trabalhar esta tarde.

Mas não foi preciso, pois nesse instante chegava o tio Rafael, que se dirigindo aos presentes, diz:

— Vocês ouviram as últimas notícias sobre corridas de touros? A coisa está pegando fogo: tem muita gente querendo acabar com a *fiesta* brava e, por outro lado, acharam nos campos um cavalo morto, novilhos com *banderillas* dependuradas e touro sangrando no dorso. Está em toda a mídia, principalmente nos programas especializados de televisão.

— Devem ser toureiros do além. — disse Hémin, sorrindo sarcasticamente.

— Eu acho muito bom que queiram acabar com essas toureadas — diz Dona Valéria.

— Que nada mãe... Eu acho essas festas muito lindas e os toureiros mais ainda... — diz Beatriz.

— Ah! Se a Malu souber dessa história, estou frito — diz Hémin.

— Quem é Malu? — pergunta Beatriz.

— Não é nada Bia, bobagem minha, estou pensando alto.

— Hémin, você está com cara de doente, precisa manejar nessas “baladas”... E não é necessário ir para a oficina hoje. Rapaz, você só pensa nessa mulherada? Isso também mata... — arremata tio Rafael.

Na verdade, Hémin tinha uma estampa de conquistador e era reconhecido como mulherengo contumaz na família e entre os amigos. Beatriz sempre falava para Dona Valéria que a clientela feminina de costura aumentava, não por causa dos belos vestidos e sim porque a mulherada adorava paquerar o irmão. Dona Valéria não gostava nem um pouco desses comentários da filha.

— Hémin, quantas namoradas você tem agora? — pergunta Beatriz, passando as mãos carinhosamente no rosto do irmão.

— Só uma, que ainda nem sabe... O resto é intriga do tio Rafa, pois na verdade eu só ando apanhando das mulheres...

— Bom, já vou indo, pois preciso ir ao banco. — despede-se o tio Rafa — Hémin, amanhã precisamos ter uma conversa muito séria sobre o seu futuro.



Passados alguns dias, Hémin recebe uma ligação do Gato, seu amigo *banderilleiro*, dizendo-lhe que tinha novidades e precisavam se encontrar, naquele mesmo dia, uma sexta-feira à tarde, na Plaza Mayor.

Quando Hémin chega ao local, já estavam sentados numa mesa os três amigos — Hulk, Gato e Pequeno; cumprimentam-se e iniciam a conversa.

— O que houve, moçada? Estou achando vocês preocupados. Por acaso deu alguma “zebra” daquela nossa história? — pergunta Hémin.

— Não! — responde Gato. — Na verdade, tenho uma notícia boa. Lembram-se do meu irmão que trabalha com empresários de corridas de touros? Pois é, ele conseguiu nos incluir numa *tienta* no próximo domingo, em uma *ganaderia* perto de Sevilha.

— Legal e quando a gente começa? — indaga Hulk.

— Eles ficaram de confirmar os detalhes hoje mesmo, mais tarde e aqui na Plaza. Por isso, pedi a vocês essa reunião.

Enquanto aguardavam, os amigos aproveitaram esse primeiro encontro após a aventura, para fazerem os comentários a respeito.

— Gringo, valeu a pena os seus treinos, você está um craque com o *capote*. — fala Gato — Parecia um Manotele. Se contar para alguém que você estava lidando com dois novilhos ao mesmo tempo, ninguém vai acreditar.

— Que nada — diz Hémin. — Você é que foi um “gato” com as *banderillas* e naquela escuridão conseguiu acertar os dois novilhos...

E Hémin continua, enquanto todos dão sonoras gargalhadas.

— O Hulk é que foi muito corajoso usando um pedaço de pau e foi quem passou o maior perigo com aquele touro fantasma. E você Pequeno, demonstrou esperteza e coragem ao ajudar todo mundo e também em subir e descer das árvores feito um macaco...

— Pena foi o cavalo — disse Hulk. — Foi a única merda dessa aventura. Ainda penso nele todos os dias e fico muito triste.

Relembrando o trágico episódio, todos silenciam por alguns momentos.

— É, parece que a nossa *cuadrilla* se saiu muito bem — diz Pequeno. — Só que ainda estou morrendo de medo de que eles descubram alguma coisa. Chego a ter pesadelos com touros e cavalos.

— Se não deu nada até agora, não vai dar mais — fala Hémin. — Não deixamos rastros e ninguém tem as digitais do pobre cavalo de Hulk.

Hémin fica pensativo, lembrando o diálogo que tivera com Malu sobre o toureio a campo, mas algo lhe diz que a moça nem se lembraria dele ou daquela conversa e se lembrasse jamais o entregaria.

Nesse instante, chegam à mesa o irmão de Gato, Antonio Mendes e um representante do empresário Don Carlos Azambuja, apelidado “Don Carlito”, muito conhecido e respeitado no mundo da tauromaquia. Este representante, Manolo, fazia os primeiros contatos e pesquisas de interesse do empresário.

— Gringo, este é Manolo, o amigo de que lhe falei, da equipe de Don Carlito — diz Gato.

Manolo, grande e gorducho, tinha um ar de bonachão por baixo de seu imenso bigode. Seu sorriso e simpatia inspiravam confiança. Cumprimenta Hémin e olhando-o de alto a baixo, diz-lhe:

— Rapaz, seu amigo me falou a seu respeito e do seu interesse de começar na profissão de *matador*. Por sua sorte, Don Carlito e outros empresários estão preocupados com a fase ruim das *cor-*

*ridas* e estão procurando gente nova e verdadeiramente talentosa para melhorar o clima. Tem muitos inimigos na praça querendo as nossas cabeças e as cabeças dos touros, ou seja, acabar com a nossa profissão. São muitos os candidatos, muitos aventureiros e sonhadores, mas poucos poderão ser escolhidos, possivelmente dois ou três.

— Eu sei disso! — disse Hémin — Confio em mim e nos meus amigos e só queremos uma chance.

— Não conheço o seu trabalho, somente as ótimas referências do meu amigo Gato e para que a gente não perca tempo, devo perguntar-lhe: você tem técnica, coragem e talento?

— Tenho certeza que sim! — diz Hémin, confiante.

— Todos nós três confiamos no “taco” de Gringo — diz Hulk.

— Muito bem, *matador*, no próximo domingo pela manhã, na *ganaderia* Raza Braba, de Gimenez e Cortez, na Província de Navarra, haverá uma *tienta* muito importante, com a presença do *matador* profissional “El Navajo” e nela você terá a sua chance.

— E nós todos vamos ficar torcendo — diz Hulk.

— Não! — diz Manolo. — Estão todos convidados para assistir. Partimos pela madrugada no ônibus da Companhia.

Manolo e Antonio Mendes despedem-se e saem da Plaza Mayor.

— Que legal Gringo! Eu acho que afinal, chegou a nossa oportunidade — comenta Hulk.

— Se até lá aquela nossa aventura não estragar tudo... — diz Pequeno.

— Esqueça isso. Vamos vencer! — determina Hémin. — E vamos embora com Deus, a Virgem Maria e todos os Santos conhecidos e desconhecidos!

Enquanto isso, no sobradão dos Cortez, Don Sebastian chega ao anoitecer, entra na sala e chama:

— Carmita, Isabel, Malu, onde estão vocês?

Nina já estava aprontando a mesa para o jantar, as mulheres respondem ao chamado do patriarca e sentam-se todos à mesa. Don Sebastian lhes diz:

— No próximo domingo vamos promover uma nova *tienta* e meu sócio me disse que já está tudo organizado. Faz tempo que vocês não vão à Raza Braba e mesmo eu, com os negócios da construtora, tenho ido muito pouco. Gostaria muito que vocês fossem comigo, pois Pedro e Ruth já me disseram que não poderão ir.

— Eu vou sim, meu marido, pois estou com saudades dos ares do campo e quero ver como é que está aquela casa... Vou levar Nina comigo.

— Pode contar comigo também, pois não tenho nenhum compromisso nesse domingo — diz Isabel.

— Pai, você sabe muito bem que eu não gosto de nada que se refira às touradas, — disse Malu. — Só fui a duas dessas festas, lembra-se? Todavia, confesso que essas *tientas* não tem nada de mal e até que são divertidas. Eu vou com vocês, nem que seja para torcer pelos bezerros... Adoro quando os animais jogam por terra aqueles espontaneos metidos a toureiro...

— Então está certo — fala Don Sebastian. — Podemos jantar.

— Nina! — chama Dona Carmita. — Pode servir o jantar.

Quando Nina aparece arremata:

— E pode também arrumar sua maleta, pois você vai passear conosco domingo.



As assim chamadas *tientas* são eventos realizados nas fazendas de criação de gado bravo (manejo e seleção de touros especificamente destinados às touradas), com o objetivo de testar a bravura e raça dos novilhos e novilhas entre um e dois anos. Estes

testes são muito importantes, pois permitem ao criador examinar uma série de características físicas e temperamentais próprias de um bovino selvagem, que são mantidos o mais possível longe do contato com o homem.

A bravura é uma combinação equilibrada entre casta e nobreza desses animais, ou seja, instinto agressivo e ingenuidade selvagem.

Nessa oportunidade, o criador examina todos os atributos físicos do animal: tamanho e peso, estatura, conformação do tórax e da cabeça, posicionamento e tamanho dos cornos, pelagem, etc. O teste de bravura é feito com aplicação de pequenos *piques*, além de *pases* diversos com a capa, aplicados sobre orientação do capataz<sup>4</sup> e executada por toureiros amadores e participação de algum toureiro profissional.

Para essa finalidade, quanto mais agressivo e violento for o animal, melhor. Por isso, são testados pelos *picadores* da mesma forma como se fazem nas arenas, só que a ponta de aço fixada na extremidade da vara é bem menor para não machucar os animais. Se o novilho ou novilha investe sobre o *picador* e mesmo ferido continua a investir agressivamente e se também avança furiosamente sobre a capa ou sobre qualquer coisa que se mova na sua frente ou que lhe chame a atenção, estarão dando sinais de bravura.

No desenrolar da *tienta* o próprio dono da *ganaderia* vai fazendo as observações de cada animal, daí surgindo a seleção: os que serão encaminhados para reprodução e futuros touros para luta nas arenas e, os que serão rejeitados e por tanto descartados do plantel.

Naquela manhã ensolarada de domingo a fazenda já estava toda preparada e enfeitada, pois as *tientas* sempre tinham um aspecto festivo. Na parte mais alta da planície, cruzada pela estrada de acesso, localizava-se a sede — um grande casarão em estilo rústico que em toda sua frente exibia um alpendre alicerçado em balaustres de madeira maciça. A casa era pintada de azul forte,

---

4. *Mayoral*.

com as esquadrihas, portas e janelas de madeira em branco, formando um contraste agradável e esse azul e branco eram as cores da *ganaderia*.

A aproximadamente 100 metros da casa, encontrava-se a pequena e artesanal arena de 30 metros de diâmetro, circundada em parte por muros de pedras que se complementava com outro semicírculo de madeira, formando o *ruedo*. Junto a este, fora erguida uma pequena arquibancada também em madeira, para uso de todo público presente. Num dos extremos dessa arquibancada, junto ao tablado, uma porteira que dava acesso aos currais e de onde se controlariam os animais submetidos à *tienta*.

Os empregados, os visitantes, os convidados e proprietários, todos já se movimentavam pela casa e pelo *ruedo*, enquanto se aguardava o início da *tienta*.

Às 10 horas em ponto tocam os sinos anunciando o início das atividades. Os que vão executar a *tienta* já se colocam a postos e o público se acomoda na pequena arquibancada.

Don Sebastian e seu sócio, o empresário Don Carlito, Manolo, Dona Carmen, Isabel, Malu e Nina estão à frente da arquibancada num lugar reservado para os convidados mais ilustres. Entra então na arena, o primeiro novilho de um ano e meio. Faz-se silêncio na platéia. O *picador* já está a postos com seu cavalo. O animal entra correndo em círculos, como quem procura desesperadamente uma saída. O *picador* se coloca nesse caminho e o primeiro *amador* chama-o para a lida com a capa. O novilho investe, passa pela capa e continua procurando saída; o toureiro tenta novamente levá-lo para o *pique* e na terceira tentativa o animal investe e o *picador* aplica-lhe o primeiro golpe. O novilho se retrai em alguns instantes, parece não ter mais interesse em atacar o *picador*. O toureiro também nada consegue e então o criador faz sinal ao *mayoral* para tirá-lo da arena. Ninguém gosta quando isso acontece: será um animal descartado.

O segundo novilho da mesma idade, foi bem melhor; investiu no *picador* e o toureiro profissional, El Navajo, interveio

num *quite* para tirar o novilho do cavalo em auxílio ao amador. Seguem-se mais três animais e todos recebem certificado de bravura, sem qualificação excepcional.

Hémin, postado junto ao corredor de entrada, já estava ansioso, pois ainda não o haviam chamado. O próximo animal era um novilho já maior, de quase dois anos, forte como um touro. Da arquibancada, Manolo faz um sinal para o *mayoral* e este chama Hémin para a arena.

O novilho estanca no centro da arena, a cabeça levantada, espalhando areia com os cascos dianteiros. Hémin, vestido com calça jeans e camiseta amarela, coloca-se na sua direção e batendo o pé, com a capa no braço direito, chama o novilho:

— *Toro, toro!*

O novilho meneia a cabeça e investe decididamente. Hémin mostra-lhe a capa inteira e com um movimento lateral faz o novilho passar. Hémin continua perseguindo o novilho e este investindo, o trabalho de capa era o forte do toureiro. Movia-se pouco, trabalhava tranquilo, atraía o novilho cada vez mais próximo de si.

A platéia estava silenciosa, apreciando uma bela *verónica*. Neste momento, Isabel segura o braço de Malu e lhe diz baixinho:

— Você viu quem está na arena? Você reconheceu aquele toureiro?

Malu, que estava aborrecida e distraída, observa e responde:

— Não acredito! É o cara das bofetadas... O Hémin, como ele veio parar aqui?

— Ora Malu, só pode ter vindo atrás de você... Pare de frescura e trate de olhar esse belo exemplar de toureiro.

Nina que estava próxima dirige-se a Malu.

— Maluzinha, viu que belo homem e ainda por cima que bela apresentação? Bem que eu gostaria de ser uma novilha para ser tentada por ele.

— Nina, você não cria vergonha! Pare com isso!

A partir daí, Malu realmente começa a observar o trabalho de Hémin. Depois das belas manobras com a capa, o *mayoral* faz um sinal e Hémin conduz o novilho na direção do *picador*. A investida é furiosa e apesar do *pique* o animal continua a atacar. Hémin se aproxima para o *quite*, chama o novilho, aplica-lhe um passe natural profundo, volta-se e repete a operação, para ver se o animal atacava novamente; este investe outra vez no cavalo, Hémin refaz o trabalho de *quite* com perfeição e a um sinal do *mayoral*, conduz o novilho para a saída, fazendo-o voar sobre seu capote e entrar direto nos currais. Esse jovem touro seria um futuro reprodutor...

O público aplaude e no mesmo instante, Manolo diz para o empresário:

— Não te falei que o rapaz era bom!

— Parece-me ser ótimo e além de tudo, tem uma estampa de ídolo. Mantenha contato com ele e voltaremos a conversar.

Enquanto o público ainda aplaudia, Hémin, pela primeira vez, olha para a platéia e reconhece Malu, que o observava detidamente. Faz um aceno com gestos largos e a moça sorri.

Finda a tarefa da *tienta*, dois bezerros são soltos para divertimento dos interessados em enfrentá-los, inclusive mulheres e moças, estabelecendo-se uma grande e hilariante confusão.

Terminada a festa, todos se dirigem para o alpendre da casa-sede, onde numa grande mesa improvisada estão colocados os comes e bebes: grandes jarras de *sangria*, fruteiras repletas de uvas e outros frutos da estação, diversos pães, travessas com peças de presunto defumado e a carne assada, que era servida numa das pontas da mesa, à vontade do público. Um dos convidados se encarregava da música, tocando e cantando ritmos flamencos, enquanto os mais jovens tentavam acompanhar com suas danças e sapateados.

Os últimos a chegar foram os que estavam trabalhando na *tienta*, pois suados e empoeirados, tiveram que banhar-se e trocar-se. Quando Hémin chegou, logo foi cercado por três jovens que

o cumprimentavam e iniciavam conversas alegremente. A pele bronzeada pelo sol forte fazia contrastar ainda mais seus cabelos e olhos claros, parecendo não pertencer àquele público moreno. À distância, Malu, tendo ao lado sua irmã Isabel e Nina, observa a cena e sente certo desconforto, enquanto Hémin sorria, sentindo-se feliz com o assédio das moçoilas. Também se aproximam de Hémin e o cumprimentam gentilmente o pai de Malu, Don Sebastian, o empresário Don Carlito e seu representante Manolo, tecendo comentários sobre o êxito da *tienta*.

— Foi muito bem meu jovem — disse Don Sebastian. — Onde aprendeste a trabalhar assim com o capote?

Hémin, sem saber que se tratava do pai de Malu, responde:

— Obrigado senhor. Pratiquei por muito tempo com meus amigos e na minha própria casa. Quanto à tarefa de hoje, não foi difícil, pois o seu plantel é de alta qualidade, parabéns!

— Você é mesmo espanhol, como me disse Don Carlito? Desculpe-me, mas parece que você nasceu em Nova York...

Don Sebastian se afasta para cumprimentar outras pessoas, enquanto Don Carlito e Manolo combinam um encontro com Hémin para tratarem de assuntos profissionais.

— Nina, aquele é o fantasma dos pesadelos de Malu — diz Isabel maliciosamente.

— Pare com isso Isabel! — diz Malu — É por isso que ele está se achando e até meu pai fica agradando esse cara!

— Até eu perderia a cabeça — arremata Nina. — Você precisa me contar essa história direito Malu.

Pouco depois, Hémin se aproxima por trás das três mulheres e as cumprimenta:

— Bom dia, Malu. Bom dia, jovens.

— Bom dia, *matador* — responde Malu.

— Esta é nossa governanta, Nina e esta é minha irmã Isabel — cumprimentam-se.

— Meu sonho de menino foi ter uma governanta como

Nina, que deve ter destruído muitos corações quando moça. A mãe de vocês deve ser uma mulher incrível, para ter duas filhas tão lindas!

— Obrigada! — diz Isabel. — Mas saiba que tenho noivo, embora eu sinta que o meu coração já está balançando... — arre-mata sorrindo.

Isabel era sempre brincalhona e gostava de espicaçar sua irmã, séria e reservada.

— Ah! Se eu fosse uns 30 anos mais nova, você não me escapava, *matador* — diz Nina e todos sorriem.

Hémin já conquistara a simpatia de Nina.

— Acho que vocês estão perdendo tempo, pois o nosso *matador*, como viram, está cheio de pretendentes por aí...

Nina e Isabel se afastam, Hémin e Malu saem caminhando e conversando.

— Malu, desculpe, mas o que você está fazendo aqui? Confesso que fiquei surpreso, pois não deixa de ser estranho para quem detesta corridas de touros, comparecer a uma *tienta*.

— Bem, estou aqui porque é a minha casa... E, inclusive, esse *ganadero* que conversou com você, é o meu pai. Eu é que fiquei surpresa em te ver aqui.

— E o que achou do desempenho do futuro *matador*?

— Bem, eu não entendo nada disso. O pessoal e aquelas moçoilas assanhadas parecem que gostaram muito, mas confesso que torci pelos novinhos.

— Não duvido mesmo, até hoje sinto meu queixo doer com as suas bofetadas.

— Você mereceu!

— É verdade, mas já te pedi perdão. Nunca mais vou roubar-te um beijo... Só receber espontaneamente.

Saindo do alpendre, foram em direção à sombra de uma grande árvore. Para subir um pequeno barranco, Hémin segura as mãos de Malu.

— Deixe-me ajudá-la, venha!

E Hémin continua segurando as mãos de Malu e olhando-a bem de perto lhe pergunta:

— Malu, por que você está sempre na defensiva? Por que faz pouco caso dos meus planos de ser um *matador*?

— Para mim isso não é uma carreira. Você sabe muito bem que não gosto de corridas de touros.

— Milhares de espanhóis vivem dessa carreira — diz Hémin. — Inclusive o seu próprio pai é um aficionado. E por falar nisso qual é a sua profissão?

— Vou me formar este ano em Arquitetura e pretendo trabalhar com meu pai que é do ramo de construção civil. Aliás, as únicas coisas que aprecio nessa *fiesta* são as praças de touros de Las Ventas, Madri e *La Maestranza*, Sevilha, verdadeiros monumentos de arquitetura.

— Que bom saber disso, quando comprar a minha *ganaderia* você é quem vai projetar a nossa casa e não poderá cobrar nada pelo serviço...

— Só pode estar sonhando.

— A vida é um sonho, minha querida e só os que sonham vencem. Se eu soubesse que aquele senhor Don Sebastian que veio falar comigo era o seu pai, eu já teria pedido você em casamento. — sorri alegremente.

— Nunca o meu pai iria aceitar um desempregado ou um candidato a *matador* em nossa família.

Silenciam por alguns instantes. Malu sente que disse uma grande besteira. Hémin fica sério e pensativo, sente como se tivesse levado uma chifrada de um touro.

— Desculpe a minha idiotice, Malu. Isto doe em mim mais que dez bofetadas... Desejo a você toda sorte do mundo. Tchau — vira as costas e sai.

Malu então reage e corre atrás de Hémin, chamando-o.

— Hémin, Hémin. Espere, espere. Deixe-me explicar...

Mas Hémin não para e continua caminhando pela pastagem atrás da sede e sem olhar para trás. Malu finalmente o alcança e

o segura pelo braço e agarra sua camisa com força quase rasgando a peça. Estão face a face. Olham-se. Hémin está sério e calmo. Malu está com a respiração acelerada pelo esforço. Recupera-se, continua segurando Hémin com as duas mãos em sua camisa, aconchegando-se a ele e cabisbaixa, começa a falar:

— Perdão *matador*, na verdade, você me mata de medo, pois estou gostando de você. Falei e agi como se fosse uma mocinha idiota que não sou e te ofendi e decepcionei. Como posso corrigir isso?

As palavras de Malu são sinceras e seus olhos estão marejados.

Hémin então segura delicadamente o queixo de Malu levantando a sua cabeça, faz duas carícias em seu rosto insinuando duas bofetadas e lhe diz:

— Bem querida, agora só falta um beijo para selar nossa paz.

Hémin puxa-a para si. Malu não resiste e por fim ele conseguiu o seu primeiro beijo “não roubado”.





## *El Rayo*

**H**émin está trabalhando na oficina mecânica de seu tio Rafa, quando recebe um telefonema de Manolo, representante do empresário Don Carlito.

— Pablo Hémin, aqui é Manolo, preciso conversar com urgência com você e seus amigos. Pode ser hoje à noite em sua casa?

— Sim, sim — responde Hémin. — Às 20 horas está bem para o senhor?

— Sim, mas não me chame de senhor, só Manolo. Está marcado, até logo.

Manoel Zurique, conhecido somente por Manolo, hoje com seus 55 anos, trabalhara durante muitos anos e em diversas funções nas praças de touros. Desde muito jovem esteve envolvido nesse trabalho, sendo que nos melhores momentos, chegou a integrar *cuadrillas* de *matadores* famosos. Conhecia tudo sobre touros e touradas. Com a idade, aposentou-se da lida nas arenas e passou a trabalhar com o empresariado do setor, devido a sua vivência por tanto tempo nessa atividade. Manolo, sempre receptivo e simpático, era conhecido e respeitado por todos. O seu olhar tranquilo e a serenidade de seu comportamento inspiravam confiança.

— Hémin, quem te ligou? — pergunta o tio Rafa.

— Foi o Manolo, tio. É um senhor que conheci e trabalha com empresários de *corridas* e está disposto a me ajudar na carreira.

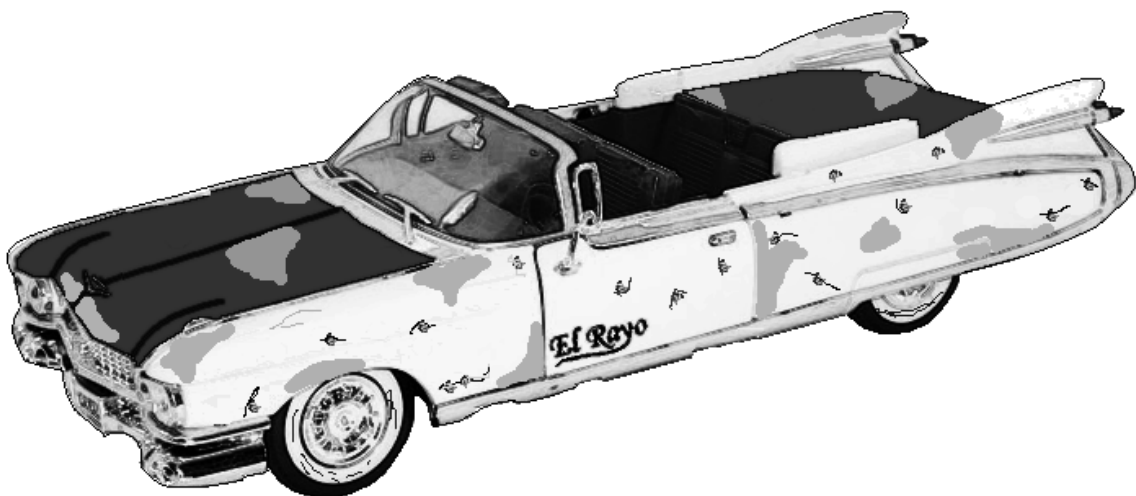
— Mas que carreira? Vai-me dizer que é a profissão de *matador* de touros? Filho, por que você não deixa de lado esse sonho absurdo e se dedica ao seu trabalho aqui na oficina? Você é um garoto inteligente, aprende rapidamente, já é um excelente mecânico... Inclusive, quando lhe falei que queria ter uma conversa com você, era justamente para lhe dizer que pretendo logo mais me aposentar e deixar essa oficina para você.

— Tio, eu gosto muito do senhor e o respeito como um pai. Mas eu preciso pelo menos tentar e desta vez com seriedade, realizar meu sonho desde menino. Se não der certo, desisto de vez e esqueço as *corridas*. Porém, se eu não tentar, vou ser um eterno frustrado e o que é pior, um péssimo e rabugento mecânico.

— Se é assim, estarei sempre torcendo e rezando por você e saiba que pode contar com este teu tio para o que der e vier.

— Obrigado tio, eu sabia que podia contar com a sua compreensão. O problema mesmo vai ser minha mãe, Dona Valéria é fogo!

— Hémin e como é que você vai andar por aí sem carro? Como está essa coisa parecida com carro que você estava reformando aqui na oficina? Já está pronto?



— Tio, venha ver o que fiz com o velho Cadillac que meu pai me deixou, todo “ferrado”, quando partiu definitivamente para os Estados Unidos.

Ambos se dirigem para os fundos da oficina e Hémin retira um plástico preto todo empoeirado que encobria o veículo e ficam, por alguns instantes, simplesmente observando o famoso modelo. Era um Chevrolet Cadillac/1959, “Rabo de Peixe”, que fizera história nos anos dourados. Hémin, durante mais de três anos, vinha trabalhando na sua restauração, aproveitando tudo o que era possível. O carro ficou sem o teto e a capota, restando na frente somente o pára-brisas ligeiramente rebaixado. Era um conversível sem capota... A grade dianteira foi substituída por um sistema artesanal de hastes verticais de alumínio, dando-lhe um aspecto agressivo. A suspensão foi ligeiramente levantada e sua mecânica adaptada para um motor V.8 “envenenado”, produzindo mais de 300 HP. O capô e a parte traseira do porta-malas foram pintados de vermelho e o restante da lataria em amarela, dupla de cores que parecia sugerir o vermelho e o amarelo dos “capotes” usados pelos toureiros. A pintura era tosca, feita a pincel, revelando ainda alguns amassados da lataria, que Hémin procurara disfarçar com rebites metálicos dourados, formando desenhos disformes, cujos rebites pareciam imitar as lantejoulas dos trajes dos *matadores*<sup>5</sup>... Em ambas as portas dianteiras na parte externa, estavam fixados decalques com o apelido dado à fera automotiva — *El Rayo*.

— Meu Deus, Hémin! Que carro esquisito... Isso funciona?

— E como funciona, tio. Por fora é uma geringonça, mas por dentro tem um coração de Ferrari...

— Tudo bem, mas e se chover, esse carro não tem capota e nem é conversível.

— Veja ali atrás em cima do banco traseiro. Bolei um sistema manual de puxar esses plásticos rígidos, através de dois cabos de aço engatados no pára-brisa, que caindo lateralmente, imita

---

5. Trajes de luces.

uma capota. Parece aquelas janelas de puxar que se usavam nos Jipes antigos. É claro tio, que é melhor não chover...

— Hémin, também sempre tive admiração por esses carros na minha juventude. Você sabe o que Elvis Presley falou a respeito? “Do primeiro Cadillac nunca se esquece.”

— Bem tio, tenho de ir a uma reunião lá em casa. Vou avisar os meus amigos Gato, Hulk e Pequeno e levarei esta “máquina” comigo. Ouça só o ronco desse turbinado que vai rolar por aí até que eu ganhe muito dinheiro e possa comprar a minha Hillux...

O carro sai lepidamente, deixando atrás do ronco do motor, o ruído assoviado de sua turbina poderosa...



Dona Valéria estava trabalhando na sala de costura e Bia assistia televisão na sala de visitas. Entrando na sala de costura, Hémin, beija a mãe no rosto e vai logo dizendo:

— Mãe, não fique brava comigo, mas hoje à noite eu e meus amigos marcamos uma reunião com uma pessoa muito importante, Sr Manolo, para tratar da minha carreira e a senhora sabe do que estou falando.

— Meu filho, você sabe o quanto isso me desgosta e me mete medo. Por que você é tão teimoso, meu Deus?

— Mãe, a senhora sabe que só tem uma coisa pior do que um homem morto: é um homem infeliz. A senhora gostaria de ver seu filho infeliz e deprimido? Só lhe peço que use a sua fé e vamos deixar nas mãos de Deus, tudo bem?

Nesse ínterim, a irmãzinha Bia, que acompanhara a conversa se intromete:

— Pablito, você vai ser mesmo um *matador*? Acho que você vai aparecer muito lindo na televisão, com aquelas roupas douradas... E por falar nisso, você e seus amigos já fizeram suas roupas?

— Bem lembrado Bia, nem tinha pensado nisso.

— Ora irmãozinho — diz Bia, ao mesmo tempo em que se senta no colo do irmão. — Temos uma costureira em casa...

— Era só o que faltava! Não dê palpites, menina. Só o que faltava era eu vestir o meu filho para enfrentar a morte numa arena de touros!

— Pode confiar mãe, os touros é que enfrentarão a morte, eu encontrarei a vida.

No horário marcado, chegam os amigos de Hémin e logo em seguida, Manolo.

Hémin apresenta todos à sua mãe e à sua irmã. É visível o ar de tristeza e apreensão de Dona Valéria que, de imediato, se retira para a sala de costura, contrastando com a alegre curiosidade da irmã.

Sentados em volta de uma mesa, Manolo começa a explicar sobre o objetivo da visita.

— Hémin e meus caros, com autorização de Don Carlito, fizemos uma programação inicial para a sua carreira. Como o objetivo é resistir às crescentes pressões atuais contra as *corridas*, vamos contar com o apoio de muita gente envolvida com a tauromaquia. Aviso desde já que é um grande teste para vocês e a sequência desse projeto dependerá exclusivamente do seu desempenho. Não precisamos apenas de um *matador*, mas sim do “El Matador”, um verdadeiro *diestro*, para revigorar o ambiente taurino. Você, Hémin, foi um dos escolhidos, pois também estamos dando força a mais dois jovens — um de La Rioja e outro de Córdoba. Confio em vocês!

— Pode contar conosco, Manolo — disse Hémin. — Mas, para onde vamos e como vamos?

— Nessas primeiras viagens, vocês serão inteiramente custeados pelos empresários. Se tudo der certo, Hémin, desde a primeira corrida você terá uma participação financeira, de forma a poder comandar a sua *cuadrilla* e ficar rico logo... — risos.

— Manolo, a única coisa que preciso é saber onde vamos ficar, pois conheço pouco o interior da Espanha. Tenho meu car-

ro para viajar e algumas economias com a ajuda de meu tio Rafa. A partir da primeira corrida, estou certo de que não teremos mais problemas e assinaremos um contrato. Mas estou ansioso, afinal, para onde vou?

— Calma, rapaz! Não se preocupe, porque vou junto com vocês, a não ser que você não queira. Serei além de representante junto aos empresários, o conselheiro e orientador, ajudando-o e acompanhando-o em tudo o que se referir à sua carreira. E saiba rapaz, que sei fazer isso como ninguém e defenderei muito bem os seus interesses.

— Claro, Manolo, eu confio e preciso de você. Fico mais tranquilo, pois pensei que teríamos que nos virar sozinhos. Estou ansioso mesmo é para saber aonde vamos...

Hémin e os amigos aguardam apreensivos.

— Como vocês sabem, na próxima semana entramos no mês de março, primeiro mês da temporada de corridas que se estende até o final de outubro e começo de novembro de cada ano. Vamos iniciar com uma série de novilhadas que acontecem nos meses de março e abril e já estão programadas. As duas primeiras serão na Andaluzia — Ronda, uma pequena cidade, mas com uma grande história e sua afamada *plaza de toros* e Málaga, a terra dos *malagueños*, segunda maior cidade da Comunidade Andaluz, cidade portuária na Costa Sul do país, no mediterrâneo. Propositadamente, um teste bem difícil nessa região. Na sequência, novilhadas em Toledo (Castilla – La Mancha), Castellon de La Plana (Castellon), Aranjuez (Madri) e depois, se tudo der certo, Saragoça (Aragão) e Bilbao (País Basco). Isto significa que viajaremos na próxima terça feira para Andaluzia, com tempo para os preparativos até a corrida de domingo. Então, preparem-se!

— De Ronda, eu já ouvi falar bastante, mas como é a cidade e a arena de Málaga? — pergunta Hulk.

— É uma bela cidade de quase 600 mil habitantes e sua *plaza de toros*, é muito bonita e se não me engano, comporta quase 15 mil pessoas.

— E que roupas vamos usar? — pergunta Gato.

— Bem lembrado, vou trazer amanhã mesmo vários trajes que temos em estoque na empresa, alguns novos e outros semi-novos e a partir daí vocês se viram com os consertos. Quanto aos materiais de lida, como capotes e capas, *muletas*, etc., estarão disponíveis nas *plazas*. Em todo caso, devem levar tudo o que tiverem.

— Já vi que minha mãe vai ter muito serviço... — disse Bia, que a tudo acompanhava com atenção.

— O que me interessa saber, é que “bichos” terei pela frente. — diz Hémin.

— São novinhos de dois a três anos, de uma *ganaderia* da própria região e pelo que me informaram são de boa qualidade. Os dois touros que você vai enfrentar e acho que serão os dois touros da sua vida, vai conhecê-los de perto no dia do sorteio, pois como sabem, serão sorteadas três duplas de touros — uma para cada *matador*. É, meu caro Hémin, você não só terá de domá-los, como também, de fazer isso melhor que os outros...

— E que nome vai ter o meu irmão? — pergunta Bia. — Afinal, todos os *matadores* são “El” e alguma coisa, “El Hémin”, ficaria meio sem graça...

— Não, minha querida, desde o início, inclusive no primeiro cartaz da *corrida*, seu irmão será conhecido com o apelido já usado pelos amigos — El Gringo. Espero que fique bem conhecido!

— Esse é legal mesmo. Pablito vai ser o único espanhol chamado de “gringo” em sua própria terra...

— Bia, chega de conversa fiada, vá pra lá ficar junto com a mãe. Vá menina!

— Que menina inteligente! — diz Manolo.

— Se é, é um foguete... É mais esperta do que a esperteza e faz misérias no computador.

Não seria necessário dizer que a menina já foi falar com a mãe sobre a tarefa que a aguardava, quanto aos arranjos nos trajes do pessoal.

— Bia, pode dizer ao seu irmão que eu não vou fazer isso — diz Dona Valéria, que nessa altura, já estava rezando com um terço nas mãos.

— Ora mãe, se nós não ajudarmos Pablito, quem vai ajudar? E você sabe muito bem como ele é teimoso. Não vai desistir nunca dessa história de *matador*. Eu também não gostaria de ver meu irmão numa arena lutando com aqueles enormes animais pretos, mas confio nele e acho que vai se dar bem. Eu ajudo você com as roupas...

— Vamos ver, vamos ver, meu Deus!

Enquanto isso, Hémin e Manolo acertam os últimos detalhes e todos se despedem.

Hémin pouco dormira naquela noite, tanta era a preocupação, a responsabilidade e a ansiedade com os fatos que aconteceriam brevemente. Pensara também que em poucos dias estaria viajando de praça em praça, com o tempo totalmente dedicado às corridas e talvez nem tivesse a oportunidade de ver novamente aquela sedutora morena, a única mulher que realmente absorvia os seus pensamentos. Talvez, nem pudesse dela se despedir.

Na manhã seguinte, estavam sentados à mesa do café: Hémin, Dona Valéria e Bia. Permaneciam todos calados enquanto se serviam. Apenas se entreolhavam pensativamente.

Notando o ar preocupado de seu irmão, Bia ataca:

— Pablito, você está com medo dos touros, ou com saudades da Malu, ou as duas coisas?

— Que Malu é essa? — pergunta Dona Valéria, olhando fixamente para Hémin.

— Ora mãe, é uma moça que conheci e não sei como essa intrometida já fixou o nome. É uma linda mulher que me interessou muito e nada mais que isso.

— Lindas mulheres você já conheceu às dezenas... É só mais uma das suas aventuras?

— Não, mãe! Ela é diferente, é única. É por isso, que me preocupo, pois as minhas chances são muito poucas e isso me deixa triste, pela primeira vez.

— Não sei por quê! — intervém a menina. — Você é um homem maravilhoso, o mais bonito do mundo e, além disso, vai ser um famoso *matador*. Ela é quem deveria correr atrás...

— Vai ver que essa moça também quer ficar longe das tou-radas, no que ela está muito certa — diz Dona Valéria.

— Isso também! — arremata Hémin. — O que acontece é que esse caminho além de ser o meu destino e o meu sonho, é o único que tenho para chegar a ser alguém na vida. A moça tem estudo, é de família rica e tradicional e eu quem sou?

— Você é meu filho muito querido, um moço de família po-bre, mas honesta, um homem trabalhador e de bom coração e seu único defeito são as aventuras, especialmente com os “rabos de saia”.

— É isso mesmo, Pablito — fala a irmã. — Nós somos legais e se ela for, também, está tudo resolvido... Traga a moça aqui, pra gente examinar a figura. Se ela for de muita frescura, nós a dispensamos...

— Eita, menininha atrevida! — diz Hémin, sorrindo gosto-samente.

Nesse momento, Dona Valéria se afasta para seus afazeres e Bia se dirige ao irmão:

— Pablito, o que é que tanto você pensa?

— Droga! Eu não posso nem me despedir da Malu, não sei o telefone, não sei nem onde ela mora...

— O que a moça faz? Ela trabalha ou estuda? Sabe o nome dela completo?

— Ela estuda Arquitetura e vai se formar este ano, mas tam-bém não sei onde, o nome dela é Maria de La Luz Cortez.

— Deixe comigo, espere um pouco!

Bia se utiliza dos catálogos telefônicos e dos recursos dispo-níveis no seu incipiente computador. Depois de alguns minutos, retorna.

— Pablito, só há uma Faculdade de Arquitetura em Madri. Já vou te dar o endereço.

A menina entrega ao irmão uma folha com as anotações.

— Ótimo, querida! Posso ficar de plantão junto à faculdade. Se eu soubesse o horário...

— Espere mais um pouco.

Bia volta às suas pesquisas e retorna:

— Pronto, consultei pelo nome a classe do último ano. São dois horários: um termina ao meio dia e o outro começa às 14 horas. Portanto, nesse intervalo, você poderá ver a sua amada...

— Obrigado, Biazinha, você é o máximo!

Hémin beija a irmã e se despede.



No dia seguinte, Hémin pega o seu possante *El Rayo* e segue em direção ao endereço da Faculdade de Arquitetura. Lá chegando, ao meio-dia, estaciona o carro na rua frontal de forma a visualizar todo o movimento de entrada e saída dos alunos. Poucos minutos depois, eis que Hémin vê Malu saindo pelo grande portão, acompanhada de sua colega Anita e sua irmã Isabel, um trio inseparável, o mesmo com o qual Hémin se defrontara na Plaza Mayor. Malu estava vestida esportivamente, com um folgado blusão estampado e decote em “V” que caía graciosamente sobre uma calça jeans. Com o sol forte, acabara de colocar delicados óculos escuros. Hémin ficou apenas apreciando por alguns instantes e sentia novamente aquela irresistível atração. Manobrou então o carro para alcançá-las enquanto subiam a rua e quando chegou bem ao lado deu duas buzinas. As moças se assustam e quando Malu olha, imediatamente reconhece Hémin.

— Olá garotas! — diz Hémin sorrindo. — Querem uma carona?

Diante de uma Malu perplexa, Hémin estaciona e sai do carro para cumprimentá-las.

— Malu, Isabel, Anita, como estão vocês? Que coincidência encontrá-las aqui. Estavam passeando? Ou estudam nessa escola?

— Oi Hémin — diz Malu receptivamente. — Como vai o nosso *matador*? Com esse carro parece mesmo um “gringo”... — e sorri com alegria. — Até parece que foi o pobre carro quem enfrentou um touro na arena...

— Chega de conversa e entrem neste veículo espacial.

— Não sei não — diz Malu. — Tenho compromissos...

— Nada disso! Vamos todas nos aventurar nessa “charanga” — diz Isabel, pois conhecia os sentimentos de Malu e seu jeito reservado.

Malu senta-se no banco da frente, ao lado de Hémin e as duas no banco traseiro.

— Meninas, apertem os cintos se conseguirem achá-los e segurem-se, pois vocês vão conhecer a raça dessa máquina.

Hémin dirige pelas ruas e todos podem sentir o motor vigoroso, a suspensão macia e o rolar tranquilo do veículo. Ele entra numa rodovia mais próxima e acelera o “V8” progressivamente, com a turbina silvando. Aumentando a velocidade, vai ultrapassando e deixando todos os carros para trás. As moças se divertem com o olhar admirado dos outros motoristas e com o vento forte que desmancha seus penteados.

Hémin faz o contorno num viaduto e volta pela pista contrária, quando entra num pátio ao lado da rodovia. Um grande letreiro indicava “Motel” e estaciona.

— Pronto, meninas! Chegamos. Ou vocês pensaram que era de graça esse passeio no meu possante...

Espera alguns instantes só para se divertir com o espanto das moças e volta à rodovia. Malu ameaça dar um tapa em Hémin e todos caem nas gargalhadas.

— Vão indicando o caminho, para eu deixá-las em casa — diz Hémin.

Chegando à frente do sobradão dos Cortez, Isabel e Anita

descem imediatamente, despedindo-se de Hémin. Quando Malu fez menção de sair, Hémin delicadamente segura seu braço.

— Malu, espere um pouco, pois quero conversar contigo — em seguida, adianta um pouco o carro para não ficar na frente da casa e estaciona sob uma árvore próxima ao local.

— Vim para me despedir de você, pois nos próximos dias viajarei para diversas praças de touros, iniciando minha carreira. Sei que você não gosta disso, mas é esse o meu caminho e o meu destino. Você ainda vai ter orgulho de mim e é só isso que me interessa, pois estou gostando de você mais do que deveria...

— Hémin, sabe bem o que penso! Nenhum homem precisa lutar numa arena para que dele sintam orgulho.

— Malu, olhe bem nos meus olhos e me responda com toda sinceridade: você seria capaz de relevar a sua rejeição às *corridas* e tentar compreender os meus motivos pessoais com relação a essa história? Se você responder que sim, é porque também está gostando de mim. Se responder não, é porque me considera um cara que só vive te aborrecendo e do qual quer se ver livre. Neste último caso, te digo adeus e nunca mais me verá.

— Mas Hémin, assim você está me prensando contra a parede! Não é justo! Você não pensa na dificuldade de minha posição. Tenho que abandonar os meus princípios e morrer de saudade nas suas ausências? Há tantas formas de se juntar dinheiro e vencer na vida! Você não desistiria das touradas por mim?

— Eu desistiria se tivesse alternativa de me realizar rapidamente. Não será trabalhando numa oficina mecânica que vou garantir meu futuro e esperar que você seja minha mulher...

— Mas dinheiro não é tudo, Hémin!

— No momento é e está ao meu alcance, porque tenho um talento especial e não posso desperdiçá-lo.

— E eu ficarei a vida toda esperando você voltar das touradas?

— Não querida, não! Eu pensei e não expliquei. Embora eu goste e muito da *fiesta*, eu só peço a você três temporadas, três anos

de paciência, sem ansiedade. Depois disso, eu abandonaria tudo para viver com você do jeito que você quer. Aceita? Responda!

— Eu aceito sim, seu bobo. Confesso que também estou gostando de você e só fico aflita com essa história de touros.

No mesmo instante, Hémin, com ambas as mãos, segura a cabeça de Malu e lhe diz:

— Malu, você, com certeza, terá sempre notícias minhas e saberá que estarei lutando pelo nosso futuro. Posso roubar mais um beijo?

— Não só um beijo, mas também meu coração...

Beijam-se com ardor, mas rapidamente, pois estavam a descoberto. Nesse instante, Nina, que de longe e por trás das cortinas a tudo observava, aproxima-se do carro e diz:

— Malu, é melhor você entrar, pois os seus pais estão saindo e vão passar por aqui. Oi Hémin, até logo e boa sorte.

Quando Malu chega ao portão de entrada da casa, abraçada a Nina, olha para trás e vê Hémin ainda com o carro estacionado. Este então beija a mão direita espalmada para cima e assopra em direção a Malu, que responde com um sorriso e entra. Hémin acelera o carro e feliz dirige-se para sua casa.

Hémin mal entrara na sala, quando Bia vem ao seu encontro, com aquele olhar maroto.

— Pablito, você encontrou a moça, essa tal de Malu?

— Não, sua xereta. Não procurei e nem fui lá.

— Não adianta mentir, sua cara de felicidade não nega.

— É verdade — disse Hémin abraçando-a. — Estou feliz mesmo, graças a você.

— Pablito, tenho novidades boas para você e ruins para Dona Valéria. O Senhor Manolo deixou aqui em casa um monte de roupas, algumas já meio usadas, mas que achei lindas com aquelas pedras coloridas. Precisa chamar os seus amigos para experimentarem e eu quero ver tudo isso.

— Bia, tudo bem, você vai ficar encarregada dessa história das roupas junto à Dona Valéria e ficará responsável por chamar

meus amigos e tomar todas as providências. Se vira! E tem que estar tudo pronto até na próxima terça-feira...

— Deixe comigo! Mãe! Mãe!



## Ronda: Surgimento de El Gringo

Chegara afinal, o dia tão sonhado e tão decisivo na vida de Hémin e de seus companheiros. Era um domingo ensolarado e já estavam em Ronda, terra de bons vinhos, ótimos hotéis para turistas e belas paisagens naturais. A praça de touros de Ronda, de 1785, é considerada o lar espiritual das touradas, uma das mais antigas e importantes da Espanha. Localiza-se num planalto, às margens de um penhasco, de onde se descortina o Mediterrâneo. Grande parte de sua fama se deve ao fato de ter nascido em Ronda o *diestro* Pedro Romero, considerado o introdutor das touradas modernas. De acordo com alguns registros históricos, consta ter ele lutado e abatido nas arenas de toda Espanha, durante sua notável carreira de *matador*, cerca de 6 mil touros.

Por ser o berço da tauromaquia clássica, todo aspirante a *matador* tem por meta lidar nessa arena e nenhum *deles* se considerará completo se lá não tiver lutado.

Justamente por isso, Manolo e Don Carlito cuidaram e conseguiram que o teste de Hémin fosse realizado nessa arena, graças ao prestígio e real interesse dos empresários quanto ao nascimento de um eventual ídolo. Um grande trabalho de marketing foi feito antes da realização da corrida, junto à imprensa e pelos diversos veículos de comunicação. Uma operadora de televisão iria retransmitir em rede nacional. Vários repórteres especializados foram

convidados, com despesas e passagens pagas. Enormes cartazes da corrida anunciavam sua programação naquela tarde: seis novilhos da famosa *ganaderia* Notables, para os três toureiros: um já experimentado *matador* “El Juliano”, um novato de Sevilha “El Tigre” e o aspirante Hémin Jones — El Gringo. A designação de Hémin, sem o primeiro nome, foi propositadamente para causar curiosidade quanto à apresentação de um pretense toureiro americano...

Cinco horas da tarde. A Praça de Touros está superlotada, colorida, cheia de repórteres, um público de aficionados exigentes e as mulheres compareceram maciçamente, atraídas pela “estampa” do *matador* loiro, alto e de olhos azuis claros...

Entram e percorrem a arena para a tradicional apresentação ao público (*paseo*), todos os toureiros e seus auxiliares, que são as equipes de cada *matador* chamadas *cuadrillas*, em seus trajes típicos, os *picadores* em seus cavalos, os representantes do presidente da corrida com suas belas montarias e todos os demais auxiliares. A música invade o ambiente com seus *pasodobles*. O público ovaciona e se agita. O palco multicolorido e dinâmico está pronto e a *fiesta* vai começar.

Os *matadores* e suas *cuadrillas* aguardam no corredor (*callejón*) que fica ao redor da arena separando-a das arquibancadas, apoiando-se num gradil de madeira. A arena é o grande círculo de areia, o campo onde se desenvolve a luta, a lida do *matador* com os touros (*lidia*), delimitado por um gradil compacto ou tapume de madeira (*barrera*). Nesse gradil, existem aberturas para entrada e saída dos homens da arena, espaçadas regularmente umas das outras, como se fossem portas de escape (*burladeros*).

— Gringo, como já te disse, pelo sorteio de ontem, nós ficamos com o terceiro e o sexto novilhos. O primeiro me pareceu um pouco mais fraco, com os chifres irregulares, mas o outro me pareceu perfeito para um bom trabalho com a capa e a “muleta” (*faena*) — disse Manolo.

— Fique tranquilo, Manolo. Eu só morro de ansiedade para entrar nessa arena e ainda tenho que esperar até o terceiro touro!

Soam os clarins... Silêncio... O presidente, que é uma espécie de juiz da corrida, dá o sinal para a entrada do primeiro touro. Este coube ao veterano *matador* “El Juliano”, que apesar dos muitos anos de lida, jamais atingira um alto nível no rol dos toureiros. Desenvolveu seu trabalho com naturalidade, burocraticamente.

O segundo touro coube ao novato “El Tigre”, também uma das esperanças dos aficionados. Demonstrou agilidade e principalmente coragem. Tinha qualidades e matou o touro na segunda estocada.

Chegou, afinal, a vez de El Gringo e todas as atenções se voltam para ele.

Entra o primeiro touro destinado a El Gringo. Era um belo animal, mas não tão pesado e por isso, muito rápido e assustado. Corre em volta da arena e eis que, surpreendentemente, toma



impulso e consegue pular o gradil de madeira, caindo no corredor atrás do mesmo.

Alvoroço geral no corredor e nas arquibancadas.

O novilho passa a correr e atacar todos no corredor, que para fugir, pulam para dentro da arena ou buscam refúgio nas arquibancadas superiores. O público se diverte, porém as pessoas que estão nos corredores ou no primeiro lance das arquibancadas, se desesperam e alguns saem feridos. Entrementes, os auxiliares conseguem abrir uma das portas de acesso para a arena, por onde o touro, depois de muita confusão, retorna ao interior da mesma. A situação se inverte e o pessoal que estava dentro da arena trata de pular novamente o gradil para se proteger nos corredores.

O touro está agora sozinho na arena.

— Que má sorte, Gringo, estragaram nosso touro! — diz Manolo.

— Temos de consertá-lo — responde El Gringo. — Hulk, Gato, fiquem muito atentos. Pequeno, fique de olho no bicho que já teve contato com muita gente e deve estar muito sabido...

Então, El Gringo entra decididamente na arena com a grande capa vermelho-amarela, vai em direção ao touro e o chama.

— Toro! Eh, toro!

Mas o touro não responde, não investe e passa a correr em direção à *barrera*, ameaçando pular novamente para os corredores. El Gringo e sua *cuadrilla* fazem várias tentativas no sentido de trazer o touro para a luta, mas foram todas infrutíferas. Enfim, como o touro — devido ao incidente — revelou-se imprestável para a lida e com a autorização do presidente, é recolhido da arena para os currais, sob as vaias do público.

A decepção estava estampada no rosto de El Gringo, que exclamava:

— É muito azar! Esperei tanto e justamente o meu primeiro touro foi esse fracasso!

Os amigos procuram reconfortá-lo e Manolo diz:

— Calma, Gringo, você não tem culpa alguma. Vamos recuperar tudo no outro touro.

Segue a corrida, com o quarto e quinto touros lidados pelos toureiros El Juliano e El Tigre.

— Esse “Tigre” é corajoso e tem qualidades — diz Manolo a El Gringo, enquanto estavam conversando no corredor. — Quem sabe poderá ser futuramente um bom adversário para você.

— Tomara que sim! — responde El Gringo — Dizem que é bom quando os *matadores* têm adversários competentes; uns querem brilhar mais que os outros e quem sai ganhando com isso é o público.

Até aqui a corrida se desenvolvia com naturalidade, o público aplaudia, mas sem grande entusiasmo. Notava-se certo ar de decepção, dada a grande expectativa criada em torno desse evento.

Faltava o sexto e último touro que caberia a El Gringo.

Eis que um touro negro entra na arena. Era um animal mais pesado, com mais de três anos e suas passadas ressoavam na areia.

— Esse é dos bons! — diz Manolo, observando o touro que circundava a arena e investia nas capas vermelhas mostradas pelos toureiros nos *burladeros*.

O touro parecia ser possante e perigoso. Passam-se alguns instantes e alguém do público começa a criticar:

— Ninguém entra nessa arena? Estão com medo desse bicho?

El Gringo se dirige à sua *cuadrilla* e aos demais toureiros, dizendo:

— Deixem comigo que esse touro é meu! — e entra na arena, sozinho, para receber o touro, enquanto os demais aguardavam encostados na barreira.

Essa fase das corridas, se poderia dizer que é um prelúdio ou introdução da lida propriamente dita, quando o toureiro recebe o touro, procura conhecê-lo e acalmá-lo para as tarefas que virão a seguir.

El Gringo fustiga o animal com uma série de passes, demonstrando toda sua habilidade com a capa. Com *verónicas* e médias *verónicas*, o público via a capa esvoaçar e circular na arena, com o touro cada vez mais próximo ao *matador*, investindo com vigor, quase a enterrar o focinho na areia, tentando atingir aquele pano vermelho que seguidamente o burlava. Foi um trabalho bonito e o público ovacionava e ensaiava os primeiros *olés*.

Os clarins anunciam o primeiro terço da corrida (“*Tercio de varas* ou *Suerte de picar*”). Hulk já está na arena, com seu cavalo, pronto para receber o touro. El Gringo aproveita e executa mais alguns passes com a capa, de forma a conduzir o touro na direção do cavalo, que investe rapidamente por duas vezes e Hulk executa a sua tarefa. O animal fica ainda mais enfurecido com os piques que recebe. O trabalho dos *matadores* é fazer o *quite*, ou seja, trancar o ataque do touro ao cavalo, procurando atraí-lo com a capa, oportunidade em que o toureiro também mostra sua habilidade e competência. O touro bravo insistirá em atacar o cavalo mesmo após receber vários golpes.

Soam os clarins para o segundo terço da lida — a *Suerte de banderillar*, ou seja, a ação de colocar três pares de *banderillas*<sup>6</sup>.

É a vez do trabalho de Gato. Com a capa, El Gringo procura direcionar o touro para o *banderilleiro*. A grande virtude de Gato neste trabalho era a rapidez. Ele não ia correndo transversal ou lateralmente, para colocar as *banderillas*. Avançava diretamente para o touro e quando este ameaçava chifrá-lo, já estava com as *banderillas* no corpo. Gato, com muita destreza, aplicou os dois pares de *banderillas*, sempre aplaudido pelo público. Então El Gringo faz sinal a Gato avisando que ele próprio executará o terceiro par. Isto às vezes acontece nas corridas e alguns *matadores* foram também exímios *banderilleiros*. El Gringo, com um par de *banderillas* na mão, coloca-se a meia distância e frontalmente ao touro. Silêncio e expectativa. Somente o homem e o touro na arena.

---

6. Hastes enfeitadas com uma fisga metálica na ponta, que se prende no lombo do touro.

— *Eh, toro, toro!*

O animal avança com fúria na direção do *matador*, que estático, aguarda a investida. Quando o touro está bem próximo e já pronto para a chifrada, Gringo ao tempo de um segundo, levanta as *banderillas* ao mesmo instante em que dá uma passada lateral. O touro passa como um vento e o par de *banderillas* já está nele fixado. O público aplaude com entusiasmo aquela ação de alto risco e particular destreza.

É agora anunciado o último terço da corrida (*Suerte de matar*), pelo qual o toureiro dominará o touro com seu trabalho com a *muleta*, preparando-o para a estocada final. É nessa fase crucial que o toureiro tem a obrigação de matar o touro com a espada, tendo para isso um prazo de 10 minutos no máximo, sob pena de cair em desonra.

Agora touro e toureiro se enfrentam no centro da arena. El Gringo é brilhante no seu trabalho com a *muleta*. Executava os passes naturais com perfeição e fazia o touro circular em torno de si, cada vez mais perto. Por vezes seu corpo ficava tão próximo ao touro que quase não se via a capa. Mas o risco era calculado, El Gringo se sentia seguro do que fazia, solto e feliz e parecia ter nascido naquele lugar. A música entrava em cena e o *pasodoble* parecia ritmar aquela dança entre touro e toureiro. O público aplaudia de pé e os *olés* ecoavam pelo ambiente, como que acompanhando o mesmo ritmo dos passes do *matador* e da música, integrando-se ao espetáculo.

O público continua gritando *olés*, como se não quisesse que aquele cenário tivesse fim. El Gringo termina o trabalho com a *muleta* e com esta nos ombros, faz um sinal de “pare” ao touro. Hémin vira as costas e sai vagarosamente em direção à barreira. O público explode!

Na barreira, Pequeno, emocionado, abraça o *matador* e entrega-lhe a espada.

O touro estava parado. Na verdade o *matador* já o havia dominado e liquidado com o trabalho de capa. Com a espada na

mão direita e a *muleta* na esquerda, Gringo perfila-se para “a hora da verdade”. É aqui que mora o alto risco, o momento que já causou muitos ferimentos e mortes nas arenas.

O *matador* com a *muleta* na mão esquerda tem de desviar a investida do touro para o lado contrário, ao mesmo tempo em que, num trabalho “cruzado”, deve enterrar a espada com sua mão direita. E tem de fazê-lo de forma certa, pois as repetições pegam mal para o *matador*. Por outro lado, se o *matador* não lograr o animal, fazendo-o investir na capa de cabeça baixa, ou seja, se o touro golpear para cima, adeus *matador*...

— *Toro, venga toro!*

O animal investe e El Gringo, favorecido pela sua estatura, executa uma estocada certa. O touro está paralisado, estático, mas não cai. El Gringo coloca-se à sua frente, passando as mãos nos olhos do touro e este desaba imediatamente.

El Gringo, num gesto característico, beija a palma da mão direita e assopra em direção ao alto e ao público...

O público, de pé, aciona os lenços brancos em direção ao camarote do presidente, pedindo que seja concedida uma orelha ao *matador*. O presidente cede à pressão e o *matador* recebe a orelha das mãos do amigo Pequeno. Em seguida, com a orelha nas mãos, faz a volta pela arena e recebe as demonstrações finais do público. A arena fica cheia de bonés, lenços, flores, almofadas e até algumas peças íntimas da mulherada presente...

El Gringo retorna à barreira, onde é abraçado e cumprimentado por toda sua equipe e ainda recebe os aplausos finais do público que inicia a retirada.

Manolo liga para Don Carlito:

— Don Carlito, terminou a corrida e El Gringo acabou com o último touro.

— E daí, como foi?

— Acho melhor o senhor ouvir... — Manolo, por alguns segundos, deixa o fone aberto para que na outra ponta fosse ouvida a manifestação popular.

- Caramba! Temos o homem?  
— Com certeza. Acompanhe as notícias amanhã. Até mais.



Pela noite, Hémin, seus amigos e Manolo reuniram-se numa das tabernas que circundava a Praça Central para comemorar o acontecimento.

— Vinho para todos! — pede Manolo.

— Bem que merecemos! — diz Gato.

Hémin ergue um brinde e todos comem, bebem e se divertem, sentindo-se vencedores.

Um guitarrista executa ritmos flamencos, alegrando o ambiente. Várias pessoas reconhecem o *matador*, vêm até a mesa cumprimentá-lo, oferecendo rodadas de vinho. Belas moças, a título de pedirem autógrafos, também se aproximavam e se sentavam perto da mesa. Algumas fotos são tiradas da mesa festiva, que nessa altura já se encontra repleta de simpatizantes.

Um grupo de jovens, já alegres com o vinho, sapateando e batendo palmas, canta um *pasodoble* — o ritmo típico da tauromaquia: “Suspiros de España” e todos os presentes cantam juntos...

### *Suspiros de España*<sup>7</sup>

*Quiso Dios, con su poder  
fundir cuatro rayitos de sol  
y hacer con ellos una mujer.*

---

7. Composição de 1902, do maestro Antonio Álvarez Alonso, com a letra acrescentada por Jose Antonio Alvarez e, ao longo dos anos, modificada por grandes músicos espanhóis, como Estrellita Castro e Concha Piquer.

*Y al cumplir su voluntad  
en un jardín de España nací  
como la flor en el rosal.*

*Tierra gloriosa de mi querer  
tierra bendita de perfume y pasión  
España en toda flor a tus pies  
suspira un corazón.*

*Ay de mi pena mortal  
porqué me alejo España de ti  
porqué me arrancan de mi rosal.*

*Quiero yo volver a ser  
la luz de aquel rayito de sol  
hecho mujer  
por voluntad de Dios.*

*Ay, madre mía  
ay, quién pudiera  
ser luz del día  
y al rayar la amanecida  
sobre España renacer.*

*Mis pensamientos  
han revestido  
el firmamento  
de besos míos  
y sobre España  
como gotas de rocío  
los dejo caer.*

*En mi corazón  
España te miro*

*y el eco llevará de mi canción  
a España en un suspiro.”*

A festa termina. El Gringo, seu grupo e Manolo se retiram para seu hotel, a bordo do possante *El Rayo*, que já estava ficando conhecido por todos. O grupo sai feliz e sorridente.

A carreira de El Gringo estava alavancada. Era um ótimo começo!



Enquanto isso, em Madri, no sobradão dos Cortez, Nina estava assistindo ao jornal da noite na televisão, juntamente com o casal Don Sebastian e Dona Carmen, quando aparecem alguns flashes sobre o início da temporada taurina, dirigidos especialmente para a novilhada ocorrida em Ronda. Nina percebe rapidamente que se trata da corrida de Hémin e chama por Malu que estava na saleta oval.

— Malu, Malu, corra aqui para ver essa notícia de touradas! Malu chega até a sala e sua mãe logo observa:

— Ora Nina, Malu não gosta destas coisas e, aliás, nesta casa somente o patrão aqui é aficionado por essas corridas...

Malu dá uma olhada no vídeo, meio sem graça e diz:

— Não quero saber dessas besteiras, vou para o quarto — e sobe rapidamente as escadas.

Entra, fecha a porta e liga de imediato a sua televisão. Parece não acreditar no que vê, mas é Hémin de verdade. Acompanha atentamente todos os comentários, quando Nina, espertamente, entra no quarto:

— É, eu também não gosto dessas besteiras... Mas posso ver junto? — disse Nina maliciosamente e Malu sorri.

A reportagem retrata na íntegra o último touro de Hémin e o seu sucesso.

— Ele se saiu bem e parece bonito, não é Nina?

— Bonito porra nenhuma! Ai, desculpe, mas, o homem é um dos mais lindos que já vi, inclusive nos meus sonhos. É um gato de raça, Malu e você fica com frescura.

— Nina, Nina, já estou ficando com ciúmes de você!

Enquanto conversam, aparece na tela, o lance em que El Gringo acaba de matar o touro e assopra um beijo para o alto. Malu, emocionada, sente tremer as pernas e não consegue disfarçar uma lágrima vertendo de seus olhos claros.

— Era para você, não é minha querida? — pergunta Nina.

— Não sei, não sei, acho que sim... Talvez seja para todas...

— Eh, menina, você está sempre querendo disfarçar, mas eu acho que desta vez vai entregar os pontos...

Malu foi dormir feliz naquela noite, mas não deixava de sentir em seu coração, certa aflição e não sabia o motivo.

Ao mesmo tempo, na casa de Hémin, a irmãzinha Bia também assistia ao mesmo programa de televisão e sorria, saltitante, com o sucesso do irmão.

— Mãe, mãe, veja o Hémin aparecendo na televisão. Mãe, ele arrasou!

Dona Valéria só olhava de lado, passando repetidas vezes na frente da televisão. Foi dormir contente pelo sucesso do filho e sozinha no quarto rezava o terço, sem parar. Também sentia no coração de mãe, certa aflição, um medo, uma angústia... Continuava rezando...



## O Pesadelo de Malu

Dois dias após a corrida em Ronda, Hémin, seus amigos e Manolo, montados no *El Rayo*, pegam a rodovia e seguem em direção à próxima parada, que seria na cidade de Málaga. A cidade é terra natal de Picasso e em homenagem ao gênio espanhol, são atrações do município a casa natal de Picasso e o Museu Picasso. A grande Alcazaba<sup>8</sup> de Málaga e o Museu Arqueológico, com artefatos Fenícios, Romanos e Mouros, constituem outras grandes atrações da cidade.

Enquanto rodam em meio aos campos e montanhas da Andaluzia, Manolo acende mais um cigarro.

— Manolo, durante a corrida você fumou um maço inteiro de cigarro. Por que usa essa droga se sabe que faz mal para sua saúde? — pergunta Gato.

— Porque sou burro...

— Bem, já que estamos indo para Málaga, que tal escutarmos “Malagueña Salerosa”?

Hémin coloca o CD para tocar. A música ecoa no ar em alto volume e todos cantam, acompanhando alegremente a antiga e famosa canção de Elpidio Ramirez e Pedro Galindo.

---

8. Castelo-fortaleza.

## *Malagueña Salerosa*

*Que bonitos ojos tienes  
debajo de esas dos cejas  
debajo de esas dos cejas  
que bonitos ojos tienes*

*Ellos me quieren mirar  
pero si tú no los dejas  
pero si tú no los dejas  
ni siquiera parpadear*

*Malagueña salerosa  
besar tus labios quisiera  
besar tus labios quisiera  
malagueña salerosa*

*Y decirte niña hermosa  
que eres linda y hechicera  
que eres linda y hechicera  
como el candor de una rosa*

*Yo no te ofrezco riqueza  
te ofrezco mi corazón  
te ofrezco mi corazón  
a cambio de mi pobreza*

*Malagueña salerosa  
besar tus labios quisiera  
besar tus labios quisiera  
malagueña salerosa*

*Y decirte niña hermosa  
que eres linda y hechicera*

*que eres linda y hechicera  
como el candor de una rosa*

*Que eres linda y hechicera  
que eres linda y hechicera  
como el candor de una rosa  
como el candor de una rosa”*



Em Madri, na casa dos Cortez, estão sentados à mesa do café — Don Sebastian e sua mulher Dona Carmen, Malu, a irmã Isabel e Pedro, o filho mais velho. Estão presentes também o irmão de Dona Carmen que mora no Brasil, em São Paulo, Sr. Juan e seu filho Maurice, que estão na cidade em visita aos parentes espanhóis.

Juan já morava no Brasil há mais de 30 anos, onde comandava uma rede de restaurantes típicos da culinária espanhola. Era casado com uma brasileira, Dona Cecília, com quem tivera esse único filho.

Maurice era um jovem moreno, de aparência simpática e tranquila, com seus 28 anos, já formado em Administração de Empresas e que trabalhava junto com o pai na gerência dos negócios da família. Estava sempre impecavelmente vestido, não dispensava a gravata e transpirava seriedade.

Como de hábito, Don Sebastian folheia os jornais do dia e comenta:

— No domingo, estão todos dizendo que houve uma grande corrida em Ronda, com um novato *matador* chamado El Gringo. Pela foto estampada neste jornal, não me parece estranho esse rapaz... E mostra o jornal aos presentes.

— Ora pai, esse “americano” é aquele que esteve na última *tienta* na *ganaderia*, não é mesmo Malu? — fala Isabel, dirigindo um sorriso maroto para a irmã.

— É, parece que sim, não me lembro bem...

— Ora Malu, você chegou até a conversar com ele, juntamente comigo e com Nina, lembra-se?

— É verdade! — diz Don Sebastian. — Agora me recordo bem, eu mesmo troquei algumas palavras com o moço cumprimentando-o pela boa atuação. Bem que Manolo comentou que ele teria futuro nas corridas... Isso é bom para os negócios...

— Mas não é bom para os touros, não é Malu? Ou você mudou de lado... — arremata Isabel. — Agora que ele é bonitão, isso ele é!

Malu nada responde, sorri para a irmã e dá-lhe um cutucão por debaixo da mesa. Nina também se aproxima e pede para ver o jornal, que já passara de mão-em-mão e exclama:

— Caramba! Esse “gringo espanhol” vai longe e com essa cara vai ter muita mulher se apaixonando...

Ao mesmo tempo em que faz a observação, Nina passa levemente as mãos nas costas de Malu, beliscando-a suavemente, sem que ninguém perceba.

Malu sentia-se corar, mas ninguém entendia aquelas conversas.

— E você meu jovem Maurice, não aprecia as corridas de touros? Já que estão todos por aqui, se quiserem, levo vocês a uma das arenas de touros.

— Obrigado tio, mas para ser sincero, detesto essas touradas, assim como Malu, não é prima?

— Eu sempre respeito as posições contrárias, meu sobrinho. Mas é sempre bom conhecer os motivos e as razões dos prós e dos contras, pois a gente está sempre aprendendo... Aliás, no momento, está havendo um grande debate no parlamento sobre o destino das corridas na Espanha, inclusive a audiência pública transmitida pela televisão, onde todos podem opinar. Esta semana

me parece que haverá outra sessão da audiência e aconselho você a assisti-la. Quem sabe você muda de lado...

— O senhor tem razão tio, é sempre bom aprender.

Sentado ao lado de Malu, o primo brasileiro procurava entabular conversa e não se cansava de olhá-la. A família já notara, inclusive em reuniões anteriores, o interesse de Maurice pela prima Malu. Na verdade, considerava-se ser uma união desejável.

Termina a hora do café, Malu despede-se e se dirige rapidamente para o seu quarto. Lá chegando, chama por Nina:

— Nina, Nina, por favor!

— Pronto, querida, o que quer?

— Poderia trazer aquele jornal para mim, tem um artigo sobre arquitetura que me interessa.

— Já trouxe o jornal — disse Nina, tirando-o debaixo do avental. — E o artigo sobre arquitetura que te interessa está estampado nessa foto...

As duas caem nas gargalhadas. Depois que Nina sai, Malu fica deitada em sua cama lendo e vendo tudo o que existia sobre Hémin no jornal. As opiniões dos críticos especializados eram as melhores possíveis:

*“O loiro **matador**: um show no sexto touro.”*

*“Na primeira apresentação, El Gringo conquista o público e uma orelha.”*

*“Grande atuação de El Gringo. Nasce um novo ídolo?”*

*“A terceira **banderilla** colocada por El Gringo causou suspense em Ronda.”*

Por fim, assegurando-se de que não havia ninguém por perto, beija a foto de Hémin e se põe a sonhar acordada...



A Praça de Touros de Málaga, com capacidade aproximada para 14 mil pessoas, já estava preparada e o público tomava todas as suas dependências. O sol brilhava e dava o tom alegre e festivo à tarde. Em decorrência dos comentários em toda a mídia, sobre a corrida de Ronda, existia uma forte expectativa quanto à atuação de El Gringo. Um olhar geral sobre o público confirmava a forte presença feminina.

Com o objetivo de incentivar cada vez mais a volta do público às arenas, a programação da tarde incluía um evento diferenciado, antes do início da corrida propriamente dita, conhecido como *Suerte de Don Tancredo*, parte divertida da *fiesta*.

Os clarins anunciam o início e o conjunto musical abre o espetáculo com seus *pasodobles*. Um pedestal de madeira pintado é colocado entre o centro da arena e barreira e o primeiro candidato ao tormento entra na arena e sobe nele, assumindo a posição de uma estátua. Está vestido com um uniforme militar de cor escura e um quepe, também escuro, cobrindo a cabeça. Só estão visíveis o seu rosto e as mãos, sendo que, na mão direita, empunha uma espada de madeira. Arruma-se e fica imóvel. Esse é o jogo, pois se ele se mexer, mesmo que sejam apenas os olhos, se sua respiração for notada, o touro, que por natureza ataca tudo o que se move e que represente vida, vai espatifar a “estátua”...

O primeiro touro entra na arena, correndo e de cabeça erguida. Dá umas voltas olhando o público ameaçadoramente até que nota a “estátua”. Parte para cima dela com todo ímpeto e quando chega bem perto, percebendo algo absolutamente imóvel, estanca sobre os cascos levantando areia e poeira. Chega mais próximo, observa detidamente, cheira, dá a volta, fica por alguns instantes à espreita. O homem parado nem respira. Passados mais alguns ins-

tantes, a um toque dos clarins, alguns toureiros distraem a atenção do touro para o outro lado da arena e providenciam a retirada do animal. O homem-estátua se retira sob os aplausos da platéia.

Entra então o segundo candidato. Vestido com roupas comuns, calça e paletó e um gorro na cabeça, sobe no pedestal e se prepara, ficando numa posição de “O Pensador”, com o corpo ligeiramente arqueado. Lá vem o touro novamente. Repete-se a cena. O touro investe e estanca, repetindo a operação várias vezes. Por azar da estátua, na última investida, o touro resvala a pata direita no pedestal e o homem se move deixando cair as mãos ao longo do corpo. Foi o bastante: o touro agora investe para valer, com uma potente chifrada no pedestal, que o faz voar pelos ares. O homem cai no chão e sai correndo em direção à barreira. O touro corre atrás dele até atingi-lo pela traseira... Os toureiros já haviam percebido o perigo e trataram de salvar a pobre “estátua” que sai mancando e ligeiramente ferida. O público aplaude o candidato pela coragem e os *pasodobles* tratam de alegrar o ambiente.

Após a *suerte* da estátua, desenvolve-se a corrida de touros e El Gringo não decepciona quem foi para assistir seu desempenho na lida com os dois touros da tarde.

Brilhou novamente em seu trabalho natural, com a capa e a *muleta*, deixando transparecer em todas as fases da corrida as qualidades de um grande toureiro: o domínio que exercia constantemente sobre o touro, como a demonstrar ao animal que quem mandava ali era ele. Além disso, seu porte altivo, sua autoconfiança e sua coragem, eram qualidades que unidas a um carisma pessoal inequívoco, atraíam para si todas as atenções, coisa que só os grandes ídolos conseguem.

El Gringo sai ovacionado e carregado da arena, para receber os abraços dos amigos e admiradores e principalmente das admiradoras que já se aglomeravam na tentativa de vê-lo de perto.

O empresário Don Carlito, como prometera, esteve presente na Plaza de Málaga, a tudo acompanhando de perto, junta-

mente com Manolo e estrategicamente localizado nos corredores frontais à arena. Ao final da corrida, os dois observavam satisfeitos o resultado e em especial o alvoroço, tanto da mídia — pela ação de seus repórteres e fotógrafos — , quanto dos fãs, que se aglomeravam em torno do *matador*.

— Manolo, está difícil conseguirmos falar com o “Gringo”... — comenta Don Carlito.

— Pois não é isso mesmo que o senhor queria? — responde Manolo.

— É isso mesmo. O plano está dando certo. O homem é um ídolo nato e, na verdade, não estamos inventando ou falseando os fatos, pois ele é um *matador* de primeira classe. Estamos apenas, por necessidade, acelerando a sua carreira.

— Don Carlito, continuamos a mesma programação para as próximas corridas? Será que ainda este ano vai dar para chegarmos até Madri?

— Creio que não... Poderia até ser, mas é melhor criarmos uma grande expectativa no transcorrer de toda esta temporada. Essa expectativa irá aumentando cada vez mais, de forma a chegarmos a Las Ventas de maneira espetacular. O que pretendemos é que Las Ventas, em Madri e *La Maestranza*, em Sevilha, venham exigir a presença de El Gringo... Entendeu Manolo?

— Se entendi...

Depois de algum tempo, Don Carlito e Manolo conseguem finalmente chegar até El Gringo que os recebe com abraços e sorrisos.

— Parabéns rapaz, esteve soberbo! E seus homens também trabalharam com muita competência. Manolo está encarregado de fazer os acertos financeiros com você e os planos para as próximas corridas.

— Estou pronto. Estou ansioso para enfrentar um animal de quatro a cinco anos, um touro de verdade.

— Calma, rapaz! Vamos pensar nisso e se você continuar brilhando junto ao público e especialmente continuar lotando

as “praças”, talvez tenha sua chance em Pamplona, durante os festejos de San Fermin.



Naquele domingo, à noite, Malu chega em casa acompanhada de sua irmã Isabel e sobe rapidamente as escadas em direção aos seus aposentos.

— Eh, menina! Que pressa é essa? — questiona sua mãe Dona Carmen. — Nem cumprimenta a gente...

— Boa noite mãe, boa noite pai, boa noite Nina — cumprimenta Malu, do meio da escada. — Desculpem, mas estou louca para tomar um banho.

Na verdade, Malu não queria perder o horário do programa da televisão dedicado às corridas de touros. Liga o aparelho e começa a se despir lentamente, quando alguém bate à porta.

— Posso entrar, Maluzinha? — e Nina já vai entrando. — Vim para te ajudar com as roupas... O que está passando na televisão?

— Como você é intrometida! E eu sei muito bem que você subiu aqui para ver aquele seu príncipe encantado...

As duas sorriem com cumplicidade e ficam assistindo às notícias e é claro, concentram-se nos comentários sobre a corrida de Málaga. Estes aparecem com muitos elogios à atuação do novo *matador* — El Gringo. O noticiário mostrava inclusive, com detalhes, as reações do público ao final da corrida.

— Nina, você já reparou como Hémin parece se derreter com essas mulheres todas em volta dele? Que lealdade se pode esperar de um homem desses?

— Ora Malu, essas mulheres é que são umas assanhadas. O que você queria? Que ele fechasse a cara para elas? Como todo ídolo, tem que ser simpático e agradar a todos e a todas...

— Não sei não. Diante desse sucesso todo acho que devo ficar feliz por ele, porém muito preocupada e quase abandonada...

— Como você é pessimista! Afinal, para quem aquele “homão” vem dedicando todos os seus touros? Para quem ele manda aquele beijo gostoso, logo depois da estocada, gesto que faria derreter qualquer mulher neste mundo?

— Beijos ao ar, realmente são bonitos, porém muito distantes. Eu quero ver mesmo é um beijo de perto, gostoso, na boca, igual aqueles...

— Poxa! Até que enfim... — arremata Nina, com uma gostosa gargalhada, enquanto Malu fica ruborizada e espantada com o que disse...



Durante todas as semanas que se seguiram até a metade da temporada, Gringo e seus amigos, sempre acompanhados e coordenados por Manolo, estiveram cumprindo uma extensa programação, viajando de cidade a cidade, a bordo do *El Rayo*.

E assim, trabalharam nas corridas de touros em Toledo (*Castilla de La Mancha*); Castellón de La Plana (*Castellón*) por ocasião da Festa Religiosa de Madagleña; Alicante, cidade portuária e balneária (*segunda maior cidade da comunidade de Valencia*), por ocasião das festas populares (*Mouros e Cristãos*); Aranruez (*cidade localizada ao sul da Província de Madri, na confluência dos rios Tejo e Jarana, distante 48 km da capital*); Saragoza (*Aragão*); Bilbao (*País Basco*); Osuña e Feira de Badajoz (*Extremadura – Centro da Espanha*); Talavera de La Reina (*Castilla de La Mancha*); Ávila (*Castela e Leão*); novamente em Toledo, por ocasião dos festejos de Corpus Christi e Palma de Mallorca (*Província e Comunidade Autônoma das Ilhas Baleares*).

Em quase todas as celebrações populares na Espanha, duas

coisas aparecem quase que integradas: o flamenco e os touros. As touradas acontecem por todos os lugares, desde os vilarejos até as grandes capitais de províncias. O flamenco é a tradição folclórica do sul, em especial na Andaluzia onde despontam o *cante jondo*, o violão flamenco e as danças típicas, os tablados...

A cada arena em que atuava, o prestígio de El Gringo crescia cada vez mais, a mídia colaborava bastante para isso, pois um *matador*, um ídolo, era sempre material de primeira grandeza para o seu trabalho. O empresariado pressentia nisso tudo o revigoreamento da tauromaquia e conseqüente êxito para os seus negócios. Isso fazia com que El Gringo fosse aguardado com ansiedade na próxima cidade.

As *plazas de toros* estavam sempre lotadas e com isso já não existiam dificuldades em incluir o novo *matador* nas programações futuras. Ao contrário, já se mostrava uma requisição e disputa pela presença de El Gringo nas arenas.

Com a ajuda da imprensa, algumas lendas se iam fixando a respeito de El Gringo, sua carreira e sua *cuadrilla*: as origens de um *matador* americano-espanhol; suas feições de artista de cinema; o assédio feminino; alguns casos de romance pensados e inventados. Hulk, o *Picador*, teria sido um robusto lutador de boxe; Gato, o *Banderilleiro*, era tão rápido porque treinava caçando coelhos à unha e assim por diante. O possante e psicodélico Cadillac *El Rayo* já estava ficando famoso, reconhecido e fotografado por toda parte.

A despeito das inegáveis qualidades pessoais de El Gringo, com todos os requisitos necessários para se tornar um expoente na carreira, era evidente que o desenrolar de sua história rumo ao sucesso não tinha relação alguma com os padrões usuais, normalmente, os aspirantes a *matador* têm de dedicar muito tempo rumo a esse objetivo, e labutar durante cinco ou seis anos para conseguir um lugar ao sol.

Em suma, o *matador* seria como um jovem talento do futebol, que aos 17 anos já vai integrar a seleção nacional. Sua carreira se desenvolvia rapidamente, muito rapidamente...



A última vez que Malu teve notícias de Hémin pela televisão, foi após a corrida em Palma de Mallorca, quando se mostrava a *plaza* totalmente lotada, o desempenho do *matador* e o final triunfante. Essa mostra parcial do epílogo, sempre aborrecia Malu — o assédio feminino e a sorridente satisfação de Hémin.

Ele e Malu não se comunicavam por telefone, como haviam previamente estabelecido, porém Malu já tinha uma pasta repleta de reportagens a respeito das corridas de El Gringo. Organizava essa documentação e a guardava carinhosamente.

Por outro lado, o *matador* sempre recebia notícias de Malu através de recados transmitidos por sua irmãzinha Bia, que conseguia tais informações, não se sabe onde, nem como...



Era a manhã seguinte à corrida de Palma de Mallorca. Hémin está sozinho em seu quarto, traja apenas um short branco, que deixa transparecer todo seu corpo tostado pelo sol e contrasta com o loiro dos seus cabelos. Alguém bate à porta.

— Pode entrar — disse Hémin, abrindo a porta e voltando-se em direção à cama, pensando tratar-se de seus amigos, os quais sempre vinham acordá-lo.

— Era a mim que esperava *matador*? — disse uma voz feminina, já entrando nos aposentos.

Gringo, surpreso, se vê diante de uma loira vestida de forma a mostrar um corpo sensual e os seios volumosos quase totalmente descobertos...

— Quem é você? — pergunta o *matador*.

— Sou Emanuele, não me reconhece?

— Não. O que veio fazer?

— Ontem à noite não tivemos chance de conversar, pois estava toda aquela gente enchendo o saco e por isso, vim agora.

— Sim, mas ainda não entendi, o que você veio fazer, pois não convidei ninguém.

— Ora, o que eu quero é você *matador*. Os touros podem não escapar da sua estocada, mas você não escapa de mim...

— Isso só pode ser uma brincadeira sua. Sou um homem comprometido e o nome da minha mulher é Maria.

— Não interessa, agora estamos aqui só nós dois!

Em ato contínuo, a mulher fecha a porta do quarto e vem caminhando na direção do jovem. Ao mesmo tempo, vai retirando lentamente as roupas, ficando cada vez mais despida.

— Ainda não estou acreditando...

— *Matador*, eu vi você enfiar a espada naqueles touros e agora você vai ter de usar sua espada em mim... E não adianta querer fugir!

Nesse ponto, praticamente já nua, a mulher se atira sobre o corpo do *matador*, enlaçando-o pelo pescoço, beijando-o loucamente.

— Maldita! Maldita! — grita em desespero Malu e continua gritando até acordar com um solavanco, sentindo-se transpirar pelo corpo todo. — Oh meu Deus! Que pesadelo! Ai, que alívio. É mais um pesadelo que esse homem me provoca, esse mulherengo. Mesmo sendo apenas um sonho, você me paga, você me paga!

Depois Malu dá um suspiro e volta a dormir tranquilamente...





## *Pamplona: Festa de San Fermin*

**N**o final de junho, a partir de Madri, Don Carlito liga para Manolo.

— Manolo, tudo bem por aí? Estou ligando para dar uma boa notícia. Conseguimos incluir El Gringo nas corridas do próximo mês, em Pamplona, durante os festejos de San Fermin. São cinco corridas durante toda uma semana e El Gringo deverá atuar na última e mais importante, que é no domingo, dia 12.

— Que ótimo, chefe, pensei que não iria conseguir.

— Até que não foi difícil, pois o pessoal de Pamplona estava mais interessado do que nós na participação de El Gringo nessa festa.

— Vou avisar o Gringo e hoje mesmo sairemos de Mallorca, diretamente para Saragoza, onde está o nosso carro e de lá seguiremos por rodovia até Pamplona.

— Tudo bem, podem seguir viagem, pois dentro de dois dias todos os preparativos em Pamplona já estarão concluídos para recebê-los. Vocês serão avisados dos detalhes durante a viagem. El Gringo irá enfrentar dois grandes touros da *ganaderia* Bufallos, de Sevilha e a expectativa é a melhor possível. Até mais.

— Até logo, Don Carlito. Obrigado. Garanto que vai dar tudo certo.

Os festejos de San Fermin, na cidade de Pamplona, são talvez os mais conhecidos internacionalmente, em especial pelo episódio sempre mostrado pelas redes de televisão, em que os touros soltos na rua correm atrás e sobre uma pequena multidão de aventureiros, como um bloco de homens e touros se dirigindo, atropeladamente, para a Plaza de Toros.

Pamplona é uma cidade de mais de 200 mil habitantes, localizada na Província de Navarra e sua famosa festa dura por uma semana, dia e noite sem parar, combinando cerimônias religiosas e festanças de comes e bebes. O episódio já acima referido, *encierro*, culmina com as corridas de touros que são realizadas por cinco dias seguidos.

Para o espetáculo dos touros e dos toureiros amadores e aventureiros alavancados pelas noitadas de vinhos e cantorias sem fim, a cidade é preparada com grades ou tapumes, protegendo os bares e outros estabelecimentos localizados naquela rua que dá acesso à praça e parece um grande corredor onde passará essa *corrida* pitoresca e cheia de perigos.

Na casa dos Cortez, em Madri, o telefone toca e Nina atende.

— Maluzinha, é para você.

— Quem é? — pergunta Malu.

— Não sei, é voz de homem e a ligação está ruim, parece ser de longe.

Nina era bastante esperta para saber quem era, mas apenas ficou observando, enquanto Malu atende ao telefonema...

— Pronto! Quem é?

— Oi Malu, é Hémin. Como está você?

— Hémin? Não acredito! De onde você está falando e como se lembrou do meu número de telefone?

— Eu te acharia em qualquer lugar do mundo, ainda mais com a ajuda de uma detetive particular que tenho em casa e você sabe quem é. Estou falando de Pamplona, aonde cheguei na noite de ontem, para as corridas de touros no próximo domingo.

— É, eu tenho acompanhado todas as suas façanhas... E

agora nessa festa, que eu sempre tive vontade de conhecer, mas não tive oportunidade... Mas você deve estar bastante feliz, com mulheres de todos os lados...

— Eu nada posso fazer a respeito, o problema é delas. Para mim só existe uma mulher que se chama Maria de La Luz Cortez... Você já contou quantos touros eu dediquei a você e quantos beijos eu lhe mandei?

— Ah é? Não sabia que eram para mim, pensei que fossem para as mulheres do mundo todo...

— Você sabe muito bem. Eu sei que sabe. Não perca a contagem, para que você saiba quantos beijos me deve e terá que me dar pessoalmente. E vai ser em dobro quando eu te agarrar...

— E quando é que você vem para Madri para fazer essa cobrança?

— Agora não posso, você sabe. Estou viajando e lutando de cidade em cidade em benefício da minha carreira, pois quero me apresentar diante de você como um vencedor. Eu vou vencer e vou te buscar!



— Você vem no seu famoso *El Rayo*?

— Talvez, mas já poderia ir com um Cadillac zero quilômetro... E, aliás, por que você não vem até Pamplona? Ainda há tempo para ver a festa.

— Vou falar com meus pais e se der certo, chego aí sábado à noite. Mas como vou encontrá-lo no domingo de manhã, no meio dessa multidão?

— Descendo a rua da *corrida* em direção à *plaza* e mais ou menos no meio dessa rua, do lado esquerdo, há um grande estabelecimento chamado Taverna Del Belmonte, com mesas e cadeiras na parte frontal às escadas. É aí que estarei e de onde sairei para lidar na praça de touros. Se você vier e espero que venha, nos encontraremos aí. Terá de chegar bem cedo para encontrar lugar, pois os preparativos da festa começam de madrugada.

— Não prometo, mas vou fazer o possível para ir.

— Te espero, beijos — finaliza Hémin, despedindo-se.

— Para você também, tchau — quando Malu encerra a ligação, volta-se e depara-se bem à sua frente com Nina, que acompanhava toda a conversa com uma enorme curiosidade.

— Malu, pode ir me contando tudo, tudinho, sem escapar nada. O que você combinou com o príncipe?

— Bem, sua velha xereta, te contarei tudo se você conseguir que a gente viaje para Pamplona e rápido...



Naquele domingo, logo às 6 horas da manhã, o sol já iluminava toda a região e uma multidão foi se formando e se aprontando, com grande ansiedade, pois em breve começaria o tradicional *encierro*. Em meio a essa agitação crescente, Hémin e seus amigos Hulk, Gato e Pequeno, estavam sentados numa mesa na Taberna Belmonte, de frente para a rua-corredor, por onde passariam os

touros. Foguetes estouravam no ar, anunciando que a festa seria iniciada.

Hémin olhava atentamente em todas as direções, na expectativa de que Malu aparecesse. O tempo passava e nada. Hémin embora não fumante, se viu fumando um cigarro de Manolo, tão grande era o seu nervosismo.

Um grupo de pessoas, aparentemente jovens, trajando a cor branca e lenços vermelhos no pescoço, descia a rua aguardando a chegada dos touros. Cada vez mais apreensivo, Hémin já estava desistindo e preparava-se para deixar a Taverna, quando vê Malu, sua irmã Isabel e Nina, subindo a rua na contra mão da *corrida*, esgueirando-se pelos lados da calçada, perdidas no meio daquela multidão e tentando localizar Hémin e sua turma.

Mais um grupo estava passando e logo atrás já se podiam ver as cabeças escuras e os chifres pontiagudos dos primeiros touros. Hémin se apavora e grita para seus amigos.

— Vamos! Ajudem-me! Temos de tirar aquelas três mulheres, à esquerda, estão vendo?

Imediatamente os quatro homens correm em direção às mulheres, abrindo caminho pela multidão e pelas calçadas, empurrando e derrubando tudo o que encontravam pela frente.

— Malu, Malu! — grita Hémin.

Malu ouve os gritos e percebe a presença de Hémin, que continua gritando.

— Malu! Fiquem paradas aí e procurem ficar bem juntas à calçada. Já estamos indo!

Os primeiros touros já estavam bem perto e inteiramente visíveis. Hémin e seus amigos descem a rua rapidamente, derrubam uma grade nas proximidades e chegam até elas, que nesse momento já percebiam o perigo iminente e se sentiam paralisadas.

Hémin suspende Malu e carrega-a em seus braços e volta para o vão que tinham aberto no tapume. Enquanto isso, Hulk e Gato também conduzem rapidamente Isabel e Nina. Mal tinham passado pela abertura quando os chifres já resvalavam às suas costas.





Já a salvo, sobem em direção à mesa que estavam ocupando na Taberna.

— Acho que vou aproveitar que você está nos meus braços, dominada pelo susto e vou raptá-la de uma vez — diz Hémin, brincando.

— Pode colocar-me no chão, seu engraçadinho — responde Malu dando um tapinha afetuoso nas costas do jovem.

Afinal, todos se sentam e se cumprimentam.

— Puta susto, *matador!* — diz Nina.

— Nossa! Confesso que fiquei paralisada quando vi aquelas cabeças negras tão perto de nós — diz Isabel. — só temos é que agradecer aos nossos heróis. Não sei como é que vocês têm coragem de enfrentar esses bichos. Ou melhor, agora sei o que é ter medo...

Passado o susto, já podiam apreciar um pouco da festa e ver passar os últimos touros, que sempre iam deixando alguns mancando e outros caídos pelo caminho.

— Hémin, esses caras são uns loucos! — diz Malu.

— Um pouco de loucura, um pouco de aventura, um pouco de coragem e tudo misturado com muito vinho... E muita música...

O ambiente estava alegre e todos se divertiam com os grupos musicais, geralmente desafinados, mas muito comunicativos. Um desses grupos chega à mesa de Hémin e com isso todos participam da cantoria. De mesa em mesa vão passando os odres de couro-cru repletos de vinho. Hémin pede um desses odres e se dirige ao seu pessoal.

— Malu, Isabel, Nina, Hulk, Gato, Pequeno, vocês todos estão entre as coisas mais preciosas da minha vida. Vamos brindar!

— Hémin bebe um gole de vinho e passa o odre de mão em mão para que todos bebam. Malu é a mais resistente, mas Hémin a ajuda com o odre até que ela beba um gole, derrubando algumas gotas de vinho em sua blusa.

A mesa de Hémin estava ficando rodeada de gente, pois al-

guns já o tinham reconhecido como o *matador* El Gringo. Moços e moças se aproximam querendo conversar e tirar fotos, sendo que as moças são vigiadas de perto pelo olhar de Malu, que de propósito e pela primeira vez na vida, fica bem junto e abraçada ao corpo do namorado.

Nina, Isabel e os amigos de Hémin circulam pelas mesas ao lado confraternizando-se. Nina, que já havia bebido um gole de pelo menos 20 odres, já sapateava e dançava o flamenco de seus tempos de moça. Mostrava a “velha forma” daquela época, todos aplaudiam, cantavam, estavam felizes!

Enquanto o pessoal se distraía, Hémin diz a Malu:

— Malu, venha aqui para dentro do bar, vamos tirar essa mancha de vinho da sua blusa.

Hémin leva-a para dentro da taverna, chegando a um corredor, umedece uma toalha pendurada no lavatório e começa a passá-la sobre a blusa lentamente, sentindo o pulsar do coração de Malu e as curvas dos seus seios. Malu fica sem ação e reage com natural emoção àquele toque.

Hémin então deixa a toalha e a abraça fortemente, dizendo:

— Já está na hora de começar a pagar os beijos que me deve, querida.

Malu ia dizer alguma coisa, mas não deu tempo... Beijaram-se então com ardor e repetidas vezes, até que a entrada de um estranho no local interrompeu o idílio. Voltam então abraçados para a mesa, onde a alegria continua total.

Nesse instante, chega Manolo, apressado, dizendo:

— Gringo, temos de ir depressa, vocês estão atrasados, pois os touros já estão nos currais da arena e o *paseo* (entrada formal dos *matadores* e suas *cuadrillas* nas arenas, antes do início das corridas) vai começar dentro em breve.

— Malu, vocês vão assistir às corridas? — pergunta Hémin.

— Não, mais do que nunca, agora tenho medo de assistir a essa *fiesta* e só viemos com o compromisso de voltarmos hoje mesmo para Madri.

— Nina, Isabel, muito obrigado por terem vindo com Malu. Espero que tenha valido a pena e me desculpem por não ficar mais tempo com vocês. Continuem aproveitando a festa.

Malu aproxima-se de Hémin e lhe diz:

— Não se preocupe, nós entendemos, mas também já estamos indo embora. A festa era você e valeu à pena! Nos divertimos muito. Espero que a televisão não venha a mostrar justamente a nossa mesa... E muito menos aquele corredor...

As despedidas acontecem, abraços e beijos e cada grupo toma seu rumo.

Depois de todas as festanças e correrias, o que se aguardava era o coroamento da festa com a corrida de touros programada.

A Praça de Touros de Pamplona está totalmente lotada, o que sempre acontece por ocasião desses festejos. Era mais uma oportunidade para Hémin crescer em sua carreira, pois o evento de Pamplona tinha uma grande visibilidade em toda a mídia. Os holofotes estavam todos voltados para o desempenho de El Gringo, pois muitos entendidos queriam saber e ver se o novo *matador* seria de fato um futuro *diestro* ou se tratava apenas de um mito fabricado pela imprensa, baseado na sua estampa de artista cinematográfico. Era justamente essa dúvida apontada por um comentarista especializado antes da realização da corrida.

Por sua vez, o público, nem sempre entendido, quer ver o espetáculo. Para se analisar bem as qualidades de um *matador* é preciso ver várias corridas dele, com muitos touros, comparar seu desempenho com o de outros *matadores*. É de se considerar que ninguém consegue enganar o público impunemente, pois este, a despeito de algum desconhecimento, consegue sempre discernir entre o que é bom e ruim, o verdadeiro e o falso, o belo e o grotesco. É o público que vai selecionar e eleger os verdadeiros *matadores*, os *diestros*, os ídolos, os grandes!



Do interior dos corredores, onde a equipe já está pronta para a luta, Manolo se dirige ao *matador*:

— Aí está, Gringo. Você queria enfrentar um touro de verdade, eis o seu touro! — diz, enquanto aponta para o enorme animal preto e lúcido, que entrava na arena fazendo soar como tambores as batidas dos seus cascos na areia.

— Deixe comigo! É desses que eu gosto!

— A corrida até agora está boa, mas o público ainda não explodiu diante das outras apresentações. A melhor de todas foi a do jovem “El Tigre”, que será o seu grande rival.

— Gosto de rivais — vai comentando El Gringo, enquanto observa o touro. — Que belo animal! Já vou enfrentá-lo!

El Gringo, mais uma vez volta a brilhar, juntamente com toda sua equipe. Durante sua luta com esse touro, dois aspectos chamaram a atenção do público e da crítica especializada: primeiro, a colocação de um par de *banderillas* com um simples passe lateral, o que fez a platéia arrepiar-se e passar do silêncio a uma estridente ovação; segundo, o seu trabalho final com a *muleta* no centro da arena, quando fez o enorme animal praticamente dançar ao seu redor tantas vezes, que ao final, o touro exausto, parecia pedir a estocada mortal... O público exigiu, aplaudiu e El Gringo ganhou mais uma orelha.



Terminada a *corrida* o mesmo comentarista inicial, em meio aos flashes do espetáculo, dá o seu veredicto:

“... pelo que vi nesta tarde, não tenho dúvidas de que estamos diante de um caso raro e o novato El Gringo tem tudo para ser um grande *matador*. Diz-se que o bom toureiro deve reunir três qualidades: técnica, valor e arte. A maioria dos *matadores* tem uma ou duas dessas qualidades e somente os expoentes reúnem as

três. El Gringo demonstrou ter uma grande técnica com a capa e a *muleta*; valor — pela decisão e domínio do touro; arte, por fazer tudo isso com leveza, com beleza... Ou seja, faz seu trabalho com a graciosidade que o público adora e que faz nascer o grande ídolo. Por outro lado e o que se poderia incluir dentro da técnica, é que El Gringo demonstra ter um grande conhecimento do touro e suas reações, defeitos e virtudes, condição indispensável para que o *matador* domine e dirija o animal conforme queira ou precise para o bem do espetáculo e para saber avaliar o risco mortal. É sempre bom lembrar os velhos axiomas da tauromaquia:

- quando se abre o toril e o touro entra na arena, ou você o domina ou será dominado por ele; ou você o mata ou ele mata você.

— El Gringo demonstrou que domina e mata o touro... Aleluia!”

Com todos esses elogios divulgados pela mídia e com a constante e inequívoca empatia para com o público, El Gringo firmava-se cada vez mais como o ídolo pretendido e já recebia os benefícios financeiros desse prestígio.



## *El Gringo nas arenas de toda Espanha*

**A**pós os eventos de San Fermin, em Pamplona e durante os Amesos que se seguiram até o término da temporada anual, El Gringo e seu grupo, sempre monitorados por Manolo, deram seqüência à sua intensa programação por toda a Espanha.

Com respaldo no crescente prestígio e popularidade, El Gringo era facilmente incluído nos melhores eventos, tanto em novilhadas quanto em corridas com touros, sendo que essas últimas eram as preferidas pelo *matador*.

E foi assim, sempre a bordo do *El Rayo*, que percorreram e atuaram nas praças de San Sebastian (País Basco — durante a grande festa que envolve os dois lados da fronteira — Espanha/França); Liñares, na Andaluzia; Santander, nas Astúrias e Cantabria; La Coruña, na Galícia; — Feiras de Gijon e Amendalejo; Jaén em Andaluzia; Valladolid e Salamanca, em Castela e Leão, nas famosas festas de setembro; Saragoza, Aragão; Valência que é uma comunidade valenciana; Alcalá de Henares, uma comunidade autônoma de Madri e Barcelona, na Catalunha, na Praça de Las Arenas.

Hémin encerra a programação com uma última novilhada em Aranjuez, Madri e nas corridas comemorativas da Festa da Pilar, em Saragoza.

A temporada taurina na Espanha normalmente encerra-se na segunda quinzena de outubro, salvo algumas exceções, quando o clima permite. Por outro lado, nessa mesma época, começam as corridas no México e na América do Sul (Colômbia, Peru, Venezuela, Bolívia).

Já transcorria o mês de novembro, quando Hémin retorna pela primeira vez a Madri.

Chegando em sua casa, ele e seus amigos são recebidos festivamente, pois Dona Valéria e Bia tinham preparado um grande banquete para esperá-los.

— Eh, Pablito! Estava te aguardando desde ontem à noite e nem dormi direito — diz Bia, sua irmãzinha, correndo e abraçando-o alegremente.

— Olá menina! — responde Hémin. — Trouxe uma porção de presentes para vocês.

— Legal, onde estão, quero ver.

— Calma menina, deixe-me entrar em casa. Não vai cumprimentar meus amigos?

Entrando na casa são recebidos por Dona Valéria, mãe do *matador*, que abraça e beija a todos, mal disfarçando as lágrimas provocadas pela emoção.

— Ai filho! Que bom que vocês voltaram. Estou com os joelhos calejados de tanto rezar por vocês! Espero que agora só voltem com essa história de corridas no ano que vem, para me darem um pouco de sossego, seus malucos!

— Fique tranquila mãe, estamos todos bem e vamos continuar assim graças às suas orações. Mas ainda não sei se suas preocupações vão ficar só para o próximo ano, depois conversamos...

Dona Valéria tinha aprontado uma grande mesa de café, com bolos e quitutes e todos se serviam, conversando, rindo e contando as peripécias da temporada.

— Pablito — diz Bia —, olhe como está o seu carro, todo empoeirado, já era tão esquisito e mal acabado, agora mesmo é que parece uma lata velha!

— É minha querida, mas ele continua com o coração forte, somente essa máquina teria aguentado todas as nossas viagens, sem reclamar... Não é pessoal?

— É mesmo — diz Pequeno. — Esse carro é foda! Desculpe... É fogo!

A pequena Bia sai por uns instantes e retorna à mesa da reunião, portando uma grande pasta na mão e dirige-se ao grupo.

— Pablito, Sr. Manolo, meninos, vejam o que eu fiz enquanto vocês se divertiam com suas aventuras.

A menina abre a pasta e vai lhes mostrando vários recortes de jornais, revistas e fotos divulgados sobre cada uma das corridas das quais o grupo participou. Um verdadeiro documentário sobre a temporada de El Gringo e sua *cuadrilla* e que é objeto de comentários e lembranças do pessoal.

— Poxa! Não sabia que tinha tanto material a nosso respeito... — diz Hulk.

— Estamos ficando famosos... — diz Gato.

— Já somos os maiores do mundo — diz Pequeno.

— Um brinde ao nosso sucesso! — diz Manolo, ao mesmo tempo em que enche os copos de vinho.

Todos brindam e logo em seguida se despedem. Manolo se dirige a Hémin e, longe de Dona Valéria, diz para o *matador*:

— Sabe aquela história que lhe falei sobre o México? Dentro de alguns dias ligarei para você com novidades, mas não comente nada por enquanto.

Ficando a sós com sua mãe e sua irmã, Hémin abre uma maleta e começa a distribuir para ambas as lembranças de todas as regiões por onde tinha passado. Como presente pessoal, entrega a Dona Valéria um magnífico xale andaluz e para a irmã um conjunto de pulseiras, colar e brincos em madrepérola.

Nesse momento, chegam em casa, o tio Rafa e Marialva — a irmã de Hémin casada — os quais também recebem presentes. A família toda se congratula alegremente.

— Hémin, não acredito que esse carro ainda está de pé e é

incrível como essa geringonça ficou famosa, esse tal de *El Rayo* como dizem os jornais. Depois leve a coisa para a oficina, pois deve estar precisando de uma revisão.

— E aí mano? — diz Marialva. — Do jeito que vocês andaram por aí esse ano todo, já deve estar rico!

— Ainda não! Logo estarei. Mas não é só com as corridas de touros, vocês vão ter novidades...

Nesse ambiente familiar, Hémin se via envolvido por sentimentos dos quais nem mais se lembrava: paz e tranquilidade. Sentia-se seguro e no caminho da realização pessoal. Só faltava uma coisa.

— Biazinha, venha cá. Amanhã quero fazer uma surpresa para uma pessoa e preciso da sua ajuda...

— Já sei quem é e o motivo — responde a irmã. — Quer saber o lugar e os horários, né? Deixe comigo!

Altas horas da noite, naquele mesmo dia, Hémin recebe um telefonema de Manolo:

— Gringo, Don Carlito me ligou hoje. Apronte suas malas e avise seus amigos. México está confirmado e as propostas financeiras são irrecusáveis, pois ao que tudo indica, o seu nome já ba-



teu forte por aquelas bandas. Em novembro e dezembro, teremos uma programação assegurada para as arenas mexicanas.

— Mas Manolo! Mal acabamos de chegar e estamos todos precisando de um descanso...

— Também não vai ser amanhã. Sairemos em aproximadamente cinco dias — diz Manolo sorrindo.

— Não acredito... Só se for para ganhar muito dinheiro.

— Fique frio, você nunca viu tanto, explico a você depois.

— Droga, não pode deixar isso para janeiro ou fevereiro?

— Não! Essa chance não se pode perder, meu rapaz e afinal, depois da Espanha, o México é o grande país das corridas de touros e das lindas morenas de olhos verdes, das belas cantorias, tequilas...

— Para mim, está me interessando mesmo é a “grana”... E como iremos?

— Pode deixar o seu *El Rayo* se recuperando na oficina do seu tio Rafa, pois daqui para frente só de avião.

— Porra! Nenhum de nós viajou nesses bichos voadores...

— Sempre tem uma primeira vez...

— Manolo, e aquela tal publicidade, nada ainda? Afinal, aqueles caras me encheram o saco com tantas poses e fotos e até agora não vi nada.

— Rapaz, é tanta coisa ao mesmo tempo e, aliás, em tão pouco tempo, que estava me esquecendo. Don Carlito está ultimando o contrato e você vai ter outra grande surpresa... É bom que em vez de me perguntar, você peça à sua irmãzinha esperta para acompanhar suas contas bancárias!

— Ok, Manolo, Ok. Vamos nos apressar! Tchau e obrigado por tudo.

— Tchau, até logo.



Hémin não gostava de telefonar para a casa de Malu, pois se a ligação fosse atendida por outra pessoa e não por Malu ou Nina sentia-se aturdido e desligava. Não se sentia à vontade e por outro lado queria evitar qualquer constrangimento para a moça. Sua expectativa é de que chegaria o momento em que estaria apto a falar abertamente com os pais de Malu. Por enquanto, ainda se sentia inferiorizado e não suportaria essa rejeição, em se tratando de Malu. Afinal, o princípio do desentendimento, provocado por palavras de Malu na conversa que tiveram por ocasião da *tienta*, deixou marcas no espírito de Hémin. A rejeição vinda de qualquer mulher do mundo não teria importância nenhuma para ele, porém, só em pensar que isso pudesse ocorrer em relação à Malu, um frio lhe perpassava pela espinha, um medo inexplicável, a caracterizar um sentimento profundo.

Na manhã seguinte, Bia chega junto ao seu irmão com um pedaço de papel escrito.

— Pablito, eis o que você me pediu... E olhe que só não falei com a moça e marquei o encontro porque você disse que seria uma surpresa...

— Obrigado, maninha! Ah, mais uma coisa: está vendo esses números de uma conta corrente no banco Alemar? A partir de hoje, você está encarregada de acompanhar essa conta e me dar notícias, pois detesto mexer com papéis e números e nem tenho tempo para isso. Você está contratada como minha gerente de finanças.

— Sei e eu vou também preparar o contrato de trabalho, estabelecendo o pagamento mensal dos meus serviços!

Enquanto Hémin vai tomar um café na cozinha, Bia reúne toda correspondência bancária, faz pesquisas e cálculos no computador, usa também a calculadora e dentro de alguns instantes, grita para o irmão:

— Pablito, Pablito, mãe! Meu Deus, ai, ai, estou quase desmaiando... Pablito, você está ganhando muita “grana”... Quero uma comissão para administrar esse negócio — finaliza sorrindo.

— Nada mal! — diz Hémin, olhando os números — Venha ver, Dona Valéria. Nada mal para começar!

— Pra começar? Tá louco, com isso aí é para terminar com qualquer um. Pablito, acho que você poderia até comprar um carro novo para substituir a “lata velha”.

— Pode até ser, mas seria um carro reserva para algumas viagens, pois o titular vai ser sempre o *El Rayo*, inclusive porque até agora nos deu muita sorte.

— E você ainda vai ganhar mais dinheiro?

— Isso não é nada. De acordo com que Manolo me disse, vem “chumbo grosso” por aí. Aguardem!

— Quero um vestido novo, uma matrícula na escola de dança para as aulas de flamenco e um novo computador, de preferência um notebook...

— Tudo bem, menina, pode providenciar. O notebook você ganhará no Natal.

— Filho, fico feliz por você, mas nenhum dinheiro do mundo paga a tranquilidade — fala Dona Valéria — E que história é essa que ouvi o senhor Manolo falar de viagem na conversa de ontem à noite?

— É verdade, mãe! Estava aguardando um momento certo de falar com a senhora, pois sei o quanto isso a aborrece. Dentro de três dias voaremos para o México, para algumas corridas naquele país. Mas pelo amor de Deus, mãe, não fique tão preocupada. Na verdade, meu receio não são os touros e sim a sua preocupação. Reze apenas e tenha fé que tudo dará certo. Lembre-se que, salvo algumas raras e infelizes exceções, todos os *matadores* saíram vivos ao final da carreira. Eu não quero e nem vou ser essa raridade!

— É só isso mesmo o que posso fazer: rezar, rezar e rezar, já que não adianta falar mais nada. Só espero que essa moça da qual ouço vocês falarem, consiga retirar você das arenas para terem uma vida em paz, uma vida normal, filhos...

— Assim será, mãe. E olhe, Dona Valéria, dê uma reforma geral em nossa casa, mobílias novas, etc., para que quando eu

voltar esteja tudo em condições de receber sua futura nora... — finaliza Hémin com um grande sorriso.

Os três se abraçam emocionados e Bia ainda acrescenta:

— Quando vou conhecer a Malu, mano? Se você não me apresentar a moça, eu me apresento...

— Tratando-se de você, não duvido.

Nesse instante chegam visitas; dois senhores e uma moça, todos muito bem trajados, acompanhados por Manolo, o qual, após os cumprimentos dirige-se a Hémin:

— Gringo, estes são os representantes da empresa MS Marketing, de Madri, que vieram trazer o contrato de publicidade para sua assinatura. Podemos conversar?

— Claro! Sentem-se, por favor!

Dona Valéria e Bia se retiram da sala, quando Hémin faz um sinal para que a menina permaneça no local.

— Bia, espere aqui um pouco.

— Manolo, já leu todo o contrato?

— Sim Gringo, mas você deve ler antes de assinar e os amigos aqui poderão esclarecer qualquer dúvida.

Hémin olha rapidamente o contrato, fixando-se apenas nos valores e depois o passa para Bia.

— Querida, peça a Dona Valéria para preparar um café e enquanto isso leia esse contrato inteirinho e depois me diga se houver qualquer dúvida.

— Pablito, você é muito folgado, esse trabalho chato sobra sempre pra mim...

— Ora, menina, você não quer ganhar uma taxa de administração? O meu negócio é enfrentar os touros e dessa papelada eu quero distância.

Os visitantes mostram a Hémin as fotos a serem divulgadas e demais detalhes sobre a abrangência da propaganda contratada.

— Senhor Hémin, se me permite El Gringo, dependendo dos resultados disso, teremos uma grande programação pela frente. Estamos certos de que o anúncio vai “estourar” na mídia.

— Vamos torcer. É bem mais fácil esse trabalho do que matar os touros...

Hémin chama Bia para um canto da sala e pergunta-lhe baixinho:

— Já leu maninha? O que achou?

— Se você não assinar, eu te mato! — exclama Bia, ainda mais baixo.

Depois de conversar com a irmã, Hémin volta à sala, assina o contrato e as visitas se despedem.

Na saída, Manolo lembra a Hémin:

— Está tudo pronto para o México?

— Quase tudo, quase tudo. Fique tranquilo e amanhã combinaremos.

Ao final da tarde desse mesmo dia e com base nas informações da irmã, Hémin estaciona seu carro bem em frente ao portão da Faculdade de Arquitetura e fica esperando. Vestido esportivamente com calça e camisa jeans e com óculos escuros, Hémin sai do carro e fica encostado na lataria, aguardando a saída de Malu. Alguns estudantes e transeuntes aproximam-se para observar de perto aquele veículo diferente e conversam com Hémin sobre as características da máquina — motor, mecânica, suspensão e outros detalhes. Um dos curiosos reconhece o *matador* e lhe pergunta diretamente:

— Eh, moço! Você não é o El Gringo das corridas de touros?

Hémin responde afirmativamente e diante disso já vai se formando uma aglomeração ao seu redor. Algumas moças já pediam autógrafos. Hémin a todos atendia, simpático e sorridente.

Malu sai pelo portão, nota aquela aglomeração e logo reconhece *El Rayo*. Ela está sozinha. Aproxima-se e vai abrindo caminho por entre as pessoas até chegar junto a Hémin e diz:

— Eh, *matador*, pode me dar um autógrafo?

— Claro minha querida! Para você darei o autógrafo de toda minha vida...

Hémin pega o caderno das mãos de Malu e põe sua assina-

tura, escrevendo bem devagar, para que todos percebessem: “Para a paixão de nossa vida, Hémin e o *matador* El Gringo”.

Em seguida, beija-a afetuosamente na boca, para a surpresa de todos os presentes, abre a porta do carro convidando-a a entrar. Pede licença, agradece às pessoas e em seguida saem do local.

— Hémin, há quanto tempo! Quando você chegou? E o que está fazendo aqui? — pergunta Malu.

— Cheguei ontem e estou aqui para matar as saudades. Você também não sentiu a minha falta?

— Confesso que sim. Tenho acompanhado todas as notícias de suas aventuras, por toda a Espanha. Está ficando famoso, *matador*! E com todas essas moças em sua volta, pensei sinceramente que você já havia me esquecido...

— Ora Malu, como poderia esquecer a minha própria vida?

— Nossa! Essa declaração foi emocionante!

— Não sei se é emocionante, mas é verdadeira.

— Hémin, não estamos no caminho de casa! Para onde você está indo?

— Antes de deixá-la em casa, vamos até a Plaza Mayor, para atualizar nossas conversas.

Chegando a Plaza Mayor, o casal senta-se numa mesa de uma das tabernas locais, pede vinho e fica conversando, de mãos dadas.

— Malu, eu trouxe você para cá, porque foi aqui que nos conhecemos e brigamos pela primeira vez, lembra-se?

— Claro que me lembro, sempre que aparece alguma referência a esta praça, lembro-me imediatamente do nosso encontro... Ou desencontro... Já estamos quase no primeiro aniversário... Dos beijos e das bofetadas!

— E justamente para comemorar tudo isso, eis um pequeno presente para você...

Hémin entrega a Malu um lindo anel de ouro, vincado em todo o círculo com pequenos brilhantes, formando quase um duplo anel e coloca-o na mão direita da moça.

— Hémin, que coisa mais linda! Adorei e não vou tirá-lo do dedo. Agora fiquei sem graça, pois não tenho nenhum presente para você.

— Tem sim! — e no mesmo instante Hémin traz a cabeça da moça carinhosamente para si e a surpreende com um beijo demorado, ao qual Malu não consegue resistir.

— Hémin, seu atrevido de sempre! Quanto tempo você vai ficar aqui em Madri? A minha formatura é no próximo mês e espero que você esteja presente.

— Infelizmente, vou estar fora da Espanha nessa época. Mas, farei todo o possível para comparecer à sua festa.

— Mas para onde você vai? E quando viaja?

— Vamos pegar um avião para o México depois de amanhã.

— Não acredito! Você acabou de chegar e já está saindo? É por isso que eu tenho medo de qualquer envolvimento com corridas de touros. É um medo, uma espera e uma angustia sem fim.

— Malu, é por pouco tempo. Você sabe que essa é a única chance que tenho para arrumar a minha vida e até agora estou me saindo muito bem. Eu te prometo que logo estarei em condições de me apresentar aos seus pais.

— Oh meu Deus! Não acredito que eu esteja vivendo essa situação que sempre procurei evitar na minha vida... E pensar que sempre participei de movimentos para acabar com as corridas de touros. Você pode imaginar o que se passa na minha cabeça?

— Querida, já conversamos e nos entendemos sobre isso. Não tenho escolha! Diga que você estará comigo nessa luta.

— Hémin, você não precisa ser um milionário para ficar comigo. Mas quem vai tirar isso da sua cabeça? Então vamos seguir em frente e deixar nas mãos do destino.

— É assim que se fala! Vai dar tudo certo, você vai ver.

— Meu querido, eu sou uma pessoa meio difícil e atrelada a alguns princípios. Só espero que você me respeite e aos meus sentimentos. Não me decepcione, por favor.

— Pode contar com tudo isso e o céu também...

— Oh, meu Deus! — finaliza Malu.

O casal sai da praça e dirige-se à casa dos Cortez. Entre abraços e beijos Hémin e Malu se despedem.



## México: “Diestro” ou “Impostor”?

Conforme previsto, na segunda quinzena de novembro, Manoel, Gringo e sua equipe embarcaram para o México, onde vão atuar na temporada de corridas que nesse país está se iniciando.

A Plaza México, El Toreo, na capital, é a maior praça de touros do mundo, com capacidade para 48 mil pessoas. (“Las Ventas”, em Madri, tem capacidade para 23.000).

Muitos *matadores* espanhóis, terminada a temporada em seu país, passam a trabalhar nas arenas de outros países, especialmente do México, onde estão as mais importantes.

E nas arenas mexicanas se tornam vitoriosos e famosos. Dentre eles, destaque especial para o grande Manoel Rodrigues — “Manolete”, que na *Plaza Méjico*, apresentou desempenhos extraordinários e verdadeiramente históricos, tornando-se herói e ídolo para os aficionados mexicanos. É de se acrescentar, também, que alguns *matadores* mexicanos lutaram na monumental de Las Ventas, em Madri, conseguindo êxito e reconhecimento na catedral da tauromaquia, motivo de orgulho para qualquer *matador* não espanhol.

Tratava-se de aproveitar em tempo integral todas as temporadas, mirando dois objetivos comuns: dos empresários, quanto à consolidação dos seus negócios e defesa das corridas de touros e de El Gringo, quanto à pressa em adquirir fama e fortuna.

El Gringo tinha ainda um objetivo muito íntimo; julgava que somente com ótima condição financeira e prestígio pessoal, se habilitaria a pleitear junto aos Cortez um relacionamento sério com Malu. Isso se tornou quase uma obsessão e por isso, corria contra o tempo.

Precedido por amplos comentários na imprensa mexicana, relativos ao rápido sucesso de sua carreira na última temporada na Espanha, Hémin era aguardado com muita expectativa e curiosidade. Nos ambientes taurinos, a dúvida quanto ao seu potencial estava expressa na manchete do “Touro Notas” — principal periódico especializado:

“*El Gringo: — diestro ou impostor?*”

No primeiro domingo seguinte, o programa de corridas na *Plaza Méjico*, já incluía El Gringo dentre os três *matadores* que lutariam naquela tarde.

E El Gringo brilhou novamente. A cada luta sentia-se ainda melhor e sabia, como ninguém, provocar os touros para em seguida dominá-los com competência. Além da sua particular habilidade com a capa e a *muleta*, com passes “naturais” e *derechazos* perfeitos, percebia-se nele outras grandes virtudes: a calma e a elegância com que se conduzia na arena, a seduzir todo o público. É essa calma e essa elegância que dão leveza à lida com os touros, transformando em arte esse trabalho rude e duro.

A equipe de El Gringo também correspondia e se mostrava firme em seu trabalho — Hulk, sabia como *picar* o touro sem nunca desgastá-lo além do necessário, conforme orientava o *matador*. Gato chegava a arrancar aplausos do público com sua habilidade e coragem na colocação das *banderillas*. Pequeno a todos atendia com presteza. Manolo, com sua larga experiência, era o grande coordenador de todo esse trabalho.

Terminada a corrida, o *matador* é aplaudido de pé e sai da arena carregado por um grupo de aficionados.

No dia seguinte aquele mesmo jornal incluía a seguinte manchete:

*Já temos a resposta: “El Gringo é um **diestro!**”*

Embalado por esse resultado, Hémin já era estrela e sempre aguardado com ansiedade nas próximas *plazas* mexicanas onde iria atuar.

Como ocorre na Espanha, várias cidades do interior também têm suas praças de touros: São Luiz de Potosí, Tampico, Vera Cruz, Turreon, Puebla, Leon, Zacatecas, Águas Calientes, dentre outras.

As notícias do México já repercutiam na Espanha e por outro lado, as arenas de cujas corridas El Gringo participava, estavam sempre superlotadas, para gáudio de todos os que trabalham ou tem negócios envolvidos com as corridas de touros.

À noite daquela segunda feira, o grupo de El Gringo está reunido numa taberna festejando o sucesso, comendo e bebendo ao som dos *Mariachis*, que invadiam o ambiente com sua alegre musicalidade.

— Manolo, preciso ir para Madri neste fim de semana — diz Gringo.

— Mas, nós temos compromisso no domingo, meu caro, não dá para esperar até janeiro?

— Não, no sábado é a formatura de uma amiga e prometi que iria.

— Precisamos ver como estão os horários dos vôos, pois não podemos faltar à corrida de domingo.

— Já vi os horários. Posso sair na manhã de sexta e voltar na madrugada de domingo, chegando ainda em tempo para a corrida.

— Então vamos amanhã mesmo fazer as reservas — diz Manolo.

— Hémin, quem é que vai se formar? — pergunta Hulk. É a tal de Malu?

— Ah! É isso mesmo, deve ser aquela moça da Plaza Mayor... Está amarrado nela, cara! — acrescenta Gato.

— Meninos — diz Manolo —, para que esse moço entre num avião duas vezes, com “*lo miedo*” que tem, só para assistir uma formatura, é por que a coisa é muito séria...

Hémin apenas escuta e se diverte com as gozações dos amigos.

— Então é por isso, que El Gringo vive soprando beijos quando acaba de matar os touros... E eu que ficava emocionado pensando que era para Dona Valéria — acrescenta Pequeno.

— Um brinde ao Gringo, que vai deixar todas essas lindas mexicanas e essa música *caliente* para encontrar uma grande paixão! — diz Manolo, erguendo a taça de vinho.

— Viva! Viva! Viva! — Os brindes se repetem com os amigos se divertindo ao som da música dos *Mariachis*.



Em Madri já anoitecia e o auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo estava todo decorado e repleto para as solenidades de formatura daquele ano. Os pais de Malu, Don Sebastian e Dona Carmen, Nina e demais familiares estavam presentes. Hémin também estava ali, sozinho nos fundos do auditório, aguardando o término das festividades. Trajava um costume completo, coisa rara, pois lhe incomodava o colarinho e a gravata.

“Malu está mais linda do que nunca” — pensa Hémin.

Terminada a cerimônia, os familiares vão ao encontro de Malu para os abraços e cumprimentos de costume.

Hémin observa aquela movimentação familiar, não se sente muito à vontade e resolve esperar Malu no exterior do auditório. Enquanto caminhava em direção à saída, Malu olhava pelo auditório na expectativa da presença Hémin, no que era acompanhada por sua confidente, Nina.

Já no exterior, seguida pelos familiares, Malu se vê à frente de um grande buquê de rosas vermelhas.

Desviando o buquê lateralmente, Hémin aparece de corpo inteiro e fala baixinho para Malu.

— Oi moça, estou aqui conforme prometi para dar os parabéns à mais nova e mais linda das arquitetas.

— Hémin, que surpresa! Obrigada pelas flores, são muito lindas. Fico feliz por você ter vindo de tão longe.

Os pais de Malu sentem-se surpresos com aquela cena e havia certo constrangimento no ar.

Nesse instante, Nina intervém para amenizar a situação e vai dizendo:

— Oi Hémin. Como vai meu *matador* predileto? Don Sebastian, Dona Carmen, esse é o nosso amigo que esteve na última *tienta* lá na fazenda, lembra-se? Agora já está ficando famoso como El Gringo e anda matando touros por toda Espanha, não é Hémin? — finaliza colocando as mãos nos ombros do jovem.

Isabel, irmã de Malu, também se aproxima alegremente de Hémin, pois tinha muita simpatia por ele e diz:

— Oi *matador*! Quase não o reconheci, pois está parecendo um lorde inglês... Parabéns pelo seu sucesso! Vamos ter uma grande festa em casa para homenagear Malu. Você vem?

Dona Carmen lança um perceptível olhar de reprimenda dirigido a Isabel.

— Infelizmente não posso — responde Hémin. — Estou retornando ao México. De qualquer forma agradeço pelo convite.

Os pais de Malu cumprimentam formalmente a Hémin, sem qualquer comentário, enquanto Malu a tudo observava, quieta.

Nina vai chamando a todos para a saída, deixando um pouco atrás, Malu e Hémin, que então ainda podem dispor de alguns minutos de conversa reservada.

— Hémin, desculpe pelos meus pais. Estão apenas surpresos e sem entender nada. É bom que não entendam por enquanto.

— Eu vim por você e por ninguém mais. Prometi e cumpri e estou feliz por vê-la novamente.

— Mesmo nessas circunstâncias, saiba que a minha maior alegria nessa cerimônia, foi a sua presença. Você ficará em Madri amanhã para conversarmos melhor?

— Infelizmente não. Pois vim com tempo marcado para te cumprimentar e voltar ao México.

— Agora tenho que ir Hémin, pois já estão me chamando. Espero que retorne logo para Madri.

— Até a volta Malu. Só sinto não poder dar-lhe nenhum beijo de despedida. Fica me devendo.

Malu com um olhar aborrecido, sai com seus familiares, enquanto Hémin, visivelmente decepcionado, dirige-se ao aeroporto para a viagem de retorno, conforme o programado.



Na casa dos Cortez, estava preparada uma grande recepção para os familiares e amigos mais íntimos. Estavam presentes, inclusive, os parentes de São Paulo — Sr. Juan, irmão de Dona Carmen, com a esposa e o filho adotivo Maurice.

No decorrer da festa, o primo Maurice procura estar sempre junto de Malu e como ocorrera em ocasiões anteriores, tornava-se visível a sua admiração e interesse pela prima. Fez questão de na frente dos pais de Malu, entregar à moça, um presente que trouxera do Brasil — um lindo colar de pedras naturais, que todos apreciam e elogiam.

No pequeno baile que se formou, embalado por músicas românticas dos anos 60, Maurice era o par constante de Malu, para satisfação evidente de Dona Carmen. Por outro lado, Malu não sentia à vontade com aquele assédio, pois embora nutrisse pelo primo uma natural simpatia, seu interesse no rapaz não passava disso.

Nina, que tudo observava e que tudo conhecia, procurou estar sempre conversando com Malu, a fim de amenizar o seu constrangimento, pois conhecia a atração cada vez maior da moça pelo *matador* e assim, no embalo dos vinhos e das melodias dançantes a festa se desenrola alegremente até altas horas da madrugada.

Dois dias após a formatura, a família está mais uma vez reunida na sala oval para o café da manhã.

Depois dos comentários habituais sobre a festa e a formatura, Don Sebastian, com ar de seriedade, se dirige à filha:

— Malu, como é que esse moço, esse projeto de *matador* de touros, cujo nome nem sei, sabia da sua formatura? E aparece na solenidade com flores e tudo mais! Não estou gostando nada disso!

— Ora pai, o senhor o conhece sim. É o Hémin, que chamam de El Gringo e tenho certeza que o senhor sabe de quem se trata porque acompanha sempre as notícias sobre as corridas. É um bom amigo e me simpatizo com ele, só isso.

— Muito estranho você, que sempre combateu as corridas, agora ser amiga e simpatizante de um *matador*...

— Estranho também meu pai que o senhor, um aficionado, agora demonstre tanta aversão aos *matadores*.

— Filha, — intervém Dona Carmen —, você está entendendo muito bem a preocupação do seu pai, que é a minha também. Eu não sou tão inocente. Já percebi vários movimentos e comentários e não quero nem pensar nesse possível relacionamento. Afinal, esse moço não é do nosso nível e você merece coisa melhor.

— Como o primo Maurice, por exemplo? — pergunta Malu.

— Até poderia ser, como não? É um excelente rapaz, tem graduação, é do nosso nível e parece gostar de você.

— Oi gente — Isabel se intromete na conversa, em defesa da irmã. — Não acredito que eu esteja ouvindo tanto preconceito nesta casa... E será que vocês também estão querendo arrumar

um casamento para minha irmã? Não acredito, já estamos quase chegando ao século 21...

— Não se intrometa Isabel, isto não tem nada a ver com você e nós pensamos sempre na felicidade de vocês. — diz Dona Carmen.

— Desculpe mãe, mas tem a ver sim. Hémin é um belo rapaz, de família honesta e pelo que sei está trabalhando duro e fazendo fortuna e se eu estivesse apaixonada por um homem desses, ninguém me seguraria...

— Chega Isabel! Você já está noiva e trate de sua vida — diz Don Sebastian.

— Nossos pais têm razão — intervém a irmã Ruth, que sempre sentira muito ciúmes de Malu. — Quando foi o meu caso, só porque se tratava de um pequeno comerciante, ouvi tantas críticas e agora a perfeita e queridinha, quer trazer para casa um “pé rapado”.



— Você está por fora Ruth e suas palavras não ajudam em nada — diz Isabel.

Malu, que simplesmente escutava as discussões, finalmente intervém.

— Oi pessoal, eu sou a Malu, lembram-se? Todo mundo quer decidir sobre a minha vida e eu não entro nessa história? O que eu penso e sinto interessa para vocês? Não sabem de nada e ficam imaginando coisas, eu decidirei minha sorte, que ainda não sei qual será.

Nina estava sentada na sala ao lado, lendo os jornais do dia, mas com os ouvidos atentos a toda a conversa. De repente dá um grito e entra na sala com o jornal nas mãos, dizendo:

— Eh, gente, vejam só essa propaganda de página inteira! — e entrega o jornal a Malu, rindo sem parar.

— Meu Deus, é o Hémin mesmo. Que doido! — diz sorrindo Malu.

O jornal passa de mão em mão, com uma grande curiosidade.

Tratava-se de uma propaganda do perfume — “Sedución Fatal” da afamada grife Milagro’s, onde aparecia a foto de Hémin, de corpo inteiro e sem camisa e os dizeres:

*“Posso assegurar que ninguém resiste a esta fragrância...*

*Nem mesmo os touros!!!*

*Assinado, El Gringo.”*

— Que beleza, estou apaixonada! — diz Isabel com um sorriso sarcástico.

— Era só o que faltava, um propagandista de perfume, essa não! — diz Ruth.

— Não seja tola Ruth... Esse cara deve ter faturado o suficiente para comprar todo o comércio do seu marido — diz Isabel, ironicamente.

— Que eu vou comprar esse perfume, isso eu vou — diz Nina sorrindo.

— Bom, chega de conversa por hoje! Vamos trabalhar! — diz Don Sebastian, já se retirando e assim se encerrando a conflituante reunião.

As primeiras nuvens cinzentas surgiam no horizonte de Malu e Hémin...

Malu sobe rapidamente as escadas em direção aos seus aposentos, com o jornal na mão, seguida por Nina.

— Maluzinha — fala Nina —, não gostei nem um pouco dessas conversas. Acho que você deveria ter reagido com mais firmeza.

— Nina, você me conhece. Não adiantaria nada estar duvidando com meus pais agora. Confesso que fiquei confusa e temerosa, mas no tempo certo tomarei minha decisão.

— E da propaganda, o que você achou? Eu achei espetacular... Estou seduzida — diz Nina sorrindo para desanuviar o ar de preocupação de Malu.

— Eu estou entrando numa sedução que não sei no que vai dar. Na verdade, eu prefiro muito mais que Hémin se dedique só à propaganda do que fique lutando com os touros por todos os lugares.

— Tudo vai dar certo querida. No final, tudo dará certo...



A casa de Hémin, com as reformas, foi transformada numa residência confortável e particularmente agradável, pelo seu amplo quintal, repleto de frutas e pássaros. Dona Valéria está envolvida com suas costuras enquanto Bia assiste ao seu programa favorito no novo aparelho de televisão.

— Mãe, mãe... — grita Bia, chamando Dona Valéria.

— Que susto! O que é Bia?

— Acabei de ver uma propaganda com Pablito, de um perfume.

— Não acredito, só vendo.

As duas aguardam mais alguns minutos em frente ao aparelho, quando a tal propaganda aparece veiculada no intervalo da programação e elas observam detidamente a imagem refletida na tela. Tratava-se da mesma publicidade que já estava divulgada nos jornais, agora em rede nacional de televisão.

— Esse meu filho é tão lindo... — observa Dona Valéria, quase caindo em lágrimas. — Pena que seja tão maluco!

— Maluco e esperto, mãe — responde Bia. — Maluco e esperto, muito esperto... Fique fria mãe.

Bia sai esbaforida da casa, chamando todos os vizinhos para verem a propaganda do irmão, enquanto Dona Valéria volta para suas costuras, pensativa e rezando com o terço nas mãos...



O tempo corria e El Gringo continuava na sua temporada mexicana, acumulando fama e dinheiro, mas já ansioso para voltar a Madri.

No saguão do hotel, ele e seus amigos conversavam sobre as últimas corridas, enquanto assistiam na televisão, a um programa especializado. Eis que aparece, no intervalo, a mesma publicidade do perfume, indicando que a agência também a estava divulgando no México.

Os amigos abraçam e cumprimentam El Gringo.

— Eu não falei pra você que logo viriam novidades? — diz Manolo. — Parabéns, rapaz! Estamos felizes por você.

— Porra Hémin, mas você está com uma cara de fresco! — fala Pequeno.

— Logo ele vai fazer propaganda de calcinhas... — acrescenta Hulk.

— Vocês estão é com inveja! — diz Hémin. — Se der muito dinheiro, acho que vou deixar os touros para vocês.

Enquanto brincam e brindam com suas taças de vinho, Gringo se dirige seriamente a Manolo:

— Manolo, quando voltaremos para Madri? Precisamos de um descanso até o início da temporada espanhola.

— Eu sei — responde Manolo. — E também estou com saudades de casa. Só faltam mais duas corridas, sendo que a última é aqui mesmo na capital e então retornaremos a Madri em meados de janeiro — e as taças são levantadas novamente...

— A Madri, ao México, a Madri, ao México, a Madri... Tin-tim! Aos touros! A nós todos!



## *Madri: O Reencontro*

Hémin já retornara a Madri. Fora um ano de trabalho duro e cansativo, mas recompensador sob todos os aspectos: como pessoa, sentia-se em plena realização e isso lhe dava autoconfiança; na carreira profissional, seu nome já era reconhecido, admirado e requisitado; financeiramente, nunca na vida estivera tão bem, surpreendendo-se com os resultados das corridas e das publicidades, o que lhe passava tranquilidade e o gosto do poder; na família, o ambiente que já era de união, tornou-se melhor ainda, animado pelos novos recursos financeiros que propiciaram o conforto de uma residência nova a refletir a harmonia da família; quanto ao futuro, as perspectivas não poderiam ser melhores, anteveendo-se um novo ano de prêmios e sucesso; no amor, a escolha de Hémin já estava claramente definida pela jovem Malu e esse sentimento era correspondido a julgar pelo histórico do pequeno romance que vivenciaram até então.

Mas aqui, muita coisa ainda faltava para a consolidação desse romance — a realização do sonho de Hémin que era casar-se com Malu. Era preciso conquistar a família Cortez, onde o jovem já sentira uma mal disfarçada resistência. Era preciso obter de Malu uma posição de plena convicção quanto aos seus sentimentos, a evidenciar até que ponto ela estaria determinada a perseguir o mesmo objetivo de Hémin.

Quanto à Malu, embora por vezes se soltasse no que se referia aos sentimentos e emoções, era introspectiva e sempre na defensiva, reprimida por princípios e idéias que mantinha protegidos no mais íntimo do seu ser. Esses aspectos transmitiam certa intranquilidade e insegurança a Hémin.

Sentado em uma confortável poltrona na sala de estar, sozinho, Hémin estava absorto com esses pensamentos que lhe causavam um franzido na testa, quando sua irmã o interrompe, dizendo:

— Pablito, telefonema para você. É a segunda vez que esses homens ligam.

— Quem é, Bia?

— Parece que é da Global TV. Fale com eles.

— Alô, é Hémin falando. Do que se trata?

— Eu sou Ricardo, repórter da TV Rádio Global e gostaria de marcar uma entrevista com você, que será transmitida em rede nacional no programa “Entrevistando Famosos”. Posso chamá-lo de El Gringo?

— Sim, pois reconheço que no meu trabalho o nome Hémin é quase desconhecido. Para quando seria?

— Estamos pensando na próxima terça-feira, dia 14, às 20 horas, aqui em nossos estúdios para a gravação. Tudo bem para você?

— Quanto à data, tudo bem. Mas como será essa entrevista?

— Não se preocupe. Um funcionário nosso irá até sua casa, com antecedência, levando por escrito uma série de perguntas que poderão ser utilizadas, além de todas as demais instruções a respeito.

— Tudo bem, está combinado. Aguardo. Até logo e obrigado.

— Até logo, El Gringo, sua entrevista já está sendo aguardada com entusiasmo. Fica claro que a data referida é para gravação do programa que irá ao ar em data que marcaremos posteriormente, de acordo com os interesses publicitários. Até logo e obrigado.

Quando Hémin desliga, Bia intervém novamente.

— Pablito, você vai aparecer na televisão? Quando vai ser? Vamos ganhar dinheiro também?

— Ah menina, ainda bem que tenho você como minha assessora para assuntos que envolvem dinheiro, pois só pensa nisso... Vou aparecer sim e ainda não sei quando. Parece que vou trabalhar numa novela.

— Oh, meu Deus! Mãe — grita Bia —, Pablito vai ser galã de novela!

— Ora menina, deixa Dona Valéria em paz. É brincadeira. Vai ser uma entrevista transmitida pela televisão.

— Mesmo assim, tem os tais de direitos de imagem e vamos cobrar caro.

— Desisto... Bia, procure para mim o número do telefone da Malu, pois quero falar com ela e não sei onde o deixei.

O telefone toca, Bia vai atender e retorna.

— Pablito, não precisa mais do número, é Malu que está ao telefone... Pode atender. Eu quero ouvir toda a conversa.

Tratando-se de Bia, Hémin não acreditou muito, mas atendeu.

— Alô, é Hémin, quem quer falar?

— É uma das suas fãs... Fiquei sabendo que El *Matador* já estava em Madri e como ainda não me ligou...

— Oi Malu, que surpresa e que coincidência, pois nesse exato momento eu ia ligar para sua casa, meio com receio de que não fosse você a atender. Estou morrendo de saudades.

— Não acredito muito, mas estou também com saudades. Quando quiser falar comigo procure sempre por Nina, que tomará as providências.

— Você vai acreditar quando eu te agarrar, quando sentirá toda a minha paixão.

— Nossa! Estou até com medo. Quero ver essa paixão de perto...

— Malu, amanhã às 11 horas quero encontrar-me com você na Plaza Mayor e de lá vou levá-la até a casa de uma pessoa para almoçarmos. Tudo bem?

— Tudo bem. Estarei lá. Mas quem é essa pessoa?

— É segredo, amanhã ficará sabendo. Beijos e tchau.

— Até amanhã.

Hémin se sentia feliz e confiante, pois pela primeira vez Malu tomara a iniciativa no seu relacionamento.

— Pablito, eu ouvi tudo. Quer dizer que amanhã vamos conhecer a sua paixão?

— É verdade menina, avise Dona Valéria para preparar a recepção.

— Hémin, que história é essa de recepção para essa moça? — diz Dona Valéria que havia se aproximado dos dois.

— Ora mãe, vocês não queriam conhecer a Malu? Amanhã você vai conhecer sua futura nora.

— Mas Hémin, pelo que sei essa moça é de família rica e nós somos gente simples.



— Não se preocupe mãe, somos uma família honesta, não devemos nada a ninguém e quer saber, somos muito importantes: milhares de pessoas se sentiriam honradas sendo recebidas em nossa casa. Quanto a mim, eu sou o que sou e a Malu têm pleno conhecimento disso.

— Mãe — intervém Bia —, pode ficar tranquila que eu te ajudo. Vamos receber muito bem essa moça...

Hémin chegou a Plaza Mayor um pouco antes do horário marcado e sentou-se à mesa, na mesma taberna onde costumemente tinha seus encontros com Malu. Enquanto aguardava ansiosamente à chegada da moça, vê aproximar-se o dono do estabelecimento. Este era um velho aficionado pelas corridas de touros e nas paredes internas da sua taberna estavam afixadas dezenas de fotos e pôsteres — *matadores* e touros famosos, grandes lances, etc. Sobre o balcão, programas e folhetos com as atualidades da *fiesta*.

— Com licença, senhor! — fala o dono da taberna. — Sou Antonio e tenho muito prazer em recebê-lo nesta casa, pois o senhor é El Gringo, estou certo?

— Sim, muito prazer! Meu nome é Hémin, porém desde criança sou chamado de Gringo pelos amigos e nas corridas sou El Gringo. Já vim aqui outras vezes.

— É verdade, eu me recordo, mas o senhor ainda não era um *matador* conhecido. Tenho acompanhado as notícias a seu respeito e apesar da minha longa vivência com as corridas, nunca vi um crescimento tão rápido de um *matador*. Quero parabenizá-lo, pois sei que estou diante de um futuro *diestro*. Estamos precisando disso, é preciso reacender o vigor e o brilho da grande *fiesta*.

— Obrigado senhor Antonio. Tenho trabalhado duro para isso, mas sei que ainda estou longe dos grandes.

— Pelos comentários de gente nossa, que frequenta esta casa, a próxima temporada vai ser decisiva, pois Las Ventas o espera. Eu estou certo que depois disso, já poderei afixar a sua foto na minha parede de celebridades.

Os dois conversam animadamente observando o mural da taberna, quando Hémin vê ao longe que Malu está chegando.

— Com licença, meu caro Antonio, tenho que receber uma pessoa. Por favor, poderia colocar uma música, um flamenco dos nossos, talvez “Dos Corazones, dos Historias”...

— Já entendi, El Gringo. — diz sorrindo senhor Antonio — Que bela mulher!

Hémin está de pé, esperando. Malu chega e estende-lhe a mão para cumprimentá-lo. Hémin, porém atrai a moça para um grande abraço. Ficam assim abraçados por alguns instantes, um contato terno e vigoroso, próprio da longa espera e saudade. Seus corpos estão entrelaçados sentindo o calor e o prazer da íntima proximidade. Agem como se apenas os dois existissem naquela praça, enquanto a música romântica contribuía para o clima. Hémin sentia-se feliz e por seu gosto não largaria mais a moça, que correspondia inteiramente. Malu sentia com naturalidade o prazer e conforto naquele abraço masculino e pelo seu jeito de ser, isso até lhe parecia um atrevimento.

— Oi Malu, que saudades! Como você está linda, mais linda ainda neste seu vestido verde que se confunde com o brilho dos seus olhos.

— Oi Hémin, você também está ótimo. Estou surpresa com um *matador* tão romântico...

— Você é a minha inspiração e meu único romance. Não aguento mais de tanto que a desejo.

— Nossa! Assim você me conquista!

Conversam de mãos dadas por mais alguns instantes e Hémin diz:

— Vamos Malu, tem gente te esperando e com muita vontade de te conhecer.

— Mas que segredo é este? Para onde você vai me levar?

— Chega de conversa, vamos embora!

— Vamos naquele seu famoso carro?

— Hoje não, o *El Rayo* estava muito cansado, problemas de

coração partido, reumatismo e está passando por uma completa revisão...

O casal chega até o carro de Hémin que estava estacionado nas proximidades. Era o carro novo de Hémin, chamado por ele de “reserva”. Uma Hillux, SW4 da Toyota, prateada e completa. Malu observa surpresa, mas não faz nenhum comentário e entra no veículo.

Andavam pelo trânsito, quando Malu chama a atenção de Hémin.

— Olhe aquele cartaz — e aponta em direção a um enorme outdoor com a propaganda do perfume “Seducción Fatal”. — Estou reconhecendo aquele sedutor!

— Será que aquele bonitão sou eu?

— Já está ficando convencido... Daqui a pouco não vamos nem poder andar pelas ruas em paz... Mas eu prefiro muito mais ver você assim, do que fotografado numa arena, lutando com touros.

Logo chegam à casa de Hémin e ele estaciona o carro em sua garagem.

— Malu, vamos entrar! Esta é a minha casa e você vai conhecer a minha pequena família.

— Hémin, você é mesmo imprevisível e eu não estou preparada para essa visita.

Entram na casa, onde Dona Valéria, Bia e a irmã mais velha já estavam aguardando.

Hémin faz as apresentações, com Malu recebendo abraços e beijos afetuosos de Dona Valéria, Bia e Marialva.

Bia puxa Malu pelas mãos e diz-lhe:

— Venha comigo ver uma coisa — e então lhe mostra o quarto de Hémin, por ela decorado, cheio de pôsteres e fotos do irmão pelas paredes.

— Por que tem aquele espaço vazio no meio das fotos, Bia? — pergunta Malu.

— Está reservado para pôr a sua foto — responde a menina sorrindo.

— Bem que seu irmão me falou que você é danadinha...

Estão na sala e lá vem Bia novamente:

— Malu, veja este álbum, eu que fiz, pois Pablito não guarda nada.

Tratava-se de uma grande pasta repleta de programas originais de corridas, reportagens de jornais, revistas e outras fontes sobre a carreira do irmão.

— Chega de incomodar Malu com essas coisas, menina — intervém Hémin, carinhosamente abraçando a irmã. — Mesmo porque, ela sabe muito bem que você é minha fã número um...

— Dona Valéria, é verdade que a senhora trabalha com confecções finas?

— Sim querida, já trabalhei muito com costuras para ganhar a vida, Hémin quer que eu pare, mas hoje faço por prazer e porque gosto. Tenho muita prática em copiar modelos famosos e dá resultado.

— Como assim?

— Minha mãe é uma estilista “pirata”, Malu — fala a menina, respondendo pela mãe. — As clientes trazem seus tecidos e fotos de modelos exclusivos, minha mãe desenha e faz o vestido igualzinho ao original. Precisa ver cada carrão que vem aqui... Depois, as mulheres vão desfilas nas festas dizendo que são modelos “Armani”, “Valentino” ...

No meio dos risos generalizados, Dona Valéria se dirige à Malu:

— Venha cá, minha querida! — fazendo a moça entrar na sala de costura.

— Como sabia que você vinha, reservei um lindo corte de tecido. Escolha nessa revista o seu estilo predileto, que vou dar-lhe de presente um belo vestido, você vai ver.

— Dona Valéria, imagine, não é preciso se dar a este trabalho comigo.

— Insisto meu bem, pois senão vou me ofender... Vamos já tirar as medidas!

Enquanto isso as mulheres ajudavam Malu a escolher o modelo.

— Vocês não deixam a Malu sossegada, ela veio aqui só para almoçar! — exclama Hémin.

— Essas suas mulheres são adoráveis, Hémin. Eu é que estou dando tanto trabalho.

As mulheres da casa terminam de arrumar a mesa do almoço, colocada num alpendre que dava para o amplo quintal aos fundos, cheio de árvores frutíferas e de pássaros com seus cantos intermináveis, formando um ambiente muito agradável. Esse local era completado pelas orquídeas multicoloridas que pendiam das paredes da sala até o alpendre, flores que eram a paixão de Dona Valéria.

— O almoço já está pronto? — vem entrando e perguntando o tio Rafa.

— Oi tio, chegou bem na hora, venha conhecer sua mais nova sobrinha — diz Hémin.

— Muito prazer, senhor Rafa — diz Malu, sentindo-se ruborizada.

— O prazer é todo meu, querida, pois afinal, fico conhecendo uma bela jovem, esse pedaço de mau caminho! Ah, se eu fosse moço Hémin, eu a roubaria com certeza... Não é à toa que você vive sonhando acordado...

Nesse contexto alegre, todos se sentam para o almoço, servido à base de vistosas *paellas* a La Valência e a La Madri. Hémin serve uma taça de vinho a todos, inclusive para Bia, neste caso temperado com água e faz um brinde.

— Um brinde à Malu e a todos nós!

— Saúde! Saúde! Saúde!

Malu estava bem à vontade. Aquela gente tão simpática e espontânea fazia com que se sentisse integrada àquele clima familiar, onde fora tão bem recebida. Ao mesmo tempo, interrogava-se: como Hémin seria recebido na casa de seus pais?

Respeitava e amava sua família, mas a comparação lhe permitia ver e sentir quantos preconceitos ainda estavam enraizados

no seu núcleo familiar. Sentia receio dessas circunstâncias, muito receio...

— Malu, que anel bonito você tem na mão direita — diz Dona Valéria. — Parece uma jóia antiga.

— E é mesmo, quem me deu foi seu filho.

— É anel de compromisso? — pergunta Bia.

— O compromisso está em nosso coração e em nossa cabeça, querida, mas o anel serve para lembrar tudo isso.

Terminado o almoço, a família se despede de Malu e Hémin se prepara para levá-la de volta à sua casa.

— Querida, dentro de uma semana, você pode voltar para experimentar o vestido. Não precisa nem avisar, a casa é sua.

— Obrigada Dona Valéria, virei com certeza para pegar o meu “Valentino” — responde Malu sorrindo.

Hémin chega à rua da casa de Malu. Nunca parava em frente, mas sempre um quarteirão abaixo ou acima. A necessidade de ficar meio “escondido” e a utilização de subterfúgios o aborrecia. Por outro lado, sabia que deveria ter paciência, dado o constrangimento que já sentira na festa de formatura.

A moça também sentia o mesmo mal estar, mas também sabia que tinha de ganhar tempo, para evitar que Hémin pudesse ser vítima de uma grave ofensa por parte de sua família. Os dois tinham consciência do problema, mas a ele não se referiam e nada comentavam. Estavam felizes e intimamente procuravam fugir de um problema que certamente se agravaria no futuro. Era viver o presente.

O casal está se despedindo e Malu diz:

— Adorei conhecer sua família, Hémin. Você deve ter orgulho de todos eles. Espero retornar outras vezes.

— Tenho certeza de que eles também gostaram muito de você. Isso é muito bom, pois um dia, se Deus quiser, vai ser sua família também...



## *A Sedução*

Conforme prometera, Malu chega à casa de Hémin, para a prova do vestido que estava sendo confeccionado por Dona Valéria, presente desta para a “futura nora”. Voltar tão logo àquela casa era algo que Malu fazia com naturalidade e prazer, tão bem se adaptara àquele espaço familiar.

Na sala de visitas e após os cumprimentos, Dona Valéria se dirige a Malu:

— Como você está linda, querida... E você fica tão charmosa neste vestido... Acho que vou ficar com vergonha da minha costura... Mas é de coração.

— Ora, Dona Valéria, chega de modéstia, afinal, eu vi as belezas que a senhora cria ou copia...

O telefone toca, Bia atende e se volta para Dona Valéria.

— Mãe, é da escola, marcaram a nossa entrevista para daqui à uma hora. Temos de sair rápido...

— Malu querida — diz Dona Valéria —, sinto muito, desculpe-nos, mas não podemos faltar a essa reunião e não sei quanto tempo vai demorar. Hémin fica com você, não é filho?

— Não gosto muito de ficar com essa moça... — diz Hémin sorrindo — Mas fazer o quê? Podem ir sossegadas que eu tomo conta. Eu não a deixarei esconder nenhum vestido na bolsa...

— Não ligue não, Malu — diz Bia —, ele é assim mesmo.

— Malu, venha aqui, por favor — diz Dona Valéria, levando a moça para a sala de costura. — O seu vestido está naquele primeiro cabide e se quiser, pode ir experimentando e anotando qualquer defeitinho...

— Pode deixar Dona Valéria. Vou tentar adiantar as provas.

Hémin e Malu estão sozinhos, ficam conversando de mãos dadas, sentados num grande divã localizado num canto da sala de costura.

— Malu, vamos tomar um vinho antes de suas aventuras como “costureira”? — Hémin sai e logo retorna com uma garrafa de vinho tinto espumante “Dom Juanito” e duas pequenas taças de cristal. Enche-as e logo fazem um brinde.

— Saúde Malu! Que essa bebida leve o meu calor e o meu amor ao seu coração.

— Saúde Hémin! Que Deus te proteja dos touros e das mulheres...

Usufruindo de raros momentos de intimidade, o casal conversa, ri, namora e os brindes se sucedem até esvaziar a segunda garrafa do espumante.

— Hémin, por que você me olha tanto desse jeito? Parece que nunca me viu...

— Ora, teus olhos me hipnotizam, você é minha única paixão e não me canso de te olhar.

Enquanto falava, Hémin acariciava lentamente os cabelos, o rosto, fechando os olhos enquanto continuava com suas carícias junto à boca e o colo de Malu. Esta continuava com os olhos semicerrados, inebriando-se com o toque.

Hémin passa então a beijá-la por todos os pontos que já percorrera com as mãos, ao mesmo tempo em que as deslizava pelas curvas sinuosas daquele corpo jovem.

— Hémin, Hémin... — diz Malu, como se acordasse de um transe. — Preciso experimentar o vestido...

— Claro querida, pode despir-se e colocar o vestido que está no cabide. Eu fico aqui de costas, te esperando...

Malu obedece com estranha naturalidade, surpreendendo-se consigo mesma quando se vê apenas com as roupas íntimas e portando nas mãos o vestido a ser provado...

Nesse instante, Hémin que observava cada movimento, cada curva do corpo seminu da jovem, dela se aproxima, abraçando-a por trás, beijando seus cabelos e sua nuca. Os dois corpos se esquentam e se estremecem.

Malu percebe a situação de risco e ainda meio entorpecida, vira-se diretamente para Hémin, tentando aliviar aquele aperto. Porém, esse movimento a faz cair em outro sufoco, agora frontal com Hémin totalmente excitado e apaixonado, todos os hormônios em ebulição, abraçando fortemente a jovem.

— Hémin, Hémin, vamos parar com isso, estou quase sem ar.

— Querida... Eu desejo tanto você, não aguento mais esperar... Sei que você me quer também.

— Calma! Não podemos fazer isso, por favor.

Mas Hémin já não tinha condições de se controlar. Mantinha Malu entrelaçada em seu corpo e quando esta fazia menção de dizer alguma coisa, Hémin fechava a sua boca com mais um beijo ardente. Malu, já estava se sentindo enfraquecida diante de todo esse envolvimento de amor e paixão — tinha vontade de se abandonar e ao mesmo tempo sentia que tinha de resistir.

Hémin, porém, não tinha a menor dúvida: queria a moça ali e agora e pronto. Então, abruptamente, carrega Malu nos braços até chegar ao confortável divã, deita-a suavemente, já se debruçando sobre ela, deixando a moça totalmente indefesa diante daquele abraço poderoso.

Apesar de também se sentir atraída por aquele momento de romance e prazer, que quase a fazia desfalecer, sobressaia em Malu o senso de responsabilidade decorrente de seu temperamento e seus princípios éticos e pessoais relativos à sua pureza. Encontra forças para ainda tentar resistir àquele homem que a consumia com determinação.

— Hémin, se você me ama não faça isso, pelo amor de Deus!

— Se você me quer, você vai ser minha e por que não agora? — ao mesmo tempo, Hémin vai retirando as últimas peças de roupas, suas e da jovem.

— Eu também te amo e te desejo, mas não é a hora. Pare com isso!

Hémin já não ouve nada. Malu se sente quase a desmaiar numa profusão de sentimentos e de cansaço físico.

E assim, entre gemidos de dor e prazer, mais dor de Malu, mais prazer de Hémin, que o ato sexual é consumado, apesar da relutância da jovem.

Para Hémin, essa realização era o máximo de um sonho com a mulher amada e tão desejada. Para Malu, uma confusão de emoções, pois ao mesmo tempo em que resistia e tentava com seus braços frágeis afastar Hémin de cima de seu corpo, por outro lado, em alguns instantes, entregava-se e chegava a entrelaçar o homem pelo pescoço...

O conflito de emoções, princípios e sentimentos decorrentes de um fato tão intenso, iria se refletir para sempre na vida dos jovens.

Quando afinal, o casal se separa, Hémin já relaxado, Malu de imediato salta do divã e começa a vestir-se e a recompor-se sem dizer uma só palavra. Hémin ao observar a fisionomia da moça, sente o prenúncio de uma tempestade.

— Malu, por que tanta pressa, querida?

Malu nada responde, sua expressão era de raiva e revolta. Já vai saindo da sala de costura, quando Hémin tenta se aproximar.

— Malu, espere! O que houve com você?

— Não se aproxime! Não se aproxime! Você estragou tudo! Nunca mais chegue perto de mim! Nunca mais, seu bruto!

— Calma querida, você está nervosa! Vamos conversar...

Malu pega sua bolsa e vai rapidamente saindo em direção a rua.

— Malu, Malu! Espere!

Hémin tentava alcançá-la, enquanto acabava de se vestir.

— Longe de mim! Longe de mim! — repete Malu já passando pelo portão da casa.

Nesse exato instante, vêm chegando Dona Valéria e Bia, que observam a cena inusitada e não entendem o que está acontecendo.

— Oi Malu, o que houve querida? — indaga Dona Valéria.

— Pergunte ao idiota do seu filho! Desculpe!

Malu chega até o seu carro e sai em disparada.

— Hémin, o que aconteceu aqui, vocês brigaram? — pergunta Dona Valéria.

Bia de olhos arregalados e com sua natural esperteza, já imaginava o que acontecera, mas como ainda era uma menina, devia ficar calada.

— Mãe, mãe, não sei o que deu na Malu, que coisa incrível! Saiu como uma desesperada... Estava tudo tão bem... — responde Hémin.

— Alguma coisa você fez, ou vocês fizeram, para dar essa briga.

Dona Valéria dirige-se à sala de costura. Observa o vestido que Malu deveria provar jogado pelo chão, o divã todo desfeito com a colcha que o cobria também estendida pelo chão, as garrafas de vinho vazias e as taças de cristal em cima da sua máquina de costura — pensa, pensa e logo em seguida chama pelo seu filho.

— Hémin, Hémin, venha aqui! Oh meu Deus!

— O que foi mãe?

— Olha aqui, seu moço! — exclama Dona Valéria, enquanto mostra para Hémin a colcha com uma mancha vermelha e irregular bem visível. Você sabia que esta moça era virgem?

— Não! Não sabia, claro que não sabia, é uma surpresa para mim também! Nunca ela me falou a respeito e também nunca lhe perguntei, pois isso não importava, ora!

— Não importava para você, meu filho. Mas você sabia o quão importante isso poderia ser para ela? Afinal, uma moça com

a idade dela e que se manteve virgem, é uma raridade hoje em dia. Essa virgindade para moças assim é reservada para a realização de um verdadeiro sonho, com o príncipe certo, no momento certo e no paraíso imaginado. Você quebrou todas essas regras e um sonho foi desfeito. Meu filho, sinto muito por vocês dois!

— Que merda! Juro que não premeditei nada. Eu amo essa moça de paixão, queria e ainda quero me casar com ela, essas sempre foram as minhas intenções. Isso tudo apenas aconteceu num momento de paixão. Droga! Jamais imaginei que pudesse estar ofendendo a mulher que mais amo nessa terra.

— Pablito, tudo ainda vai dar certo, fique calmo — diz Bia confortando seu irmão, que estava com ar desesperado e com a cabeça entre as mãos.

— Isso parece um pesadelo! — exclama Hémin. — Sabem de uma coisa, vou atrás dela.

— Não faça isso, meu filho. Vocês estão muito nervosos, Malu está muito revoltada e qualquer tentativa agora só poderia piorar as coisas. Dê um tempo.

— Tem razão mãe, mas é por pouco tempo!

Ao sair da casa de Hémin, Malu corria com seu carro para chegar rápido a sua casa. Aturdida por um turbilhão de pensamentos e com os olhos ainda marejados pelas lágrimas, ela dirigia perigosamente. Estava quase chegando, quando, ao fazer uma curva, não reparou em uma caminhonete estacionada e bateu violentamente com seu carro na traseira daquele veículo.

Com o barulho provocado pelo acidente, vários populares se aproximam do carro. A frente do veículo estava toda retorcida, o pára-brisa quebrado e a porta lateral direita se abrira com a torção. Notando que a motorista estava desacordada sobre o volante, alguém chama imediatamente pelo socorro e entra no veículo para reanimar a moça. Esta apresentava ferimentos com sangue à altura do ombro direito e alguns pequenos cortes pelo rosto.

Passados alguns minutos, chega uma ambulância do pronto socorro, que retira a moça do veículo, presta a primeira assistên-

cia médica e a leva para o hospital mais próximo. Os enfermeiros levam também sua bolsa, além dos documentos encontrados no interior do veículo.

Chegando ao hospital, Malu é encaminhada imediatamente para o pronto atendimento e é internada.



O telefone toca na casa dos Cortez e é Nina quem atende.

— Pronto!

— Por favor, esse telefone é da casa de uma moça chamada Maria de La Luz Cortez?

— Sim, ela mora aqui, mas quem quer falar?

— Gostaria de falar com os pais ou responsáveis. Pode chamá-los?

— Eu sou Nina e sou a governanta da casa. De que se trata?

— Houve um acidente de trânsito com essa moça e ela está internada aqui neste pronto socorro do Hospital Central — Setor Sul.

— Oh meu Deus! Como ela está? É grave?

— Está sob observação, mas está bem e fazendo os exames de praxe. Precisamos que os pais ou responsáveis compareçam.

— Um momento, por favor, vai chamar a mãe dela.

— Dona Carmen! — grita Nina. — Venha rápido, estão chamando do hospital, Malu sofreu um acidente de trânsito. Mas não fique nervosa, ela está bem, diga apenas que já vamos para lá.

— Pronto! Quem fala é Carmen Cortez, sou a mãe da Maria de La Luz. O que aconteceu, meu Deus! — acrescenta Dona Carmen com a voz nervosa e já começando a chorar.

— Senhora, não fique preocupada, está tudo indo bem, apenas venham ao hospital, que estamos aguardando.

Nina liga para Don Sebastian e para Isabel, avisando sobre o acontecido e junto com Dona Carmen dirige-se para o hospital.

Na sala de espera do pronto socorro, a família está reunida, aguardando a chegada do médico com as informações. Os familiares estão nervosos e ansiosos, quietos, apenas com seus pensamentos em Malu.

Afinal o médico chega se apresenta e se dirige à família:

— Fiquem tranquilos, a jovem Maria está bem. Sofreu alguns ferimentos superficiais com estilhaços do pára-brisa, ouviu uma ruptura óssea no antebraço, que já está engessado. Obviamente que ainda sente dores das contusões, mas são apenas musculares e já administramos anti-inflamatórios como precaução. Queixa-se ainda de dores na altura dos quadris, mas nada foi constatado internamente pela ultrassonografia. Ministramos também alguns calmantes, pois se mostra bastante agitada, o que é natural depois de um acidente. Já está liberada para visitas, podem vir comigo.

Quando entram no quarto, encontram Malu ainda sonolenta em razão dos medicamentos e com um braço engessado. Ficam à volta da cama, enchendo-a de carinhos e perguntas. Sentem-se aliviados diante do quadro clínico. Malu, ao ver-se no meio da família, sorri e depois chora sem parar de tanta emoção.

— Calma querida, não precisa chorar tanto, está tudo bem e o susto já passou — diz Dona Carmen confortando a jovem.

— Eita, menina chorona — exclama Nina —, até parece aquele nenezinho que eu vi crescer.

Malu olha fixamente para Nina, esgarça um sorriso, nada diz, mas pensa: “ — Se vocês soubessem por que eu estou chorando tanto, na verdade...”

O médico retorna ao quarto e dá as instruções à família:

— A jovem está liberada, podem levá-la para casa. Dentro de 40 dias, ela deve retornar para retirar o gesso, então veremos se está tudo em ordem e certamente estará. De qualquer forma vamos marcar um retorno em 90 dias para um exame geral da moça, certo? Boa sorte!

— Obrigado, doutor — agradece Don Sebastian.

No caminho de volta para casa, Malu se sentia feliz por ter escapado bem daquele acidente, que ocorrera por sua culpa exclusiva, mas também se sentia preocupada porque sabia que uma pergunta todos da casa iriam fazer-lhe, mesmo que por mera curiosidade: “ — Onde e com quem você estava e de onde saiu quando ocorreu o acidente?”

A única que sabia, até certo ponto, das respostas, era Nina. Mas esta era de inteira confiança de Malu, tinha bom senso e nada comentaria. Quanto aos demais, não lhe agradava nada, mas teria de mentir, não se sabe até quando...

Outras nuvens, agora mais cinzentas, já se podiam vislumbrar no horizonte de Hémin e Malu.





## O Desencontro

No dia seguinte ao acidente, a situação na casa dos Cortez já estava voltando à normalidade. Preocupados com a saúde da jovem, restou esquecida por todos, qualquer indagação quanto aos fatos que antecederam ao ocorrido.

Nina era uma exceção, pois conhecia uma parcela desses antecedentes e aguardava a oportunidade para falar reservadamente com Malu. Esta oportunidade surgiu quando Nina entra no quarto de Malu com uma farta bandeja de café-da-manhã ao mesmo tempo em que vai abrindo as cortinas para a entrada do sol.

— Oi, dorminhoca, bom dia! Vamos levantar! O sol já raiou e já esquentou! Eu trouxe esse café reforçado para você ficar forte logo, pra chutar a bunda desses motoristas idiotas que deixam carros parados nas ruas... — e Nina sorri gostosamente, tentando alegrar a jovem.

— Obrigado, Nina. E por favor, a não ser gente da família, não quero que ninguém fique sabendo dessa batida no trânsito — diz Malu. — E se alguém ligar, eu não estou, ou diga que fui viajar ou dê uma desculpa qualquer. Não quero falar com ninguém.

— Querida, eu preciso saber certas coisas, não por curiosidade, mas para melhor poder protegê-la e ajudá-la. Você sabe que pode confiar em mim, ou ainda pensa que sou uma velha fofoqueira...

— Claro que confio em você, Nina. Acontece que você também sabe o quanto sou reservada e até meio esquisita e o quanto sofro por isso.

— Bom, você me contou que ia à casa de Hémin para provar um vestido e , portanto, pelos horários, é de se supor que daí voltava quando aconteceu a batida...

— É verdade, mas não conte a ninguém. Pelo amor de Deus!

— Outra coisa — continua Nina —, você nunca cometeu um erro sequer no trânsito, o carro estava perfeito, o trajeto era bem conhecido e como explicar você ter ido para cima de um carro estacionado e com tanta velocidade? A resposta é clara: você devia estar muito nervosa e desatenta ou você e Hémin brigaram e feio, não foi?

— Sim e por isso, não quero vê-lo mais!

— Calma, calma, vamos continuar...

Nesse ínterim a conversa é interrompida com a entrada dos pais de Malu no quarto, acompanhados das duas irmãs Isabel e Ruth.

— Bom dia querida — diz Dona Carmen. — Já está com uma carinha bem melhor. Também com esse tratamento da Nina...

— Bom dia a todos. De fato já me sinto bem melhor. Desculpem pelo susto.

— Está tudo bem irmãzinha — diz Isabel. — Eu já bati meu carro várias vezes e você estava invicta.

— É verdade, quer dizer então que Malu perdeu a virgindade no que se refere ao trânsito? — diz a irmã Ruth, com um sorriso irônico.

— Ruth! — intervém rispidamente Don Sebastian, chamando a atenção da filha. — Suas palavras não têm nenhum sentido, não seja tão inoportuna. Isso não é hora para brincadeiras.

— Ora, pai. Só estava querendo aliviar as tensões...

— O importante é que agora já está tudo bem — finaliza Don Sebastian.

De forma surpreendente Malu muda a fisionomia e põe-se a chorar e soluçar com as mãos encobrendo o rosto.

— Querida, você ainda está emocionada e assustada, pode chorar, chore bastante... — diz Dona Carmen. — Nina, por favor, traga aquele vidro de calmante natural que o médico receitou.

Nina volta com o remédio e ela mesma já dá uma colherada do calmante para Malu.

— Vamos pessoal! Malu precisa descansar! — diz Don Sebastian.

Saem do quarto, nele ficando somente Nina e Malu. Sentada à beira da cama, Nina segura as mãos de Malu com carinho, olha-a fixamente e lhe diz séria e pausadamente:

— Querida, eu sou apenas uma velha bruxa, mas pelo que sei, vi, sinto e conheço de você, ou os meus neurônios estão enlouquecidos ou algo de muito mais grave aconteceu entre você e aquele toureiro, muito mais do que uma briga de namorados. Você quer dizer o nome ou quer que eu mesma diga?

— O nome disso é azar! Isso não podia ter acontecido! Tudo por culpa daquele teimoso, bruto, teimoso... — e Malu retoma as lágrimas apertando nervosamente as mãos sobre o peito.

— Calma, querida, calma. Você precisa desabafar. Às vezes guardar uma mágoa machuca mais do que a própria razão da mágoa. Desabafe. Eu preciso entender para poder tentar aliviar essa sua aflição.

— Estou muito magoada, Nina. Muito mesmo! E sabe muito bem com quem.

— Caramba! Vocês dois ficaram sozinhos na casa de Hémin, não foi?

— Sim, a mãe e a irmã tinham saído.

— Então vou direto ao ponto. Vocês transaram? Desculpe! Vocês fizeram amor, não foi? E foi a primeira vez, não foi?

— Para mim foi a primeira vez, para ele, certamente não. Ele usou a força, me forçou, eu pedindo e ele teimando em continuar com aquilo. É isso que me deixa furiosa! Fui vítima de uma louca paixão.

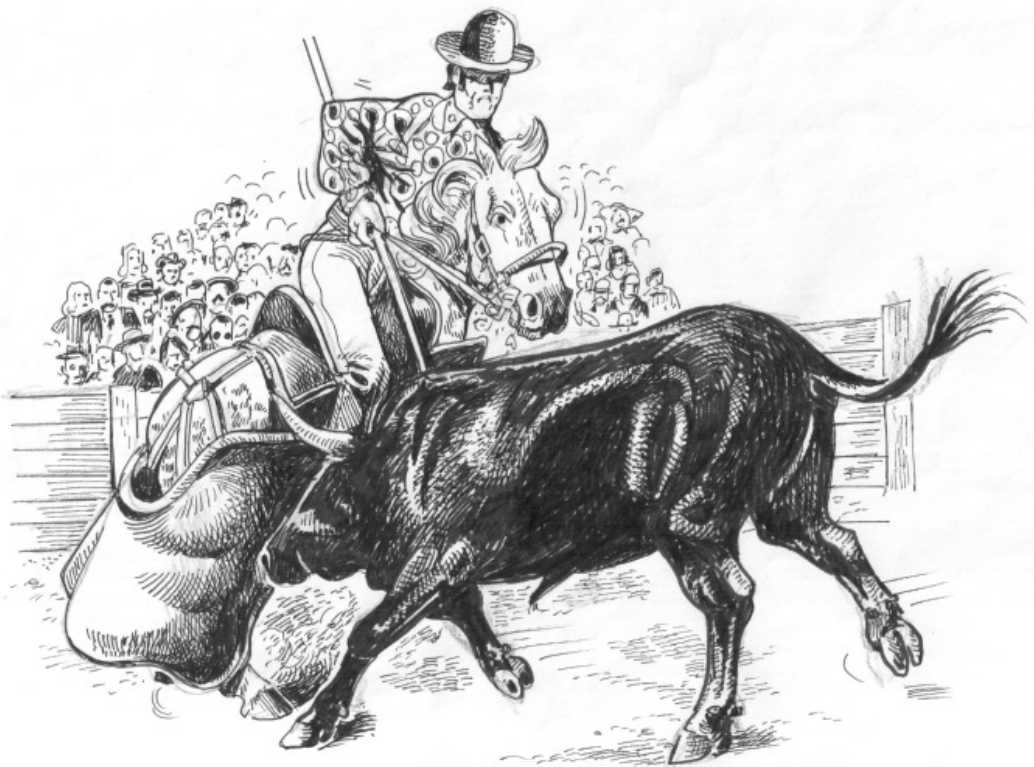
— Meu Deus! Você era virgem querida? Isso, nem eu sabia e com certeza nem Hémin contava com isso.

— Ele devia ter me respeitado. Podia ter me perguntado. Estragou com tudo!

— Toda sua revolta é pela virgindade, querida? Afinal, se você perder sua pureza com o homem que era dos seus sonhos, que mal há nisso? É só uma questão de tempo e oportunidade, mais cedo, mais tarde...

— Mas não foi como eu queria e sonhava! Será que você não entende? Para mim ele planejou tudo para ficarmos sozinhos, com o vinho guardado e depois ainda usou a força e não adiantou eu pedir e repetir que parasse.

— Bem, assim o caso muda de figura... E eu pergunto diretamente a você. Ele te pegou à força, contra sua vontade, ou seja, ele te estuprou? Eu mato ele! Eu acabo com a raça desse vagabundo!



— Nina, também não é assim, não se pode dizer estupro; foi um caso em que ele me seduziu, usando seu poder e sua força, o efeito do vinho, sem que eu tivesse chance de escapar! Parecia louco, não sei por que.

— Isso se chama loucura de “tesão” querida, mas deixa pra lá. Na verdade, homens e mulheres estão sempre sendo envolvidos nesses casos de sedução. Ah, eu mesma quantas vezes já não fui seduzida... Eu vou ter uma conversa com esse toureiro...

— Não, pelo amor de Deus, Nina! Nunca mais quero ouvir ou ver esse idiota!

— Calma menina, não diga coisas das quais você possa se arrepende no futuro. Não vou falar com ele e ninguém precisa saber nada a esse respeito. E você, dê um tempo, ainda está muito confusa quanto ao acontecido e suas emoções estão embaralhadas. É preciso dar um tempo. Outro dia com mais calma poderemos analisar melhor as coisas. No momento é só tranquilidade, certo?



Passados alguns dias do ocorrido em sua casa, Hémin dá início a uma série de atitudes no sentido da reaproximação com Malu. Primeiramente, tenta contato telefônico, mas sem sucesso, pois sempre lhe diziam que a moça não estava e Hémin percebia claramente que se tratava de informações evasivas.

Num segundo passo, manda entregar a Malu um grande buquê de rosas vermelhas, acompanhada de um cartão que dizia: “Malu, preciso falar com você. Este *matador* morrerá sem a sua palavra. Beijos. Hémin”

Na casa dos Cortez, Nina recebe as flores e grita.

— Malu, Malu. Chegaram umas lindas flores para você. Desça aqui para ver.

Malu recebe, lê o cartão e em seguida rasga-o e joga-o junto com as flores no cesto de lixo da sala de jantar, dizendo:

— Nina, por favor, não precisa nem receber mais flores se vierem, pois o destino vai ser sempre o lixo!

— Puxa menina, ainda está com tanta raiva assim?

— Não me amole, não me amole!

Durante uma semana seguida, todos os dias, Hémin mandava um ramalhete de flores com vários recados amorosos, mas nunca obteve respostas, pois o destino de suas flores e recados era sempre o mesmo...

No quinto dia, quando Malu ia descendo de seu quarto, percebeu que Nina jogava uma cesta de flores no lixo. Sem que Nina notasse, verificou as flores e leu o cartão que as acompanhava: “Malu, este é o quinto recado que mando a você, até agora sem resposta. Continuarei insistindo até que acabem todas as roseiras de Madri. Beijos. Hémin”.

— Nina! — chama Malu. — Venha aqui, por favor!

— Pois não querida, acabei de jogar suas flores no lixo.

— É justamente sobre isso que eu quero lhe falar. Depois daquele primeiro buquê de flores houve mais remessas para mim?

— Sim. Com o de hoje é o quinto buquê que jogo no lixo...

— Puxa Nina, mas você poderia pelo menos ter me avisado!

— Ué, você não falou pra não te amolar e jogar tudo fora? O que é uma grande besteira, mas segui suas instruções. Não sei por que tanta frescura! Tem gente que daria a vida para receber um botão de rosa... Vocês gostam é de complicar... Gostam de sofrer.

— Quem falou que estou sofrendo?

— Eu e todo mundo que tem nome iniciado pelas letras de A a Z... E tem mais, cada uma das remessas veio acompanhada de um CD com músicas maravilhosas!

— Como assim e como sabe que as músicas são maravilhosas?

— Ora e acha que eu ia jogar os CDs fora? Peguei para mim... Se quiser ouvir, está no meu gravador... — termina Nina, retirando-se da sala.

Malu pega na lixeira uma das rosas vermelhas com o cartão e mais o CD e pensativa, sobe para o seu quarto. Coloca o disco para tocar em seu aparelho de som. Era a música “El dia que me quieras” (Carlos Gardel e Alfredo Le Pera), na interpretação de Julio Iglesias:

*El día que me quieras*

*Acaricia mi ensueño  
El suave murmullo de tu suspirar  
Como rie la vida  
Si tus ojos negros me quierem mirar  
Y si es mio el amparo  
De tu risa leve, es como un cantar  
Ella aquieta mi herida  
Todo, todo se olvida*

*El día que me quieras  
La rosa que engalana  
Se vestirá de fiesta  
Con su mejor color  
Al viento las campanas  
Dirán que ya eres mia  
Y locas las fontanas  
Se contarán tu amor*

*La noche que me quieras  
Desde el azul del cielo  
Las estrellas celosas  
Nos mirarán pasar*

*Y un rayo misterioso  
Hará nido en tu pelo*

*Luciérnaga curiosa  
Que verá que eres mi consuelo*

*La noche que me quieras  
Desde el azul del cielo  
Las estrellas celosas  
Nos mirarán pasar  
Y un rayo misterioso  
Hará nido em tu pelo  
Luciérnaga curiosa  
Que verá que eres mi Consuelo”*

Ao som da melodia envolvente, Malu se tranquiliza e sente que começa a romper-se o seu radicalismo emocional, ao que foi levada por princípios e sentimentos conflitantes.

No dia seguinte, logo pela manhã, Nina entra no quarto de Malu e lhe diz:

— Bom dia querida, gostou da música que esteve ouvindo ontem? É muito bonita. Eu só não peguei esse CD para mim, porque já tinha um igual. Mas como sei que gosta de música romântica, eu lhe trouxe os outros discos que vieram e que eu salvei do lixo...

— Nina, Nina. Você é mesmo uma velha bruxa, nada te passa despercebido.

Depois que Nina sai do quarto, Malu apressa-se em ouvir os tais CDs:

***Por Ella - J. Iglesias, M. de La Calva, R. Arcusa***

*“... Por Ella  
Si he vivido una aventura  
De locura y de temura, fue por Ella  
Y si sufro la tortura*

*De un cariño que aun me dura, es por Ella  
Y si todos se preguntan  
Por quien canto mi amargura, es por Ella ...”*

***Por Ti Podria Morir — Luis Fonsi***

*“... Que debo hacer, para que te fijas em mi,  
para ganarme tu amor y calmar este dolor,  
pues que no ves ya no lo puedo ocultar  
que desearte me hace mal, que necesito tu calor...”*

***Perdoname — Leandro Martinez***

*“... Si hay algo que quiero eres tu  
Perdoname Ahh ahh ahh  
Perdoname  
Y no busques un motivo o un por que  
Simplemente yo me equivoque  
Perdoname yehh ehh ehh...”*

***No me Doy por vencido — Luis Fonsi***

*“... Yo, yo no me doy por vencido  
Yo quiero un mundo contigo  
Juro que vale la pena  
Esperar y esperar y esperar un suspiro  
Una senal del destino...”*

As músicas fazem bem ao espírito de Malu, que passa o resto do dia embalada pelas melodiosas letras, reconhecendo em alguns versos o retrato do seu caso com Hémin...

Na casa de Hémin, todos observam o ar triste e aborrecido do *matador*, sem saber como ajudá-lo.

— Pablito, a Malu ainda não deu nenhuma resposta as suas flores?

— Não, não menina, nada de Malu. Creio que ela realmente não quer mais saber de mim. O que posso fazer? Não posso forçar a situação, porque já estou marcado nessa história como se fosse um bruto sem alma. Eu errei, tá certo, mas errei por paixão, por amor e não por sacanagem. Como poderia fazer algum mal à mulher que eu amo?

— Pablo Hémin — diz Dona Valéria. — Nós acreditamos em você, por que te conhecemos. Eu acho que você precisa de um intermediário, alguém que possa chegar até ela...

— Já sei! — diz Bia. — Nina é o caminho, embora seja preciso que ela também acredite em você.

— Concordo — diz Hémin, — Nina sempre teve simpatia por mim. Preciso achar um jeito de falar particularmente com ela.

— É ela quem faz as compras da casa, com certeza — diz Bia —, é só pegá-la a caminho do supermercado.

— A que horas será que ela sai para fazer as compras? — pergunta Hémin.

— Ora rapaz, isso até o final da tarde eu te digo. Prepare-se para ficar de espreita amanhã — responde Bia.

No dia seguinte e com base nas informações de Bia, Hémin encontra Nina no mercado do bairro.

— Oi Nina, bom dia! — apresenta-se Hémin. — Que coincidência e foi bom mesmo encontrá-la, pois preciso muito falar com você.

— Bom dia, Sr. Hémin! O que faz aqui? E a propósito, eu não tenho nada a conversar com você.

— Desculpe Nina, não quero aborrecê-la, mas o que eu fiz para você ficar tão irritada comigo?

— Ora, não se faça de tonto. Você sabe muito bem o que

aconteceu em sua casa e que provocou a batida do carro de Malu, que poderia ter sido uma tragédia.

— Que batida, que acidente? Eu não estou sabendo de nada! Puxa Nina, você podia ter me avisado! A Malu se machucou?

— Como te avisar, a minha vontade era mandar te matar. Você tem idéia do que aprontou? Faz idéia do que poderia ter acontecido com Malu?

— Eu errei sim, mas foi um ato impensado de paixão, de amor e por isso, estou sendo considerado como se fosse um criminoso. Eu sei muito bem que os pais de Malu querem me ver bem longe e agora então devem me odiar... Isso agora não interessa, o que eu quero saber de você é como está Malu e o que houve nesse acidente.

— Malu está com um braço engessado, teve alguns ferimentos leves, mas já se recuperou e está boa e não quer saber de você. Tudo o que você mandou pra lá, flores, recados e CDs foram pro lixo...

— Obrigado, era tudo o que eu queria saber. Nina, você me conhece e sabe muito bem que eu jamais faria intencionalmente qualquer coisa para prejudicar Malu. Você sabe o quanto eu amo essa mulher. O que aconteceu já é passado e no que depender de mim posso me casar agora, só depende dela. Estou bem financeiramente e posso oferecer-lhe o mesmo conforto que tem na casa dos pais. Nos velhos tempos se um homem desvirginava uma moça era obrigado a casar-se com ela e isso é o que eu mais quero na vida!

— Puxa! Isso é verdadeiro moço?

— Claro que sim e peço-lhe que transmita a Malu o seguinte recado: quero casar-me já, imediatamente, não por obrigação, mas por um amor verdadeiro.

— Não sei não, isso poderia causar grandes tempestades naquela casa...

— Eu imploro a você Nina, não me deixe sozinho e sem notícias. Só vou desistir de Malu se ela me mandar embora sem dó nem piedade.

— Até logo Hémin, já estou atrasada... Vou ver o que posso fazer. Oh, meu Deus, por que essas coisas acontecem comigo? Encontre-me depois de amanhã, aqui no mesmo horário.

— Até logo Nina e obrigado.

Nina observa o olhar triste de Hémin. Observa-o afastar-se cabisbaixo como se carregasse o mundo nas costas. Depois desse encontro e dessa conversa, ela acredita na sinceridade dele. Faria sim, o que fosse possível para ajudar o jovem casal.

Na primeira oportunidade em que encontra Malu sozinha em seu quarto, Nina entra direto no assunto:

— Maluzinha, encontrei-me hoje com seu *matador* Hémin e ele te mandou um recado. Disse que vem bater na porta desta casa para pedir sua mão em casamento e quer se casar o mais rápido possível, antes do início da temporada; disse, também, que tem condições de oferecer a você a vida confortável que merece e reconhece que, se errou, foi por pura paixão e que a ama cada vez mais. Afirmou que está muito aflito e quer uma resposta sua.

Malu dá um salto da cama surpresa com as notícias de Nina, fica alguns segundos paralisada, para depois responder:

— Você está ficando louca, Nina? Isso só pode ser brincadeira sua. Eu não quero saber de casamento nem com ele nem com ninguém. Já pedi a você para não me amolar com esse assunto. Ele está sofrendo? Que bom... Quero que sofra muito. E vai sofrer muito mais se bater aqui e for escorraçado pelos meus pais...

— Afinal, menina, já não entendo mais nada e não sei o que você está realmente pensando e sentindo. Você está decepcionada com o acontecido, tudo bem, mas não vai ficar a vida inteira chorando por isso. Hémin quis apenas se aproveitar de você? Não é o caso, pois ele quer sinceramente um casamento. Quanto ao casamento, você não quer? Ou tem medo da reação da sua família? Será que você não está exagerando a sua revolta com Hémin para não ter de enfrentar essa reação dos seus pais? Pelo que observei até hoje, reconhecendo ou não, vocês dois se amam... Ou você deixou de amá-lo?

— Sinto-me muito cansada e no momento não quero saber de nada, muito menos de recados do Sr Hémin. Ele que se dane!

— Bem querida, vi um jovem com ar sofrido e declarando total amor, estou vendo uma jovem com ar cansado, revoltada e declarando desamor. Eu também já estou cansada desse meu papel de cupido, tentando apenas unir um casal apaixonado. Prometi a Hémin que levaria uma resposta sua. Que resposta devo dar?

— Nenhuma, nenhuma, nenhuma!

— Bem, diante disso, eu darei a Hémin a seguinte resposta: Hémin, falei com Malu, ela não quer saber de casamento, não quer vê-lo e manda dizer que não o ama mais, que trate da sua vida e a deixe em paz!

— Também não é assim, Nina. Esse recado é seu e não meu!

— Ué, eu pensei que fosse o seu...

— Por favor, Nina, dê-me um tempo. Não quero mais conversar sobre esse assunto agora!

Conforme combinado, Hémin comparece no local para encontrar-se com Nina, aguardando ansiosamente uma resposta positiva.

— Oi Hémin, boa tarde.

— Boa tarde, Nina! Você falou com Malu? E o que ela disse?

— Meu caro, tenho uma notícia boa e outra ruim. A boa é que você ainda pode ter esperanças, pelo menos quanto aos sentimentos que pressenti em Malu. A ruim é que ela está irredutível no momento quanto a qualquer conversa sobre casamento ou quanto ao relacionamento entre vocês dois. Está muito confusa. É preciso dar tempo ao tempo.

— O tempo passa. Logo terá início a nova temporada, terei de viajar e me afastar de Madri e como vai ficar essa situação? Não sei para ela, mas para mim será insustentável.

— Bem, meu caro, se você está tão aflito, o jeito é você falar direto com Malu, mesmo que tenha que sequestrá-la. Eu vou te dar uma dica: toda quinta feira, ou seja, amanhã, Malu vai ao fim

da tarde a um curso de pós-graduação na mesma faculdade. Por que você não tenta encontrá-la? Mas lembre-se, eu não falei nada, não me complique...

— Obrigado Nina, vou tentar.

E naquela quinta feira, no final da tarde, lá estava Hémin aguardando a sua oportunidade. Estacionou a sua Toyota um pouco mais à frente do portão da faculdade e aí ficou na espreita.

Olha pelo retrovisor e vê que Malu vem sozinha na direção esperada. Sai do veículo pela porta do passageiro, deixando-a aberta e fica de costas para a calçada. Quando Malu já está bem perto, ele a surpreende dizendo com voz determinada.

— Entre moça, precisamos conversar. Por favor, por favor...

Só então Malu percebe que se tratava de Hémin. Sem ação, viu-se repentinamente sentada no banco do carro. Hémin também entra rapidamente e põe o veículo em movimento.

— Você está ficando louco! — exclama Malu. — Está me sequestrando?

— É, moça, você está me deixando meio louco mesmo... Não estou te sequestrando, mas hoje vai falar comigo, queira ou não e nem que seja pela última vez.

— Você vai usar a força novamente El Gringo?

— Acalme-se! Estou apenas indo para um lugar mais tranquilo, para podermos conversar.

— E quem disse que quero falar com você?

— Não me interessa. Pelo menos você vai ter que me ouvir.

Hémin dirige por alguns minutos. Ambos estão calados e sérios. Estaciona numa praça calma, no caminho da casa dos Cortez.

— Desculpe Malu, desculpe por isso, mas foi a única forma para poder falar contigo. Apesar de já ter pedido desculpas, pedido perdão, apesar de confirmar como confirmo agora que eu realmente a amo e muito, apesar de até já ter proposto casamento, você continua me evitando, me ignorando, como se de repente eu me transformasse num marginal. Por que tudo isso Malu?

Malu apenas olha e nada responde.

— Sinto muito pelo seu acidente e só soube disso muitos dias depois. Apesar do braço, vejo que você está bem. Não sente mais nada?

Malu apenas meneia a cabeça negativamente.

— Malu, quero que você saiba também que eu jamais imaginei que você fosse virgem e isso, aliás, nunca me preocupou. Entendo que isso possa ter um grande significado para você e lhe peço perdão mais uma vez pelo acontecido, embora, sinceramente, eu pensasse que tínhamos praticado juntos um ato de amor. Quero que saiba, que de certa forma eu igualmente me sentia virgem naquele momento, pois desde que te conheci nunca tive interesse por outra mulher e sempre resisti às investidas das moças que me cercavam. Você não acredita nisso?

Continua o silêncio, nenhuma palavra de Malu.

— Por favor, Malu, diga alguma coisa. Quer me xingar ou me bater, aproveite. Diga o que tenho de fazer, qualquer coisa, eu faço. Mas, pelo amor de Deus, me diga o que está pensando, o que você quer, o que você está sentindo...

Malu permanece calada, pensativa, olhando para o horizonte.

— Olhe para mim! — diz Hémin puxando-a delicadamente com as mãos o rosto de Malu. — Olhe para mim e me diga com suas palavras: você me despreza, não gosta mais de mim, me odeia, quer se ver livre de mim para sempre? É só me dizer que eu te deixarei em paz e ficarei em paz também, por sua vontade. O que você me diz Malu?

Nenhuma resposta. Malu parecia alheia às insistentes indagações de Hémin.

— Bem, moça, eu não sou burro... O teu silêncio é a tua resposta... Lamento muito que tenha terminado assim... Vou te deixar em paz, não te perturbarei mais.

Hémin dirige rapidamente e estaciona na porta da casa dos Cortez. Não trocaram nenhuma palavra no caminho. Hémin desce do carro, dá a volta e abre a porta para que Malu possa descer.

Olham-se sem nada dizer. Os olhos de Malu estão vidrados por lágrimas reprimidas e duas grossas lágrimas pendem dos olhos de Hémin... Este retoma a direção do veículo. Malu ao por a mão no portão de sua casa, num ímpeto tenta chamar por Hémin:

— Hémin! Hémin! Hémin espere.

Mas já era tarde, pois o carro já estava em movimento.

Malu entra rapidamente na casa, sobe correndo as escadarias em direção ao seu quarto.

Nina que já aguardava a chegada da jovem, preocupada, sobe atrás, abre vagarosamente a porta do quarto e vê Malu aos prantos, debruçada sobre a cama. Era um momento de nada dizer. Fecha a porta do quarto e sai suspirando...

— Que desperdício, meu Deus! Que desperdício!



## *Flamenco Dancing*

O tempo corria célere e penosamente para Hémin e Malu. Ele se ocupava, juntamente com Manolo, da programação da próxima temporada de corridas, dos negócios particulares, em especial dos projetos de propaganda e publicidade. Malu, frequentava durante o dia e sem horário determinado, o escritório da empresa de seu pai e à noite ocupava-se de cursos de pós-graduação.

Com o aproximar-se da temporada anual, em meados de março, Hémin promove um encontro com seus amigos ao final da tarde, na Plaza Mayor.

— Eh, meninos, estão prontos para as próximas lutas? Vim para mostrar a vocês os detalhes das corridas combinadas com Manolo.

— Tudo bem! — diz Gato. — Concordo com tudo, só não estou a fim de viajar e lutar com um cara tão sério e com ar de preocupação. Olé Gringo, o que há com você?

— É mesmo! — diz Hulk. — Que o Gringo é apaixonado por aquela moça nós já estamos cansados de saber... Estou desconfiado que ele levou um “pé na bunda”...

— Até eu notei essa mudança no Gringo — diz Pequeno. — Esse cara era o terror das mulheres, não podia ver um rabo de saia e depois que conheceu essa tal de Malu parece que perdeu o gosto pela coisa...

— Gringo, meu amigo. — acrescenta Gato — Você não tá virando a mão, não é? Já pensou a gente trabalhar com um *matador* que não usa a espada?

Todos caem na risada. Os amigos continuam por várias horas conversando alegremente e esvaziando as garrafas de vinho. Embalada por *calientes pasodobles*, a noite já se pronunciava, quando Hémin exclama:

— Pessoal, faz tempo que não saímos pela noite, mas hoje está ótimo para afogar as mágoas e lembrar os velhos tempos. Vamos todos para a Flamenco Dancing, matar as saudades do canto, da música, da dança e principalmente das fêmeas!

A casa noturna era famosa pelos shows de canto, música e dança de flamencos, tanto na forma clássica como nas versões modernistas e inovadoras. Era frequentada por famosos e conhecido centro de fofocas voltadas para essa gente.

Sentados numa mesa bem de frente ao palco, Hémin e sua turma usufruem da noite, alegremente e prosseguem esvaziando as garrafas de vinho e champanhe. Hémin, como era de se prever, logo foi reconhecido como o *matador* El Gringo, suscitando de imediato a curiosidade de repórteres e fotógrafos. No meio da confusão e do vozerio, aparece no palco o mestre de cerimônias e anuncia o início do show noturno, apresentando o corpo de baile “Las Novatas”.

O show se desenrola com entusiasmo crescente da platéia. Trata-se de um conjunto de lindas moças representando o flamenco de forma diferenciada. Vestidas com saias curtas bem acima do joelho, botas vermelhas, cabelos multicoloridos e soltos ao vento. Num ritmo alucinante, sapateavam e dançavam, individual e coletivamente e nos seus movimentos deixavam à vista do público os seus calções pretos. Usavam com propriedade e graça as castanholas e por vezes os grandes leques. O público se divertia com a audácia das jovens dançarinas, que no final foram aplaudidas entusiasticamente.

Terminada a apresentação, as dançarinas se distribuíram

pelo salão, cumprimentando o público em todas as mesas. Em dado momento a mesa de Hémin está circundada de alegres dançarinas e os flashes dos fotógrafos se sucedem.

Demorou meia hora para que as coisas se acalmassem no salão, quando então o locutor anuncia o próximo show, com o tradicional grupo de danças “Raíces del Flamenco”.

As luzes se apagam totalmente e um único foco recai sobre um guitarrista sentado ao centro do palco. A guitarra é dedilhada mansamente, adquirindo ritmo e sonoridade crescentes, que já envolvem o ambiente — agora em completo silêncio. O volume vai aumentando gradativamente, ao mesmo tempo em que um sapateado coletivo e invisível se torna audível e também ganha força e intensidade. O sapateado agora vai decrescendo e as palmas coletivas vão tomando o seu lugar no ritmo e na intensidade, acompanhadas de uma voz rouca e um som gutural dá corpo a um lamento que parece emergir da escuridão.

Algumas dançarinas atravessam o palco, dançando e rodando seus vestidos, rapidamente, acompanhadas pelo foco de luz. O silêncio na platéia é total. Apaga-se o feixe e tudo fica às escuras. Em seguida todos os refletores se acendem sobre o palco, iluminando um fantástico grupo de dançarinas com seus clássicos vestidos longos e multicoloridos; os cabelos adornados com graciosos pentes e outros arranjos dão um toque de majestade ao corpo de baile. Este passa a executar com classe e leveza uma “sevillana” e no seu desenrolar, os cantos, os leques, as palmas e as castanholas vão se alternando, mantendo o dinamismo e a emoção da dança. Em dado instante, um belo dançarino vestido com um *traje de luces* aparece no meio do palco e passa a executar um sapateado vigoroso, estilizado, ao som de um *pasodoble*, movimentando-se como se estivesse numa arena de touros, com o capote nas mãos, ao mesmo tempo em que vai sendo envolvido e assediado por grupos de bailarinas que sobre ele investem.

Depois de alguns minutos, as luzes se apagam e quando voltam a acender, todo o grupo de dança está reunido bem a fren-

te do público e o conjunto finaliza o show numa demonstração equilibrada e emocionante de toda a arte do flamenco.

Quando a interpretação chega ao final, o público vai ao delírio e aplaude, de pé, demoradamente. No que se refere ao flamenco, a ordem estava restabelecida!

Gato sai da mesa e se dirige a um grupo de bailarinas que cumprimentavam o público nas mesas do salão e em seguida retorna à mesa de Hémin, abraçado a duas bailarinas, apresentando-as aos amigos.

— Eh, pessoal, esta é Rosita, minha namorada e esta outra, Manuele, minha irmã.

— Parabéns pelo show! — diz Hémin. — Vocês são fantásticas!

Um repórter se aproxima da mesa e se dispõe a tirar fotos do grupo de amigos com as bailarinas, cujo número já tinha aumentado, pois várias delas circundavam a mesa de Hémin.

— Eu quero uma foto sozinha com El Gringo, posso? — diz a irmã de Gato.

O repórter pede para que Gringo e a moça façam uma pose, com um beijo amistoso e tira a foto, prometendo mandá-la depois para Manuele.

O dia já estava quase amanhecendo, quando os amigos se despedem e tomam o rumo de suas casas.



Enquanto isso, na manhã desse mesmo dia, na casa de Malu, ela, Nina e Dona Carmen estão terminando o desjejum matinal e aprontando-se para irem ao consultório médico. Estava na hora do retorno de Malu, conforme determinado pelo médico desde o dia do acidente. A jovem já havia retirado o gesso de seu braço e agora só faltava essa consulta final.

— Eu acho que nem precisaria ir nessa consulta — diz Malu.

— Não custa nada filha, a consulta já foi marcada. Assim ficaremos sossegadas e já está na idade para um bom exame médico, mocinha — fala a mãe, Dona Carmen.

— É verdade! — acrescenta Nina. — Ademais, você anda se queixando de um mal estar no estômago e não custa ver tudo isso.

— Tudo bem, eu vou — responde Malu. — Mas posso ir sozinha, não é preciso que vocês duas me acompanhem.

— Nada disso, mocinha. — fala Dona Carmen. — Só você quer passear? Nós vamos também. É uma boa desculpa para sairmos às compras!

No consultório, após as apresentações e as queixas relatadas, Malu é encaminhada pelo médico para a sala de exames, onde seria realizada uma nova ultrassonografia da região abdominal.

Após alguns minutos, Dona Carmen e Nina são autorizadas a entrar na sala, onde o médico já submetia Malu ao exame. O médico examina e reexamina todo o abdômen de Malu e após seus registros técnicos e com a tela do monitor ativada, dirige-se a Malu e às duas acompanhantes:

— Bem, como eu previa, não há nenhum problema, está tudo em ordem. Inclusive, a criança parece estar ótima e é a verdadeira causa desses mal estar, desses enjôos...

— O que o senhor falou, doutor? — pergunta Dona Carmen.

— O que vocês acabaram de ouvir — responde o médico. — Desculpe, vocês não sabiam dessa gravidez? Não sou ginecologista nem pediatra, mas essa criança deve estar com aproximadamente três meses.

O espanto das mulheres era visível.

— Não acredito, não pode ser, o senhor tem certeza, doutor? — pergunta Malu.

— Claro minha filha, vou mostrar para você. Olha aqui na tela. Veja, veja aquele coração pulsando vigorosamente. Quer ouvir o som? Muito bem, ouça as batidas. O médico, então, au-



menta o volume do aparelho para que todas ouçam e mostra as imagens para Nina e Dona Carmen.

— É verdade, meu Deus, é verdade! É verdade! Malu, minha filha, o que aconteceu... — Dona Carmen sente-se mal e desmaia, sendo amparada pelo médico e levada para a enfermaria para ser reanimada.

Sozinha na sala com Malu, Nina pergunta-lhe:

— Maluzinha, você não percebeu realmente que estava grávida? Suas regras não estavam atrasadas? Quanto a mim, jamais pensei nisso quando você às vezes se queixava de enjôo e mal estar no estômago...

— Minhas menstruações realmente atrasaram — diz Malu. — Mas o próprio médico me disse algum tempo atrás que isso era natural devido ao trauma do acidente.

— Bem, isso não importa agora. A criança está aí e o problema é o seguinte: se não é obra do Espírito Santo, quem é o pai? Eu não sou burra, mas quero que você mesma diga.

— É claro que você sabe que Hémin é o pai. Agora imagine o tamanho do problema com o “meu” pai! Não quero nem pensar nisso agora, mas minha mãe tem que saber de tudo imediatamente.

— Também acho. Ainda bem que Dona Carmen veio conosco, senão esse problema ia ficar sobre mim.

Nesse ínterim, o médico volta para a sala, libera Malu e diz para Nina:

— Dona Carmen já está recuperada e as espera no corredor de saída.

As três mulheres encontram-se no corredor, olham-se, abraçam-se e choram, assim permanecendo por alguns segundos, enquanto seus pensamentos procuram respostas e soluções para o que há de vir.

— Filha, como isso aconteceu? O que vai ser de nós agora? — interroga Dona Carmen. — E Sebastian como vai reagir?

— Mãe, a senhora está preocupada com o que vai ser da minha vida, não é? Eu sei que a minha vida vai ser uma tempestade! Que Deus me ajude e me dê forças! Porém, quanto a vocês, meus pais, suas vidas não precisarão sofrer alterações profundas, a não ser que fiquem preocupados com as aparências e com as críticas sociais.

— Nossa! Vocês estão fazendo disso uma tragédia! Até parece que é o primeiro caso de uma mulher solteira ficar grávida. Calma, o que é preciso é enfrentar e resolver cada caso.

— Você está certa Nina! — diz Malu. — E o primeiro problema que pretendo resolver é com a senhora, minha mãe, que até agora não teve nem coragem de me perguntar quem é o pai do bebê. Não vou fugir e nem mentir para ninguém nesse caso e vou contar-lhe já como tudo aconteceu.

E Malu relata para a mãe todo o seu caso com Hémin e as circunstâncias que a envolveram naquele episódio, que por azar, culminou com o surgimento de uma gravidez. Fala sobre seus sentimentos mais íntimos com relação ao jovem, seus conflitos

emocionais, etc. Terminada a confissão, mãe e filha se abraçam e choram novamente.

Nina se aproxima das duas, participa do choro e vai dizendo em seguida:

— Muito bem, somente nós três sabemos de tudo e Deus há de nos inspirar a conduzir essa história com sabedoria. Em casa, vamos discutir e achar os caminhos, pois sem dúvida temos pela frente, dois grandes “pais problemas”: o pai da criança e o pai da mãe da criança...

— Eu não vou ter coragem de falar com Sebastian — diz Dona Carmen.

— Calma mãe! Eu estou apenas grávida e não doente. Não seria muito pior falar ao meu pai que eu sofria de uma doença incurável?

— É assim que devemos pensar, gente — diz Nina. — Vamos para casa descansar. Temos um nenê pela frente! Estou muito feliz! Começar tudo de novo! Graças a Deus!

No trajeto para a casa dos Cortez, quando o carro dirigido por Nina para num semáforo, se descortinava à frente um grande *outdoor* de Hémin na propaganda do perfume “Seducción Fatal”. Apontando nessa direção, Nina diz à Dona Carmen:

— A senhora disse que não conhece o jovem Hémin, vulgo El Gringo... Apresento-lhe o seu genro...

— Oh, meu Deus! Pai nosso!



Enquanto isso acontecia, alheio a tudo, Hémin estava em sua casa ultimando os preparativos para a próxima viagem e visitava seu carro *El Rayo* que já passara por revisão completa na oficina do tio Rafa. Acordara bem tarde no dia seguinte à noitada que passara com seus amigos na boate Flamenco Dancing. Era

evidente o seu mau humor, como se pressentisse o drama que Malu estava vivenciando e que diretamente lhe dizia respeito.

— Pablito, chegou aqui uma carta falando da segunda propaganda sua, já aprovada e junto um cartaz demonstrativo da mesma. Venha ver, está linda! — diz Bia.

— Vamos ver, parece que não está mal... O que você achou menina? Mostre para sua mãe.

— Meu filho! — diz Dona Valéria. — Você não tem vergonha de aparecer só de cuecas? Agora que está bonito, está...

— É assim que se fala mãe — diz Bia. — E o melhor de tudo é a “grana” que vem junto... Se um dia Pablito não quiser mais saber dos touros, é só aparecer pelado numa propaganda e já fica rico...

— Eh, menina, você só pensa nisto! — diz Hémin sorrindo. — Mas o que seria de mim sem você, minha queridinha — Hémin abraça e beija a irmã com carinho.

Tratava-se de uma nova campanha de publicidade das cuecas “Máximus”, em cuja arte aparecia Hémin de corpo inteiro, com as mãos na cintura, vestido apenas com uma cueca e expressando o seguinte:

“Cuecas Máximus, tão macias e confortáveis que as mulheres ficam loucas para tirá-las! — El Gringo”.



No dia seguinte, na casa de Malu, Nina sobe em seu quarto levando-lhe uma bandeja de café e um recorte do jornal do dia contendo a tal propaganda de Hémin.

— Bom dia, Maluzinha — cumprimenta Nina, ao mesmo tempo em que deposita a bandeja de café numa pequena mesa ao lado da cama. — Apresento-lhe o pai do seu filho em trajes íntimos, numa propaganda fantástica. Está cuidando de ganhar muito dinheiro para sustentar o filho... Veja!

Malu examina por alguns instantes o material publicitário.

— Nina do céu e não é que é ele mesmo? Não sei se rio ou se choro... Como é exibido esse *matador*! Ah meu filho ou minha filha, veja só o pai que eu arrumei pra você — acrescenta Malu passando a mão pela barriga e assumindo uma expressão de quem vai chorar.

— Nada disso mocinha. Você tem que ver isso do lado positivo. Afinal, o seu filho tem um pai que você conhece e de quem você gosta. Esse pai é apaixonado por você e já demonstrou sua vontade de casar-se imediatamente, mesmo sem saber da gravidez. Ademais, tenho certeza que esse pai ficará louco de contente quando souber dessa criança. Por fim, esse pai é lindo de morrer. O que você quer mais?

— Ora Nina, para você tudo parece fácil, mas não é você que vai enfrentar toda essa situação junto à família e à sociedade, especialmente Don Sebastian, que você muito bem conhece.

— Querida, não adianta você ficar se remoendo com o que já aconteceu. Don Sebastian, pode reclamar, gritar, mas no fim vai ter que aceitar, pois é seu pai e te ama. Quanto ao restante da família e toda a sociedade, que se danem! Não deixe que transformem fatos de sua vida em uma imensa tragédia. No máximo um drama que pode ter um final feliz!

— Muito bem e o que você acha que eu devo fazer? Chamar Hémin e contar-lhe que é o pai de uma criança que cresce no meu ventre? Exigir que se case comigo como reparação? Ou peça indenização por danos morais?

— É isso mesmo que eu acho, sem essa história de reparação ou exigência como você está colocando. Mas eu tenho que lhe fazer uma pergunta decisiva, posso?

— Qual é?

— Você ama ou não ama esse rapaz?

— Não é fácil assim, é claro que eu gosto dele, mas acontecem tantas coisas...

— Pode parar, você está se escondendo e não respondendo.

Trate de sair dessa retranca! Isso é muito importante, pois se você não ama esse moço, estamos perdendo tempo nessa discussão.

— Bem, na verdade eu tenho sentimentos...

— Pare! Desculpe te interromper, simplesmente responda à minha pergunta. Não me enrole. Não fuja. Olhe para mim, ou para esta foto se preferir e responda a pergunta que lhe fiz — diz Nina incisivamente.

Pressionada, Malu fica pensativa, cabisbaixa e silenciosa. Em seguida, ergue a cabeça, olha fixamente para foto, depois para Nina e lhe diz:

— Eu o amo, eu o amo muito e por isso, sofro tanto. Pronto! Pronto! Está satisfeita?

— O amor tudo resolve e o verdadeiro sofrimento é a inexistência do amor, querida. Diante da sua afirmação, temos todos os recursos para lutar e nesse caso, sempre valerá à pena lutar...

Abrindo o seu coração, Malu se sente aliviada, abraçando Nina e ambas sorriem fazendo comentários sobre a propaganda de Hémin.

— Bem, querida, você concorda que devemos providenciar um encontro casual, seu com Hémin?

— Seja o que Deus quiser! — responde Malu num suspiro profundo.

Nina sai do quarto e logo depois toma as providências para que Hémin, “sem querer”, se encontre com Malu no dia seguinte, na saída da faculdade. Com a ajuda de Bia o assunto chegou rapidamente ao conhecimento do jovem.

Hémin, com a expectativa de um novo encontro com Malu, sentia-se revigorado e esperançoso de que nessa oportunidade tudo se esclarecesse entre os dois.

Para ele, as brigas e desentendimentos com Malu eram motivados apenas por diferenças temperamentais, familiares ou econômicas, não fazendo a mínima idéia da gravidez da moça — fato que sem dúvida acrescentava um sério complicador na relação do casal.

Ansioso, Hémin chega para o encontro bem antes da hora prevista e fica esperando a saída de Malu por mais de uma hora.

No interior da faculdade, Malu se apronta para sair da sala de aula, quando encontra com sua irmã Isabel.

— Oi Maluzinha, já está de saída? Foi bom te encontrar, pois queria te mostrar as notícias dessa revista sobre o seu *ex-matador* — diz Isabel, ao mesmo tempo em que passa a revista para a irmã.

— Já sei — responde Malu. — Deve ser a última propaganda de Hémin, aquela das cuecas, não é?

— Não, eu nem sabia dessa propaganda. É outra coisa, veja você mesma.

Malu vai empalidecendo enquanto lê e vê a matéria exposta com grande destaque na revista de vasta circulação na área das fofocas sociais. Apareciam várias fotos de Hémin em meio às dançarinas de flamenco do grupo “Las Novatas”, obviamente, tiradas na noite em que o jovem e seus amigos estiveram na boate Flamenco Dancing, fazendo transparecer uma grande farra noturna. O que mais pegava, porém, era uma grande foto de Hémin beijando na boca uma dançarina, com os seguintes dizeres: “O *Matador* El Gringo encontra seu mais novo amor na noite de Madri”.

Malu sente a estocada e suas pernas bambeiam.

— Malu, está se sentindo bem? — pergunta Isabel preocupada. — Puxa, para mim vocês tinham rompido... Oh, meu Deus! Eu não devia ter mostrado isso para você.

— Estou bem, nada demais. Desculpe-me, mas estou com pressa.

Malu sai rapidamente, levando a revista na mão, deixando Isabel parada e sem ação. Já ia saindo pelo portão, quando vê que Hémin vem ao seu encontro, todo sorridente.

— Oi Malu, como você está? Que bom te ver.

— Eu estive bem até agora e você ao que parece está ótimo, cada vez melhor, com suas mentiras e suas mulheres! Fique com essa sua vida e nunca mais me procure!

Nervosa, Malu joga a revista em cima de Hémin, sai rapidamente, pega o carro e parte em disparada sem olhar para trás.

Surpreendido e sem saber do que se tratava, Hémin não tem tempo de reagir e então põe-se a ver a revista deixada por Malu, que tinha caído no chão. Só então ele se dá conta das razões para o comportamento agressivo de Malu. Essa agressividade decorria, na verdade, dos dizeres da foto tirada na casa noturna, quando beijou amistosamente Manuele, a irmã de Gato. Hémin compreende, então, que inocentemente, fora vítima de uma traição pelo autor da reportagem, ávido por escândalos e o pior de tudo, se dá conta de que nunca terá outra oportunidade de explicar as coisas para Malu. Triste e irritado, Hémin sente-se inconformado com o que parecia ser o final infeliz e definitivo desse romance.

Eram muitas nuvens cinzentas escurecendo-se no horizonte...



Hémin retorna ao seu veículo e chega à casa do amigo Gato, que o recebe no portão.

— Oi Hémin — diz Gato. — O que o traz por aqui? Puxa, rapaz, você está com uma cara de nervoso, que aconteceu?

— Lembra-se da noite no Flamenco Dancing? Veja nesta revista a sacanagem que me aprontaram e imagine que foi a Malu que me entregou essa porcaria!

Hémin espera o amigo ver a revista, explica-lhe o desastre do seu encontro com Malu e diz:

— Vou voltar naquela boate, hoje mesmo à noite, pois quero encontrar aquele repórter “filho da puta”. Você topa ir lá comigo?

— Claro que sim, Gringo. Que armação “cara”! Entre um pouco e mais tarde vamos conversar com esse vagabundo!

Chegando e entrando no Dancing, Hémin senta-se com Gato em uma mesa, pedem vinho e ficam aguardando a presença do repórter.

Depois de meia hora, eis que o repórter surge, reconhece Hémin e vem para a mesa, todo sorridente, dizendo:

— Olá *Matador*, que bom revê-lo. Gostou da reportagem?

— Gostei demais, seu “filho da puta”! Tanto que vou acabar com esse seu sorriso idiota!

Ao mesmo tempo em que gritava e chamava o repórter de vagabundo, Hémin o agride desferindo-lhe um soco na boca. O repórter cai estatelado no chão. Hémin ainda vai para cima do homem para chutá-lo, mas é contido por Gato e pelos seguranças da casa. O jovem está enfurecido e ninguém consegue segurá-lo. Forma-se uma grande confusão, a polícia é acionada e chega ao local, em seguida leva Hémin e todos os envolvidos para a delegacia.

Na delegacia, sentindo-se em segurança, o repórter ameaça Hémin:

— Vou processá-lo por essa agressão, seu *matador* de merda! — mostrando o nariz sangrando e o dente quebrado.

— Eu é que vou processá-lo, seu vagabundo, por falsidade no uso de imagem alheia e difamação.

Os flashes comiam soltos na delegacia com vários repórteres registrando a lamentável ocorrência.

O delegado intervém rispidamente para dominar a situação, dizendo:

— Calem a boca vocês, senão recolho os dois para o xadrez! Quero a imprensa longe daqui. Vocês vão prestar os depoimentos ao escrivão e se pagarem a fiança estarão liberados.

Outro jornalista consegue aproximar-se de Gato e pergunta-lhe qual a razão de toda essa revolta manifestada por El Gringo. Gato conta-lhe sobre a origem e os detalhes da foto, conforme exposição na revista e pede-lhe que não deixe de escrever sobre a falsidade da foto divulgada por aquele vagabundo e do prejuízo que causara ao *matador*.

Uma hora depois, quando todos saíram da delegacia, um repórter da TV Nacional aguardava por Hémin para entrevistá-lo ao vivo. Hémin não queria saber disso, porém o repórter insiste dizendo-lhe:

— *Matador*, por favor, uma só pergunta: por que você ficou tão revoltado com esse colega, a ponto de agredi-lo?

— Porque ele é um farsante, usou de imagens inocentes para montar uma notícia mentirosa e sem fundamento a respeito da minha vida pessoal. Isso prejudicou profundamente a mim e a uma pessoa de minha relação. Devia ter batido mais naquele vagabundo e ponto final!





## Sevilha: O “Indulto” de um Touro

Ao final da tarde, no dia seguinte ao malgrado encontro de Malu e Hémin, Nina sobe aos aposentos da moça para saber o que havia acontecido nesse encontro. Além disso, estava preocupada, pois ouvira parcialmente na televisão notícias sobre o *matador* El Gringo na delegacia de polícia e então pergunta à jovem:

— Maluzinha, o que foi que aconteceu ontem? Vai me dizer que foi mais um “desencontro” entre vocês dois? Estou preocupada, pois além de tudo, vi um noticiário na televisão sobre uma confusão policial em que Hémin estaria envolvido...

— Isso eu não vi, pois fui dormir cedo com dor de cabeça. Era só o que faltava! O que eu vi foi uma reportagem numa revista com fotos da farra noturna do seu protegido. Para mim chega! Quando tudo indica que vai dar certo, o senhor *matador* faz mais uma besteira! Mais uma decepção!

— Que revista é essa?

— Não me lembro do nome, foi Isabel quem me mostrou e eu simplesmente a joguei em cima do Hémin. Não se preocupe, tenho certeza de que logo algum repórter bate aqui em casa. Eu já não me importo com mais nada!

— Mas o que o Hémin disse a respeito?

— Não havia o que dizer, deixei-o falando sozinho, joguei nele a revista e vim embora correndo.

— No noticiário da TV constava que Hémin tinha agredido um repórter da revista, porque este fez uma montagem com fotos e textos, dando uma impressão falsa dos fatos. Creio que foi isso que você viu na revista e que provocou sua indignação e por consequência a agressão de Hémin ao autor da reportagem.

— Nina, como já te falei, não quero mais saber dessa relação com Hémin, que tanto me faz sofrer. Já tenho um problema muito sério a resolver e você sabe qual é. Esse segredo quanto a minha gravidez me machuca muito, pois até agora só eu, você e minha mãe sabemos desse fato que logo se tornará visível. Você me conhece e sabe que me sinto mal com qualquer mentira.

— Concordo com você, Maluzinha. A solução seria tão mais fácil com Hémin, mas parece que há uma praga jogada contra vocês, meu Deus! Realmente, sua família, especialmente seu pai, tem de saber e todos têm que ficar do seu lado e ajudá-la. Acho que o próprio Hémin também deviria saber, mesmo que vocês não fiquem juntos, pois queiram ou não, ele é o pai.

— Não, pelo amor de Deus, não! Hémin não deve saber, pelo menos por enquanto. Ele poderia armar uma grande confusão em casa e não estou preparada para isso. Quanto ao meu pai, vou reunir forças para enfrentá-lo.

— Deus nos ajude! Então vamos descer para o lanche, que o pessoal já está aí.

De fato, os familiares já estavam sentados na grande mesa oval da saleta íntima. Don Sebastian como sempre na cabeceira e todos conversam animadamente quando Malu chega acompanhada de Nina. Faz-se um silêncio e Malu de imediato se dirige ao grupo:

— Boa tarde a todos. Boa tarde família. Por que ficaram quietos? Será que o assunto de tanta discussão era eu? Ou era Hémin? Estou aqui para ouvi-los e para falar-lhes também.

— Malu — diz Isabel desajeitadamente. — De fato estamos comentando sobre o artigo da revista que lhe mostrei ontem, pois outro exemplar chegou aqui pelas mãos da nossa querida irmãzinha Ruth.

— E também, sobre uma confusão policial envolvendo seu *ex-matador*, conforme manchetes dos jornais de hoje de manhã — acrescenta Ruth.

E Ruth passa para Malu o jornal que estava nas mãos de Don Sebastian, cujo título era:

*“Matador El Gringo é levado à polícia por agressão a repórter, o qual teria publicado texto falso que o comprometia.”*

— Podem deixar o jornal comigo, que vou ler atentamente. — diz Malu. — Muito bem, é por isso, que vocês estão tão preocupados?

Nina e Dona Carmen se entreolham preocupadas. Don Sebastian, muito sério, se dirige a Malu.

— Querida, é claro que nós todos estamos preocupados com você, só de pensar que poderia ter se envolvido mais seriamente com esse indivíduo, que está bem demonstrando o que é. Graças a Deus estamos livres dessa ameaça para sempre! Não é?

— Meu pai, embora eu tenha rompido relações com esse moço, não gosto que o chamem de indivíduo, pois não é uma má pessoa, eu o conheço. E se vamos ficar livres para sempre do Sr. Pablo Hémin Jones, mais conhecido como o *matador* El Gringo, ou o afamado galã das propagandas de perfumes e cuecas, isso eu não sei. Porque ele é o pai da criança que carrego comigo há mais de três meses...

A notícia foi um choque elétrico no grupo! Todos olham perplexos e silenciosos para Malu, tentando entender aquela história. Malu também se surpreende com sua coragem e olha fixamente ao seu pai e a todos, tranquilamente, de cabeça erguida e com um ar de desafio.

— Pode repetir o que acaba de dizer, Dona Malu? — pergunta Don Sebastian com o olhar incrédulo.

— Estou falando a verdade, meu pai, pois estou grávida.

Don Sebastian, irado, dá um murro na mesa fazendo voar xícaras e talheres e continua aos gritos:





— Não admito isso! Na minha família, não! Temos de resolver isso! Eu vou arruinar a vida desse infeliz e acabar com sua raça! Dona Carmen, a senhora sabia disso? Dona Nina também sabia?

— Sebastian, calma, eu fiquei sabendo faz alguns dias, quando fomos ao médico, conforme estava programado.

Dona Carmen mostra-se nervosa e pálida ameaçando um desmaio, quando alguns se aproximam para socorrê-la.

— E então, Dona Malu, como vamos resolver isso? — pergunta Don Sebastian. — Você vai querer ter esse filho ilegítimo? De um pai desqualificado?

— Pai, essa criança não vai ser ilegítima. Não há situação alguma a ser resolvida, a não ser que vocês estejam pensando que eu vá provocar um aborto. Vou ter essa criança, custe o que custar, vou amá-la e protegê-la para sempre e ela terá pai e mãe no registro de nascimento.

— Querida, ninguém está pensando em aborto, pois somos uma família cristã. Seu pai está apenas nervoso e não sabe o que fala — diz Dona Carmen, já recuperada do mal estar.

— Claro, querida, nós vamos dar todo apoio a você e ao baby... — intervém Isabel, enquanto os presentes fazem sinais de positivo, olhando para Malu, no sentido de que também irão apoiá-la.

— Eu sei muito bem o que estou falando — retorna Don Sebastian. — Como chefe desta casa, tenho um nome a zelar. Essa situação toda não tem meu apoio nem minha permissão.

— Sinto muito que pense assim, meu pai, o que o senhor acaba de dizer me traz uma profunda decepção, muito mais problemática do que uma gravidez indesejada. Agora, se essa é a sua decisão, pode ficar tranquilo que vou me mudar dessa casa.

Malu termina as últimas palavras chorando, levanta-se e dirige-se rapidamente para os seus aposentos.

O ambiente fica “carregado” e é inequívoca a decepção geral com a atitude do patriarca. Nina, que nervosamente a tudo observava, pela primeira vez entra na conversa:

— Don Sebastian e Dona Carmen, se a menina Malu sair

dessa casa, aviso desde já que vou com ela. Fui eu que sugeri a ela que contasse a verdade, pois estava certa de que Malu receberia o apoio de toda família e é o que se espera quando alguém muito querido está numa situação difícil.

— Ninguém vai sair dessa casa! — diz Dona Carmen — Vamos ficar tranquilos que tudo se resolve.

— Nina, era só o que faltava! Quem lhe deu o direito de se meter em assuntos da família? — diz Don Sebastian. — Tenho certeza de que você estava por trás de tudo isso e é bom que se coloque no seu devido lugar!

— Pai, o senhor parece estar brigando com o mundo hoje? Calma, por favor! — fala Isabel.

Nina, nervosa, volta a falar:

— Eu falei o que falei com o direito adquirido das dezenas de anos servindo essa casa e quanto à Malu eu cuidei dela desde bebê e a considero como se fosse minha filha. Estou indignada com essa reação de vocês, afinal, ela não está doente, não tem câncer ou alguma doença contagiosa, não cometeu nenhum crime e não ofendeu ninguém. Está apenas grávida, em virtude de um engano que todos nós humanos cometemos e simplesmente precisa de ajuda e não de críticas e ameaças!

— Espere aí Dona Nina, você devia é criticar e procurar esse seu protegido que chamam de Gringo, pois ele é o culpado de tudo e a Malu tem culpa sim, porque insistiu muito tempo com esse cara — fala Ruth.

— Ora, Dona Ruth! Eu sei o quanto você se preocupa com sua irmãzinha e seu grande interesse em ajudá-la... — responde Nina sarcasticamente. — Mas saiba você que esse moço daria a vida para ficar com Malu e isso, que seria a solução natural para o caso, tornou-se impossível, pois sua irmã esteve sempre pressionada pelos preconceitos desta casa contra o rapaz: condição econômica, diferenças de formação, preocupação com as frescuras da sociedade e tudo mais. Isso é que provocou essa situação que vocês estão conseguindo transformar num grande drama.

— Nina, não vou repetir, você já se meteu demais onde não devia. Você está despedida!

Assim falando, Don Sebastian visivelmente nervoso, retira-se da sala, sem despedir-se de ninguém.

— Dona Carmen, vou providenciar as minhas malas e amanhã mesmo eu desocupo o meu quarto — diz Nina, com a voz trêmula, despedindo-se.

— Calma Nina — diz Dona Carmen. — Estamos todos nervosos, amanhã é outro dia.

O clima fica tenso. Os familiares ficam calados, vão saindo vagorosamente da saleta, em direção à porta de saída, não se despedem uns dos outros e nada comentam. Simplesmente vão embora...

Dona Carmen entra no quarto do casal e encontra Don Sebastian sentado na cama, com as mãos no rosto, aborrecido e pensativo. Ninguém dormiu naquela noite trágica.

No dia seguinte, muito cedo, Don Sebastian bate à porta de Nina.

— Bom dia Nina, desculpe acordá-la tão cedo.

— Bom dia Don Sebastian, já estava acordada e terminando de arrumar as minhas coisas. O que o Senhor deseja?

— Quero apenas pedir-lhe desculpas. Você tem razão em tudo o que disse e sabemos do seu amor pela Malu. Desconsidere as idiotices que eu falei e nem pense mais em sair dessa casa. Desculpe mais uma vez — diz Don Sebastian, retirando-se.

Nina fica quieta e seus pensamentos voltam-se para Malu, pois a sua decisão dependeria diretamente da posição de Malu na família e na casa.

Uma hora mais tarde, os donos da casa estão sentados à mesa tomando café, servido por Nina, quando Don Sebastian diz:

— Nina, por favor, quando o café de Malu estiver pronto, eu mesmo quero levá-lo.

Instantes depois, Don Sebastian bate à porta do quarto de Malu e entra vagorosamente, encontrando a filha deitada, mas já acordada e pensativa.

— Bom dia, querida! Eu mesmo vim lhe trazer o café, foi o jeito que achei mais fácil de dizer a você o quanto eu te amo e esse amor às vezes cega a gente e distorce os nossos sentimentos. Esqueça querida, todas as sandices que falamos ontem, foi um dia infeliz e já me desculpei também com Nina. Não dormi essa noite, ansioso para dizer-lhe que se você e Nina saíssem dessa casa dessa forma, nós a fecharíamos para sempre. Querida, você terá todo o nosso apoio e tudo será do jeito que seja melhor para você, qualquer coisa! Nós te amamos tanto!

— Oh pai, todos nós erramos um pouco. Que alívio você me traz, pois confesso que estava sofrendo muito e nem dormi direito, preocupada com esse desentendimento em nossa família.

— Bem, o que me interessa agora é saber o mais breve possível se vou ter um lindo neto ou uma linda netinha! Ele ou ela vão contar com todo nosso amor e proteção e tudo dará certo, se Deus quiser. E agora, futura mãezinha, dê-me um grande abraço.

— Oh pai, eu e o bebê te amamos muito!

Abraçam-se demorada e ternamente. As lágrimas caem copiosamente de seus olhos. Don Sebastian se emociona profundamente.

Há quanto tempo não abraçava um filho? Há quanto tempo não derramava uma lágrima? Há quanto tempo não sentia o pulsar de uma emoção?

Dona Carmen, Nina e Isabel, que ansiosas aguardavam do lado de fora, também entram no quarto de Malu, observando a cena amorosa de pai e filha, aproximam-se e sem dizer nada, unem-se aos dois, formando um múltiplo e caloroso abraço coletivo em torno de Malu. As lágrimas e os sorrisos atestam que a paz voltara com toda força para a família dos Cortez.



Nesse mesmo período de tempo, depois dos acontecimentos na delegacia, Hémin chegou em casa quando o dia já estava quase amanhecendo. Sua mãe e sua irmã o aguardavam com grande preocupação.

— Nossa Hémin! — fala Dona Valéria. — O que aconteceu com você? Ouvimos uma notícia de que teria ido parar na delegacia e estávamos tão preocupadas que quase ligamos para a polícia confirmando.

— Não me fale em polícia, mãe! Já chega a confusão de ontem. Mas agora está tudo bem, o pior já passou...

— Pablito, mas você não teve um encontro com a Malu? Você chegou a falar com ela? — pergunta Bia.

— Foi justamente daí a causa da confusão. Ela viu uma foto montada e preparada por um repórter, brigou comigo e nem me deixou abrir a boca, fiquei “puto” da vida e fui procurar o idiota e quebrei-lhe a cara, por isso, fomos parar na delegacia de polícia.

— E como é que ficou a situação entre vocês dois?

— Não ficou... Perdi todas as esperanças. Essa história apareceu na televisão, jornais, revistas e meu filme está super queimado com Malu. Ela pensa que sou um irresponsável, um louco!

— Vocês dois não têm jeito mesmo — fala Dona Valéria. — E o que eu faço com esse vestido da moça que está pronto já faz tempo?

— Pode deixar comigo, que eu vou entregar para ela e dar um jeito de bater um papinho... — diz Bia. Estou sentindo algo muito estranho nessa história... É o que diz o meu sétimo sentido...

— Faça o que quiser menina, não quero mais saber disso. Estou desiludido! E como estão as nossas finanças? Já depositaram a primeira parcela da última propaganda?

— Está tudo em ordem Pablito, acho que vamos ficar ricos. Fiz um relatório completo, você quer ler?

— Não quero ler nada, pois estou cansado. Confio em você e é pra isto que pago sua comissão. Agora vou descansar um pouco e preparar-me para a viagem.

- Quando vocês vão viajar, filho?
- Preciso falar com Manolo e meus amigos, mas creio que amanhã já podemos partir.
- Pablito, você não sente medo de ter que enfrentar todos esses touros novamente?
- Não querida, não tenho medo dos touros, tenho medo é das mulheres... Com seus chifres invisíveis... São capazes de acabar com qualquer um...



De fato, conforme o combinado, Hémin e sua equipe partem para uma programação de corridas na nova temporada. Como sempre, seguem a bordo do *El Rayo*, marca registrada do grupo, que nestas alturas já estava revisado, novo e lustroso para ser admirado nas praças de touros.

Nessa etapa inicial, o objetivo era, depois de algumas novilhadas pela Andaluzia, participar das importantes corridas de touros, durante as comemorações da Feira de Sevilha, uma das mais famosas festas do mês de abril.

Passam os dias e as corridas, com Hémin aumentando cada vez mais o seu prestígio como *matador*. Manolo e os amigos que sempre o acompanham de perto, dentro e fora das arenas, notam algumas alterações no comportamento de El Gringo — já não sorria com tanta facilidade, dentro da arena por vezes exagerava nos riscos que corria, como se estivesse num desafio com a morte. Na lida com os touros parecia estar fora do mundo, absolutamente concentrado naquela *faena*. É obvio que, com relação ao público, às críticas e à mídia, essas atitudes lhe adicionavam mais e maiores elogios. Os amigos não gostavam muito disso... Sabiam que o exagero com o “brilhantismo” pode ser perigoso...

E assim caminhando, chegam à magnífica Sevilha, Capital da Andaluzia, em pleno fervor da festa anual da cidade, que se desenvolve no mês de abril e que inclui dentre suas maiores atrações as corridas de touros em *La Maestranza*.

A famosa praça de touros de Sevilha — *La Maestranza*, merece ser vista quer se goste ou não das corridas. Construída nos séculos 17 e 18, tem uma belíssima arquitetura que espelha todas as características e elementos presentes na tradicional casa Sevilhana — as cores, a luminosidade das fachadas, tudo conformado por conjuntos de infundáveis arcos multiformes e harmônicos. O seu portão de entrada é semelhante ao de muitos palácios. Pela Puerta Del Príncipe os *matadores* saem carregados pelos aficionados, quando o desempenho é digno de um *diestro*. O *ruedo* que contorna a arena central tem a forma elíptica e tudo se agrega num respeitável conjunto arquitetônico, que parece querer refletir na sua imponência, toda sua história, suas glórias e tragédias.

E é nessa catedral da tauromaquia clássica, que naquele domingo de Páscoa, o *matador* El Gringo está escalado para a principal corrida da tarde.

É um dia luminoso, o sol ardente, a cidade respira a festa, os aficionados e o público em geral já lotam todas as dependências de *La Maestranza*. Reina uma enorme expectativa pela primeira apresentação de El Gringo na famosa *plaza*.

Tem início um lindo espetáculo que é o *paseo*, ou seja, a entrada formal na arena de todos os *matadores* e suas equipes, os *banderilleros*, os *picadores* e seus cavalos, os ajudantes de toureiros, os *aguacilles* que são os representantes do presidente da corrida, formando um majestoso desfile dos toureiros em *trajes de luces*. Cada *paseo* é único e todos valem a pena ser vistos.

Iniciada a corrida, esta se desenrola com altos e baixos sem grandes feitos ou manifestações do público até o quinto touro. Porém *La Maestranza* não esquecerá jamais o que fez El Gringo com o seu sexto e último touro da tarde.

Quando o magnífico animal entra na arena, Manolo se dirige a El Gringo.

— Gringo, esse é o touro! Aproveite!

— Hulk! — diz Gringo. — Pega leve, quero esse bicho bem vivo.

— Mas tenha cuidado! — acrescenta Pequeno. Esse touro é uma das feras criadas na *ganaderia* da Viúva Fuentes.

Com passes largos e o capote estendido, El Gringo vai trabalhando o touro, que investe como uma locomotiva. A função da capa é justamente “pegar” o touro, trazê-lo e conduzi-lo conforme o interesse do *matador*.

Com muita paciência e competência, o *matador* consegue encaminhar o touro para o *picador* — Hulk — que o aguarda montado em seu cavalo. A primeira investida é tão violenta que o touro vai empurrando cavalo e cavaleiro até jogá-los ao chão, onde a investida continua. Há uma correria geral para resolver a situação, El Gringo consegue atrair o touro para longe daquela área, enquanto Pequeno ajuda Hulk a retirar-se rapidamente.

O cavalo é substituído e Hulk dá continuidade ao trabalho, encerrando-o desta vez com sucesso.

Segue-se a *suerte de banderillar*, com Gato colocando precisamente os dois primeiros pares. O público se agita, pois El Gringo é que vai colocar o último par de *banderillas* e esse procedimento já se tornou famoso. Total silêncio e expectativa. O *matador*, só com o par de *banderillas* nas mãos, encaminha-se lentamente em direção ao touro que o observa com os cascos batendo furiosamente na areia. Na distância adequada, El Gringo para, olha fixamente para o touro, bate os pés e grita:

— *Toro! Toro! Venga toro.*

E aquela locomotiva negra investe na direção do *matador*, que portando uma *banderilla* em cada mão, maneja-as e aguarda estático. Quando o touro chega bem perto, preparando a chifrada, o *matador* suspende ao alto as *banderillas*, o touro tenta acompanhar os movimentos e passa como um vento e as *banderillas* já

foram colocadas no seu dorso... Os chifres passam tão perto que parecem arrancar lantejoulas dos trajes do *matador*. O público recupera o fôlego e aplaude ruidosamente.

El Gringo retorna ao corredor para recompor-se e receber a *muleta*, com a qual executará o último terço da corrida — *suerte de matar*. Pequeno entrega-lhe um grande leque preto, dizendo:

— Gringo, foi aquela dona ali em cima que mandou para você.

O *matador* olha na direção e nota uma bela mulher, com seus aproximados 40 anos. A mulher olha e sorri para El Gringo e este retribui.

Com a *muleta* nas mãos, El Gringo, segue em direção ao touro e encaminha o animal para o centro da arena — onde fará o trabalho em que ele se tornou um mestre. Seguem-se minutos de verdadeira emoção e arte. Pela direita ou pela esquerda, por baixo e pelo alto, magníficos passes naturais, aquele pano vermelho aparecia e sumia e o touro ia e voltava e tornava a passar. O *matador* chegava tão perto do touro que mal se podiam distinguir os dois corpos que pareciam bailar no centro da arena. A música tocava suavemente como que acompanhando com respeito aquele jogo de vida e de morte. O público ficava todo de pé e os gritos de olé também eram suaves, como se tivessem medo de atrapalhar aquela magia. O presidente acena o lenço e os clarins soam repetidamente, lembrando ao *matador* que é a hora da estocada, ou seja, tem de terminar a *faena*.

El Gringo finaliza o trabalho com a *muleta*, faz um sinal com as mãos ao touro para que pare, dá-lhe as costas e segue até o corredor. Aí, enxuga o rosto, recebe a espada das mãos de Pequeno, olha para cima e joga sua *montera*<sup>9</sup> em direção àquela bela dama com jeito de mulher fatal.

Com a *muleta* e a espada, El Gringo volta ao touro, aplicando-lhe outros passes com a capa, preparando-o para a morte. Tenta estancar o touro e perfilar-se para a estocada, mas o touro

---

9. Espécie de boné especial usado pelos toureiros.

continua investindo sem parar, obrigando El Gringo a continuar a *faena*, no trabalho com a capa. A platéia delira! Por três vezes a cena se repete.

Mas aquele nobre e valente animal, apesar de toda exaustão a que fora submetido pelo *matador*, não se entrega e quer brigar, mesmo com a língua pra fora e quase dobrando os joelhos.

El Gringo para, olha para o touro, olha para o presidente, olha para o público e este reage imediatamente. Milhares de lenços brancos são acenados e gritam em direção ao camarote do presidente. Expectativa geral. Touro e toureiro estão exaustos e parados no centro da arena. Afinal, com um toque de clarim, vem a autorização do presidente — El Gringo não precisa matar o touro: ele estava *indultado*, em reconhecimento ao seu valor e nobreza.

O final dessa tarde em *La Maestranza* foi uma verdadeira loucura, ao som de vibrantes *pasodobles*. A arena foi tomada pelos aficionados e El Gringo saiu da arena carregado em triunfo pela Porta Del Príncipe, uma honraria para os verdadeiros *diestros*.

À noite, Gringo está reunido com seus amigos no salão do hotel, atendendo alguns repórteres de jornais locais, quando um mensageiro entrega-lhe um envelope. O jovem abre a correspondência e lê o seguinte texto: “*Matador*, espero o senhor e seus acompanhantes para uma recepção em minha casa, esta noite. Até mais. Carla — Condessa Di Veromonti — Calle Palácios, 111”.

— Eh, moçada — diz Hémin dirigindo-se aos seus amigos. — Temos uma festa para mais tarde, vamos nos aprontar que hoje é dia para comemorar.

— O convite é daquela gostosona? — pergunta Pequeno.

— É sim, é a dona do leque e é uma Condessa...

— Eu acho que vou ficar e descansando. — diz Manolo — Hoje você quase me matou de susto!

— Nada disso! Vamos todos para aliviar as tensões.

A casa de Carla Martinez, que se dizia Condessa Di Veromonti, era na verdade uma linda mansão, robusta e antiga cons-

trução em forma de “U”, despontando ao meio um grande pátio central ajardinado e decorado com árvores, coqueiros, fontes, em volta de duas magníficas piscinas. Os arcos e alpendres laterais davam cobertura aos bancos, mesas e poltronas diversas, distribuídas na área reservada para festas e recepções. Os jogos de luzes e holofotes permeiam todo o ambiente, dando-lhe uma atmosfera de frescor e romantismo nas noites quentes de Sevilha.

Hémin e seus companheiros são recebidos com todas as honrarias e atenções pela Condessa e um grupo de amigos. Distribuem-se pelas mesas e a festa já vai animada, com muita música e bebida. A Condessa fica sempre ao lado de Gringo, levando-o para todos os cantos e apresentando-o aos visitantes. Ele se sentia bem na festa e naquela companhia agradável. Olhava para aquela mulher lindamente vestida e não conseguia resistir à tentação de pensar que, talvez por influência daquele filme antigo — “Sangue e Areia”, ela se parecia tanto com a Rita Hayworth... Fazia tempo que ele não se divertia como nessa noite!

A festa já entrava pela madrugada. Os companheiros de Gringo, já cansados e meio embriagados, vão ao encontro dele, para avisá-lo que já estão de saída.

— Gringo — fala Manolo —, nós já estamos indo e pelo jeito você vai ficar, não é?

Hémin vai até a Condessa para despedir-se, mas ela o retém pelos braços, puxando-o bem próximo ao seu corpo e diz:

— Querido, você é meu convidado para toda a noite! Está proibido de sair do meu lado!

Hémin retorna aos companheiros e vai dizendo:

— Vou ficar por aqui esta noite. Até mais tarde, moçada!

— Cuidado Gringo — diz Manolo. — Essa mulher tem uma cara de devoradora de homens...

— Não fiquem aí com essas caras de panacas e preocupados. Se ela quiser me devorar, eu como ela primeiro...

O *matador* volta para a festa e para os braços da Condessa, sempre bebendo e se divertindo.

O dia já estava quase amanhecendo, quando Hémin vê tudo sumir a sua frente. Quando retoma a consciência, está acordando com o sol quente batendo em seu rosto, na cama da anfitriã, que está desmaiada do outro lado...

Sem que ela percebesse, ele veste-se rapidamente, deixa sobre o travesseiro, uma rosa vermelha com um bilhete, no qual diz:

“Jamais esquecerei sua festa e sua adorável companhia. Você poderia ser meu grande amor se já não tivesse um. Adeus. — El Gringo”.

O *matador* retorna ao hotel, pensando que essa despedida era a melhor coisa que podia ter feito.

Os jornais já estampavam as manchetes sobre a corrida em *La Maestranza*:

*“El Gringo em uma tarde gloriosa em La Maestranza:  
um touro nobre e um **matador** valente.”*

*“El Gringo sai carregado em triunfo.”*

*“Touro é indultado numa **faena** fantástica.”*

Por outro lado, os comentários da crítica especializada na rádio e na televisão, confirmavam os mesmos elogios e o prestígio de El Gringo se espalhava por toda Espanha. O *matador* sai de Sevilha ganhando mais um apelido: “O galã destemido”.

As melhores corridas de touros são as que acontecem em Madri, no mês de maio, durante os festejos comemorativos do padroeiro San Fermin.

Com o prestígio alcançado em Sevilha, Hémin não precisava batalhar tanto para ver-se incluído na programação dessas corridas, pois na verdade, Las Ventas é que aguardava com ansiedade o *matador* El Gringo...





## *Nas Passarelas e “Las Ventas”*

Antes da volta de Hémin a Madri, sua irmã Bia resolve ir até a casa de Malu, com a justificativa de entregar-lhe o vestido que sua mãe já confeccionara para a jovem. O objetivo verdadeiro, todavia, era pesquisar os acontecimentos, filtrá-los e transmiti-los ao seu irmão, sempre ansioso por notícias.

Chegando à casa de Malu, Bia aciona a campainha e é atendida por uma empregada.

— Bom dia — diz Bia —, gostaria de falar com a moça chamada Malu.

— E a quem devo anunciar?

— Diga-lhe, por favor, que é a Bia e que vim para entregar-lhe um vestido.

Momentos depois, Malu vem até o portão quando reconhece a irmãzinha de Hémin, que ainda está parada do lado de fora.

— Olá, Bia — diz Malu sorridente. — Entre, por favor, quase não a reconheci, pois você já está mais crescida, mais bonita...

Bia, com seu olhar de águia, nota que a jovem está mais gordinha, especialmente na cintura e que a jovem procura disfarçar puxando a blusa que veste para baixo.

— Malu, você parece que engordou um pouquinho, mas está ainda mais linda do que antes. Eu vim para trazer-lhe o vesti-

do que minha mãe já deixou prontinho e acho que vai ficar muito legal em você.

Malu recebe o vestido, observa-o com atenção e fala pra Bia:

— Ora querida, não precisava se incomodar, mas agradeça por mim à sua mãe. Diga-lhe que gostei demais! E já que você veio, o que me deixa muito contente, entre para tomar um refresco.

Malu ia conduzindo a menina pelas mãos, mostrando-lhe as salas, quando Nina lá da copa diz em voz alta:

— Maluzinha, não esqueça que dentro de uma hora temos a consulta com o médico para ver se está tudo bem com essa família...

— Não me esqueci, Nina! — responde Malu. — Deixe eu te apresentar esta linda menina, é Bia, irmã do Hémin.

Nina percebe a inconveniência que cometera, mas procura aparentar naturalidade e alegremente se dirige a menina:

— Que prazer querida, é uma honra conhecer a irmã do famoso *matador* El Gringo. Eu o adoro e quero conseguir uma foto dele abraçado comigo!

Malu olha para Nina, que já está servindo Bia com refresco e bolo, sentindo vontade de esganá-la, mas acaba sorrindo.

— Bom, Malu, vocês têm compromisso e eu também tenho de me apressar. Foi bom matar as saudades de você. Quando puder e quiser apareça em nossa casa, pois todos nós gostamos muito de você.

— Obrigada, querida! Você também pode vir quando quiser.

No caminho de volta para casa, Bia pensava sobre tudo o que viu e ouviu e suas deduções a assustaram. Por enquanto, ia deixar isso tudo apenas nos seus registros pessoais, pois julgava ser cedo ainda para transmitir uma notícia de tal importância para sua mãe ou seu irmão. Ia ficar atenta. Muito atenta.

Após a saída de Bia, Malu se dirige a Nina e diz:

— Nina, acho que a menina ficou meio desconfiada, olhou muito para o meu corpo e você ainda foi falar sobre o médico e ela é a astúcia em pessoa...

— Não sei, não sei e nem quero saber! Você conhece a minha opinião a respeito. Até quando vocês acham que vão manter segredo dessa gravidez? É claro que um dia, mais cedo ou mais tarde, o pai vai ficar sabendo e a situação toda pode ficar muito brava!

— Estou muito confusa ainda, mas você tem razão, pois já estou indo para o quinto mês da gravidez... Tenho tanta coisa a decidir...

— É... Não dá para perder mais tempo. Você deve ter uma conversa com seus pais para tomarem juntos algumas decisões e repito, não acho certo você querer ignorar completamente o fato de que a criança tem um pai conhecido. Seus pais ainda pensam que estão tratando com um “Zé ninguém”. Ora, o homem hoje é famoso, tem grana e prestígio.

— Seja o que Deus quiser!



Enquanto isso, Hémin está chegando novamente a Madri. A capital está em grande efervescência com as festas de San Izidro e El Gringo irá participar das prestigiadas corridas de touros.

Chegando em casa, Hémin é recebido com alegria pela sua mãe, Dona Valéria e sua irmã Bia. Ambas veem Hémin como um homem mais maduro e poderoso, mas ao mesmo tempo mais triste e incompleto. Elas sabem a razão.

— Pablito — fala Bia —, sabe aonde fui alguns dias atrás? Fui na casa da sua “ex”, a Malu, para levar o vestido dela...

— Não acredito que você fez isto, menina! Garanto que correram com você de lá! Não devia ter feito isto...

— Eu falei para ela Hémin — diz Dona Valéria —, mas não adianta! Você conhece essa menina e seu gênio de Agatha Christie.





— Se você quer saber, a Malu me recebeu muito bem, entrei na casa dela, tomei um refresco e vim embora numa boa...

— Só você mesmo! E como ela está? — pergunta Hémin com um olhar de desânimo.

— Parece estar bem, mais gordinha e mandou lembranças para todos.

— Tudo bem, agora vamos ao que interessa — diz Hémin dirigindo-se à mãe e à irmã. — De acordo com o programado, devo ficar aqui por Madri nesses dois meses — maio e junho, sendo que o compromisso mais importante é em Las Ventas, onde devo receber a *alternativa* além de participar de uma série de corridas neste mês de festas.

— Além disso — replica Bia —, você tem um desfile de modas, onde vai participar como modelo e uma entrevista que há muito tempo está para ser marcada pela Rede Nacional de TV.

— Pois é maninha. Agora vamos comer e descansar que temos um longo trabalho pela frente.



Chegara a noite do tradicional desfile anual de modas sob o prestígio da afamada grife Diamond, num evento que envolve confecções masculinas e femininas, quando ocorrem os grandes lançamentos para o próximo verão.

Hémin, depois de muita resistência, acabou aceitando o contrato de publicidade pelo qual ele não só participaria da campanha na mídia impressa, mas teria de desfilhar nas passarelas. Só aceitou porque financeiramente era muito bom e porque também significava uma atração diferenciada: — um *matador* de touros na passarela, ao mesmo tempo em que propagava a próxima participação do toureiro nas corridas de Las Ventas.

O auditório para o grande evento *fashion* já está todo de-

corado, iluminado, repleto pelo público, empresários, estilistas, celebridades e pela imprensa em geral.

Depois de várias apresentações de modelos desfilando pela passarela, eis que chega a hora tão aguardada, a hora de Hémin, que se sentia mais nervoso do que na frente de um touro bravo. Então, o mestre de cerimônias faz a apresentação em grande estilo:

— Senhoras e senhores, agora temos a oportunidade de apresentar um caso raro no mundo da moda — um *matador* de touros, o já afamado El Gringo, que muitos já podem ter visto em painéis publicitários e que vai nos dar a honra de desfilarmos em nossa passarela. Ele vestirá um costume completo, em linho branco, num corte tradicional, cujo estilo pretende revigorar o *glamour* do homem moderno.

— Com os senhores, El Gringo... O Galã Destemido!

Seguindo a orientação, Hémin anda por diversas vezes e em diversos ângulos pela passarela. Surpreendentemente, sente-se bem dentro daquela roupa e calmo, caminhando e parando como se estivesse na Praça Mayor. O sucesso foi absoluto, aplausos sem fim, fotógrafos disputando cada ângulo, como se tratasse de uma “top model”.

Terminada a sua participação, Hémin se vê rodeado por pessoas de todo tipo, querendo autógrafos e entrevistas. Com muita dificuldade, conseguem chegar até ele seus convidados especiais — a mãe, Bia, tio Rafa, Manolo e seus três amigos, Hulk, Gato e Pequeno. Sorriem, abraçam-se e Hémin sente um raro momento de plena satisfação. Sorri gostosamente.

Depois, de forma incontrolável, invade-lhe o semblante uma expressão de tristeza — aquele vazio quase dolorido que aparecia quando sentia ter ficado para trás mais uma vez, com grande frustração, o seu grande sonho... Malu.

— Meu filho — diz Dona Valéria —, você poderia, se quisesse, viver só das propagandas e como modelo! Poderia até abandonar os touros...

— Agora não vamos falar nisso — responde Hémin. — Vamos para a festa nos divertir.

E assim terminaram a noite, na festa comemorativa do início da “Madri Fashion”.



Enquanto isso, na casa dos Cortez, Malu está sozinha em seu quarto e acabara de assistir pela televisão algumas fotos e comentários sobre o desfile de modas do qual Hémin participara. Absorta em seus pensamentos, sentada na cama, ela não percebe a entrada de Nina. Quando esta se aproxima, Malu leva um susto e faz um movimento rápido com a colcha da cama para esconder alguma coisa sob a mesma.

— Maluzinha, por que está tão assustada? Sua malandrinha, o que é que você está me escondendo, heim?

— Não é nada Nina, são só umas bobagens.

— Então deixa eu ver essas bobagens... Por favor...

Vencida, Malu tira a colcha e aparece sobre a cama o material que escondia: recortes de jornais e revistas sobre Hémin, jornais de Sevilha sobre a corrida em La Maestranza, pôsteres reduzidos sobre as propagandas de Hémin e até notas sobre o desfile fashion...

As duas mulheres passam em revista todo aquele material e por fim olham-se fixamente durante alguns segundos. Lágrimas caem dos olhos de Malu, Nina também não resiste à emoção e chora. Ficam um tempo abraçadas numa mútua compreensão.

— Oh, querida! Eu jamais vou entender! Tanto amor transformado em sofrimento! O homem é apaixonado por você e de sua parte, por mais que queira disfarçar, também é apaixonada por ele. Tem até um filho dessa união meio estranha. Estão quase sempre separados, longe, pensando... Um dia isso vai acabar.

Nina sai do quarto, Malu guarda o “dossiê- Hémin” em um local de seu restrito acesso. Minutos depois, exausta, deita-se e adormece.



A *plaza* monumental de Las Ventas, no primeiro domingo do mês de maio, está toda enfeitada e suas dependências inteiramente lotadas por um público festivo. Trata-se da abertura oficial das corridas no mês de San Izidro e tem como atrativo especial a *alternativa* do *matador* El Gringo. A chamada *alternativa* é uma cerimônia que ocorre no transcurso de uma corrida, quando o *matador* mais antigo cede o seu primeiro touro da tarde para que seja morto pelo novato, entregando a este a espada de *matador*. A partir da data em que recebe a *alternativa*, o *matador* passa a ser reconhecido como um profissional e esse diploma, quando concedido em Las Ventas, é a maior honraria, uma respeitável credencial.

A mídia havia explorado bastante toda a fama de que era precedido El Gringo: os sucessos em Sevilha, as peculiaridades do *matador* na propaganda e desfile de modas como o “galã destemido”. Tudo isso provocava uma grande curiosidade naquela tarde.

A festa começa com o tradicional *paseo*, que já dá uma mostra da beleza do espetáculo.

Quando estão todos os participantes em seus postos, junto aos corredores que antecedem a arena, é que o presidente faz um sinal, os clarins tocam e a corrida começa formalmente. Entra o primeiro touro da tarde, que em 15 minutos, é trabalhado e morto pelo *matador* “El Tigre”.

O segundo touro está sendo trabalhado pelo *matador* mais antigo “El Vitorioso”.

A corrida é interrompida, tocam os clarins, é anunciada a cerimônia da *alternativa*. É chamado para entrar na arena o senhor Pablo Hémin Jones, de Madri, El Gringo. Este então, sob os aplausos do público, recebe a espada e a capa com a *muleta*. Após os cumprimentos e as manifestações dos aficionados, termina a cerimônia e todos se retiram da arena, ficando apenas El Gringo para execução de seu trabalho. Agora era um *matador* profissional, reconhecido e diplomado em Las Ventas, o que exigia uma grande responsabilidade na carreira.

E El Gringo não decepcionou.

Nesta tarde, seu trabalho seria terminar com o segundo touro até a estocada e depois lutar integralmente com o quinto touro. Seu desempenho com a capa e a *muleta* era coisa de mestre. Na recepção dos touros e nos *quites*, seus passes *verónica* e *meia-verónica* eram executados com técnica e beleza. O pano vermelho esvoaça e gira como se quisesse ser fotografado. El Gringo maneja a *muleta* com suavidade, silenciosamente e com personalidade. Alarga o braço com a capa, dando valor e profundidade ao trabalho. Seus *pases naturales*, com os touros ao centro da arena têm a classe de um Belmonte ou de um Joselito!

Observando a tudo, encostado na *barreira*, Manolo comentava com os amigos que El Gringo estava cada vez melhor, mas também cada vez mais ousado, o que o preocupava. Com efeito, demonstrando segurança e grande coragem, El Gringo fazia do seu trabalho um desafio constante, seu corpo por vezes se oferecia por inteiro ao touro nos *pases* pela frente ou de costas. Isso era perigoso, mas era o ingrediente que emocionava o público e provocava os grandes aplausos.

Já se notava que Hémin era um *matador* diferente em relação ao que fora na primeira temporada. Mais maduro, autoconfiante e rude. Porém, já não lutava com a mesma alegria de antes. Aquele seu gesto característico depois que estocava um touro — um beijo soprado nas palmas das mãos desaparecera e agora comemorava com um soco no ar, num gesto de raiva e desafio...

Ao final, a tarde em Las Ventas representou uma retumbante vitória de El Gringo, que não conseguia sequer sair da arena, tão rodeado e carregado por aficionados, fotógrafos e repórteres querendo entrevistas, o público invadindo a arena que estava repleta de flores, almofadas, bonés e até peças íntimas femininas... Foi um dia de glória para El Gringo e seus amigos.

Hémin, Gato, Hulk e Pequeno, vão para uma festa noturna em comemoração à *alternativa* num grande “tablado flamenco”.

Comiam, bebiam e dançavam e assim prosseguiram até o término da noite.



No dia seguinte, Malu é a primeira a sentar-se na mesa do café.

— Bom dia Nina, já está pronto o café?

— Nossa! Que te fez cair da cama hoje? Foi a corrida de ontem? — acrescenta Nina sorrindo.

— Hoje preciso tomar algumas decisões, minha cara Nina. Por favor, assim que puder, chame meus pais, ninguém mais além deles e você.

Quando já está formada a pequena reunião, Malu começa:

— Pai, mãe, chamei vocês porque já tomei uma decisão. Minha gravidez já está se tornando visível. Não por vergonha, mas pelo aborrecimento de ter de repetir a mesma história para todo mundo que me perguntar a respeito, resolvi que vou aceitar a sugestão de vocês e o convite do tio Juan e vou passar uns tempos no Brasil.

— Mas minha filha, justo agora que a gravidez vai se adiantando, não será bom você ficar longe de casa.

— Ora mãe, eu não estou doente, só grávida. Estou com ótima disposição e me aborrece ficar o tempo todo dentro de casa

sem ter o que fazer, a não ser passar a mão na barriga... Por outro lado, eu já tinha falado com o primo Maurice e ele me conseguiu uma vaga num curso de curta duração, com especialidade em arquitetura e decoração na Universidade de São Paulo.

— Parabéns, filha! Você foi bem esperta e teve uma boa idéia — diz Don Sebastian, com olhar de satisfação.

— Pai, mãe, só quero deixar uma coisa bem clara. Eu sei que vocês gostariam muito que eu me casasse com Maurice, mas não vou para São Paulo por isso. Pode até acontecer, nunca se sabe, mas não é esse o objetivo da minha viagem. Vocês sabem que os tempos que se aproximam vão ser muito difíceis para mim. Isso inclui vocês também, é claro. Vou precisar da compreensão de todos e espero assim decidir o que for melhor para mim e para esta criança que vai nascer.

— Pode contar conosco, filha. Vamos ajudá-la nas suas decisões, sejam elas quais forem — diz Don Sebastian.

— Pai, o senhor viu a corrida de touros de ontem em Las Ventas, quando houve a *alternativa* de Hémin, ou seja, do *mata-dor* El Gringo?

— Ah sim, vi algumas notícias a respeito, parece que foi tudo bem...

— Ora pai, eu sei perfeitamente que o senhor, como aficionado que é, assistiu tudo a respeito. Há algum tempo, que em nossas reuniões o senhor nem fala mais em corridas de touros, nem para brigar ou contestar os do contra... Tudo isso certamente é para evitar que seja falado ou lembrado nesta casa o nome de Hémin, como se fosse pecado... Todos têm de se acostumar com o fato de que esse homem é o pai desta criança e dificilmente ele deixará de saber isso. Não sei nem ao menos se devia esconder este fato agora. Enfim, muita coisa vai mudar daqui para frente, só Deus sabe como irá acontecer, mas é certo que o senhor Hémin poderá estar no meio de tudo isso. Está bem claro?

— Concordamos com você, filha — diz Don Sebastian. — Bobagem nossa estar escondendo coisas como se isso resolvesse.

Não quero errar mais com você. Saiba que seja o que for ou com quem for, contará comigo, até mesmo se envolver esse *matador* El Gringo.

Don Sebastian sorri e acrescenta:

— E quanto à corrida de ontem em Las Ventas, você tem toda razão; assisti a tudo e vi que aquele jovem humilde que estive naquela *tienta* na fazenda, hoje é o centro das atenções em Madri...

— Nina — diz Malu —, agora está tudo esclarecido e você está encarregada de me ajudar com a viagem para São Paulo. Venha comigo, escrava...

A pequena reunião se desfaz, com as despedidas habituais. Os sorrisos voltaram. A paz retornara àquela casa.





## *Entrevista de El Gringo. Malu no Brasil*

Com o sucesso de El Gringo nas passarelas e seu prestígio crescente nas arenas, a entrevista do *matador* foi antecipada e já estava no ar, ao vivo, em rede nacional de televisão. Na casa dos Cortez, Nina corre ao quarto de Malu para avisá-la da entrevista e ligam a televisão para assistirem ao programa desde o seu início.

— Senhoras e senhores presentes, telespectadores, boa noite. A Rede Nacional de TV, conforme anunciado, recebe hoje em seus estúdios o já famoso *matador* de touros El Gringo, que nas rodas da moda também é conhecido como “Galã Destemido”. Esta entrevista é “ao vivo” e as perguntas que serão feitas ao entrevistado foram selecionadas dentre centenas que foram enviadas por nossos ouvintes.

Repórter — Boa noite, *matador*. É um prazer recebê-lo com exclusividade em nossos estúdios. Para iniciar nossa entrevista peço que fale um pouco sobre você, nome, idade, o porquê do seu apelido...

El Gringo — Boa noite! Boa noite a todos. Meu nome completo é Pablo Hémin Jones, nasci em Madri, tenho 26 anos, sou filho de pai americano e mãe espanhola. Puxei mais o lado americano e devido à cor dos meus olhos e cabelos, fui apelidado

na escola e entre os amigos de “Gringo”. Nas arenas de touros, como é usual na designação dos *matadores*, sou conhecido como El Gringo.

R — Qual foi o momento mais emocionante na sua carreira de *matador*?

EG — Tive dois grandes momentos: um, em La Maestranza — Sevilha, quando indultei um touro e outro aqui em Las Ventas quando recebi a *alternativa*.

R — Como começou a sua carreira?

EG — Em muitas *capeas*, festas populares em vilarejos, cheguei a tourear a campo aberto e o início de tudo foi numa *tienta* na *ganaderia* do pai de uma amiga nossa.

R — A que você atribui a rapidez da sua carreira, pois na segunda temporada já é um *matador* famoso, com *alternativa* em Las Ventas?

EG — Tive sorte e bons padrinhos sem dúvida. Tive ótima orientação de gente interessada em um artista que revigorasse as corridas. Creio que dei conta desse recado.

R — O que fazia antes de começar a sua carreira como *matador*?

EG — Eu trabalhava como mecânico na oficina do meu tio Rafael.

R — É por isso, que você apareceu com esse carro estranho que chamam de *El Rayo*?

EG — É isso mesmo, tenho orgulho de ter montado essa máquina, que pode ser esquisita por fora, mas tem um coração turbinado por dentro...

R — Você tem tido sucesso também no campo da propaganda e até mesmo em desfiles de moda. Se tivesse que escolher com que carreira ficaria?

EG — Sou um homem simples e meu sonho desde menino foi ser um *matador* como Manolete. Respondendo à sua pergunta, creio que ficaria com os touros, embora minha mãe se sentisse muito mais feliz se eu ficasse bem longe deles. Mas confesso que

a propaganda também é uma coisa fascinante e da qual gosto muito e parece que levo jeito...

R — Você deve ter recebido muitas propostas e ouvi dizer, que até para pousar nu em uma revista feminina. É verdade?

EG — Eu acho que você está é me fazendo uma consulta... — risos — mas não tem nenhuma chance, pois, minha mãe me mataria... Ao contrário de minha irmã Bia que adoraria, só por causa da “grana”... — risos.

R — De quantas corridas você já participou?

EG — Lutei em aproximadamente 70 corridas com touros e novilhadas, num ritmo intenso, não tive férias e andei pelas *plazas* do México e outros países da América Latina.

R — Qual o tipo de corrida que você mais gosta. Gosta de tourear com cavalos?

EG — Não gosto de tourear montado, pois você passa a depender muito do cavalo. Gosto mesmo é de enfrentar o touro a pé, no mesmo nível do animal, olho no olho, lutando com ele de preferência no isolamento do centro da arena. É aí que as grandes *faenas* podem acontecer e fazer vibrar o público.

R — Desde o começo, a imprensa vem elogiando o seu trabalho. Até que ponto isso é importante para o sucesso da carreira de *matador*?

EG — É importantíssima a participação da mídia para qualquer carreira. É preciso que você esteja sempre em evidência, pois isso aumenta o seu prestígio e valoriza o seu trabalho. Por outro lado, isso obriga que você continue se aperfeiçoando e melhorando, pois é bom lembrar: a mídia que o eleva ao céu é a mesma que pode levá-lo para o inferno...

R — Você sente medo? Quando?

EG — É claro que sinto. Creio que todos os *matadores* sentem um arrepio de medo, especialmente quando entram na arena aqueles enormes bichos chifrudos. Ter coragem é justamente superar esse medo e seguir em frente para fazer o trabalho que tem de ser feito, a despeito do medo.

R — O que você considera um touro bom para ser trabalhado?

EG — É o touro de raça, de boas *ganaderias*, valentes e nobres.

R — Como se considera um touro assim?

EG — É o touro que luta até o fim, mesmo sangrando e ferido, está sempre encontrando forças e quer chifrar, quer atacar, quer matar.

R — É esse o tipo do touro que, excepcionalmente, pode ser indultado? Você já teve um caso, não é?

EG — É exatamente isso. O público pediu e eu indultei um touro em *La Maestranza* — Sevilha. Eu também já estava exausto de tanto lutar com esse nobre animal. É uma sensação rara e gostosa quando se indulta um touro. É inesquecível!

R — Qual a diferença entre corridas de touros e “novilhadas”?

EG — Nas novilhadas, como o próprio nome indica, são usados touros mais jovens, de dois a três anos. São animais mais leves e com isso as novilhadas são importantes para o treino e aperfeiçoamento dos *matadores*. Nas corridas de touros, que são as “legítimas”, eles têm de ter no mínimo quatro anos, são mais pesados, fortes e é aí que o bicho pega...

R — Você já levou algumas “cornadas”, sofreu algum ferimento?

EG — Já levei algumas batidas no começo, algumas escoriações na fase atual, mas nada de grave. Sua pergunta é muito boa. Poucos sabem que a maioria dos *matadores* profissionais ao longo de suas carreiras já sofreram ferimentos de maior ou menor gravidade, muitas vezes obrigando-os a ficar afastados das arenas por semanas ou meses. Eu sei que ao longo dos anos vou sofrer algum ferimento, espero que não sejam sérios...

R — Quais são as qualidades principais de um *diestro*, ou seja, de um grande *matador*?

EG — Coragem, conhecimento do touro e da técnica, ha-

bilidade e personalidade e treinar muito antes de se meter à frente de um touro.

R — Como você se sente quando está lidando com o touro?

EG — Sinto-me absolutamente concentrado, numa espécie de transe e depois vou ficando cada vez mais calmo e relaxado, satisfeito por estar fazendo o que gosto.

R — Qual é a corrida de touros que você recomenda para alguém, como “imperdível”?

EG — É fácil. É a corrida que reúne na arena um verdadeiro *diestro* com um grande e nobre touro. Não dá erro!

R — Como você se sente na hora de matar o touro? Sente pena, raiva ou medo?

EG — Todos esses sentimentos se misturam, mas não há muito tempo para raciocinar; o *matador* entra na arena para enfrentar e matar o touro e a estocada final faz parte do trabalho do homem. Ele tem de cumprir com essa obrigação e tem um tempo limitado para isso. Por outro lado, se o touro tiver uma mínima chance, ele não hesitará nem um segundo. Tudo faz parte do drama.

R — Entrando agora no campo pessoal, você gosta de cinema? E que filmes assiste?

EG — Gostar eu gosto e muito, mas tenho pouca chance de ir a um cinema. Assistio alguma coisa em vídeo. Aquele filme antigo “Sangue e Areia”, com Tyrone Power e Rita Hayworth, sempre me impressionou muito e assisti umas seis vezes.

R — E a música?

EG — Como viajo muito, ouço as músicas de minha preferência no rádio do meu carro — flamenco, tango, ritmos latinos e músicas românticas em geral.

R — E os livros?

EG — Ah meu caro, não tenho tempo para muita leitura. Leio tudo o que posso sobre touros e corridas, biografias de *matadores* célebres. Sempre fui fã do escritor americano Hemingway, de quem herdei uma parte do nome, tem livros notáveis que viraram filmes e, além disso, foi um grande aficionado das corridas.

R — O que você gosta de fazer fora do âmbito das corridas?

EG — Minha vida social é limitada. Meu tempo livre dedico à casa e à família, brincar de mecânico no meu *El Rayo*, curtir com os amigos os bons vinhos na Plaza Mayor e nos tablados flamencos.

R — Bem, agora uma pergunta muito pessoal e de grande interesse para o público feminino. Como vai o coração? Está preso, está solto, está livre...

EG — Meu coração anda por aí à solta, mas não está livre. Se eu fosse um boxeador eu diria que em termos de vida amorosa eu estou nocauteado.

R — Mas consta por aí que você vive assediado pelas fãs, inclusive escutam-se rumores sobre um romance seu com uma Condessa italiana. É verdade?

EG — Isso tudo é exagero da mídia e que já me causou muitos problemas. Quanto à Condessa Carla, é uma respeitável dama e apenas uma grande amiga.

R — O que você acha dessas pessoas e entidades que defendem a abolição das corridas da Espanha?

EG — Essa gente não conhece e não tem interesse em conhecer as corridas de touros. Se não gostam, ninguém os obriga a ir às praças. Ora, eu não gosto de luta de boxe, mas respeito quem gosta e simplesmente não vou ao ginásio. Têm também, no meio de gente que defende honestamente seus ideais, muitos escandalosos que só querem badernar e aparecer na mídia.

R — O que você diria a um turista que vem conhecer a Espanha? Essa pergunta foi feita a um ativista contrário às corridas, que assim respondeu:

*Venha turista amigo, venha conhecer este país maravilhoso em sua diversidade cultural e histórica. Venha deliciar-se com a nossa gastronomia e todo o conhecimento do nosso povo, dos seus costumes, das suas festas, do seu orgulho. Venha conhecer de perto os nossos museus e toda nossa arte antiga e contemporânea. Mas meu amigo, fique longe das corridas de touros, um esporte deprimente que não tem nada a ver com as belezas da Espanha.*

R — E você El Gringo, como responderia?

EG — Eu repetiria tudo o que foi dito sobre as inegáveis maravilhas da nossa terra e da nossa gente. Mas terminaria dizendo: e se você meu caro turista, quiser vivenciar grandes emoções, testar seus instintos e o seu coração, apreciar a coragem ao vivo e a cores, sentir o medo e a morte rondando a cada lance, participar de uma vibração estranha, então, não deixe de assistir a uma corrida de touros de alto nível, onde você verá a luta entre um *matador diestro* e um touro nobre. Depois disso, você nunca mais será o mesmo!

E com essa última resposta de El Gringo, o repórter finaliza:

R — Senhoras e Senhores, chegamos ao final da entrevista com o *matador* El Gringo e como vimos, foi encerrada com a própria polêmica que envolve as corridas de touros. Obrigado e boa noite.



Malu e Nina acompanharam toda a entrevista de Hémin na televisão, enquanto faziam os seus comentários:

— Maluzinha, depois de tudo isso que você viu na entrevista, você ainda quer viajar mesmo para o Brasil?

— Sim — responde Malu. — Já está tudo decidido e será bom a gente dar um tempo para as coisas se assentarem.

— Mas você concorda que Hémin amadureceu bastante nesses últimos tempos, não é? E ele continua tão lindo com esse olhar de coração partido! E a culpada é você!

— Não acho que eu seja culpada. Eu também sofro muito e sofro calada.

— Na verdade Maluzinha, o que me preocupa mesmo é o fato de que dentro de alguns meses uma criança estará nascendo e o pai não sabe sequer da gravidez. Isso ainda vai dar um grande problema.

— Esses meses são o tempo de que preciso. Agora vamos largar de conversa e terminar de arrumar as malas.



Dois dias depois, Malu embarca no Aeroporto de Barajas, com destino ao Brasil, aonde chega depois de 9 horas de viagem noturna ao Aeroporto Internacional de Cumbica — São Paulo.

Em São Paulo, Malu é recepcionada pelo seu tio Juan e pelo primo Maurice. Depois dos cumprimentos seguem diretamente para a bela casa do tio, localizada no bairro nobre do Morumbi. Tanto pela vista aérea propiciada pelo voo antes da aterrissagem, quanto pela travessia rodoviária pela cidade, Malu pode ter idéia da grandiosidade da capital paulista — a terceira maior cidade do mundo.

Ao chegar na casa, Malu é recebida pela mulher do tio Juan, Cecília, que toda sorridente já vai dizendo:

— Seja bem vinda querida. Nossa! Como você é bonita, ainda mais assim meio gordinha. Não é a toa que Maurice não para de falar em você...

— Mãe! — diz Maurice. — Não comece com pressão sobre a prima — acrescenta sorrindo.

— Esta viagem está me fazendo muito bem e estou muito feliz pela oportunidade de conhecer este país e esta cidade, de conhecer melhor vocês todos, eu só espero não incomodar muito...

— É um grande prazer recebê-la querida — diz tio Juan. — Esteja à vontade e peça tudo o que quiser, porque a casa é sua!

— Obrigada, tio.

— Venha comigo querida — diz tia Cecília. — Vou levá-la para seus aposentos para você tomar um belo banho e descansar da viagem. Depois vamos conversar sobre sua temporada de lazer, sobre as compras, os passeios, etc.



Logo depois da entrevista, El Gringo volta à programação de corridas em Madri e novilhadas nas proximidades — Aranjuez, Ávila e Toledo.

O *matador* já se tornara famoso com a temporada de corridas em Las Ventas. O grande destaque dado à entrevista alavancou o seu prestígio pessoal e com isso, passa a ser muito procurado para campanhas publicitárias. Aproveita a onda e faz vários contratos com indústrias de calçados, artigos esportivos, bijuterias e automóveis. Sua irmã Bia ficava radiante com os resultados, pois como dizia ela, era muita “grana”...

Nos últimos tempos, Hémin esteve totalmente ocupado com sua carreira de *matador* e com suas atividades voltadas para a propaganda e não tinha tempo sequer para inteirar-se do que estaria ocorrendo com sua amada, de certa forma essa circunstância aliviava um pouco o sofrimento do seu desgaste amoroso com Malu.

E aí é que entra em cena a irmã Bia, que no seu trabalho de investigação por conta própria, desloca-se para as proximidades da casa dos Cortez, junto ao mercado frequentado pela família, na expectativa de ver ou ouvir algo de interesse para elucidação de suas dúvidas. Na verdade, tudo o que fazia era pelo grande amor que devotava ao irmão e porque tinha consciência da grande atribulação que o romance com Malu causava ao mesmo.

Bia nota que a empregada que a recebera na casa de Malu entra no mercado e logo em seguida faz o mesmo, de forma a provocar um encontro “casual”.

— Oi, querida! Que bom encontrar você! Está lembrada de mim? Sou Bia, amiga da Malu.

— Lembro-me sim, como está você? — responde a empregada.

— Eu estou bem. Faz tempo que não vejo Malu, estava até pensando em fazer-lhe outra visita... Ela está bem?

— Agora não adianta você ir lá, perderia a viagem. A Malu foi para o Brasil, faz alguns dias e não volta tão cedo.

— Nossa, ela foi trabalhar ou só a passeio?

— Ué, como você sabe ela está grávida e meio adiantada. Foi passar uns tempos fora, na casa de um tio que mora em São Paulo.

— Mas ela foi pra ter a criança lá?

— Isso eu não sei. Eles conversam sobre esse assunto só entre eles... A Nina é quem sabe dessas coisas.

— Mas que beleza! E já sabem se é menino ou menina?

— Já sim, vai ser um meninão. Foi o que a Nina me disse.

— Posso te pedir um favor? — diz a menina. — Quando a Malu tiver voltado ou se você tiver alguma informação sobre ela, você me telefona? Anote o meu número, por favor.

— Tudo bem, se ela chegar por aqui eu te aviso. Agora, tenho que ir embora. Até logo.

— Tchau, obrigada.

Bia acabara de conseguir duas informações importantes a respeito de Malu: — a confirmação da gravidez e a viagem ao Brasil. Mais alguma coisa, por exemplo, a hipótese de retorno e Bia teria de passar essas informações todas para o irmão. Por enquanto, conversaria com sua mãe sobre a melhor maneira de lidar com isso tudo.



## *Nina e Malu*

Ainda em Madri, Hémin se encontra com seus amigos numa Ataberna noturna em plena Puerta Del Sol, para tratar da próxima viagem. Estava terminando a programação na Província de Madri e as próximas corridas seriam em províncias mais distantes. Em pouco tempo, a mesa ocupada por eles vai sendo rodeada por aficionados e curiosos, pois El Gringo já fora reconhecido. O público aumenta cada vez mais, formando-se uma grande aglomeração e a imprensa aparece no local; fotos e pequenas entrevistas se sucedem.

Surge diante do grupo um conhecido articulista da imprensa local, apelidado de “El Bigoton”, que do alto do seu corpanzil e do seu grande bigode, vai se intrometendo e dizendo em voz alta:

— Eh, *Matador*, eu não estou aqui para bater-lhe palmas, pois como você deve saber eu sou inimigo público número um dessas corridas de touros que acho uma idiotice.

— O senhor tem todo direito de ter sua opinião, mas como está vendo aqui mesmo, muita gente pensa o contrário...

— Ora, os tais aficionados se iludem com a falsa coragem dos chamados *matadores*. Os touros são animais estúpidos e são facilmente chacinados na arena. Basta um pouco de treino e qualquer um engana esses pobres animais. Até eu, se entrasse em forma seria capaz de enfrentá-los, ainda mais com a ajuda dos

*picadores, banderilleiros* e todos os outros contra o coitado! — e o crítico sorri gostosa e debochadamente.

— Eu acho realmente que o senhor daria um bom *matador*... — responde El Gringo —, por falar nisso, depois de amanhã vamos fazer umas fotos noturnas para reportagens sobre a arena de Las Ventas e sobre o museu taurino. Independente do fato de o senhor gostar ou não das corridas, ficaríamos contentes com sua prestigiosa presença, pois se trata de uma realização mais artística do que taurina.

— É claro que participarei, *matador* e é óbvio, também, que vou aproveitar para criticar as corridas... É só me avisar o horário e estarei lá com muito prazer.

Gato, Hulk e Pequeno não estavam entendendo absolutamente nada daquela conversa e olhavam para Gringo, espantados. Depois que a confusão se dissipou, Hulk foi logo dizendo:

— Gringo, qual é essa de convidar esse crítico idiota? Por mim eu já estava com vontade é de dar uns tabefes na orelha dele.

— Calma gente, eu pensei nisso na hora... Vamos sair daqui pra poder contar-lhes os detalhes desse encontro.

Passados dois dias, ao anoitecer, Gringo, seus amigos e mais o crítico Bigoton se encontram em Las Ventas conforme combinado. Enquanto Hulk, Gato e Pequeno se dirigem para a arena, Gringo e Bigoton passam pelo museu taurino e ficam apreciando os troféus, trajes, instrumentos e outras coisas atinentes às corridas de touros. Observam o último *traje de luces* usado por Manolete no dia da sua morte em 28 de agosto de 1947, na Plaza de Toros de Linares, quando foi chifrado mortalmente pelo touro “Islero” da *ganaderia* Miura. Observam também as cabeças empalhadas desse e de outros touros famosos; as figuras de aficionados célebres, em cera, como a do escritor americano Hemingway, quadros, esculturas, espadas utilizadas pelos *matadores*, etc.

À noite e à meia luz, todo aquele espaço tinha um aspecto sombrio e Gringo comenta:

— Meu caro Bigoton, parece que os espíritos caminham

pelo museu. Dizem que se você escutar um barulho forte, de alguma coisa caindo, é sinal de tragédia iminente... Isso dá até arrepios na gente.

Saindo do museu e dirigindo-se para a arena, ouviram um estrondo de alguma coisa pesada caindo. O crítico, visivelmente assustado, sente as pernas bambas e sai rapidamente do local.

Chegam à arena praticamente às escuras, apenas algumas lâmpadas fracas acesas nos corredores do *ruedo*. Quando ambos estão bem no centro da arena, um grande foco de luz forma um círculo iluminado sobre eles. Gringo diz ao já preocupado Bigoton:

— Ah meu caro, é a partir daqui que tiraremos algumas fotos sobre corridas noturnas. Você vai ser nosso modelo — vista essa jaqueta do traje de *matador*... Fique com a capa e a *muleta* nas mãos... Ponha essa *montera* na cabeça... Ótimo, o senhor está parecendo um grande *matador*!

— *Que venga el toro*, estou pronto! — e assim falando, o crítico faz pose de *matador* chamando pelo touro.

— É bom que esteja mesmo... — fala Gringo.

Nesse momento, ouve-se um toque de clarim, um ruído de portão abrindo e um mugido apavorante de um touro. O foco de luz é desviado do centro da arena para o local de onde vem todo o barulho e focaliza a cabeça de um enorme touro negro que vem marchando em direção a Gringo e Bigoton. A luz vai se alternando entre os dois — homem e touro e este vai chegando cada vez mais perto. Bigoton está surpreso e apavorado, olhos arregalados, não entende bem o que está acontecendo, mas ainda se sente razoavelmente seguro com a presença do *matador*. Logo em seguida, quando o holofote volta sobre eles, Bigoton vê que está sozinho e ouve Gringo dizer ao longe:

— Eh, Bigoton, engana o touro com a capa... Você não falou que era fácil? É só praticar um pouco...

O homem estava tão assustado que não conseguia sequer correr, fica paralisado e quando a luz se concentra na cabeça do



Manolete - Museu Madri.

touro, bem perto e pronto para o ataque, começa a gritar desesperadamente:

— Socorro! Socorro! El Gringo, socorro!

Nessa altura, o touro se desmancha, Hulk e Gato que cobertos com um pano preto e levando à frente uma cabeça de touro empalhada, não conseguem segurar os risos. Gringo também chega, saindo da escuridão e todos percebem que as calças de Bigoton estão sujas e molhadas. A gargalhada é geral e Bigoton chega a chorar de raiva diante da armadilha que lhe aprontaram.

— Vocês me pagam, seus malditos! — exclama Bigoton. — Vou destruir a carreira de vocês!

— Olha aqui, seu crítico de merda — fala Gringo —, qualquer besteira que você escrever em seus artigos e jornalecos, como resposta, nós vamos mandar para toda a mídia as fotos que tiramos de você do jeitinho que está: todo urinado, fedido e borrado. E tem mais, vamos nos mandar daqui, pois estou vendo outro touro e este parece ser de verdade...

Gringo e sua turma saem rapidamente da arena, seguidos de perto por um Bigoton cabisbaixo e ainda apavorado com o “outro touro”...



Bia aguarda a chegada de Hémin, ansiosa e ao mesmo tempo preocupada em transmitir para o irmão as informações que tinha a respeito da gravidez de Malu.

Conforme lhe dissera sua mãe Dona Valéria, não devia postergar mais essa notícia, mesmo que isto trouxesse sofrimento e irritação para o irmão. Quando este aparece na sala de visitas, Bia vai ao seu encontro abraçando-o e dizendo:

— Pablito, você gostaria de ser pai?

— Que pergunta é essa agora, menina? Acho que todo mundo quer ter um filho.

— Ainda bem, porque você vai ser pai de um lindo garoto...

— O quê? De onde você tirou isso... De alguma revista de fofocas? Vai ver que a mãe é aquela Condessa italiana...

— Nada disso, a mãe é sua ex-namorada Malu.

— Ah é? Pois então vou imediatamente à casa dela para saber essa história, pois afinal, sou o pai, não é mesmo?

— Não vai ser possível, pois a Malu está fora da Espanha, foi para a casa de parentes dela no Brasil.

— Isso só pode ser brincadeira e quem te deu essas informações?

— Lembra-se que você me pediu para investigar o que acontecia com Malu? Foi o que fiz.

Bia transmite então para o irmão tudo o que sabia e como conseguira tais informes. Dona Valéria, com ar de preocupação, acompanha toda a narrativa de Bia e se dirige ao filho:

— Filho, sinto muito. Nada dissemos a você antes, porque era preciso aguardar certas confirmações. O que você pretende fazer a respeito?

— Estou meio atordoado com essa novidade. Se tudo isso for verdadeiro, é uma grande sacanagem o que Malu e sua família estão fazendo comigo. Como pode Malu me esconder uma coisa dessas? Deve ser armação daquele velho metido a nobre e vou dizer mais: se ela pensa que vai esconder a verdade sobre o pai da criança, está muito enganada. Eu pego um avião e também vou para o Brasil!

— Calma, filho, calma. Não se precipite.

— Pablito, tenha um pouco mais de paciência para sabermos o que está por trás dessa viagem ao Brasil e qual a previsão de retorno.

— Que decepção! Até quando pretendem esconder os fatos, ou será que querem arrumar outro pai para essa criança, só por preconceito? Sabe de uma coisa, eu vou ligar agora mesmo para Nina!

— Eu não faria isso Pablito. Já que eles estão fazendo tudo na surdina, acho melhor aguardar mais um pouco e depois fazer-lhes uma bela surpresa!

— Acho que você tem razão. Eles estão pensando que são muito espertos... Não perdem por esperar!



Em São Paulo, Malu continua frequentando o curso de Arquitetura e sua já indisfarçável gravidez aproximava-se do desenlace. Logo teria de ser tomada uma decisão sobre o parto — no Brasil ou na Espanha.

Na casa do tio Juan, Malu era tratada como uma princesa por todos e obviamente Maurice era o mais entusiasmado no trato com a jovem prima espanhola.

Maurice consegue levar Malu para um jantar a dois, num restaurante charmoso e romântico, no Jardim Paulistano e pela primeira vez tem a oportunidade de uma conversa mais íntima com a prima.

— Malu, você sabe quanta afeição eu tenho por você. Eu gostaria que se abrisse comigo, pois sei que a tua cabeça está cheia de interrogações e de problemas. Conheço toda a origem e a história da sua gravidez. O que eu acho é que esse fato não deve dramatizar ou amargurar a sua vida. Neste momento eu declaro a você que serei o homem mais feliz do mundo se aceitar ser minha mulher! Deixe-me cuidar de você e dessa criança a quem eu assumiria com todo amor como se fosse meu filho.

— Primo... Por favor...

— Desculpe, Malu! Não me chame de primo, por favor.

— Maurice, você tem sido tão bom comigo, sempre foi muito carinhoso e eu também tenho uma grande simpatia por você. O que sente por mim é transparente e generoso e me sentiria

infeliz se não conseguisse retribuir esse sentimento. O que você espera de mim é amor. No momento, não me sinto em condições de oferecer amor nem a você e nem a ninguém. Estou muito confusa e meu único interesse é o nascimento dessa criança que trago no ventre. Mas eu gosto muito da sua presença e não vou esquecer suas palavras carinhosas. Você entende, não é Maurice?

— Entendo perfeitamente, Malu. Seria muita pretensão minha que você me amasse desde já, mas entendo que esse amor pode ser cultivado e o que desejo é que você me permita essa oportunidade. Dê-me uma chance!

— Você é um homem compreensivo Maurice e será sempre bom ter você ao meu lado. A história dos meus sentimentos é muito complicada e às vezes eu simplesmente não entendo nada, mas sinto e sofro.

Tirando do bolso um estojo de joalheria, Maurice apresenta a Malu um lindo anel de brilhantes, como se fora uma aliança, dizendo-lhe:

— Malu, aceite este anel como prova dos meus sentimentos. Não precisa entendê-lo como um compromisso, mas como uma lembrança, ou seja, sempre que precisar lembre-se de mim.

— Um desses dois anéis decidirá minha vida... — resmunga Malu falando para si mesma, olhando para o outro anel que ganhara de Hémin e que usava em um dos dedos da sua mão direita.

— O que foi, Malu?

— Nada, estava falando sozinha... Mas muito obrigada pelo lindo presente. Agora vamos embora que o nenê já está reclamando aqui dentro...

Quando chegam em casa, os pais de Maurice estão aguardando e os recebem com largos sorrisos.

— Como foi o jantar dos pombinhos? — pergunta tio Juan.

— Estava ótimo tio, conversamos e nos divertimos bastante. Que vida noturna maravilhosa tem esta cidade!

— Desculpe te falar querida — fala a tia Cecília. — Mas como está se aproximando seu dia e você tem feito todos os exa-

mes de pré-natal com o doutor Ronaldo Alamar, creio que precisamos programar o parto com o hospital maternidade...

— Tia, ainda hoje preciso voltar a conversar com meus pais, pois não resolvemos se vou ter o filho aqui ou se volto logo para Madri.

— Eu fico torcendo para que o garoto nasça aqui em São Paulo — complementa tia Cecília. — Mas tenho certeza que Don Sebastian vai querer mais, um neto espanhol.



Em Madri, Don Sebastian, Dona Carmen e Nina estão conversando na sala de jantar justamente sobre a proximidade do nascimento do filho de Malu.

— Sebastian, Malu me ligou faz meia hora — diz Dona Carmen. — Conversamos sobre a hipótese do parto se realizar em São Paulo ou aqui em Madri. Não sei a opinião de vocês, mas eu quero minha filha aqui perto de mim, com o médico e a maternidade que eu conheço. Vocês não acham que tenho razão?

— Concordo sim — responde Don Sebastian. — Sem dúvida nenhuma, entendo que os tios estão torcendo para que Malu fique em São Paulo, mas o certo é ela voltar para cá. Afinal, se vou ter mais um neto, faço questão que seja espanhol.

— Estou morrendo de saudades da minha Maluzinha... — diz Nina. — Então posso ligar para ela e tomar as providências para o retorno?

— Sim — diz Don Sebastian. — Não quero que ela venha sozinha. Se for o caso Nina, você vai buscá-la.

Nina apressa-se em ligar para Malu.

— Oi Maluzinha, como está a jovem mamãe? A decisão já está tomada e eu sei que é o que você deseja. Estamos esperando a sua volta para ter o filho aqui em Madri. Se ninguém puder acompanhá-la, irei buscá-la. O que me diz?

— Oi Nina, estou bem e o bebê está ótimo. Estou com muitas saudades de casa e de vocês todos. Não se preocupe em buscar-me, pois o primo Maurice irá comigo. Chegaremos aí depois de amanhã, no dia primeiro de setembro, pois a previsão do parto é para o dia 15 desse mês.

— Malu, querida, cá entre nós, está rolando alguma coisa entre você e o seu primo? Ele sabe quem é o pai da criança?

— Fique tranquila Nina, quando chegar aí, conversaremos.

— Como ficar tranquila se uma criança vai nascer e o pai nem sabe que ela foi gerada? Não seria melhor eu contar para Hémin desde já?

— Não, não! Não faça isso agora! Iria dar uma confusão danada! No momento eu só quero dar à luz o meu filho em paz. O resto virá depois.

— Você é quem sabe. Venha logo querida! Estamos com muitas saudades.



Malu volta para Madri acompanhada pelo primo Maurice, sendo ambos recepcionados festivamente no aeroporto, pelos familiares.

Chegando em casa, a família reunida à mesa do café, fica por horas comentando sobre os acontecimentos tanto no Brasil quanto na Espanha.

— Maluzinha — fala Nina —, como você está bonita, mais gordinha e com essa barriguinha.

— Estou sentindo é um peso danado desse moleque que vive me chutando.

— Maurice, como estão seus pais? — pergunta Don Sebastian. — Você vai ficar conosco até o nascimento do meu neto?

— Meus pais estão bem e mandam muitas lembranças. Es-

peramos uma visita de vocês a São Paulo. Não vou poder ficar aqui em Madri, pois tenho compromissos inadiáveis neste final de semana, mas voltarei logo para conhecer o seu novo neto.

Passados 10 dias, período no qual Malu se submeteu às consultas e exames programados, na madrugada do dia 15 de setembro, a jovem sente as contrações, chama por Nina, os pais acordam e é providenciada a sua internação na maternidade Santa Tereza.

Às 11 horas da manhã do mesmo dia, em procedimento de parto normal, Malu dá à luz um belo e forte menino, de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros...

O nascimento é festejado entre todos os membros da família Cortez. Além dos pais, os mais íntimos, como Nina, a irmã Isabel, a amiga Anita, quando olhavam para a criança imediatamente se lembravam de Hémin, mas nada comentavam.

Apenas Isabel e Nina se atreviam até certo ponto. Isabel chegou a dizer que achava uma grande sacanagem o pai da criança não saber sequer da sua existência, colocação essa que causou um grande constrangimento...

Nina, com a liberdade que tinha com Malu, foi logo dizendo quando estavam sozinhas:

— Maluzinha, veja bem esse seu filho: se você colocar um lencinho vermelho na mão dele, é a própria miniatura do *mata-dor* El Gringo... — e sorri gostosamente.

— Ai Nina, ando tão preocupada... Acho que fizemos bobagem... E esse garoto, quem é que poderá negar o pai que tem! — e Malu também ri da comparação feita por Nina.

— Maluzinha, quanto mais o tempo corre, mais as coisas se complicam. Você ficou grávida e Hémin passou o tempo todo ignorando esse fato. Agora você tem um filho e o pai dele, Hémin, nem sabe disso. Afinal, o que você está pensando? Por acaso vai querer arrumar outro pai pra criança? Por exemplo, o seu primo Maurice. Se você ainda gosta de Hémin, como sei que gosta, não tem medo que ele passe a te odiar por ter sido tão enganado, tão excluído?

— Ah Nina, não me pressione com essas perguntas agora... Meus pais indiretamente me pressionam, Maurice me pressiona com suas propostas e Hémin com certeza virá com duras pressões. Como sair disso?

— Querida, só posso lhe aconselhar uma coisa: fique sempre com a verdade e respeite os mais íntimos chamados do seu coração.



Hémin estava em casa, pensativo quanto às novidades, quando de repente se levanta da poltrona e chama Bia em voz alta:

— Bia, tem mais alguma notícia? Resolvi que não vou esperar mais nada. Vou acionar todos os meios e quero esclarecer tudo de uma vez.

— Pablito, a única coisa que sei é que Malu já estava voltando do Brasil e já dever estar em Madri...

— Pode deixar Bia, você fez o máximo que podia. Agora é coisa para profissionais. Conheço um detetive particular e vou procurá-lo agora mesmo.

Hémin sai apressado em busca do tal detetive. Horas mais tarde, volta para casa e diz para Bia e Dona Valéria:

— Bia, mãe já dei todas as instruções para o detetive. Ele vai transmiti-las para vocês. Bia, fique atenta, muito atenta.

No dia seguinte, na parte da manhã já chega a primeira informação: “Mulher Madri desde última semana. Madrugada ontem internada maternidade Santa Teresa. Aguarde próximo recado” — Ivã DET.

Hémin, Dona Valéria e Bia estão reunidos e aflitos esperando a próxima mensagem do detetive, quando esta chega: “Mulher deu à luz um menino, tudo bem — Ivã — DET.”

— Hémin, você vai já para o hospital? Vai encontrar todo mundo lá — diz Dona Valéria.

— Quero que se fodam! Não devo um tostão pra ninguém. Em todo caso, eu preferia mesmo conversar a sós com Malu.

— Pablito, é muito fácil, você vai fora do horário de visitas e com seu charme vai conseguir entrar.

— É isso mesmo, ligue para o hospital Bia e consiga os horários, enquanto me apronto.

Logo em seguida, Hémin pega seu Toyota e segue rapidamente sentido maternidade, passando antes por uma floricultura. Na portaria da maternidade explica a razão de ter vindo fora do horário de visitas, se apresenta como o *matador* El Gringo e é logo reconhecido pelas enfermeiras. Com tudo isso consegue permissão para entrar no quarto de Malu.

A enfermeira que o acompanha abre a porta do quarto dizendo para Malu:

— Com licença, você tem um visitante ilustre. Vou deixá-los à vontade, mas é só por meia hora.

Hémin, tendo na frente um grande buquê de rosas vermelhas, entra e vai em direção à cama onde Malu está recostada. Quando está bem perto, afasta as flores para entregá-las a Malu e só então esta percebe quem é o visitante.

— Hémin! Hémin! Que susto! Como chegou aqui?

Malu está realmente aturdida diante de um Hémin calmo, frio e tranquilo.

— Ora Malu, vim visitar o meu filho e a mãezinha... Afinal, você sempre me colocou a par de tudo o que estava acontecendo, não é mesmo? — diz Hémin cinicamente.

— Obrigada pelas flores Hémin, mas quem disse que você é o pai?

— Eu é que te pergunto e você nega?

Nesse instante a enfermeira traz o bebê para amamentação. Hémin delicadamente antecipa-se e pega o bebê, dizendo:

— Pode deixar enfermeira, eu sou o pai.

— Hémin, por favor, cuidado — fala Malu preocupada.

— Malu fique tranquila, vim apenas dar meus parabéns

pelo lindo filho. Mas agora e olhando para essa criança, você vai me responder e já... Quem é o pai desse nenê?

— Hémin, por favor, você está me pressionando...

— Sem enrolação Malu, responda o que te perguntei a não ser que você não saiba quem é o pai da criança. Eu sei.

— Hémin, é verdade, você é o pai... Aconteceram tantas coisas, não sabia o que fazer, mas a decisão de contar para você eu já tinha tomado...

— É só isso que eu queria saber. Eu sei hoje que muitas coisas realmente aconteceram e vocês me deixaram de lado como se fosse um idiota indesejado.

Malu, com a criança no colo, já está quase chorando sob o impacto das verdades que apareciam.

— Hémin me perdoe, eu não sabia o que fazer...

— Vocês sempre souberam o que estavam fazendo. Quanto aos seus pais, eu conheço o preconceito deles. Mas nunca podia esperar isso de você, minha cara. Nunca pensei que você pudesse me odiar e desprezar tanto assim e sem razões para tanto. Eu vim aqui não para brigar, inclusive porque você está convalescente, mas para lhe afirmar com a maior tranquilidade duas coisas. Primeiro: não vou interferir de nenhuma forma na sua vida pessoal, ame e case com quem quiser, talvez até com esse seu primo que seus pais tanto bajulam e segundo: sou o pai desse menino e vou exercer o meu direito a essa paternidade, seja amigável ou judicialmente.

Hémin, com o olhar entristecido, se despede dando um beijo na criança. Malu já não consegue segurar as lágrimas. Ele estava quase na porta quando num impulso volta-se, chega junto da cama e diz:

— Estava me esquecendo de dar um beijo de despedida também na mamãe. — curva-se, beija demoradamente Malu, volta-se e sai rapidamente do quarto.

— Hémin, Hémin! — chama Malu, mas ele já tinha saído.

Malu mais uma vez chega atrasada no encontro com seu destino...



Mais tarde, Nina entra toda sorridente no quarto de Malu, na maternidade e vai falando:

— Bom dia, como vai a princesa-mãe? Como vai o principzinho, o nosso “El Gringuito”!

— Ainda bem que você veio, Nina.

Nina nota o ar aborrecido de quem havia chorado, observa ao lado da cabeceira da cama um grande buquê de rosas vermelhas e pergunta:

— É isso mesmo que estou pensando? O pai da criança esteve aqui?

— É verdade, é verdade. Mas deu tudo errado. Mais uma vez!

Malu conta para Nina todos os detalhes da visita de Hémin e da sua frustração com mais esse desencontro.

— Maluzinha, veja pelo lado positivo. O grande problema da gravidez e da paternidade, que tanto atormenta a todo mundo, num instante ficou resolvido, ou seja, você reconheceu a paternidade de Hémin, não há mais nada a esconder e o que você deve fazer em seguida é transmitir essa informação aos seus pais. O reconhecimento é uma decisão que você já tomou e, portanto, é só comunicá-la.

— Nina, não sei por que as coisas dão sempre erradas... Quando ele se despediu e foi saindo do quarto, eu tentei chamá-lo, mas não deu tempo, parece que minhas reações sempre demoram demais.

— Querida, nessa vida, por vezes, poucas palavras ou alguns segundos podem decidir coisas muito importantes. É da sua natureza colocar-se sempre na retaguarda em questões sentimentais e talvez por isso, você pense muito para sentir... E como você

mesma disse, suas reações demoram a se manifestar... E quando se manifestam, às vezes, já é tarde demais!

— E o pior, ou melhor, de tudo isso, sei lá, é que quando Hémin me beijou longamente na despedida, eu me senti tão bem, um instante de certeza de que ficar naqueles braços era tudo o que eu queria... Mas também veio aquele instante de medo e de indecisão que tanto me fazem sofrer.

— Beijo demorado? Que história é essa? Afinal, isto aqui é uma maternidade e não um motel — diz Nina, brincando para desanuviar a seriedade do momento.

— Oh, meu Deus! Que coisa! Isso não tem fim? — exclama Malu, fazendo um gesto de desalento.

— Oh, meu Deus, digo eu, quando vejo dois jovens maravilhosos e que se amam, ficarem tão separados e atormentados por pequenos detalhes! Vocês são jovens ainda e têm muito que aprender. Isto tudo é claro que vai ter um final, espero que um final feliz.



## *Malu e Maurice*

**E**ra final de setembro e Malu já estava instalada em sua casa, juntamente com o filho, que já se tornara o grande xodó dos avós Cortez. Aproveitando o encontro familiar na hora do café, Malu dirige-se aos pais:

— Pai, mãe, peço-lhes que providenciem para mim junto ao cartório, o registro de nascimento do meu filho. Eram duas as questões pendentes como vocês bem sabem — o nome do pai e o nome da criança, conforme constará no registro oficial. O pai legítimo é o senhor Pablo Hémin Jones e assim constará. O nome do meu filho será Carlos de La Luz Cortez.

— Bonito nome, filha — diz Dona Carmen.

— Acho as suas decisões corretas, filha — diz Don Sebastian. O nome também me agrada. Vou pedir ao nosso advogado para que tome as providências necessárias junto ao cartório que certamente chamará o senhor Hémin para certificar o documento.

Depois que todos saem, Malu retorna ao seu quarto, seguida por Nina.

— Maluzinha, ouvi toda a conversa e fico feliz com sua decisão. Se você me autorizar eu mesma falarei ao Hémin a esse respeito. Acho que podemos evitar que tais assuntos sejam tratados por meio de advogados e como me dou muito bem com Hémin, posso fazer essa intermediação com tranquilidade. O que você acha?

— Eu acho ótima idéia. Você realmente tem condições de evitar brigas e desentendimentos. Você será o nosso leva e traz... Algumas coisas podem ocorrer pela frente, que necessitem de esclarecimentos com Hémin, não é mesmo?

— Com certeza, depois do nome e do registro de nascimento, Hémin pode querer visitar o filho, bem mais tarde poderá reivindicar que o menino passe com ele algum fim de semana, você pode ter direito a uma ajuda mensal e assim por diante.

— Nem me fale em “pensão”, meu pai me mataria!

— Não falei em “pensão” e sei que você não precisa disso. Porém, mesmo que você não queira, o pai poderá abrir uma poupança e fazer depósitos mensais, em nome do filho, para garantir o futuro dele.

— Eh, Nina, você já está contratada como minha advogada. Coitado do Hémin...



Já chegara ao fim a temporada taurina do ano, Hémin encontrava-se em sua casa com a mãe e a irmã. Nesse período a programação de Hémin junto aos seus empresários estava voltada para as atividades de propaganda e publicidade.

Desgostoso com seus desencontros amorosos, Hémin volta as suas energias e seu interesse em ganhar dinheiro, muito dinheiro!

Os hábitos simples de toda a família propiciavam a Hémin acumular recursos financeiros, os quais eram aplicados na aquisição de diversos imóveis. Para tudo isso contava com a sua irmã Bia na organização e controle dos seus negócios. Hémin já se tornara um homem próspero e gostava da sensação de poder e independência que essa nova situação lhe trazia. Mais que um *matador* de prestígio, atingira o patamar de um homem de negócios e sentia-se poderoso.

— Pablito — chama sua irmã Bia —, eu e nossa mãe estamos preocupadas, pois desde que voltou da maternidade você está quieto e não nos contou nada.

— É isso mesmo, filho! — acrescenta Dona Valéria. — Como está o meu neto? E com quem ele se parece?

— Está tudo bem — responde Hémin. — Vi Malu e o menino, que por sinal, tem a minha cara. Malu reconheceu que eu sou o pai e já deixei bem claro que não permitirei nenhuma mentira ou armação a esse respeito.

— Mas se tudo está bem, o menino é filho seu e de Malu, vocês sempre se gostaram, por que vocês não se acertam de uma vez? — pergunta Dona Valéria.

— Só Deus sabe, mãe! Continuamos desacertados... Parece que há uma bruxa interferindo e complicando as coisas!

Nesse ínterim, toca a campainha, Bia sai para atender e retorna acompanhada de Nina.

— Pablito, veja quem veio nos visitar.

— Olá Nina, que prazer em te ver. Entre, deixe te apresentar minha mãe, Dona Valéria.

— Muito prazer, Nina — apresenta-se Dona Valéria. — Parece que já conheço você há muito tempo, de tanto que Bia e Hémin falam a seu respeito. Vou até a cozinha pedir um café para nós, enquanto vocês conversam.

— Hémin, Malu já me contou da sua visita à maternidade e da conversa que tiveram. Vim justamente para tratar desse assunto com você, pois achamos que não haverá necessidade de intervenção de advogados para encaminhar essa questão com tranquilidade. Sabe o quanto eu gosto de vocês dois e sei que mereço a sua confiança. Por isso, podem contar comigo como intermediária para qualquer assunto.

— Sem dúvida, Nina. Eu confio em você plenamente. Pode me dizer o que a traz até aqui?

— Hémin, o registro de nascimento do menino já está sendo providenciado e você será convidado pelo cartório para assinar,

como pai legítimo. Malu deu ao menino o nome de Carlos de La Luz Cortez e creio que você concorde com isso.

— Concordo sim, pois o menino vai ser criado pela mãe na casa e no ambiente dos Cortez e é justo que assim seja. Ficou um belo nome para meu herdeiro... Mas não se esqueça que eu vou ter o direito de visitá-lo e acompanhar o seu desenvolvimento.

— Malu reconhece esse seu direito. O que você pensa a respeito? — pergunta Nina.

— Até que ele complete um ano e como tudo depende da minha estada em Madri, não há necessidade de uma previsão rigorosa de períodos de visitas, mas sempre avisarei com antecedência mínima de 15 dias, quando também combinaremos o local e horário.

— Acho que assim está bom e certamente Malu vai concordar.

— Tem mais uma coisa, Nina. Assim que tiver em mãos a certidão de nascimento, vou falar com meu gerente, pois pretendo fazer um plano de previdência para garantir o futuro do menino, com administração da mãe. Sei que Malu não precisa e nem aceitaria outro tipo de ajuda, mas estarei sempre pronto para qualquer necessidade que venha a surgir.

Nesse momento, Dona Valéria retorna à sala, chamando a todos para tomarem um café, enquanto continuam conversando...

— Nina — fala Dona Valéria —, estou curiosa para conhecer o meu neto. Hémin disse que se parece com ele, é verdade?

— O nome do seu neto é Carlos — responde Nina. — Ele não se parece com Hémin, é o próprio! Nunca vi tão igual e por isso, carinhosamente o chamo de “Gringuito”, embora a mãe não goste muito disso.

Todos sorriem e o ambiente fica agradável, Nina sente-se à vontade.

— Nina, estou louca de vontade de conhecer o Carlinhos — diz Bia —, quando vou poder ver meu sobrinho?

— Ora querida, você pode ir quando quiser e será sempre

bem recebida em nossa casa e isso vale também para a senhora, Dona Valéria.

Nina se despede e todos voltam para os seus afazeres.



O final do ano aproximava-se rapidamente. Durante o mês de dezembro a *cuadrilla* de El Gringo teria de cumprir vários compromissos na temporada de corridas do México, já previamente contratadas por Manolo, junto aos empresários daquele país. Estavam, pois, já se preparando para a viagem e Hémin passaria mais um final de ano fora de casa, o que o aborrecia muito. Inclusive, em conversa com todo o grupo, Manolo prometera que este seria o último Natal que passariam longe da família, pois daqui para frente já não precisariam fazer tanto sacrifício.

Antes de viajar, Hémin comprou os presentes natalinos para sua mãe, para as irmãs Bia e Marialva e seu tio Rafa, entregando-os com a recomendação de que só fossem abertos no dia 25. Deixou encomendado o presente para o filho Carlos, com as instruções que Bia teria de seguir para fazer chegar o tal presente à casa de Malu.

A temporada no México, restrita praticamente toda à capital do país, transcorreu sem grandes novidades, mas também sem o mesmo sucesso das apresentações anteriores.

Depois da terceira corrida, estavam todos reunidos numa taberna, servindo-se de petiscos e bebidas, quando Manolo comenta:

— Gringo, é impressão minha ou você anda meio distraído? Aquele segundo touro esbarrou em você duas vezes e quase te pega com os chifres na hora da estocada...

— O cara agora é pai, gente... — diz Gato. — Está na arena, mas com o pensamento no nenê...

— No nenê ou na mãe do nenê? — acrescenta maliciosamente Hulk.

Hémin vai ouvindo calado os gracejos dos amigos e sorrindo ligeiramente.

— Parem de gozação — diz Pequeno. — Vocês não estão vendo o jogo direito, ou melhor, não estão vendo nada. Confesso que assim como Manolo, também fiquei assustado hoje à tarde. Acompanho e conheço como ninguém cada movimento do Gringo, no trabalho com os touros e ele está diferente, parece sentir certa dificuldade — coisa que nunca vi acontecer antes.

— O que você me diz a respeito, Gringo? — pergunta Manolo. — Assim como Pequeno, venho observando a mesma coisa desde a primeira corrida aqui no México.

— Eu acho que vocês todos têm um pouco de razão, pois também não estou sentindo a mesma facilidade em dominar e matar esses touros e estes também não têm sido muito bons... Mas isso tudo é passageiro, na verdade não estou lidando com alegria e parece que sempre estou um pouco atrasado... Na posição errada...

— É isso mesmo — diz Pequeno. — Me parece às vezes que você não está no tempo certo, igual aquele jogador de futebol que chega atrasado na jogada e não acerta a bola...

— Vamos ficar todos atentos — diz Manolo. — E você mais do que ninguém, Gringo. Com corridas de touros e com fantasmas, não se deve brincar...

— Ainda bem que só falta mais um domingo e poderemos voltar para casa. — diz Gato — O que nós estamos precisando é de um bom descanso.



Era Natal em Madri. Na casa de Malu há uma grande e

festiva agitação. A empregada que foi atender ao portão externo dirige-se à Nina:

— Dona Nina, tem um homem aí fora dizendo ter uma entrega para fazer em nome de Carlos de La Luz Cortez.

— Malu — pergunta Nina —, você encomendou algum presente para o Carlinhos? Tem uma entrega aí no portão.

— Não, não encomendei nada. Vá ver o que é, Nina e mande entrar de uma vez.

Toda família está reunida na sala, quando entra Nina acompanhada de quatro homens carregando o tal presente para o filho de Malu. Era um lindo pônei andaluz, malhado, confeccionado em madeira e pelúcia, em tamanho natural. Foi um alvoroço entre a criançada presente e todos ficaram admirando a bela escultura. Do pescoço do animal pendia um cartão, que Malu lê para todos ouvirem e assim atender à curiosidade geral: “Carlos, quando você fizer oito anos, prometo que estará montando em um desses, de verdade. Beijos. Seu pai, Hémin.”

Malu esboça um sorriso, feliz intimamente com a lembrança de Hémin.

Entretanto, nota certo mal-estar no salão e vai logo dizendo para todos ouvirem:

— Eh, pessoal, é um presente de pai para filho e que belo presente não é mesmo?

E Nina vem também em seu socorro:

— Ainda bem que o *matador* não mandou um touro de presente!

Todos sorriem e a festa continua...



Na praça de touros, da cidade do México, este era o último domingo de corridas com a participação de El Gringo e sua *cua-*

*drilla*. O trabalho de El Gringo foi apenas regular e se salvou pelas demonstrações de coragem e também pela ação eficiente de Hulk como *picador* e de Gato nas *banderillas*. Pequeno sofre com esse problema, pois era um conhecedor e sentia o perigo rondar cada vez mais perto o *matador*.

Pequeno sempre nutriu uma grande admiração pelo amigo “Gringo”, muito além de uma simples amizade. O *matador* era seu ídolo. Sem aparecer muito, Pequeno desempenhava um papel muito importante na equipe; era ele quem servia o *matador* em tudo o que precisasse na arena, tomava conta das capas, das *muletas*, das espadas, etc. e estava sempre próximo e atento a todos os lances, de forma a intervir rapidamente como toureiro auxiliar, para socorrer o *matador* ou qualquer membro da equipe em situação de perigo. Também se revezava com Manolo na tarefa de auxiliar o *matador* a vestir-se e enfim aprontar-se para entrar na arena. Simples e humilde, chegava a ser ingênuo, mas sempre muito querido e respeitado pelos amigos.

É justamente por isso, que Pequeno era o que mais se preocupava com Gringo. Na verdade isso o atormentava.

O retorno para Madri veio no momento oportuno. Julgavam que tudo voltaria ao normal na próxima temporada. O prestígio de Hémin como *matador* continuava intacto, pois mesmo alguns comentários depreciativos do seu desempenho no México, não chegaram a repercutir com intensidade em Madri.



Nas primeiras semanas de janeiro desse ano que seria o da terceira temporada de corridas de touros para El Gringo, havia uma agitada expectativa na casa de Hémin, pois este assinara um grande contrato de publicidade para um dos maiores lançamentos do ano.

Tratava-se de um amplo esquema de divulgação em nível internacional, de uma nova grife de óculos de sol — a “Constellation”, envolvendo não só a difusão impressa por todos os veículos de comunicação, mas também a exposição direta em grandes desfiles, com grandes modelos.

Hémin era um dos modelos mais importantes desse projeto, pois o marketing da dupla figura de Hémin como *matador* e modelo era habilmente explorado pelos organizadores.

O desfile de lançamento da campanha teve sua passarela montada a céu aberto, numa bela praia de Mallorca e constituiu-se em um mega evento com todo *glamour* a que tinha direito.

Hémin desfilou os novos modelos de óculos, vestindo-os com as variações apropriadas a cada traje: costume completo, esportivo, praia, cotidiano e até em roupas íntimas, só para causar *frisson* na grande platéia feminina...

O desfile foi um sucesso absoluto e, quando terminou, Hémin mal podia se mexer em seu camarim, tal a quantidade de repórteres e fotógrafos que brigavam por um espaço no local. Quando a situação se acalma, entra no camarim uma elegante mulher portando um grande buquê de rosas amarelas.

— Olá querido. Finalmente te reencontrei e vim oferecer-lhe essas flores para comemorar o sucesso.

Vestida impecavelmente em modelo leve e esvoaçante, aquela jovem senhora chamava a atenção; parecia uma deusa do verão. Ao vê-la e reconhecê-la, Hémin vai ao seu encontro, recebe as flores e abraça-a carinhosamente.

— Que surpresa, minha cara Condessa. Há quanto tempo! E devo dizer que esse tempo lhe fez muito bem — está mais bonita e charmosa!

— Bondade sua, *matador*! Você é que está ficando um verdadeiro *top model*. Fico com ciúmes de ver todas essas jovens te rodeando... Vamos jantar mais tarde?

O camarim está se enchendo novamente e um fotógrafo pede uma pose do casal para os registros do evento.

— Carla, eu ainda tenho alguns compromissos, mas poderemos nos encontrar mais tarde, será um prazer.

A Condessa se despede e Hémin continua no camarim atendendo à imprensa e aos pedidos de autógrafos.



Nina chama Malu para assistirem juntas a uma ampla reportagem na televisão com os principais trechos dos desfiles e Nina comenta:

— Que belo desfile, está vendo Malu?

— Os óculos são muito bonitos mesmo!

— Também, colocados naquela “fachada”, qualquer óculos fica lindo...

— Tenho de reconhecer que o Hémin está um “gatão”... — fala Malu.

— Pois é — diz Nina. — Esse gatão poderia ser todo seu... Mas fica dando sopa e qualquer hora alguém come o seu gato.

— Mas olha lá, Nina! O gato já está rodeado de ratos, ou melhor, de ratinhas assanhadas, olhe só quantas “raparigas” em torno dele e como está feliz! Nessas horas, creio que não se lembra nem do filho dele e muito menos da mãe...

— Ora, Malu, o homem é um artista e como todo artista vive rodeado de fãs. Não sei por que tanta implicância e ademais, ele não tem compromisso com ninguém, é um homem livre. Você mesma deu essa liberdade a ele.

— Não é tanto assim, ele tem um filho comigo, brigou tanto porque queria ser o pai.

— Não tem nada a ver, querida, mas em todo caso saiba que somente o amor verdadeiro segura um casal, não a existência de um filho. O que acontece é que você renega o cara, mas o quer sempre numa caixinha ao alcance da sua mão...

— Nina, Nina, pare de falar e olhe! Veja essa mulher bem vestida, essa coroa que entrou no reservado de Hémin agora.

— É, dessa eu teria medo! Que mulheração!

— Olhe a intimidade, flores, abraços... Já sei, é uma tal de Condessa italiana e que segundo me contaram, foi vista várias vezes rodeando as praças de touros, principalmente os toureiros!

— Eu já ouvi esses comentários vindos de Sevilha. A mulher é fogo!

— Veja só Nina, a felicidade de Hémin no meio da moçada e com essa coroa! Não quer outra vida!

— Maluzinha, já te falei que os artistas e os *matadores* atraem todas essas coisas e no caso, temos um artista-*matador*. É dose dupla pra essa mulherada toda, até eu gostaria de estar lá.

— Que artista que nada! Ele é um mulherengo, isso sim e não é a primeira vez que Hémin aparece em público abraçando e beijando essas mulheres e até dançarinas. É um sem vergonha!

— Já que você está tão brava, por que não vai até lá, tira o cara do sufoco, dá um beijão nele e o traz para casa?

— Eu não estou brava! E pensar que estive seriamente interessada em um recomeço com Hémin e nosso filho! Nessas alturas já deveria estar arrependida...

— Não, eu é que estou furiosa... — diz Nina com ironia.

— Mas ele me paga! Estou vendo que não tem responsabilidade para um compromisso sério. Só quer viajar e farrear pela Espanha toda. Isso vai me ajudar a tomar uma decisão: quando Hémin vier no próximo mês para visitar o filho, vai ter uma surpresa!

— Que surpresa é essa, Maluzinha?

— Aguarde, você saberá no tempo certo.

Nina olha para Malu, nota a expressão de uma mulher muito aborrecida em decorrência de um incontrolável ciúme e finaliza a conversa.

— Maldita hora que liguei essa televisão!

— O que foi que você disse, Nina?

— Nada, nada! Estou só rezando... Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!



Em fevereiro, Maurice chegara em Madri, de visita à casa dos Cortez, pela quarta vez desde o nascimento de Carlinhos, dizendo sempre que vinha a negócios, mas todos sabiam que o “negócio” mesmo, era Malu.

Ela sempre evitara ficar muito tempo a sós com o primo, para fugir das conhecidas pressões sentimentais, que não queria ou não conseguia resolver.

Porém, desta vez Malu estava com muita raiva de Hémin e se dispôs a facilitar a vida de Maurice, que não perdeu a oportunidade:

— Malu, agora que seu filho já está bem crescido, creio que cinco meses, eu gostaria de retomar a conversa sobre nos dois. Você sabe o quanto eu gosto de você e esse sentimento confesso-lhe ser cada vez maior. Acho que já podemos assumir um compromisso mais sério, o que você acha?

— Maurice, eu também gosto de você, mas ainda não do jeito que você quer e merece. Você é um cavalheiro, eu o admiro e respeito e com o tempo, creio que poderemos nos entender.

— É assim que se fala! — exclama contente Maurice. — Que tal um noivado para começar?

— Não é uma má idéia. Mas quero que me prometa que não vai ficar me pressionando para apressar o casamento, pois nisso só vou pensar quando Carlinhos estiver fazendo o primeiro aniversário.

— Está combinado! Vou falar com meus pais, no Brasil, sobre data que poderão vir e então já marcaremos uma grande festa.

Maurice se entusiasma, beija Malu na boca delicadamente e Malu corresponde da mesma forma, sentindo-se reconfortada.



De sua casa, Hémin liga para Nina:

— Nina, quem está falando é Hémin. Em breve estarei viajando para o interior, início da temporada de corridas e conforme tínhamos combinado, eu gostaria de fazer uma visita para o Carlinhos antes de viajar. Pode ver isso com Malu, por favor?

— Olá, Hémin. Falarei com Malu a respeito, mas creio que não haverá problemas e darei uma resposta para você.

No dia e hora combinados, Hémin comparece à casa dos Cortez, acompanhado da irmã Bia. De acordo com o previamente acertado, Hémin veria o filho no jardim frontal da casa, onde já estava Nina com Carlinhos num carrinho de bebê.

— Bom dia, Nina! — diz Hémin. — Trouxe também minha irmã Bia que estava louca para conhecer o sobrinho.

— Oi, Hémin, oi Bia, que bom que vocês vieram. Aqui está o nosso garoto! Veja que lindo! E como cresceu!

— Que bebê mais lindo! — diz a tia. — É a cara do meu irmão. Nós trouxemos esse ursinho de pelúcia para distrair o Carlinhos. É antialérgico.

Hémin toma o filho nos braços e fica emocionado. Deixa que Bia o pegue também por alguns instantes, depois beija-o e recoloca-o no carrinho, pois o sol está muito quente.

É justamente neste instante que entra pelo portão, Malu acompanhada pelo primo Maurice, conversando animadamente e caminhando pelos jardins em direção à casa. Evidente que Malu premeditara tudo isso, pois fazia questão que Hémin a visse junto com o primo, inclusive porque sabia da antipatia e indisfarçável ciúme de Hémin com relação a Maurice.

Ao passar pelo jardim onde estão Hémin, Nina e Bia, juntos ao carrinho de Carlinhos, Malu dá a impressão de ficar sur-

presa e, parando no local, cumprimenta a todos e faz as apresentações.

— Olá Hémin, Bia, que bom que vocês vieram, este é Maurice, que mora em São Paulo, meu namorado e dentro em breve meu noivo.

E depois, dirigindo-se ao primo:

— Maurice, este é Hémin, o pai de Carlinhos de quem lhe falei e esta linda menina é Bia, irmã dele.

O aperto de mãos entre Hémin e Maurice revelava a mútua antipatia, agravada pelos ciúmes da mesma mulher — Malu.

— Maurice — diz Malu —, pode ir entrando em casa que vou em seguida.

Maurice se retira e Malu dirige-se então às visitas. Era visível a contrariedade expressa na feição séria de Hémin e por outro lado, Malu se sentia contente, pois atingira o seu objetivo — castigar o seu “adversário”... Era um sentimento de quase vingança, de revanche...

— Hémin, só não os convido para entrar porque está uma grande confusão em casa com os preparativos para a festa. Bia, como você cresceu e está uma moça bonita. Que achou do seu sobrinho?

— Nossa, Malu — exclama Bia —, que lindo menino! E como já está pesado. Espero que um dia, você o leve em casa para minha mãe conhecê-lo.

— Fomos muito bem recebidos por Nina — fala Hémin, olhando apenas para Nina e ignorando completamente a presença de Malu. — Não há nenhuma necessidade e não tenho nenhum interesse de entrar nesta casa. Quando ele estiver crescido, o programa de visitas será em minha casa. Bem, já vamos indo, pois o Carlinhos até já adormeceu.

— Nina — fala Malu —, você os acompanha até o portão, por favor. Eu tenho de correr com os preparativos da festa. Ah, essas festas...

— Malu, que festa é esta tão importante assim? — pergunta Bia.

— É o meu noivado com Maurice.  
— Nossa, até parece uma festa de casamento! — exclama Bia.  
— Impossível — intervém Hémin bruscamente.  
— Impossível por que, senhor Hémin? — pergunta Malu.  
— Ora minha querida, casamento existirá apenas um e será o nosso! Eu e você! Ainda não sabia disso?

Hémin lança essa última farpa sobre Malu e sai sorrindo gostosamente. Ele também atingiu seu objetivo — “balançar” o noivado de Malu...



Foi uma grande festa naquela noite na mansão. Toda a família Cortez estava presente. A maioria dos parentes e amigos de Maurice veio do Brasil para a comemoração do noivado. Don Sebastian fez questão de propiciar uma festa de gala, gente bonita e bem vestida, um magnífico bufê, inclusive uma bela orquestra que passou a noite animando o evento e o baile final, com belas músicas — tangos e fandangos, *pasodobles*, outros ritmos flamencos, boleros, etc.

Estavam presentes fotógrafos e jornalistas, que garantiriam a repercussão do evento em todas as principais colunas sociais.

Um beijo selou o noivado de Malu e Maurice, no auge da cerimônia que foi a troca das alianças de compromisso.

Terminada a festa, Dona Carmen se dirige à filha:

— Querida, que bela festa, foi brilhante!  
— Realmente, Malu, tudo foi brilho — fala Nina.  
— Só não vi o mesmo brilho nos olhos da minha irmã... — diz Isabel.

Malu ouve tudo sem nada dizer, completamente tomada por seus pensamentos que a levam longe dali. Visualiza o beijo de

Maurice na festa de noivado, pensa nos beijos de Hémin, tanto nos roubados quanto nos concedidos... Pensa nas últimas palavras de Hémin ao despedir-se por ocasião da visita a Carlinhos... Então, sente uma fraqueza, uma vertigem, um frio...



Na casa de Hémin, Dona Valéria e Bia estão lendo e comentando as notícias sobre o noivado de Malu e Maurice, festa essa amplamente divulgada na mídia. Quando Hémin chega à sala, as duas tentam disfarçar o objeto das conversas, mas ele vai logo direto ao ponto:

— Podem parar com as fofocas e não precisam fingir, pois sei muito bem que estão lendo as notícias sobre o noivado de Malu e aquele idiota brasileiro.

— Filho, eu sei que você deve estar sofrendo e também não precisa fingir. Deixe nas mãos de Deus. Não sei o porquê, mas ainda acredito num final feliz para vocês dois.

— Pablito, é sincero aquilo que você falou para Malu quando estávamos saindo da casa dela? Ou seja, que o casamento dela só podia ser com você?

— É verdade sim. Malu jamais casará com outro homem, assim como eu jamais me casarei com outra mulher. Só um touro maluco poderá acabar com esse nosso destino!

— Cruz credo! Não fale assim meu filho. Reze para Deus, Ele é o Senhor dos nossos destinos.

— Vocês duas podem ficar tranquilas. Tenho de pensar agora nas próximas viagens, pois a temporada deste ano está para começar.

— Deus proteja a nós todos, filho.

— Amém! Amém! — dizem a um só tempo Hémin e Bia.

## *Barcelona: O Prelúdio do Medo*

**B**arcelona, a segunda maior cidade e importantíssimo centro industrial, comercial e portuário da Espanha, capital da Catalunha, localiza-se no nordeste do país. Majestosamente encravada às margens do Mediterrâneo, une a beleza dos monumentos históricos da “Cidade Velha”, cortada pela mais famosa avenida — Las Ramblas — e as expressões significativas da sua arte e arquitetura contemporâneas, tão bem representadas pelas magníficas obras do mestre Antoni Gaudi. Barcelona é, sem dúvida, um centro urbano que merece destaque, ombreando-se às maiores cidades européias.

Hémin e seus amigos chegaram a Barcelona no meio da semana, preparando-se para a primeira corrida de touros, que seria na Plaza Monumental da cidade.

No sábado à noite, estavam todos numa das tabernas localizadas ao sul de Las Ramblas, quando Manolo diz:

— Amanhã teremos uma corrida muito importante e o sucesso na estréia é que nos dará a confiança para o resto da temporada.

— É verdade! — fala Hulk. — E aqueles dois touros nossos pelo sorteio, são dois grandões e darão trabalho.

— Estou meio fora de forma — diz Gato —, mas as minhas *banderillas* eu garanto.

— O Gringo vai saber quebrar esses bichos! — diz Pequeno.  
— Não é mesmo parceiro?

— Vamos beber aos touros e seus chifres. Amanhã acabaremos com eles, como sempre — responde El Gringo.

A presença de *El Rayo* estacionado no local fez com que logo fossem reconhecidos e viram sua mesa ficar sempre rodeada por pessoas que vinham cumprimentá-los e fazer brindes com vinho. O vinho e a música davam uma atmosfera bastante agradável e seria uma lástima terminar aquela noite. Porém, Manolo intervém:

— Moçada, já bebemos muito por hoje e já é tarde. Vamos embora que amanhã o dia será duro.

— Eh, tio Manolo — fala Gringo. — Você é um desmancha prazer... Está tão bom aqui e olhe só que lindas meninas...

Manolo percebe que Gringo já estava “falando mole”, paga a conta e apressa a saída em direção ao hotel.



A Plaza Monumental está repleta naquele tarde de domingo e a expectativa é muito grande, pois além de ser uma corrida de início de temporada, tratava-se também do retorno de El Gringo àquela arena.

Depois do *paseo* e de toda a apresentação inicial do espetáculo, Gringo e sua *cuadrilla* já estão na barreira à espera do seu primeiro touro.

O animal entra na arena, negro e reluzente, sendo recebido por El Gringo com largos passes do capote. Ao executar uma das *verónicas*, o *matador* perde a capa enroscada num dos chifres do touro, a qual é logo em seguida recuperada com o auxílio de Pequeno. Manolo olha preocupado, pois isso nunca acontecera.

Depois do trabalho do *picador* — Hulk, El Gringo pega a *muleta* e leva o touro para a *faena* no centro da arena, seu ponto

forte. Na sucessão de passes, El Gringo mostra dificuldade na retenção do animal dentro do seu campo de manobra. Mesmo no trabalho de curta distância o touro passa sempre ao largo, longe do corpo do *matador*, num desempenho sem nenhum valor. El Gringo sente a dificuldade que lhe parece inexplicável e para não correr os riscos, cuida de matar o touro o mais rapidamente possível com uma estocada bruta.

Silêncio na praça e um ar de decepção. Ameaças de algumas vaías...

— O que há contigo? — pergunta Manolo, dirigindo-se a El Gringo. — Você parece estar fora do compasso, está sentindo alguma coisa?

— Não, não estou sentindo nada, apenas raiva. Raiva de não saber o que está ocorrendo comigo! Parece que está tudo fora do lugar...

— Calma, acho que bebemos muito ontem, não é mesmo?

— Não, não é nada disso!

— Tudo bem, se concentre até a chegada do próximo touro. Sempre que tiver dúvida, mantenha o animal o mais longe possível, mesmo que o público não goste. Em primeiro lugar, a tua vida!

Gato, Hulk e Pequeno estão juntos, acompanhando toda a conversa e abraçando El Gringo, no sentido de reconfortá-lo e devolver-lhe o ânimo.

O segundo touro a ser trabalhado pela *cuadrilla* de El Gringo entra na arena, feroso e ameaçador.

Manolo fala para El Gringo:

— Gringo, este é menor que o primeiro e me parece melhor para a lida.

— Hoje, esses touros com os quais eu brincava com a capa, me parecem monstros fora do meu alcance.

Manolo observa o rosto de El Gringo, cuja palidez e incontrolável suor demonstravam, pela primeira vez, ao *matador* de inegável coragem, o inferno da insegurança — prelúdio do medo, um medo que é o prenúncio de fim qualquer carreira.

O desenrolar do trabalho com o segundo touro seguiu o mesmo ritmo e padrão do anterior, para decepção geral e o pior de tudo, é que na hora da estocada, o chifre direito do touro atinge a perna esquerda de El Gringo jogando-o ao chão. Por sorte, a investida do touro foi longa e deu tempo para a recuperação de El Gringo, com a ajuda de seus amigos. O *matador* sai mancando para se refazer junto à barreira.

Outro *matador* do dia, El Tigre, velho conhecido e rival de El Gringo, põe a mão no ombro deste e lhe diz em tom zombeteiro:

— Gringo, quer que eu mate esse touro para você?

El Gringo o empurra com raiva, aponta a espada para o peito de El Tigre e lhe diz:

— Seu idiota! Repita isso e eu te arranco o coração aqui mesmo, antes de matar o touro! Está para nascer um *matador* que faça o meu trabalho.

Nessa altura Manolo e os outros profissionais presentes, intervêm para separar e acabar com aquela disputa. Hulk chega bem perto de El Tigre e olhando bem nos olhos, ameaça-o:

— Se o Gringo não acabar com a tua raça, eu mesmo acabo, seu tigre de merda!

Restabelecida a ordem na barreira, El Gringo pega a espada e a *muleta* e dirige-se novamente ao touro, ainda mancando. Mesmo que sem brilhantismo, consegue matar o animal com uma estocada cheia de raiva e indignação.

Alguns aplausos pela demonstração de bravura, porém mais vaias pelo baixo desempenho. El Gringo não estava acostumado com isso. Aquelas vaias machucavam sua mente e seu corpo e deixavam em seu rosto uma expressão de amargura.

Manolo o abraça afetuosamente, dizendo:

— Não se incomode muito, Gringo. O público é assim mesmo. Tanto o eleva aos céus quanto o rebaixa ao inferno.

Contudo, no que se refere às touradas, as platéias não perdoam se não sentem ou não veem o risco, o risco de morte, mais

exatamente. Talvez por isso, mesmo, dezenas de *matadores* já morreram e centenas se feriram pelas arenas de touros.



Saindo de Barcelona, El Gringo e sua equipe viajaram para as cidades de Valência e Córdoba, onde ocorreriam as próximas corridas programadas.

Depois de uma passagem silenciosa e despida de brilho pela *plaza de toros* de Valência, eles chegam à cidade de Córdoba, cidade que é famosa na tauromaquia por ser a cidade natal de dois afamados toureiros: Manuel Benítez — El Cordobes, que ficou conhecido pelo arrojo e valentia quase suicida que demonstrava na arena e o mais célebre de todos — Manuel Laureano Rodrigues Sanchez — Manolete.<sup>10</sup> Este foi um *matador* que pela técnica, movimentação precisa e frieza do seu desempenho é até hoje reconhecido como o maior de todos. Manolete serviu de inspiração para várias obras e trabalhos no campo da literatura, da poesia, da arte e da música. Jovem ainda, com 30 anos, teve a vida ceifada por uma chifrada mortal, em agosto de 1947.

Ao chegarem à cidade pela rua principal, El Gringo, que dirigia o velho carro não percebeu uma sinalização de parada, avançou indevidamente e para desviar-se de outro veículo, bateu violentamente num poste da rua.

— Gringo, o que aconteceu contigo, por que não brecou?  
— pergunta Manolo.

— Simplesmente não vi o sinal, caramba! Alguém se machucou?

— Estamos todos bem — respondeu Gato. — Foi só o susto!

De pé, à volta do carro com a frente praticamente destruída, os ocupantes lamentavam o grave “ferimento” sofrido por El

---

10. 1917/1947.

Rayo. Este teria de ser hospitalizado em Madri, com o doutor tio Rafa...

No domingo seguinte, na *plaza* de toros de Córdoba, Coso de los Califas, El Gringo e seus amigos, já estão preparados para o início da corrida.

O primeiro a ser combatido por El Gringo, já estava entrando na arena com a imponência de sempre e sob a observação atenta de Manolo.

— Gringo, é um bom touro! — diz Manolo. — Como está a perna?

— Está tudo bem, apenas dói um pouco no Joelho.

Gato, Hulk e Pequeno ao mesmo tempo em que examinam o touro, observam o amigo Gringo e é indissfarçável a preocupação com o que viria pela frente. Estavam perdendo a confiança não no amigo, mas no *matador*. Por outro lado, Hémin era bastante inteligente para reconhecer o que acontecia naquele ambiente. Ele próprio sentia fugir-lhe a autoconfiança, não sentia medo, mas uma profunda ansiedade por ter novamente que se testar diante de um touro. Isso tudo o aborrecia muito e minava as suas forças. Por alguns segundos, desliga-se dali e visualizava com que facilidade e naturalidade costumava dominar esses animais...

Começa a lida com o touro e quando El Gringo encaminha o animal para ser *picado* por Hulk, o touro furiosamente investe sobre o cavalo, quase jogando-o ao chão. El Gringo se aproxima para fazer o *quite*, ou seja, afastar o touro do cavalo. Nesse instante o touro se volta rapidamente contra o *matador* e sua capa. El Gringo tropeça ligeiramente, vacila por alguns segundos e na investida o chifre direito do touro atinge a perna do *matador*, a mesma que já fora ferida anteriormente. O impacto da chifrada joga El Gringo ao chão junto com a capa e o touro volta a investir sobre o *matador* caído.

Felizmente, o lance ocorreu perto da barreira, permitindo o rápido socorro por Pequeno. Este era sempre o primeiro a chegar nessas ocasiões e com a ajuda dos demais *matadores*, evitou-se o

pior. El Gringo sai carregado até a barreira, onde Manolo o aguardava e logo em seguida o *matador* é levado à enfermaria da praça para os primeiros socorros.

O público fica todo alvoroçado e assustado, como habitualmente ocorre nos acidentes e aguarda ansioso o desenrolar dos acontecimentos. Um *pasodoble* ressoa pela arena para distrair a platéia e aliviar as tensões.

Os exames iniciais constataam o que se previa — o ferimento era de relativa gravidade e El Gringo não teria condições de voltar para a arena, devendo ser substituído por outro *matador*. Sempre acompanhado por Manolo, ele foi transferido imediatamente para o Hospital Central da cidade.

Ficaria alguns dias internado, para que pudesse se recuperar totalmente da hemorragia sofrida e tivesse condições de viajar para Madri.

No dia seguinte, no hospital, deitado em sua cama, recebe a visita dos seus amigos, de gente da imprensa e de colegas de profissão. As notícias sobre seu acidente dominaram a mídia especializada em todos os veículos de comunicação. Além do fato específico do acidente, comentava-se também sobre os últimos e decepcionantes desempenhos do *matador*, a respeito do que se faziam os mais extravagantes comentários. As seguintes manchetes apareciam na imprensa:

*“Desde corridas na Monumental de Barcelona, El Gringo é só decepção! Terminou ferido em Córdoba.”*

*“Onde está El Gringo, o **diestro** do ano passado?”*

*“El Gringo sofreria de grave doença?!  
Só isso justificaria a decadência...”*

*“Chifrado logo no primeiro combate, El Gringo ficará longe das praças por mais de 30 dias!”*

— Gringo — diz Manolo —, graças a Deus você já está com uma cara melhor. Os médicos querem que você fique aqui em observação por uma semana e isso será necessário para que possam fazer todos os curativos e aplicar-lhe uma dose maciça de antibióticos, de forma a evitar qualquer infecção. Depois voltaremos direto para Madri, onde você terá de ficar, no mínimo, uns 30 dias de molho, de acordo com os diagnósticos.

— O importante é que você fique bom — fala Gato. — E com isso vamos ganhar mais umas férias...

— Manolo, o que dizem os jornais de hoje? — pergunta Hémin.

— Não se incomode com isso, é claro que não são só elogios...

— Não precisa me esconder, pois já vi e ouvi os comentários na televisão aqui do quarto, mas faço questão de ver as manchetes.

— Gringo, trouxe esse som portátil para você se distrair ouvindo notícias e músicas — fala Hulk. — Trouxe também um CD com as músicas que você mais gosta e que nós gravamos juntos, lembra-se?

— Obrigado, amigo. Obrigado a vocês todos e agora podem sair e vão se divertir. Hospital não é lugar pra gente. Esse monte de repórteres e fotógrafos já me encheram o saco. Quero ficar sozinho, ouvindo um tango...

Hémin liga o som e põe-se a ouvir um dos tangos de sua preferência — “Tango Flamenco”, por Armik e “El Dia Que Me Quieres”, por Luiz Miguel. Enquanto ouve as músicas, Hémin se vê envolvido por pensamentos sobre sua vida, sobre Malu e o filho e o desgastante romance que vivenciara até então. Pensa sobre a sua situação atual como *matador*, tendo em vista os últimos acontecimentos que chegam a desafiar a sua compreensão. Exausto, adormece profundamente.

Quando Hémin acorda, fica surpreso ao ver a misteriosa Condessa Carla sentada ao lado da sua cabeceira.

— Bom dia, *matador* adormecido, que susto você nos deu. Como está se sentindo?

— Desculpe a expressão, Condessa, mas me sinto uma merda. Nos últimos tempos só a sua presença alivia o meu inferno...

— Que bom ouvir isso, mas não pense que me engano, sou bastante vivida para saber que no seu coração não há espaços vazios, nenhum beco que eu possa ocupar.

— Quem é que entende essa vida, minha cara amiga...

— Eu entendo bem a dureza da queda e da decepção, *mata-dor* e como eu te admiro muito, não poderia deixar de estar ao seu lado nesses momentos que são muito difíceis! Já passei por essa fase e pode estar certo que será a maior lição da sua vida.

— Carla, você é uma mulher muito especial. Você desaparece e depois surge como se fosse uma deusa, uma fada talvez e eu só quero que saiba que a sua presença é sempre um bálsamo, me faz muito bem... Eu sou muito grato por ter uma raridade, que é um amigo nas horas difíceis.

— Pode contar comigo sempre, eu acompanharei todos os seus passos e estarei sempre sonhando com você.

Os dois ficaram conversando até anoitecer, a Condessa Di Veromonti se despede e sai com suavidade e leveza — da mesma forma como surgiu...



Em Madri, as últimas notícias sobre El Gringo provocam um grande impacto.

Nina, que nada perde sobre a carreira de Hémin, vai sempre colocando Malu a par do que está acontecendo.

— Maluzinha, veja esta última manchete sobre Hémin em Córdoba. Veja, desta vez o acidente foi bem mais grave e ele está hospitalizado.

— Sinto muito Nina, mas já disse que não quero saber mais dessas notícias. Ele tem esses problemas porque os procura...

— Bem, estou te contando, porque Hémin é o pai do seu filho e do jeito que as coisas vão, seu filho vai ficar órfão... Mas como você não quer saber, nunca mais te conto nada!

— Oh, meu Deus! Você sabe muito bem o quanto eu sofro com essas notícias, mas por favor, me conte direitinho como ele está.

As duas mulheres conversam longamente sobre os fatos preocupantes e quando vê estampadas no jornal as fotos de Hémin ferido, na arena e no hospital, com as roupas todas manchadas de sangue, Malu também não consegue resistir às emoções e duas grossas lágrimas caem dos seus olhos.

Nina deixa Malu sozinha em seu quarto e a moça, exausta, joga-se sobre a cama e adormece.

Desde Barcelona que Dona Valéria não para de se preocupar e muito menos de rezar pelo seu filho. Seus joelhos estão calejados pelas longas horas de preces diárias. Embora Bia tente



esconder da mãe alguns fatos, pois teme pela saúde do seu velho coração, é impossível censurar todos os jornais e televisão. Quando vê a notícia sobre a hospitalização do filho, Dona Valéria entra em desespero.

— Bia, quero que você ligue imediatamente para onde está seu irmão. Vocês andam me escondendo muita coisa.

— Mãe, eu já falei com Manolo e também com meu irmão, tanto no dia do acidente quanto no hospital. Ele já está melhor e se recuperando.

— Não interessa, por favor, ligue agora que quero falar com ele.

Bia tenta diversas vezes estabelecer a ligação telefônica com o hospital até que finalmente consegue contatar o irmão. Então, já com Hémin na linha, passa o aparelho para Dona Valéria.

— Pablo, o que está acontecendo com você, meu filho. Você está bem? Tenho rezado tanto!

— Oi mãe, não se preocupe, o pior já passou, foi só um susto. Dentro de mais alguns dias estarei aí em casa, de férias forçadas.

— Venha logo embora, meu filho. Rezarei agora para que você desista de uma vez de enfrentar esses touros.

— Fique tranquila mãe. Quando chegar aí conversaremos. Reze bastante para que passem logo esses momentos ruins, essa fase difícil. Agora quero falar com a Bia, pode chamá-la?

— Bia, procure tranquilizar a mãe e pode nos esperar que dentro de aproximadamente uma semana estaremos aí em casa. Você tem tido notícias da Malu e do Carlinhos? Se puder faça uma visita para saber das novidades. Tchau, um beijo.

No dia seguinte, na hora do café, Nina encontra-se com Malu, que trazia o filho Carlinhos ao colo — um belo garoto já com oito meses.

— Nina, não dormi bem esta noite e estou pensando seriamente em fazer uma viagem para o Brasil, pois ficando aqui, as notícias sobre touradas correm e aparecem em todos os cantos e isso tudo me causa uma perturbação e uma angústia sem fim.

— Já sei, vai fugir mais uma vez... Você vai levar o menino sem conhecimento do pai ou da família dele, não acho isso uma boa...

— Primeiro, não estou fugindo, pois afinal, o meu noivo mora lá no Brasil. Segundo, eu não preciso de autorização de ninguém para viajar com meu filho. Mas de qualquer forma eu tinha prometido que levaria o Carlinhos para Dona Valéria conhecer e acho que agora é uma boa oportunidade.

— Concordo plenamente, vai fazer bem para todos e isso não compromete em nada a questão do seu relacionamento com Hémin.

— Está decidido, nos arrumamos em poucos minutos e vamos agora mesmo para a casa de Hémin.

Bia estava pensando em uma forma de chegar à casa dos Cortez, em atendimento ao pedido do irmão, quando a campainha toca. Quando vai atender, se surpreende diante de uma visita inesperada: Malu, Carlinhos e Nina.

— Mãe, venha correndo ver quem chegou! — ao mesmo tempo Bia já vai pegando Carlinhos no colo e todos entram para a casa.

— Oh, meu Deus! — exclama Dona Valéria. — Obrigada minha filha, muito obrigada! Você está dando o meu maior presente, deixe-me ver esse meu neto!

Dona Valéria está visivelmente emocionada, pois à presença do seu primeiro neto somam-se todas as emoções vivenciadas nos últimos dias com o acidente de Hémin. Então abraça fortemente Malu e desabafa num prolongado choro.

— Fique tranquila Dona Valéria — fala Malu. — Todos nós estamos sofrendo bastante, mas tenho certeza de que tudo acabará bem. No momento estou de viagem para o Brasil, mas prometo que darei notícias assim que voltar e esteja certa que voltarei.

— Eu rezo tanto minha filha. Rezo por você, rezo pelo Carlinhos, rezo pelo meu filho, eu queria tanto vê-los juntos e felizes...

— Pois vamos deixar nas mãos de Deus, Dona Valéria. Somente Ele pode resolver essa situação tão complicada.

— Só uma coisa eu quero te falar, Malu! Meu filho tem uma profissão perigosa e uma porção de defeitos, mas de uma coisa eu tenho certeza — ele te ama de verdade. Se você não o ama da mesma forma, deve mesmo deixar de uma vez que ele siga sozinho. Porém, se do fundo do seu coração você o amar verdadeiramente, eu jamais a perdoarei se você abandoná-lo!

Depois de mais algum tempo e muitas conversas descontraídas, elas se despedem e Malu volta para casa, tranquila de que tinha feito a coisa certa.

— Nina, vou falar com meus pais e viajarei para o Brasil por estes dias — diz Malu. — É o que eu tenho que fazer no momento. Fique tranquila, pois tenho certeza que voltarei logo.

— Que Deus a ilumine e a proteja! — Nina finaliza a conversa colocando as mãos sobre os ombros da jovem.





## *Madri: Acidente e Desilusão*

Hémin está de volta a Madri, onde permanecerá durante os próximos 30 dias.

Recebido com afeto e uma sensação e alívio por sua pequena família, sentia-se reconfortado e mais conformado com a situação.

A notícia de que Malu estivera em sua casa com Carlinhos, o deixara irritado, por não estar presente e ao mesmo tempo satisfeito, pelo gesto de boa vontade dela, que fizera sua mãe tão feliz. Hémin ainda precisa ficar um bom tempo deitado para não forçar a perna ferida e lá do quarto chama pela sua irmã:

— Bia, na próxima semana poderei sair e pretendo fazer uma visita ao meu filho, já que estava ausente quando eles estiveram aqui. Peço-lhe que avise Malu ou Nina, conforme está combinado.

— Ah Pablito, não vai ser possível, pois a Malu viajou com o Carlinhos para o Brasil.

— Puxa, mas quando ela vai voltar, ou será que ela pensa em fugir com meu filho naquele fim de mundo! — fala Hémin, irritado. — Se me encher o saco, pego um avião e vou atrás do meu filho.

— Calma maninho, ela vai voltar com certeza e ainda disse que avisará quando isso acontecer.

— Bia, não vou ficar aqui em casa parado por um mês, sem fazer nada, senão fico louco... Peça para o meu pessoal Gato, Hulk e Pequeno, virem em casa no próximo final de semana, pois estou pensando em comprar uma fazenda de gado leiteiro e preciso da ajuda deles. Avise também o pessoal da propaganda, que dentro de mais uma semana já estarei disponível para conversações.

— Mais alguma coisa chefe? Ah, estava me esquecendo, o tio Rafa mandou perguntar o que você quer fazer com aquele *El Rayo*, o qual chegou guinchado de Córdoba e todo ferrado.

— É, menina, o pobre carro está tão ferrado quanto o dono. Fala para o tio Rafa para gastar o que for preciso para deixá-lo novo de novo... Ele merece.

No sábado seguinte, avisados por Bia, os amigos de Hémin se encontram em sua casa. Hémin está sentado na sala, numa poltrona reclinável e recebe os amigos com alegria.

— Olá pessoal, estão cansados de não fazer nada? Eu vou dar um trabalho para vocês — quero que visitem algumas fazendas de criação de gado à venda, pois tenho muito interesse em adquirir uma e vocês conhecem muito mais esse assunto do que eu. Quero aproveitar esse tempo que estamos folgados para decidir isso.

— Então quer dizer que você vai trocar os touros de luta pelas vacas de leite? — pergunta Gato.

— Tirar leite dos touros é que seria dureza — brinca Hulk.

— Você vai me deixar também criar uns cavalos e umas éguas, Gringo? É o meu sonho — diz Pequeno.

— Não se trata de trocar nada, mas de garantia para o futuro. Afinal, vocês são meus melhores amigos, sempre me acompanharam, e, se por qualquer motivo eu não estiver mais combatendo os touros, vocês não ficarão sozinhos, terão emprego e futuro garantidos na fazenda, quando e enquanto quiserem.

— Pode contar conosco Gringo. Você é nosso chefe e continuamos confiando em você para o que der e vier — diz Gato.

Os amigos se despedem entusiasmados com a nova missão. Pareciam todos mais aliviados depois da conversa com Hémin.

Seria apenas a tranquilidade quanto ao futuro ou sentiam intimamente um presságio de que a carreira de Hémin não iria durar muito?

Nesse período, Hémin consegue também fechar vários contratos adicionais de publicidade. Apesar do ferimento sofrido e das últimas dificuldades nas arenas, por incrível que pareça o seu nome ficava cada vez mais conhecido e, portanto continuava sendo de grande interesse para o marketing. Desta forma, prosseguia faturando alto.



Na última semana do mês de “férias” e com base nas indicações dos amigos, Hémin fechou negócio com uma bela fazenda na região de Salamanca, fato que deixou Dona Valéria e Bia extremamente felizes. Se dependesse delas, Hémin jamais voltaria a entrar numa arena de touros e a família se mudaria imediatamente para a nova propriedade.

Os 30 dias se passaram rapidamente. Hémin já se sentia restabelecido e chama Manolo para tratarem do seu retorno à lida.

— E então, Gringo, já está com vontade de voltar aos touros? — pergunta Manolo. Sente-se bem de verdade?

— Claro, estou pronto!

— Estamos no fim do mês de maio e há ainda uma última corrida da festa de San Izidro em Madri. Acho que conseguiremos uma vaga aí e hoje mesmo te dou a resposta.

Dona Valéria que a tudo ouvia curiosa, intervém decidida:

— Hémin, meu filho, não me diga que já vai voltar para essa loucura. Já não chega o que aconteceu? Seu Manolo, por favor, livre meu filho dessa história.

— Dona Valéria — diz Manolo —, farei sempre como seu filho decidir e quero que a senhora saiba que em nenhum mo-

mento estive forçando ou convencendo o Gringo a voltar para as arenas.

— Mãe, esse assunto é nosso, não adianta a senhora se preocupar.

— Como não me preocupar! Não tenho feito outra coisa ultimamente!

— Pablito, eu queria tanto que você parasse, eu sinto tanto medo... Por que em vez de ir para Las Ventas não vamos todos para a fazenda que você acabou de comprar? Pense bem irmãozinho.

— Tenho compromissos assumidos nesta temporada. Depois disso, prometo que vou mudar, mas por enquanto, imploro para que não atormentem a minha cabeça. Entendam que eu jamais me retirarei das lutas como um perdedor e ponto final!

Malu continuava em São Paulo, na casa dos pais do seu noivo Maurice.

Inicialmente sentira-se mais tranquila por ficar longe dos noticiários que envolvessem Hémin, porém, à medida que o tempo passava sentia uma crescente aflição pelo vazio de notícias e sentia uma grande vontade de pedir informações a Nina nas conversações telefônicas. Além disso, ficavam martelando em sua cabeça as últimas palavras que lhe foram ditas por Dona Valéria, por ocasião da visita que lhe fizera. E ainda mais: cada vez que olhava para seu filho Carlinhos, era impossível não lembrar da figura do pai.

Malu também não se sentia muito à vontade com a situação relativa a Maurice, pois embora não o amasse, tinha por ele respeito e admiração e não queria magoá-lo. No que se referia às perspectivas de casamento, ainda podia sentir-se tranquila, pois já deixara bem claro anteriormente que só pensaria no assunto depois do primeiro aniversário de Carlinhos.

Maurice respeitava essa posição e os dias iam se passando com naturalidade, Até que alguma circunstância pudesse mudar tudo! É o que a própria Malu pensava e esperava: uma sorte, um milagre...



Sentados na costumeira taberna da Plaza Mayor, Hémin e seus amigos bebem e conversam animadamente sobre a fazenda recém adquirida e fazendo planos a respeito, enquanto aguardam a chegada de Manolo. Este chega logo em seguida e vai dizendo:

— Boa tarde, pessoal! Agora eu não sei se converso com Hémin, o fazendeiro ou com El Gringo, o *matador* — diz, sorrindo.

— Mas tenho boas notícias: vamos ser incluídos no programa da última corrida de maio, aqui em Madri.

— Ainda bem — diz gato. — Já estou com saudades dos touros.

— Eu ainda preferiria lidar com as vacas da fazenda do Gringo, ou melhor, com as novilhas — diz Hulk.

— E aí Gringo! Sente-se preparado para retornar? — pergunta Manolo. — Repito a você, amigo, em primeiro lugar a tua saúde e a tua vida. Se você ainda não se sentir seguro, especialmente quanto à perna ferida, adiamos esse retorno sem nenhum problema.

— Eu não mando nada — fala Pequeno —, mas eu acho que ainda é um pouco cedo para o Gringo se restabelecer totalmente. Aquela “porrada” não foi brincadeira.

— De certa forma, eu concordo com Pequeno — fala Gato. — Graças a Deus e ao sucesso do Gringo, nenhum de nós está precisando de dinheiro.

— O Gringo é quem sabe — arremata Hulk. — Topo qualquer parada!

Hémin apenas observa a reação dos companheiros e fala, decidido:

— Manolo, pode confirmar a corrida, esses caras são todos uns “cagões” e estão preocupados à toa. Sente-se aí, vamos comemorar!

Enquanto conversam e bebem, por duas vezes, Hémin derruba as taças de vinho. Manolo repara também que ao servir a bebida o *matador* sempre derrama um pouco fora das taças.

— Hei Gringo, o que há contigo? — fala Gato zombando.  
— Está ficando cego ou tremendo de medo? Como é que eu vou explicar para minha namorada a minha calça suja de vinho?

— Parem de “encher o saco” e vamos embora — finaliza Hémin. — Dou uma carona para vocês até o centro. Nem sei por que vocês têm carro, nem usam para não gastar gasolina...

Hémin está com sua Toyota Hillux e com todos à bordo, segue em direção à Gran Via. Na última transversal, entra numa rua na “contramão”; em sentido contrário vem acelerado um coletivo. Todos gritam e Hémin mete o pé nos freios, enfumaçando os pneus com a freada brusca, enquanto os ocupantes do veículo batem-se e seguram-se como podem.

— Pô, Gringo! — exclama Manolo. — Você tem carta de motorista? Vamos sair rápido antes que a polícia chegue...

— Ora, ora, não foi nada, eu quis pregar um susto em vocês... E não é que consegui!

Entre gozações, xingamentos e risos cada um toma o seu rumo.

Manolo nada mais falou, mas pensou muito, era indifereçável a sua preocupação com Hémin. Percebera também certa intranquilidade entre os amigos do *matador*.



Plaza Monumental de Las Ventas — Madri.

Está começando a última corrida da festa de San Izidro. Todas as dependências estavam repletas e os aficionados ansiosos pela primeira apresentação de El Gringo em Madri, depois dos últimos acontecimentos.

El Gringo e sua turma já estão prontos para a recepção do

seu primeiro touro, terceiro na ordem do dia. Entra o animal que se desvia pelas laterais, galopando ao redor da arena e investindo nas capas que lhe são mostradas através dos *burladeros*, ou seja, áreas de escape dos toureiros utilizadas para entrada e saída na arena.

Os amigos de El Gringo se entreolham e Manolo vai dizendo:

— Eis aí o seu bicho, Gringo. Veja como ele gosta de se encostar pela barreira. Procure atraí-lo para fora dessa área estreita. É um touro enorme e pesadão, não fique muito perto.

— Tudo bem, Manolo. Vamos lá!

El Gringo vai decididamente de encontro ao touro que se colocava sempre junto ao tablado. Algumas investidas, o *matador* consegue esquivar-se e o touro volta sempre para a barreira. Era um animal difícil de ser trabalhado. O *picador*, Hulk, entra na arena com seu cavalo. El Gringo, trabalhando em passes largos com a capa, procura conduzir o touro em direção ao cavalo. Logo no primeiro ataque o touro sente a picada, sai fora e inesperadamente avança contra o *matador* postado junto à barreira. El Gringo mal tem tempo de estender a capa, consegue livrar-se da cabeça e dos chifres, mas o corpanzil do touro o prensa de encontro à madeira, o *matador* perde o equilíbrio e cai ao chão. Quando o touro se volta, Hulk já tinha colocado o cavalo para defender o amigo da nova carga que poderia ser mortal.

O *matador* sai da arena ajudado por Gato e Pequeno enquanto Manolo o recebe:

— Como estás Gringo? Eu não te falei que esse touro era problema... Vai dar para continuar?

— Não creio, não dá, o touro me esmagou o peito, não sei se quebrei alguma costela, mas o que sinto é muita dor e não consigo erguer o braço.

— Bom, então não tem condição mesmo. Vou avisar as autoridades. Gato, acompanhe o Gringo até a enfermaria.

A corrida já terminara para El Gringo e a decepção foi geral.

Dos exames feitos, constatou-se uma forte luxação no tórax do *matador* e especialmente um deslocamento no braço direito, que teria de ficar imobilizado por algum tempo.

Os jornais noturnos da televisão e toda imprensa especializada, no dia seguinte, usavam o episódio acontecido com El Gringo como o principal assunto da semana. Alguns ainda procuravam razões para tamanha decadência daquele que chegara a ser considerado um *diestro* e que já tivera Las Ventas a seus pés. Outros já o atacavam diretamente qualificando-o como um *matador* lerdo e apenas um engano.

O ataque mais ferino, porém, foi desferido pelo articulista El Bigoton, velho desafeto de Hémin. Aproveitando-se da oportunidade e sendo um desses tipos que só chuta a onça depois de morta, escreve trechos duros em sua coluna: “... El Gringo não passa de uma piada...”, “... na corrida de ontem, El Gringo correu de susto...”, “... mais uma vez Gringo foi salvo por um *Hominho*...”, “... se não fosse o *Hominho*”... e assim por diante.

Hémin já está em sua casa, com o braço enfaixado. Sente uma grande tristeza não só pelas ocorrências em si, mas pelo sofrimento estampado no rosto de sua mãe e a preocupação visível em sua irmã, Bia.

— Mãe, Bia, não quero vê-las com essa cara de velório. Afinal, não aconteceu nada de grave. E dessa vez não quero nem discutir o assunto, não quero saber de nenhuma reportagem na televisão, não quero saber de nenhum jornal, de nenhuma notícia. Quero apenas descansar, talvez descansar de mim mesmo...



Três dias depois da desastrada corrida, Manolo comparece à casa de Hémin para uma visita informal.

— Olá Sr Manolo, já vou chamar meu irmão! — diz Bia ao cumprimentá-lo, abrindo a porta.

— Olá Manolo — fala Hémin. — Que surpresa vê-lo aqui. Já sei, os seus chefes querem cancelar o meu diploma de *matador*...

— Olá Gringo, não é nada disso. Queria ver como está se recuperando o amigo e, na verdade, também há um assunto muito sério para falar-lhe e escute com atenção! Posso falar?

— Puxa, pela sua cara parece sério mesmo, mas pode falar sossegado que já estou me acostumando com as porradas que tenho levado.

— Gringo, pensei muito sobre o que tem acontecido com você ultimamente — acabou com o seu carro *El Rayo* em Barcelona por não ter visto um sinal de trânsito, por várias vezes observei você derrubar taças de vinho ou despejar a bebida sobre a mesa, quase deu outra batida com a Toyota na Gran Via por não ter visto um sinal de contramão e nas corridas, você mesmo disse que se sentia sempre fora do tempo e da medida em cada lance, o que lhe trazia insegurança. Concorda?

— Sim, concordo, é tudo verdade e por isso, agora eu vou ser condenado?

— Não, amigo, eu vim para levá-lo a um oftalmologista.

— Não estou precisando de óculos, cara! Aliás, você está me dando uma boa idéia, vou ser o primeiro *matador* a enfrentar um touro com um par de óculos... — fala Hémin ironicamente.

— De óculos acho que você não precisa mesmo, mas de um exame sério da visão, não tenho dúvidas e isso com base na opinião de um especialista conhecido da minha família a quem consultei. Estou dizendo desde o começo que o assunto é importante, importante para você.

Hémin fica calado e pensativo por alguns instantes. Sabe que Manolo está sendo sincero e procurando um caminho e pensa que ele mesmo gostaria de achar uma resposta para tantas perguntas que o atormentam. Em seguida, põe carinhosamente as mãos nos ombros de Manolo e lhe diz:

— Eu topo, você é meu amigo e sei que só quer me ajudar. Pode marcar a tal consulta, embora não entenda aonde você quer chegar com essa história.

— Ok, Gringo, tudo sairá bem.



Manolo consegue marcar rapidamente a consulta com o Dr. J. Cury, oftalmologista especialista em disfunções visuais.

— Dr. Cury, este é meu amigo Hémin, que nas arenas de touros é conhecido como El Gringo — fala Manolo, fazendo a apresentação.

— Prazer em conhecê-lo, El Gringo. Não sou um aficionado pelas corridas, mas conheço a sua fama e inclusive as propagandas. Mas diga-me tudo o que está acontecendo com seus olhos.

Gringo e Manolo transmitem resumidamente ao médico todos os eventos que motivaram a consulta.

— Muito bem, vamos inicialmente proceder a alguns exames básicos, que serão feitos aqui na clínica: o de fundo de olho, tonometria<sup>11</sup> e mapeamento da retina e é claro começando pelo exame de visão, aquele tradicional de leitura das letras.

Gringo e Manolo permanecem na clínica por aproximadamente três horas, para a realização dos exames, até que o médico os chama em sua sala para dar o diagnóstico.

— Gringo, você sofre de uma retinopatia, ou seja, uma forma de lesão não inflamatória da retina ocular, normalmente associada à deficiente aporte sanguíneo, que pode afetar a mácula e até mesmo levar à cegueira.

— Não estou entendendo nada, doutor, pode explicar melhor?  
— diz Hémin.

— Claro, vamos por parte. A retina é a parte do olho responsável pela formação da imagem, ou seja, pelo sentido da visão. É como uma tela onde se projetam as imagens: retém as imagens e as traduz para o cérebro através de impulsos elétricos enviados pelo nervo óptico.

---

11. Verificação da pressão ocular.

— E qual a origem desse problema ou doença da minha retina?

— Essa doença poderia ser motivada por hipertensão arterial severa, diabetes e outras doenças sistêmicas, mas não é o seu caso. A origem do problema é muitas vezes desconhecida, pode ser por fatores hereditários, uma alergia inespecífica, um vírus, etc.

— E qual a gravidade no meu caso Dr. Cury?

— A sua retina sofreu várias lesões em ambos os olhos e não se pode aferir desde quando. Essas lesões estão cicatrizadas e as partes cicatrizadas são pontos cegos. A gravidade depende da evolução do caso: pode ficar estacionado ou agravar-se. Estes casos de retinopatia associados a certa degeneração macular provocam, ou podem provocar, severos graus de distorção de imagem, ou seja, de deficiência visual.

— Doutor e qual a solução para esse problema? Óculos resolvem?

— No que se refere às áreas já afetadas, conforme demonstrado nesse mapeamento de retina, nada pode ser feito e óculos não resolvem. Por enquanto a medicina não dispõe de tratamento específico para o caso.

— Doutor Cury, quer dizer que todos esses problemas que Gringo vem enfrentando nas arenas ou fora delas, conforme os fatos que contamos ao senhor são consequência dos problemas de visão? — pergunta Manolo.

— Ao que tudo indica, sim. Ou melhor, problemas dessa natureza podem ser provocados por deficiências ou distorções da visão.

— Doutor, isso quer dizer que não vou poder mais ser um *matador*? Que droga de vida vou ter?

— Meu caro, você deveria ver o caso pelo lado positivo; pode ter uma vida absolutamente normal, fazer praticamente tudo, porém com algumas restrições. Por exemplo, você pode dirigir com cuidado por lugares conhecidos, mãos de direção e sinaleiros também conhecidos. Terá dificuldades para dirigir à noite ou em dias

chuvosos. Enfim, como todas as pessoas, você vai se acostumando a ter uma vida normal com certas limitações.

— O mais importante para mim são as corridas e aí também eu não poderei conviver com as minhas deficiências?

— Se você quer minha opinião sincera, acho totalmente desaconselhável para você essa profissão. Será muito arriscado, mesmo!

— Doutor, reconheço ser verdade que os touros ou as coisas parecem estar num lugar ou numa distância diferente do que estou vendo. Mas eu poderei usar o raciocínio e fazer as correções para me conduzir, não posso?

— Ah, meu caro Gringo, minha resposta é não! Seu instinto responderá sempre muito mais rapidamente que o seu raciocínio e nesse caso da luta com touros, você sabe melhor que ninguém, tudo é rápido demais, muitas vezes você precisara de alguns segundos para enquadrar o touro no seu campo de visão. Para que correr um risco tão enorme?

— Doutor, obrigado por tudo! — diz Manolo. — Só espero que o nosso amigo Gringo ouça o senhor.

— Obrigado, doutor — diz Hémin. — Espero vê-lo na minha próxima corrida... — complementa sorrindo.



Dias depois, Hémin está em sua casa ainda com o braço enfaixado, quando recebe a visita dos seus amigos e de Manolo. Estavam reunidos na varanda dos fundos, juntamente com Dona Valéria, Bia e tio Rafa, saboreando uma farta mesa de comes e bebes.

O assunto do dia não podia ser outro — o resultado dos exames feitos por Hémin no oftalmologista e o futuro do jovem *matador*. A opinião unânime era de que El Gringo não devia correr

mais riscos voltando às corridas, ou pelo menos que ele parasse por uns tempos até que novas circunstâncias indicassem outra decisão. Hémin, porém, continuava relutante.

— Hémin, meu filho, não tem mais o que pensar. Tem é que obedecer ao que o médico falou, para evitar novos problemas.

— É mesmo Pablito, você tem muita coisa pra fazer na fazenda que comprou e, além disso, terá sempre muito trabalho com as publicidades — diz Bia.

— Nós todos pensamos da mesma forma que sua família — diz Manolo. — É claro que nós não vamos abandoná-lo, mas como somos seus amigos preferimos que por enquanto você fique longe dos touros.

— Estou vendo que ninguém mais confia em mim. Para falar a verdade, nem eu mesmo confio... E além do mais, as notícias de que estou meio “ceguinho” já vazaram pela imprensa e isso vai ser um novo motivo para me encherem o saco.

— É verdade — diz tio Rafa. — Tenho visto pelos noticiários da televisão e dos jornais uma especulação danada em torno da doença de Hémin. Uns dizem que é em razão da deficiência visual que o *matador* vem levando a pior com os touros. Outros dizem que o *matador* El Gringo deve ficar completamente cego em menos de um ano. Outros tentam adivinhar se haverá ou não a volta de El Gringo às corridas. Somente vi um caso de uma reportagem decente que saiu na TV Nacional reproduzindo entrevista direta com o médico que atendeu Hémin e na qual o assunto é tratado com seriedade.

— Eu venho evitando esses repórteres e continuarei me escondendo na fazenda, mesmo porque não tenho o que falar para eles.

— É isso mesmo, Gringo! — diz Pequeno até então calado como sempre. — Deixe que eles falem sozinhos. Quanto mais eles falarem, melhor para você...

— Bem, me dou por vencido diante dessa pressão toda. Concordo em dar um tempo para as corridas, mas como den-

tro de uns meses meu braço já estará bom, quero cumprir pelo menos os dois últimos compromissos desta temporada, aos quais faço questão de comparecer: a corrida em Linares, numa daquelas homenagens a Manolete e a corrida especial de encerramento em Las Ventas. Esta última será a minha despedida, mas prestem bem atenção! Nesta corrida eu lutarei mesmo que tenha de morrer! E ninguém me convencerá do contrário!

— Não fale assim, meu filho — fala Dona Valéria —, vamos confiar em Deus! Eu continuarei rezando e confiando!

— Manolo — diz Hémin —, você pode confirmar esses dois compromissos?

— Creio que não haverá dificuldades. Falaremos depois.

— É isso aí, pessoal! — fala Hémin dirigindo-se aos amigos.  
— Vamos continuar mais um tempo de férias forçadas das corridas, porque na fazenda tem muito trabalho a ser feito.



Nina acompanhava pelos jornais as notícias sobre Hémin, por quem sempre teve simpatia e preocupação com seus problemas. Sempre que podia falava por telefone com Bia para inteirar-se das novidades. Seu grande problema era, se deveria transmitir essas informações a Malu, que ainda estava em São Paulo, na casa do noivo brasileiro. No fim, Nina não se aguentara e dava um jeitinho de comentar o assunto com Malu nas ligações telefônicas. No caso da doença ocular, surpreendeu-se, pois foi Malu que, demonstrando enorme preocupação, pediu a Nina que desse todas as notícias a respeito.

Malu passava por momentos de grande atribulação. Como dizia Nina, por angústia ela praticamente fugira para São Paulo e lá estando se sentia cada vez mais angustiada, ansiosa para voltar...

## *Linares: Tragédia*

Linares, município da Espanha, localizado na Província de Jaén, comunidade autônoma da Andaluzia, tornou-se conhecida porque foi em sua praça de touros que se feriu mortalmente o célebre *matador* Manolete, em 1947.

Numa corrida festiva em homenagem à memória de Manolete, a praça de touros estava toda enfeitada e o público entusiasmado. Dado o caráter especial da corrida, seriam lidados seis touros para seis *matadores*. El Gringo era um deles e pelo sorteio coube-lhe o quinto touro da tarde.

El Gringo e sua *cuadrilla* já estavam prontos para receber o touro. A responsabilidade era muito grande, pois todos os holofotes estavam voltados para o desempenho do *matador*, por motivos óbvios.

A luta se desenvolve normalmente, sem os fatos extraordinários esperados pelo público, até sua parte final, quando El Gringo executa com a *muleta* uma série de bons lances, lampejos do brilho de seus bons tempos.

No final dessa *faena*, como muitos *matadores* fazem, El Gringo deixa o touro exausto, estancado no solo, vira-se de costas para o animal e dirige-se para a barreira calmamente para apanhar a espada. Já estava quase chegando à barreira, quando num relance o touro investe rapidamente sobre o *matador* desprevenido e

distraído com os aplausos. O público todo se levanta e grita, ao ver aquela situação de alto risco. Os toureiros na barreira também se movimentam assustados. Quando o touro já armava a chifrada nas costas do *matador*, Pequeno surge como um raio e empurra El Gringo para longe. Infelizmente, porém, ele próprio não conseguiu se livrar e levou a chifrada mortal que era destinada ao *matador*.

A correria foi geral dentro e fora da arena. Conseguiram isolar o touro daquela confusão. Manolo, El Gringo e todos os amigos cuidavam de levar o corpo desfalecido de Pequeno para a enfermaria. Lá chegando, a equipe médica confirmava que não haveria sequer condição de transferência para o hospital. A chifrada<sup>12</sup> fora profunda e atingira órgãos vitais. Diante do grande afluxo de curiosos, Manolo pede que desocupem a enfermaria, para que Pequeno vivesse seus últimos momentos entre seus amigos.

Pequeno vai ficando cada vez mais enfraquecido, mas ainda consegue falar:

— Eu tenho sorte, eu e Manolete morremos na mesma arena.

— Pare de falar Pequeno, não se canse tanto — diz Hémin.

— Escutem vocês todos: a vida inteira eu fui calado. Agora é minha vez de falar e vocês de escutar, ora!

E embora com dificuldade, Pequeno gasta suas últimas energias falando aos amigos.

— Hémin, você ia me levar para a fazenda, não ia? Agora peço que me enterre lá, para ficar sempre perto de vocês.

— Hulk, sabe aquele fresco Bigoton, que andou me chamando de “hominho”, dê um *tapaço* na orelha dele por mim.

— Manolo, Gato, cuidem do Gringo... Gato, vocês lembram quando lutamos com aqueles touros no campo e eu tirei você debaixo do cavalo? Que farra! — e a voz de Pequeno foi sumindo num murmúrio.

Pequeno olha ao longe, esgarça um leve sorriso e dá um último suspiro.

---

12. *Cogida*.

Manolo cerra as pálpebras de Pequeno e todos se aproximam para abraçá-lo em um momento de grande emoção. Abraçam-se entre si e as lágrimas caem com intensidade.

Gringo se mostra inconformado, debruçado sobre a cabeceira da maca, fica repetindo:

— Perdão amigo, perdão! Eu fui o culpado! Droga! Não devia ter vindo aqui, devia ter ouvido os avisos. Por que foi acontecer isso, meu Deus? Eu preferia que o touro tivesse me pegado! Pelo menos ficaria livre dessa vida amargurada: uma mulher que me abandona, uma doença que me abate, um touro que me mete medo e um amigo que se vai!

Os amigos procuram agora reconfortar El Gringo, repetindo que tudo foi obra do destino, uma tragédia, um acidente infeliz e nada adianta; descontrolado, o *matador* xinga e soca as paredes, saindo com as mãos sujas de sangue.

— Gringo, calma! Venha! — Hulk o tira daquele transe e permanece abraçado ao amigo.

— Agora precisamos avisar a família — diz Manolo.

— Sou eu quem mais conhece ou conhecia Pequeno — diz Gato. — Perdeu a mãe com quem morava há pouco mais de três anos e é absolutamente sozinho no mundo. Poucos sabem que o seu nome verdadeiro é Josué Mirandel... Na verdade, nós é que éramos a família dele e nós é que temos que cuidar de tudo.

— Já sei! — diz Gringo. — Assim que pegarmos a certidão de óbito, nessa madrugada mesmo, diremos que vamos levá-lo para Salamanca. E vamos enterrá-lo em minha fazenda, como ele pediu.

Viajaram a noite toda e na manhã seguinte estavam em Salamanca, na fazenda de Hémin, que a partir de então passou a ser chamada *Ganaderia del Pequeño*.

No interior da fazenda, escolhem um local alto, encimado de um grande e frondoso *sombrero*, onde se visualizava quase toda a propriedade, para ser a última moradia de Pequeno e gravaram na árvore uma grande cruz, com seu nome e a data.

— Descanse em paz, Pequeno. Aqui você estará sempre entre nós — diz Hémin. — Estamos fazendo tudo conforme pediu. Descanse em paz!

— Adeus, adeus, adeus! — repetem Manolo, Gato e Hulk.

Despedem-se colocando flores silvestres sobre o túmulo do companheiro.

Depois voltam a Madri, preparando-se para o cerco da imprensa, o que certamente haveria.

Com efeito, mais uma vez, as ocorrências com El Gringo em Linares e especialmente a trágica morte de Pequeno, passam a ser o assunto principal da mídia.



No seio da família, mais uma vez assustada com os fatos, Hémin toma a atitude mais sensata — ignorar por completo todas as reportagens e se possível ficar longe de repórteres e entrevistas.

O jornalista Bigoton novamente se aproveita e chega a ser maldoso: “... o *hominho* se sacrifica para salvar o *matador*...”: “... temos de continuar aguentando esse El Gringo, por causa daquele *hominho*...” “... adios, Gringo!”

Tais comentários chegam aos ouvidos de Hulk, que, a respeito, já tinha uma tarefa a cumprir.

Levado por Gringo, Hulk chega ao escritório do jornal onde trabalha Bigoton. Vai entrando até chegar à mesa do dito cujo e vai dizendo:

— O senhor é que é o tal de Bigoton?

— Sim sou eu. Quem é o senhor?

— Sou um amigo do Pequeno, o “hominho”...

— Ah sim! Coitadinho, ele morreu né?

— Sim, mas me fez um último pedido: dar um recado para o senhor.

— Oh, coitado! Qual é o recado?

— Aproxime-se bem pra lhe falar no ouvido...

Quando Bigoton aproxima o rosto, Hulk desfere-lhe um tapa com a mão direita, com toda sua força descomunal, fazendo voar papéis, cadeiras, computadores e o Bigoton cai ao chão, estatelado.

— Está dado o recado, tchau.

Realizada a tarefa, Hulk sai tranquilamente do escritório, entra no carro de Gringo e vão embora, rindo sem parar do feito e lembrando do último pedido de Pequeno.



Em Madri, mal se passaram 10 dias, Hémin já se mostrava impaciente com a inatividade. Sua irmã Bia arrumou-lhe a única coisa que fez nesse período, pelo menos bastante lucrativo, que foi o contrato de uma pomada anestésica específica para contusões, aproveitando-se da conhecida luxação no braço do *matador*...

Hémin chama pela sua irmã:

— Bia, está se aproximando a data do aniversário de Carlinhos, preciso comprar um presente e quero entregá-lo pessoalmente.

— Mas Pablito, você se esquece que Malu e Carlinhos ainda estão no Brasil? A não ser que você vá até São Paulo...

— Acho um absurdo que o primeiro aniversário de Carlinhos seja festejado fora de Madri... E os velhos, não vão querer o neto aqui?

— Bem, Pablito, eu não queria te deixar mais nervoso do que você já está, mas de acordo com o que Nina me falou, os Cortez vão ao Brasil justamente para festejar lá o aniversário.

— Bia, conte logo tudo direitinho para o seu irmão, não adianta esconder nada — diz Dona Valéria que a tudo escutava.

— Desembucha, menina! — ordena Hémin.

— Pablito, na verdade vai haver uma grande festa na casa de Maurice em São Paulo, no dia do aniversário, para oficializar o futuro casamento de Malu com aquele moço, que está marcado para dezembro...

— Mas como sabem disso?

— Veja o convite da festa — diz Bia entregando-lhe um convite em português. — E foi Malu que pediu a Nina para entregar a você, procurando justificar o fato de Carlinhos não vir para Madri. Sinto muito, mano. Eu também não entendi essa da Malu, até parece que quer provocar.

Hémin lê atentamente o tal convite, por duas ou três vezes. Em seguida o rasga em pedacinhos, jogando tudo no lixo com raiva e vai logo dizendo:

— Só sinto pelo meu filho que é meu, embora não o tenha. O resto, quero que se fodam todos eles e que sejam bem infelizes para sempre, não é assim que se diz?!

A mãe e a irmã observam quietas a reação de Hémin, que procura absorver e disfarçar o choque recebido. De certa forma elas se mostram conformadas com uma situação que já consideram irremediável!

Bia rompe o silêncio, abraçando o irmão carinhosamente e dizendo:

— Pablito, o jogo nunca acaba antes que termine... Se você quiser mandar um presente para o seu filho, é só me entregar que através de Nina a gente faz chegar até Carlinhos.

— Talvez eu faça isso! Veremos...

Decidido, Hémin liga para Manolo:

— Manolo, eu já estou cheio de ficar parado e por isso, estou indo para Salamanca, com Gato e Hulk. Voltaremos só dois dias antes da corrida em Las Ventas, conforme programado. Pode falar o que quiser para a imprensa. Providencie tudo, pois estaremos aqui prontos para a minha luta. A luta da despedida!

— Gringo, acho que você devia pensar melhor. Você está

tão bem e tem tanta coisa a fazer fora das arenas, já não bastam as lições sofridas?

— Manolo, isso não está mais em discussão, a minha decisão é irredutível. Por motivo de deficiência na visão eu vou abandonar os touros, mas a minha corrida de despedida será feita, custe o que custar!

— Tchau, Gringo! Que Deus te ilumine... E a nós todos também...

Em seguida, Hémin liga para Gato e Hulk. Marca com eles um encontro à noite na casa noturna de costume, Flamenco Dancing, para combinarem a viagem à Salamanca.

Na hora marcada, encontram-se no interior da casa noturna, cujo ambiente é alegre e festivo como sempre.

— Olá pessoal — fala Hémin dirigindo-se a Gato e Hulk. Chamei vocês para saber se podem ir comigo à fazenda, pois pretendo ficar por lá até uns dias antes da corrida em Las Ventas.

— Opa! Claro que vamos! Também estamos cheios de ficar sem fazer nada nesta cidade e ainda mais, longe das arenas — responde Gato.

— Já estou dentro — acrescenta Hulk. — Quando vamos?

— Amanhã à noite mesmo, aprontem-se. Agora vamos tomar uns goles, que preciso relaxar. Aproveite moçada, porque lá na fazenda é só cuidar de cavalos e vaca de leite...

Os três amigos ficam por horas bebendo, conversando, rindo de episódios passados e quando já estão “altos”, cantam e dançam com todo o pessoal. Vários cantores se alternavam nas apresentações e Hémin gosta especialmente de uma linda morena, dona de uma bela voz. No embalo da noite, Hémin se aproxima do palco, chama a cantora, coloca uma nota entre os seios da moça e lhe diz delicadamente:

— Querida, quero ver se você tem mesmo essa voz de cristal. Cante para mim a música “Viva El Pasodoble”, de Rocio Jurado. Você conhece esse *pasodoble*?

— Claro que sim, El Gringo, ou pensa que eu não o reco-

nheci? Tens muito bom gosto *matador*, essa música é a mais linda descrição de uma corrida de touros, num poema e numa melodia.

A interpretação da jovem cantora é realmente perfeita, o público por esses instantes fica quieto a ouvir e quando termina a execução, os aplausos são entusiasmados.

### ***Viva el pasodoble Rocío Jurado***

*Oro y plata, sombra y sol  
el gentío y el clamor  
tres monteras, tres capotes en el redondel  
y un clarín que rompe el viento  
anunciando un toro negro que da miedo ver.  
Chicuelinas de verdad  
tres verónicas sin par  
y a caballo con nobleza  
lucha el picador  
y la música que suena  
cuando el toro y la muleta  
van al mismo son  
Viva el pasodoble que hace alegre  
la tragedia, viva lo español  
la bravura sin medida, el valor  
y el temple de ésta vieja fiesta  
Viva el pasodoble, melodía de colores  
garbo de ésta tierra, queda en el recuerdo  
cuando ya en el ruedo, la corrida terminó”*

Foi uma noite agradável e reconfortante para Hémin e seus amigos, depois de tantas agruras vividas nos últimos tempos. No dia seguinte partiriam para a *Ganaderia Del Pequeño*.



Em São Paulo, naquele 15 de setembro, a família de Maurice providenciara uma grande festa para a comemoração do primeiro aniversário de Carlinhos. Vieram de Madri: os avós — Don Sebastian e Dona Carmen — Isabel e Nina. Tudo isso porque a festa também tinha outro objetivo: sedimentar o compromisso entre Maurice e Malu, — cujo noivado já acontecera em Madri e agora se marcava a data para o casamento.

No transcorrer da festa, houve duas interrupções anunciadas pelo chefe da casa: a primeira para o aniversariante Carlinhos, com o tradicional bolo, velinhas e parabéns; a segunda, para um grande brinde de todos os presentes ao futuro casal — Maurice e Malu, marcando-se, em definitivo, o casamento.

Era evidente que os mais alegres e felizes na festa eram os pais dos noivos: Juan e Cecília, do lado de Maurice, Don Sebastian e Dona Carmen, do lado de Malu.

Nina consegue chamar Malu para um lado, dizendo-lhe:

— Maluzinha, como te disse, eu trouxe um presente para o Carlinhos, mandado pelo Hémin. Não sei o que faço, se entrego para o menino ou deixo com você para entregar depois, evitando-se constrangimentos...

— Deixe me ver o que se trata.

Malu abre o pacote, examina o conteúdo. Era um estojo de madeira, contendo em seu interior, numa lateral — um mapa completo da fazenda de Salamanca e uma foto de Hémin segurando pelas rédeas dois belos animais — à esquerda um pônei malhado e à direita um potro andaluz. Na outra lateral, duas belas esculturas em bronze, dois potros, um deles montado por uma criança. No verso da foto, estava escrito: “Carlinhos, o pônei que te prometi já está te esperando e quando você crescer mais, o

potro já será um cavalo para você se divertir. E tudo isso, nessa fazenda que futuramente será sua. Parabéns e um beijo carinhoso do seu pai. Hémin. P.S. — enquanto isso, pode se divertir com esses cavalinhos de ferro...”

— Veja você também, Nina, um lindo e original presente, que vou guardar para o Carlinhos ver no futuro. Eu não sabia que Hémin tinha comprado uma fazenda, você sabia?

— Sim, a irmã dele me contou sobre uma bela fazenda que Hémin adquiriu em Salamanca e segundo ela, para a criação de cavalos e gado de leite.

— Confesso que fiquei emocionada com esse presente de Hémin. Faço questão de mostrá-lo aos meus pais.

A festa foi até altas horas e Malu comprometeu-se mais ainda com Maurice, marcaram o casamento.

No dia seguinte à festa, Don Sebastian, Dona Carmen, Isabel e Nina retornam para Madri. Antes de embarcar, Nina consegue conversar mais reservadamente com Malu.

— E você Maluzinha, quando pretende voltar para nossa casa? Não estou achando você muito entusiasmada com esse casamento. Tem certeza de que é isso que quer?

Malu abraça carinhosamente Nina, com uma expressão de cansaço nos olhos umedecidos pelo sentimento e responde:

— Ainda estou muito confusa, querida. Mas sinto que alguma coisa vai acontecer para resolver esse dilema que tanto me atormenta. Como está a situação de Hémin, depois de todos os fatos que você me contou? Estou cada vez mais preocupada e não consigo evitar isso.

— Pelo que sei, depois da morte do amigo, Hémin se refugiou na fazenda e fica lá direto. Só pretende voltar para a última corrida em Las Ventas. Dizem que é a despedida dele, isso me dá calafrios, nunca gostei de despedidas!

— Mas Nina, por que mais essa corrida? Algumas notícias dizem que com os problemas de visão de Hémin, isso é quase um suicídio!

— É, parece que ele quer mesmo enfrentar a morte e não há quem o faça desistir. A impressão que se tem é que ele está desistindo de tudo...

— Oh, meu Deus, meu Deus! Dê-nos uma luz e um caminho!

— Amém, amém, amém! Deus nos ajude!





## 35 Horas de Decisões

Sábado, 21 de setembro — seis dias após a festa de Carlinhos.

El Gringo está no centro da arena com seu traje de *luces*, lutando contra um enorme touro negro salpicado de pintas brancas. Há um grande alarido do público e um *pasodoble* com volume bem alto se espalha por todo o lugar. O *matador* realiza alguns movimentos estéticos. Ambos, *matador* e touro, estão muito à vontade naquele jogo esquisito, parecem brincar. Ao executar uma *verónica*, um vento forte como um tufão tira a capa das mãos do *matador*, fazendo-a sumir pelo espaço. Indefeso diante do touro, Hémin levanta os dois braços para cima, sorri calmamente, como se estivesse conformado com a chifrada fatal. Malu, em pé junto à barreira, a tudo assistia, se desespera, grita e chora, mas o *matador* não a escuta. O touro começa o ataque, chegando bem próximo de El Gringo para desfechar-lhe o golpe, quando Malu dá um grito desesperado. Nesse exato instante Malu acorda num sobressalto, ofegante e gritando por Hémin. Fora um terrível pesadelo...

10 horas

Carlinhos também acorda com o barulho e chora assustado.

Ouvindo os gritos, Maurice e sua mãe entram correndo no quarto, preocupados com o que estaria acontecendo. Encontram Malu sentada na cama, aos prantos, abraçada ao filho e chamando repetidamente pelo *matador* como se estivesse em transe:

— Hémin, Hémin, Hémin! Não me abandone! Eu te amo!

— Malu, o que foi? — pergunta Maurice, espantado com o descontrole da jovem e tentando entender as palavras que ela repetia.

— Meu Deus! — responde Malu — Tive um sonho horrível, parecia estar vendo de perto Hémin ser chifrado por um touro. Até agora estou sentindo uma dor horrível no peito, como se Hémin tivesse morrido e me deixado para sempre! Que susto, foi tudo tão real!

No calor da emoção, a jovem deixou escapar palavras muito elucidativas quanto aos seus reais sentimentos e que de certa forma comprometiam as suas relações com o primo.

— Calma, minha filha! — fala Cecília, mãe de Maurice. — Foi só um pesadelo... Vou buscar um copo d'água com açúcar... Não é a primeira vez que você sonha com esse *matador*, não é mesmo?

— De vez em quando tenho uns sonhos estranhos...

Cecília estava muito atenta. Dirigindo-se à porta, puxa levemente Maurice pelo braço e lhe diz num tom que só ele poderia escutar:

— Querido, você vê o que eu estou vendo? Eu percebi tudo claramente! Filho, está na hora de resolver essa situação de certa forma embaraçosa, não acha?

— Entendi, mãe, entendi... Acho que você sempre teve razão, eu é que fui teimoso e cego. Malu também não tem culpa, eu é que sempre insisti numa relação duvidosa.

Cecília sai e retorna rapidamente com o copo d'água que entrega a Malu. Em seguida, toma Carlinhos no colo e sai do quarto, meneando a cabeça, com uma expressão aborrecida e de conformismo. Deixa o casal a sós propositadamente.

— Maurice, me perdoe querido, tanto trabalho, tanta decepção para você e eu me sinto cada vez mais perdida. Só estou atrapalhando a sua vida... Eu lamento tanto!

— Não há o que perdoar, Malu. Eu é que peço desculpas por ter sido tão insistente. Hoje, neste exato momento, entendo que tudo ficou claro para nós dois e em consequência as decisões ficam tão fáceis...

— O que você está pensando, Maurice? E os seus pais... Vão me odiar!

— Nada disso, eles apenas querem o melhor para mim. Obviamente, esse melhor não seria alcançado por uma relação entre nós dois, pois nesse jogo do amor eu estaria sempre na reserva. Como dizia um velho amigo, nesse tipo de jogo a felicidade está em ser sempre titular... Ficar na “reserva” é candidatar-se ao sofrimento eterno!

— Maurice, do jeito como fala parece que eu premeditei, que o subestimei sempre... Isso me deixa tão triste. Eu não quis magoá-lo. É tão difícil explicar como tudo foi acontecendo até hoje...

— Querida, ninguém manda nessa máquina dos sentimentos... Enganar-se, iludir-se, é tudo muito humano, enquanto não se tem consciência de tudo isso. No entanto, depois disso, insistir no engano ou na ilusão é estultícia pura!

— O que lhe dá tanta certeza, Maurice?

— Eu vi o seu sofrimento, a sua aflição, só em pensar que o cara tivesse se ferido ou morrido e o seu desespero mesmo depois de ter despertado... Você jamais sentiria isso por mim, tenho certeza. Se você tivesse poderes de uma bruxa, pegaria uma vassoura e voaria imediatamente para Madri, não é mesmo?

— Maurice, isto é verdade, preciso voltar o mais rápido possível, não posso e não devo ficar mais aqui. É melhor para todos. Você me ajuda? Preciso agradecer e pedir perdão aos seus pais... Eles foram tão atenciosos e amorosos comigo e eu lhes deixo uma grande decepção... Um grande vazio...

— Deixe que eu me entenda com meus pais... Eu vou providenciar a sua viagem, fique tranquila.

— E o nosso noivado?

— Eu a libero de qualquer compromisso, menos um... Que você seja sempre muito feliz! Quanto a mim, é claro que você já me liberou. Vamos então à cerimônia de “retirada das alianças”

— acrescenta Maurice, de bom humor.

Malu retira a aliança e a entrega para Maurice, pois este as tinha comprado. Com as duas alianças na palma da mão, ele diz:

— Prometo que darei estas alianças a um casal pobre... Porém feliz!

— Você é um homem muito nobre, Maurice e alguém irá trilhar com você o caminho da felicidade, não há ninguém que a mereça tanto!

— Obrigado, querida, mas confesso que trocaria essa minha “nobreza” por uma espada de *matador* — acrescenta Maurice sorrindo.

— Oh, Maurice!

— Arrume as malas que eu vou tratar das passagens e demais providências para sua viagem.

Malu o abraça e beija carinhosamente.

O moço sai do quarto em lentas passadas, sentia todo o corpo dolorido, como se tivesse trombado com um tanque de guerra, um tanque cheio de indefinidas emoções. Mas não vacilou. Era um homem de caráter, um legítimo cavalheiro, haveria de reerguer-se e vencer.

## 11 horas

Malu liga para Nina, fazendo um resumo de todos os acontecimentos daquela manhã. Ao mesmo tempo, pede informações e detalhes sobre Hémin, seu estado de saúde e especialmente

sobre o que se convencionou chamar de a “última corrida de El Gringo”.

— Nina, você já tentou falar com Hémin no sentido de fazê-lo desistir dessa corrida, dessa loucura? Nunca me senti tão aflita em minha vida!

— Claro que já tentei e muitas vezes. Ele não atende ninguém. Creio que só você teria alguma chance de ser ouvida.

— E já falou com a irmã dele, a Bia?

— Sim, a Bia mesmo me disse que Hémin fica enterrado naquela fazenda e responde sempre que só irão vê-lo no dia da corrida... Por outro lado, a imprensa continua fazendo especulações a respeito dessa “despedida”.

— Quando será a tal corrida em Las Ventas?

— Ora, querida, a corrida é amanhã, domingo e como sempre começa às 17 horas. Pelo que li, nosso *matador* lutará contra o sexto touro da tarde e deverá começar a *lida* por volta das 18 horas e 30 minutos.

— Oh, meu Deus! A corrida é amanhã à tarde e eu ainda estou aqui em São Paulo.

— Se você vem mesmo, comece a correr desde já! Escute e como ficou seu primo Maurice?

— Ele é um bom homem e vai ficar bem, inclusive está providenciando as passagens e eu já estou arrumando tudo por aqui. Hei de chegar a tempo para impedir Hémin de enfrentar a morte nessa arena, mesmo que tenha de arriscar minha vida também...

— Cruz credo! Não fale bobagens menina! Ninguém vai morrer! Vai dar tudo certo, bastará um largo sorriso seu e um beijo *caliente* e o Hémin esquecerá os touros...

— Nina, preciso falar com meus pais.

— Os dois saíram, foram a uma reunião na paróquia central.

— Por favor, avise-os que estou retornando a Madri e pode adiantar alguma coisa sobre o que lhe falei. Como não terei muito tempo, por favor, previna-os da minha viagem e dos motivos dela. Depois pessoalmente terei uma longa conversa com eles.

— Pode deixar, confirme o voo para esperarmos no aeroporto. Beijos no Carlinhos, estou com muitas saudades dele. Até logo...

— Até mais, Nina, tenho muita coisa a providenciar. Tchau.

## 18 horas

Maurice chega com as passagens aéreas para Madri.

## 22 horas

Malu despede-se dos pais de Maurice e ele pega o carro para levar Malu e Carlinhos ao Aeroporto Internacional de Cubica — São Paulo. Os pais de Maurice dão uma desculpa para não acompanhá-los até o embarque. O desconforto causado pela situação era evidente, embora pelos laços de família ficasse resguardada sempre a cortesia.

Já no aeroporto de São Paulo, enquanto aguardava o desembarço das bagagens, Malu liga para seus pais avisando-os da viagem e dizendo que não deviam esperá-la no desembarque em Madri, pois iria de táxi para casa. Precisava ganhar tempo e o tempo corria aceleradamente.

## Domingo, 22 de setembro — 02 horas e 45 minutos

Depois de uma rápida despedida de Maurice, Malu e Carlinhos finalmente embarcam no voo especial da madrugada para Madri. Seria uma viagem com escalas, longa e cansativa.

## 14 horas

Malu e seu filho desembarcam no aeroporto de Barajas — Madri.

Sempre de olho no relógio, a jovem é liberada rapidamente, pega um táxi e pede ao motorista que voe para sua casa.

## 14 horas e 40 minutos

Malu chega em casa e é recebida pelos pais e por Nina.

Cumprimenta-os e vai dizendo do seu objetivo que era ir urgentemente para a Praça Monumental de Las Ventas.

— Nina, troque a roupa do Carlinhos, por favor. Temos de correr contra o tempo.

— Filha, acho que você não devia ir a Las Ventas! — diz Don Sebastian. — Hoje é previsto um público enorme, o trânsito está ruim, não há mais ingressos e além de tudo você está cansada da viagem.

— Pai, sinto muito, mas tenho de ir. Fique tranquilo. Eu saí de São Paulo com esta intenção, estou decidida e não vou recuar agora.

— Tudo bem, mas tome muito cuidado! Leve esta minha “credencial” que poderá ajudá-la nos caminhos de Las Ventas.

— Vá com Deus, minha filha — acrescenta Dona Carmen.  
— Nina, cuide bem do Carlinhos. Que Deus proteja vocês todos. Nina, assim que puder, dê notícias, não nos deixe aqui morrendo de preocupação.

— Vamos acompanhar pela televisão, tudo sobre essas corridas. Você conseguirá minha filha! — finaliza Don Sebastian.

## 16 horas

Com o carro conduzido por Nina, seguem para Las Ventas, tentando fugir dos congestionamentos, pois o tempo não corria, voava!

— Nina, você se lembrou de avisar a irmã de Hémin, Bia, sobre a minha volta e também de que iríamos para a corrida?

— Sim, avisei e a menina disse que estaria por lá, a não ser que fosse impedida de entrar, por ser menor. Sua mãe não viria e nem acompanharia pela televisão... Apenas rezaria, rezaria sem parar!

## 17 horas

Finalmente conseguem chegar a Plaza de Las Ventas, estacionam o carro com grande dificuldade e dirigem-se para o portal principal de entrada.

Nessa hora, a corrida de touros está iniciando com o tradicional *paseo* dos *matadores* e suas *cuadrillas*, ouvindo-se ao longe os aplausos do público e a música festiva.

A pequena comitiva é impedida de entrar:

— Senhoras, não há mais bilhetes e nem lugares. Sinto muito! Diz o porteiro.

— Moço, eu vim do Brasil até aqui, numa viagem exaustiva, sou a mulher do *matador* El Gringo e este menino é filho dele... E você não quer me deixar entrar?

— Senhoras, compreendam, eu preciso de autorização superior. Sou apenas funcionário...

— Aqui está! — diz Nina, apresentando a credencial de Don Sebastian — Está vendo, é um dos donos disso aqui... Vai querer problema com ele?

— Está bem, está bem, entrem se conseguirem passar pelos corredores lotados e ainda mais com uma criança no colo...

Sigam na direção daquele poste com a bandeira e ali perguntem, chegarão até onde querem.

Malu e Nina seguem na direção indicada, olhando sem parar no relógio, cujos ponteiros corriam como nunca. Já tinham gasto mais de meia hora só para conseguirem entrar.

A corrida já tinha começado. Os gritos de *olé*, aplausos e assovios, indicavam que os touros já estavam sendo lidados na arena.



## 18 horas

Como estava se aproximando a hora da luta de Hémin, um conhecido comentarista de televisão, num programa transmitido ao vivo, focava toda a curiosidade em El Gringo e assim falava ao seu colega de estúdio:

— Meu caro, nunca vi Las Ventas tão lotada e tão ruidosa! É estranho porque afinal, os touros e os *matadores* não são, hoje em dia, a expressão maior da lida! Não estão com esse prestígio todo!

— Ah, meu amigo — responde o parceiro, bem mais velho. — É o cheiro de sangue. Nada atrai mais as multidões do que o entrevero humano com a morte... Se não houvesse esse risco, não haveria a emoção, a paixão, o gosto pelo trágico...

— É verdade. Hoje a ansiedade está à flor da pele, provocada pela presença de El Gringo, devido às peculiaridades que envolvem a sua atuação e por tratar-se da corrida de despedida do *matador*.

— Sem dúvida, El Gringo — essa grande esperança dos aficionados, que chegou a sair carregado em triunfo nesta *plaza* — vem num processo de decadência e ninguém sabe com certeza se isso se explica pelas suas confessadas deficiências visuais.

— Com ou sem problema, El Gringo conseguiu ser incluído na programação de hoje. Se merece ou não, isto é outra questão.

— Ora, meu caro, os empresários fazem de conta que estão sendo forçados a aceitar El Gringo, pois a intenção deles seria barrar a sua entrada na arena, a fim de protegê-lo do alto risco e previsíveis acidentes. Mas não resistem à tentação de incluir na peça um ator que fará superlotar a arena e alavancar os lucros das bilheterias!

— Houve muita discussão sobre isso, técnica e jurídica e ao que parece nada conseguiria impedir o *matador* de exercer o seu livre arbítrio, só ele pode dispor da própria vida...

— Vamos ver! Para El Gringo hoje é o dia “D”. Seria o “D” de despedida? Esperemos que a letra final do seu destino seja qualquer uma, menos a letra “M”... Se Deus quiser, será a letra “V” de vitória...

— Assim seja, meu caro, assim seja! Mas vamos nos preparar porque Las Ventas vai viver uma das suas grandes tardes — uma pilha de emoções!



Na casa de Hémin, Dona Valéria e Bia assistiam ao programa de televisão. O ar de preocupação era evidente. Tio Rafa também estava presente para amparar sua irmã que entrava em desespero.

— Valéria, minha irmã, é melhor você não ficar assistindo isso... Vá descansar e confie no taco do seu filho. Ele fará chover naquela arena, você vai ver!

— Mãe — diz Bia —, não fique assim, eu garanto que nada vai acontecer com Pablito, esses homens estão falando bobagem.

— Como não me preocupar, se ainda por cima aquela

moça, Malu e meu neto, uma criança, estão nesse lugar, nessa praça de loucos, nessa confusão de gente...

— Calma, Valéria! — repete tio Rafa. — Bia tem razão, Hémin sabe o que faz e suas preces o protegerão. Você confia ou não no poder de suas orações?

— Vou continuar rezando, é só o que posso fazer! — finaliza Dona Valéria, enxugando as lágrimas e retirando-se para os seus aposentos, com o terço nas mãos.



Malu com Carlinhos e Nina, já estão no interior da praça e seguem abrindo caminho aos tropeços e empurrões, perguntando e mostrando a credencial. O pessoal se surpreende ao ver uma moça com uma criança no colo naquele local e procura facilitar o seu caminho. Elas tinham de chegar até os corredores que precedem a entrada na arena entre a barreira e as arquibancadas e daí localizar o setor em que estariam aguardando sua vez de lutar El Gringo e sua *cuadrilla*.

As corridas estão em pleno curso, com os *matadores* lidando com seus touros em meio aos aplausos e o vozerio do público.

Malu continuava na sua luta contra o relógio, de forma a chegar a tempo de impedir que Hémin entre na arena para enfrentar o seu touro naquelas condições adversas e de altíssimo risco.

## 18 horas e 40 minutos

O sexto e último touro da tarde já é anunciado — “Peligro Negro”, da *ganaderia Combate*, um enorme animal, que já entra na arena, ribombando seus cascos batidos na areia.

O público aplaude com entusiasmo e fica na expectativa de uma luta na qual, desta vez, o *matador* estaria em desvantagem, a julgar pelo que se dizia das deficiências de El Gringo.

— Gringo, é um bicho enorme. — fala Manolo — mas parece um ótimo touro, investe forte e bem, não hesita e não levanta muito a cabeça.

Gringo nada diz. Durante alguns instantes, apenas observa o touro e o colorido do público. Sente a face lívida e fria. Não tem nada a ver com medo e sim, com desafio, aquela íntima concordância com a fatalidade, com o destino implacável — fosse qual fosse! Em seguida, suspira profundamente, faz um sinal para Gato e entra na arena para receber o seu adversário.

Seus passes iniciais com o capote são apenas regulares, o touro passa sempre ao largo, longe de seu corpo. O público está silencioso... Espera muito mais...

O touro é levado de encontro ao *picador*, Hulk, que já estava na arena com seu cavalo branco. O animal ataca o cavalo com uma poderosa chifrada que quase derruba Hulk e sua montaria. Ao fazer o primeiro *quite*, Gringo é surpreendido pela velocidade do ataque e o corpo do touro o faz perder o equilíbrio e cair ao chão. O público continua silencioso...

No segundo ataque e subsequente ação de *quitar*, quando *matador* e touro estavam bem próximos da barreira, Gringo é mais uma vez surpreendido, sendo atingido nas pernas e batendo a cabeça na barreira, mas o ferimento é sem gravidade. Recupera-se.

A platéia começa a se agitar e ouvem-se as primeiras vaias e assovios.

## 18 horas e 50 minutos

É nesse instante que finalmente Malu e Nina conseguem chegar até o local. Manolo as observa, surpreso e abre caminho para que elas cheguem ao interior do *callejón*.

Malu está apreensiva e nervosa, pois imediatamente percebe que as coisas não iam bem para Hémin e ela não conseguiu chegar a tempo de dissuadi-lo dessa luta.

Malu passa Carlinhos para o colo de Nina observando El Gringo a uns 15 metros no interior da arena, enquanto o touro está do outro lado quase junto à barreira ainda entretido com o cavalo do *picador* que se retirava. O *matador* está com o rosto sujo de areia e com rasgos na roupa em decorrência das trombadas que o touro lhe infringira. Um pequeno corte na face, à altura das orelhas, sangrando e comprometendo todas as suas vestes.

Malu abana os braços e grita sem parar:

— Hémin, Hémin, Hémin, Hémin, Hémin!

Hémin parece nada escutar, Malu lembra-se do pesadelo que tivera em São Paulo e se apavora. Por cima da barreira, continuava gritando por Hémin e dirige-se a Manolo:

— Manolo, vocês têm de tirar Hémin dessa arena, afinal, não são amigos dele?

— Se pudesse eu nem o deixaria entrar... Mas se forcarmos a sua saída ele nunca nos perdoará!

— Pois então eu mesma vou tirá-lo da arena...

E assim dizendo, num gesto inesperado, a jovem entra na arena... Enquanto todos estavam com sua atenção voltada para o *matador* e para o touro.

## 19 horas

— Vejam! Uma mulher dentro da arena! Vejam! — alguém grita das arquibancadas.

A seguir, tudo se passa em questão de segundos... Faz-se um silêncio repentino, como se o público levasse um grande susto. Todos ficam de pé olhando para o interior da arena, incrédulos com o que viam.

Ao entrar na arena, Malu, vai em direção ao *matador* sempre gritando por ele.

Agora todos gritam sem parar tentando chamar a atenção do pessoal na arena e Nina chama por Malu, para fazê-la voltar.

O touro, nessa confusão toda, já tinha se deslocado na direção do *matador*, que estava parado a uns 20 metros da barreira. Quando Malu estava ao meio do caminho entre a barreira e o *matador*, este percebe a inusitada presença da moça e o iminente perigo em que se encontravam. Aflige-se por ver todo esse quadro em meio a distorções e sombras devido ao seu problema e implora:

— Meu Deus, só quero alguns minutos de luz para salvá-la e nunca mais porei os pés numa arena. Ajude-nos!

Numa profusão de emoções... Aflição, dor e amor... Num instante de êxtase, Gringo sente que milagrosamente sua visão melhora e parece estabilizar.

Não há tempo a perder — Hémin grita para Malu:

— Malu, não se mexa, fique parada, nenhum movimento. Quando eu avisar saia correndo daí!

O touro já estava numa distância aproximada de 10 metros — de um lado o *matador* e do outro a mulher, formando um triângulo onde o vértice era o animal. Vai cavando a areia com os cascos dianteiros e furioso balança sua enorme cabeça como se estivesse decidindo de que lado iria atacar primeiro...

Os outros *matadores* e auxiliares movimentavam-se em silêncio e com muito cuidado, pois qualquer intervenção desastrosa provocaria uma tragédia, com certeza. Era preciso deixar o touro quieto, pois a mínima perturbação o faria atacar e nada mais poderia ser feito...

Com a capa estendida, Hémin corre numa diagonal contra o touro, ao mesmo tempo em que grita para Malu correr. O animal vê o homem vindo ao seu encontro e corre para atacá-lo. No ponto de encontro o homem praticamente se atira contra o animal e joga a capa sobre a sua cabeça, conseguindo esquivar-se por pouco. O touro perde tempo chifrando e pisoteando a capa

vermelha no chão e quando sai ao encalço do *matador*, este consegue entrar no corredor, onde Malu já estava em segurança. A platéia, passada a emoção, aplaude o final feliz e a coragem demonstrada pela mulher e pelo *matador*.

Malu e Hémin encontram-se então com um forte e emocionado abraço. Vendo o estado lastimável de Hémin, todo sujo e com manchas de sangue, a jovem chora e nota que suas próprias roupas também estão todas borradas de areia e sangue.

Hémin a reconforta com um beijo carinhoso, cumprimenta a todos rapidamente, beija o filho e lava o rosto, molhando os cabelos cheios de areia. Malu pega uma toalha e enxuga o rosto do *matador*, ao mesmo tempo em que lhe diz:

— Hémin querido, agora está tudo bem, todos escaparam ilesos graças a Deus, vamos embora para casa...

— Malu, se você veio até aqui é porque tem muita coragem e decidiu ficar comigo, não é?

— Claro que sim. É por isso, que desejo sair o mais rápido possível daqui. Tenho medo, muito medo! Vamos embora, Hémin, por mim e pelo nosso filho!

— Querida, aguente firme mais um pouco. Está no fim e depois disso nunca mais entrarei numa arena. É a promessa que fiz a Deus!

— Mas por que você tem que continuar, meu Deus? Por quê?

— Querida, esta é a hora da verdade e eu vou vivê-la. Está vendo lá em cima, é o presidente da corrida. Está vendo todo esse público e todos os toureiros olhando em nossa direção? Está vendo o touro na arena, esperando?

— Sim, estou vendo! — responde Malu. — E todos querem que você se salve!

— Não querida, todos esperam por uma atitude minha e eu não os decepcionarei, mesmo que isso me custe a própria vida! Tenha fé!

— Oh, meu Deus! — exclama Malu. — Que a virgem de La Macarena lhe proteja!

Ao preparar-se para voltar à arena, El Gringo se dá conta de que a repentina melhora da sua visão durante o episódio com Malu, ainda o beneficiava e isso só poderia ser pelo atendimento à sua prece e também as infundáveis preces de sua mãe. Mas tinha de aproveitar o milagre e rápido...

A platéia já clamava pela continuidade da corrida gritando sem parar pelo *matador* — “El Gringo, El Gringo, El Gringo”.

Ele olha para cima, faz o sinal da cruz, como que em agradecimento pela graça recebida e entra confiante na arena, chamando Gato para a *suerte de banderillar*. O touro estava inteiro e pronto para o combate.

El Gringo usa o capote para fustigar o animal e com maestria, faz o touro girar seguidamente num círculo completo. Os aficionados começam a aplaudir a elegância e a perfeição dos passes. Em seguida, depois dos dois pares de *banderillas* colocados por gato, o terceiro par será colocado por El Gringo, naquele seu lance arriscado de um passo lateral, coisa que não fazia há muito tempo. O público silencia e aguarda.

Malu fica de costas e de olhos fechados, agarrada a Nina e Carlinhos. O *matador* chama o touro, abaixa os braços, *banderillas* nas mãos e aguarda a carga. Quando a investida acontece, num segundo, El Gringo suspende os braços, desvia seu corpo para a esquerda, o animal passa como uma bala e com as *banderillas* já fixadas em seu dorso. A platéia delira. Malu não quer olhar. Nina observa e respira fundo. Manolo e Gato transpiram em gotas.

El Gringo volta para a barreira, lava o rosto novamente, dá um beijo em Malu que continua de costas para a arena e recebe de Manolo a *muleta* que será usada pelo *matador* na última fase da corrida.

Com a *muleta* em punho, El Gringo chama o touro e nessa *faena* ele era um maioral. Numa sequência de passes pela esquerda e pela direita, vai trazendo o touro cada vez mais próximo. O *matador* caminha com largas passadas, sempre para frente, ne-

nhum só passo para trás. O touro é dos bons, investe sem parar, mas já dá sinais de cansaço sob o domínio do homem e sua técnica. Estão os dois, homem e touro, a sós e jogando no centro da arena. Os *pasodobles* tocam e dão mais emoção ao bailado da morte. A platéia aplaude e grita *olé,olé* a cada manobra do *matador*.

Malu apenas escuta aquele alvoroço e intimamente, sabe que enquanto houver esse barulho, tudo estará bem.

O *matador* volta à barreira para pegar a espada. Manolo a entrega e fala:

— Gringo, já está ótimo, acabe com o touro logo. Não abuse mais!

— Ok. Está tudo sobre controle. Vou terminar.

El Gringo volta ao centro da arena onde o touro o espera. Com o auxílio da espada, nos chamados *pases ajudados*, vai desgastando e mantendo o touro sob inteiro controle. Com o animal a poucos metros e à sua frente, o *matador* esconde a *muleta* e sua capa, mantendo-as atrás das costas.

A platéia aguarda. Param a música.

El Gringo chama o touro:

— *Toro, toro, venga toro!*

Quando o animal arremete com os chifres, o *matador* num golpe de pulso, desfralda a *muleta* e naquele segundo desvia o touro do seu corpo. O público fica de pé para apreciar aqueles lances de alta técnica e risco. Manolo se descabela, comentando com Gato ao lado:

— Esse Gringo! Precisava aplicar esse passe de tanto risco? Que merda! Espero que não repita...

Mas El Gringo não estava satisfeito. Agora prepara outro lance parecido e mais perigoso ainda, pois quando o touro vai investir, o *matador* fica de costas para o animal, estendendo a *muleta* lateralmente no momento do golpe. E o touro passou como um raio sob o braço direito de El Gringo.

Mais um silêncio que foi seguido por vigorosos aplausos. A cada “silêncio”, Malu se desespera e reza sem parar.

O touro e o *matador* estão exaustos. El Gringo perfila o animal para a estocada final. Olha para cima, aponta a espada para os céus, suspira e provoca o animal. Este ataca com as últimas forças, Gringo o encontra e aplica-lhe a estocada mortal. Expectativa geral... Silêncio.

Malu sente as dores daquele silêncio. Fica abraçada a Carlinhos e Nina, olhos sempre cerrados e respiração ofegante.

### 19 horas e 20 minutos — Fim da corrida

O touro caminha alguns passos, volta-se e vem vagarosamente na direção do *matador*. Este, confiante, fica estático, com as mãos caídas e entrelaçadas nas costas. O touro chega a um metro do corpo do *matador*, que continua parado. Silêncio total nos segundos que se sucedem. Em seguida, o touro abaixa a cabeça e desaba aos pés de El Gringo.

— Dona Malu, Dona Malu, tudo acabou bem — diz Manolo. — Venha!

Foi um delírio total na Plaza de Las Ventas!

El Gringo estende *muleta* com sua capa sobre a cabeça do touro, faz uma reverência em sinal de respeito a sua nobreza.

Exausto e todo dolorido, o *matador* vai cambaleante em direção à barreira, de onde saem os amigos para ajudá-lo. Malu sente-se feliz ao abraçar aquele corpo sujo e manchado de sangue. Quando chegam à barreira, uma maca já está aguardando para que o *matador* fosse levado à enfermaria local. Nina, Carlinhos e Malu acompanham Hémin até lá.

Na arena, o público extravasa suas emoções — aplaude como se fosse possível um bis, chamam pelo nome do *matador* e jogam sobre a areia tudo o que tem ao seu alcance.



Enquanto isso os repórteres da televisão continuavam seus comentários finais:

— Senhoras e senhores, somente agora, a Monumental de Las Ventas está voltando ao normal, à medida que o público se retira. Foi uma tarde fantástica, na qual não faltaram sustos e emoções. Vejam o estado em que ficou a famosa arena, não se vê quase areia, tomada que está por milhares dos mais diversos objetos...

— Realmente, meu amigo, quem veio aqui para ver um *matador* ferido e acabado, assistiu El Gringo vivenciar momentos de pura glória e consagração. Aqueles dois passes finais na *suerte de matar* foram tempos maravilhosos da lida com touros.

— Nesta tarde aconteceu de tudo e dizem que até milagres...

— Por outro lado, o *matador* El Gringo abandona as arenas como um vencedor. O cumprimento que fez a todo o público logo após matar o touro, foi um gesto de adeus definitivo. Retirou-se do campo de batalha sem nem mesmo esperar e receber os prêmios pelo seu desempenho — as duas orelhas e o rabo do touro...

— Caros telespectadores, eu lhes digo que enquanto houver *matadores* e touros iguais aos que se enfrentaram nesta tarde, dificilmente se conseguirá acabar com as corridas de touros na Espanha.

— Concordo e acrescento. A tarde de hoje em Las Ventas é um marco que jamais será esquecido... Las Ventas talvez nunca mais veja outra igual... Quem viver, verá.



No interior da enfermaria, ainda se ouvia o burburinho do público e dos *pasodobles*, o médico chega para examinar El Gringo, deitado na cama.

— Olá *matador*, você está horrível... Vamos tirar toda essa roupa e fique só de cueca.

Malu chama por Nina e lhe diz:

— Querida, por favor, leve Carlinhos para casa, pois ele está muito cansado e com sono. Traga uma muda de roupa para eu trocar, pois me sinto lastimável.

Enquanto o profissional examina o corpo de Hémin, cheio de hematomas e pequenos cortes, Malu vai passando uma toalha molhada pelo rosto e pelo corpo do jovem. Manolo, Gato e Hulk estão também na enfermaria aguardando o diagnóstico do médico.

Os repórteres insistem em entrar no local e Hulk é colocado na porta para evitar a entrada de pessoas.

Após alguns minutos, o médico se dirige para Hémin e Malu:

— *Matador*, você está todo estropiado, mas não tem nada quebrado e não há sinais de gravidade. Vou lhe receitar um anti-inflamatório e uma pomada para as lesões. Seu estado é de uma pessoa exausta e estressada e não é para menos, nessa sua profissão...

Malu olha para Hémin e este responde ao médico, sorrindo:

— Ex-profissão, doutor... *Ex-matador!* — E pisca para Malu.

— Bem, meu caro, descanse aqui mesmo por uma ou duas horas e depois está liberado. Seu principal remédio chama-se repouso, além de juízo para não mais enfrentar esses bichos...

— Obrigada, doutor! — agradece Malu.

Hémin está repousando com os olhos fechados, Malu vai até a porta para atender à insistência dos repórteres que continuavam aglomerados no local. Quando ela aparece na porta, já chovem os flashes e as perguntas costumeiras. Um repórter faz a primeira pergunta incisiva:

— Você é que vai dar uma declaração? E quem é afinal?

— Peço calma a todos, vou falar pouco e somente o que realmente interessa. Eu sou Maria de La Luz Cortez, noiva do *matador*. Ele está bem, já foi examinado e está repousando por orientação médica.

Malu responde a algumas perguntas sobre o estado de El Gringo e faz menção a encerrar as declarações...

— Maria, mais uma pergunta... É verdade que El Gringo abandonará as arenas? E o que vai fazer depois?

— É verdade sim, esta foi a corrida de despedida de El Gringo. Quanto ao futuro, vamos nos casar e depois nos dedicar à criação de gado de leite, em Salamanca... — todos sorriem com a objetividade da jovem e a própria Malu se surpreende com seu atrevimento...

— Uma última pergunta, por favor: a visão do *matador*, você acha que houve um milagre nesta tarde?

— Se você viu a corrida... Acho que tem a resposta...

Malu encerra a entrevista e retorna ao quarto. Pede que todos saiam da enfermaria e a Manolo que não deixe ninguém entrar para não perturbar o repouso do guerreiro que continua cochilando. A jovem olha-se no espelho, suas roupas estão um desastre. Procura no armário algo que possa vestir, enquanto Nina não chega. Vê um jaleco de médico, comprido e não tem dúvida — tira a blusa, a calça e o sutiã, todos manchados, lava-se na pia existente no local e veste o folgado avental. Só não sabia que Hémin já acordara e a tudo estava observando. Malu está sossegada, olhando-se no espelho, quando leva um susto ao ouvir a voz de Hémin.

— Malu, Malu, venha até aqui que estou sentindo um mal estar, uma dor...

Ela então se apressa em chegar até a cama, sentindo-se meio desajeitada com aquelas vestes.

— Você acordou muito cedo, meu bem. O que está doendo?

— Acho que estou com a pressão baixa. Sinto um frio no corpo todo. Querida, venha mais perto, deite-se um pouco ao meu lado.

Inocentemente, Malu deita-se ao lado de Hémin com a intenção de esquentá-lo. Caíra na armadilha...

Hémin finge estar delirando, vai abraçando e acariciando a moça, dizendo palavras carinhosas. Malu demora um pouco, mas percebe as intenções do jovem, ao mesmo tempo em que gosta daquela intimidade. Hémin passa aos beijos...

— Hémin, você não está pensando isso, não é? Não sabe onde estamos?

— Nada demais, querida, nós estamos no céu e eu só quero você, pois eu te espero há muito tempo.

— Hémin, Hémin, Hémin, o que está fazendo... Pode entrar alguém a qualquer hora, seu doido!

— Não se preocupe, Manolo não deixará ninguém entrar.

— Ai Hémin... Ai Hémin... O que está fazendo?

— É só amor meu bem, é só amor... Eu sonho tanto com você!

— Não se atreva, eu não acredito, pare...

— É só amor, só amor... — repete Hémin, que já domina completamente a moça, entrelaçando-a e beijando-a sem parar.

— Você é mesmo um maluco! — Malu diz baixinho, cuja resistência já chegara ao fim... Entregara os pontos...

Alguns minutos depois, com a situação mais calma, Manolo entra na enfermaria para ver como está o casal. Só vê os lençóis balançando sobre a cama, faz o sinal da cruz e volta apavorado para sua posição de guardião. Manolo transpirava. Ficou mais nervoso ainda quando logo em seguida viu que Nina vinha chegando com a mala de roupas.

— Oi Manolo, está tudo bem por aqui? Deixe-me entrar para entregar as roupas de Malu.

— Não! Dona Nina, é melhor a senhora esperar um pouco, eles estão muito ocupados...

— Ora Manolo, eu sou de casa, me deixe passar antes que eu me irrite...

— Tudo bem, mas eu avisei. Quer entrar entre...

Nina entra na enfermaria e quando chega perto da cama, só vê roupas pelo chão e um par de mãos entrelaçadas, a única coisa que aparecia fora dos lençóis em movimento. No silêncio da enfermaria, os gemidos do casal soavam assustadores!

Ela volta apavorada ao encontro de Manolo.

— Você tinha razão meu caro, eu devia ter te ouvido. O que vamos fazer?

— Esperar, esperar e torcer para que nenhum repórter entre naquela enfermaria!

— Manolo, já sei. Vou deixar com você as roupas de Malu e voltar para casa. Meu Deus, eu pensei que eles estivessem morrendo de cansaço! Estou indo. Você aguarda até eles “acordarem”... *Adios!*

E Nina acrescenta:

— Manolo, se o repórter da televisão estivesse aqui, ele diria: “Las Ventas nunca mais verá uma enfermaria como esta”!

Os dois sorriem e Nina vai embora enquanto Manolo fica no posto de guarda.

## 21 horas

Na casa dos Cortez a família está toda reunida inclusive Dona Valéria e Bia. Todos estão acompanhando as reportagens pela televisão. Sofreram com o episódio na arena, angustiando-se com o desenrolar daquela última corrida, já sabem que o *matador* está bem, pois viram com perplexidade as declarações de Malu à imprensa. Passados tantos sustos, agora começam a festejar, sorrir e comemorar. Estão ansiosos aguardando a chegada de Hémin e Malu.

Nina retorna à casa dos Cortez e quando chega sozinha, todos vão ao seu encontro perguntado pelo casal. Ela fala então para todos ouvirem:

— Vou falar uma vez só, entendam como quiserem, não vou explicar! Dois pontos: primeiro, o jovem casal está providenciando um irmãozinho ou irmãzinha para o Carlinhos, diretamente da enfermaria de Las Ventas; segundo, está tudo ótimo com eles! Muito melhor do que nós!

Foi um tal de cochichos pelos cantos da sala e o velho Don Sebastian não estava entendendo nada. Depois de algum tempo, só se ouvia a expressão:

— Não acredito!...

— Não acredito!...

— Não acredito!...

E uma gargalhada geral varou pela noite, uma noite feliz na mansão dos Cortez.



## Epílogo

Depois do episódio ocorrido na enfermaria de Las Ventas, que se prolongou por horas, Hémin e Malu despediram-se tarde da noite e foram levados às suas respectivas residências por Manolo, o qual teve de aguentar firme.

Ficou combinado entre os jovens que Hémin iria para a fazenda Del Pequeño, com seus amigos, onde repousaria conforme recomendação médica e cuidaria de uma reforma que estava fazendo na sede da propriedade, pois afinal, lá seria a sua segunda casa — dele e de Malu. No fim de semana seguinte, regressaria e iria visitar Malu na casa dos Cortez. A despeito de algumas preocupações manifestadas por Malu, Hémin estava decidido a falar diretamente com Don Sebastian e Dona Carmen sobre o seu relacionamento e os planos que o jovem casal tinha para o futuro.

O diálogo que firmou essa resolução do casal foi curto e direto:

— Mas Hémin, você tem coragem de enfrentar meu pai mesmo sabendo que ele poderá te receber friamente? Tenho receio, pois poderá ocorrer uma discussão em prejuízo de nós dois.

— Por você, querida, eu enfrento qualquer coisa neste mundo. Já dominei tantos touros nessa vida, fique tranquila que vou quebrar o orgulho do seu pai!

Realmente, entrar de cabeça erguida naquela casa, ser recebido e respeitado pela família de Malu, era um ponto de honra para Hémin, sua grande aspiração, pois consolidaria o seu amor e o seu romance tão sonhado.

Antes de partir para a fazenda, Hémin recomendou para sua mãe e sua irmã que renovassem suas roupas e encomendassem trajes novos para ele, Manolo, tio Rafa, Gato e Hulk, pois queria todos nos “trinquês”... No próximo fim de semana.

E chegara o grande dia! Era o sábado tão esperado! Na casa de Malu, Nina estava no quarto da jovem, ajudando-a a vestir-se. Ambas estão ansiosas e ao mesmo tempo preocupadas, pois Don Sebastian não sabia da visita de Hémin, por outro lado, o ambiente estava leve e inspirava confiança, nada havia a temer.

Às 4 horas da tarde, uma empregada atende ao portão e na sala de estar do sobradão, comunica ao casal Cortez, Don Sebastian e Dona Carmen, que há uma visita: senhor Hémin e família...

— Mas por quem ele está procurando? — pergunta Don Sebastian.

— É pelo senhor que ele perguntou.

Os pais de Malu ficam perplexos, pois nenhum deles sabia dessa visita. Dona Carmen resolveu não correr nenhum risco e intervém rapidamente:

— Ora Sebastian! É o jovem *matador*, pai do Carlinhos! Mandem-os entrar imediatamente, é o conhecido El Gringo que certamente veio visitar Malu e seu filho.

— Tudo bem, vamos recebê-los! — fala Don Sebastian, dando a ordem para a empregada.

— Nina! — chama Dona Carmen. — Nina! Avise a Malu que Hémin veio para vê-la.

Do quarto Nina e Malu ouvem a notícia...

— Oh, meu Deus, Nina! Eles chegaram e pela janela, estou vendo que veio a família toda! Olhe como estou nervosa! — e Malu mostra suas mãos trêmulas.

— Maluzinha, trate de ficar bem bonita, embora mais do que já está é praticamente impossível. Vou descer para ajudar na recepção e assim que estiver pronta, você desce... Para os braços do seu amado... — arremata Nina sorrindo e descendo as escadas em direção à sala.

A grande porta do sobrado se abre e as visitas entram, recebidas pelos anfitriões. Nina, que conhecia a todos, auxilia nos cumprimentos e apresentações.

A comitiva constituía um grupo simpático e alegre — Manolo e tio Rafa, nos seus costumes cinza escuros, passavam uma impressão de seriedade e respeito; Hulk e Gato, impecavelmente vestidos, tinham aquele ar zombeteiro que a todos agradava; Dona Valéria vestia-se com um dos seus lindos modelos “piratas”; Biazinha, nestas alturas uma bela jovem, vestia um alegre e multicolorido conjunto; Hémin trajava um elegante terno de linho branco.

Hémin trouxe um grande buquê de rosas vermelhas para Malu. Dona Valéria e Biazinha trouxeram e entregaram a Dona Carmen um lindo vaso de orquídeas azuis e alguns presentes — brinquedos para o neto Carlinhos.

Após os cumprimentos Hémin fala para Don Sebastian:

— Don Sebastian, o senhor conhece a região de Salamanca? Acha que nessa região vai bem a criação de gado leiteiro?

— Sim, eu conheço bem. Ouvei dizer que você comprou uma fazenda por aqueles lados. É um bom investimento. Com que raça de gado pretende lidar?

— Tenho umas fotos, que sempre trago comigo, coisa de novato.

— Venha para cá, meu jovem! — diz Don Sebastian, conduzindo Hémin para a sala de jantar, onde se sentam e ficam conversando, contando também com a companhia dos outros homens visitantes.

Don Sebastian examina as fotos mostradas por Hémin e diz em seguida:

— Esse é um gado misto-europeu e realmente tem propensão leiteira.

— Estou pensando também num cruzamento zebuíno-holandês o que o senhor acha?

— Acho ótima idéia, mas não precisa me chamar de senhor, só Sebastian. Vocês aceitam uma taça de vinho?

— Aceitamos com prazer! — diz Manolo. — A nossa turma aqui, senhor Sebastian, é chegada num bom vinho, o que, aliás, é sinal de bom gosto... E esse espumante, “Cristal Terrano”, é dos melhores!

— É verdade! — responde Don Sebastian e em seguida, serve as taças de vinho para todos.

— Gringo — pergunta Hulk —, você não poderia cruzar as vacas holandesas com o touro bravo?

— Poder, poderia — responde Gato sorrindo —, mas quem iria tirar esse leite?!

— Por falar em touro bravo — diz Don Sebastian —, vocês viram no jornal de hoje uma notícia sobre aquele incidente estranho que ocorreu em Carabanchel, com um cavalo encontrado chifrado e morto e alguns novilhos com banderilhas?

— Ah, nos lembramos sim desse caso, mas o que aconteceu? — questiona Hémin.

— A polícia arquivou o inquérito, pois não conseguiram achar os “toureiros fantasmas”.

— Graças a Deus... — fala Hulk.

— Que sorte! Graças a Deus! — fala Gato.

Hémin, Gato e Hulk trocam olhares tentando conter os risos.

Don Sebastian percebe aquela clara expressão de culpa e cumplicidade, olha atentamente para os três e exclama:

— Não acredito! Ao que parece os toureiros procurados estão bem aqui na minha frente...

— Ex-procurados, Don Sebastian, ex-procurados! — ironiza Hulk.

As risadas de todo o grupo ecoam pela sala...

Enquanto isso, na outra sala, ou seja, na sala de visitas, Dona Valéria, Bia, Nina e Dona Carmen conversam animadamente sobre vestidos, modelos, desfiles, novelas, etc. Dona Valéria está mostrando à Dona Carmen como são feitos alguns dos modelos da revista que tinham nas mãos e praticamente já estavam acertando a confecção de alguns vestidos pirateados.

Nina ouve o choro de Carlinhos na saleta oval, onde ele estava dormindo e apressa-se em buscá-lo. Traz o menino para a grande sala e o garoto logo se torna a atração principal, tanto do pessoal da ala masculina quanto da feminina...

Hémin fica com o filho no colo retornando à mesa de Don Sebastian e à conversa com o grupo.

Em seu quarto, Malu já está quase pronta e olha-se no espelho para uma última análise. Está linda, com o vestido que Dona Valéria lhe dera de presente. As jóias suaves e finas que usava, combinavam com o brilho dos seus olhos claros. Estava pronta e estranhava que ninguém viesse chamá-la. Então resolve descer.

Estava já no meio da escadaria que adentrava pela sala e dali podia ver à esquerda, sua mãe e o grupo feminino conversando e rindo sem parar; na sala de jantar, à direita, seu pai discutindo descontraidamente, mostrando fotos e servindo vinho para o pessoal. Malu chega ao fim da escada, fica emocionada com aquela ambientação familiar tão surpreendente. Ninguém nota a sua presença e isso, nas atuais circunstâncias, faz com que ela fique muito feliz e sorria gostosamente!

— Mamãe, mamãe! — chama Carlinhos, o primeiro a perceber a presença de Malu. Em seguida, o menino desce do colo de Hémin e corre ao encontro da mãe.

Só então todo mundo se dá conta da chegada de Malu, que vai dizendo, em voz alta e com as mãos na cintura:

— Muito bonito! Vocês se esqueceram de mim? — diz sorrindo.

Agora, os homens e mulheres presentes saem de suas posições e vão envolver Malu num grande abraço. As lágrimas e os sorrisos se misturam. Don Sebastian pede que todos se acomodem na grande mesa de jantar, para fazerem um brinde à ocasião.

Ocorre que também tinham chegado na casa outros familiares de Malu — suas irmãs Isabel e Ruth, seu irmão Pedro, esposa e filho; e ainda, a amiga Anita e a irmã mais velha de Hémin, Marialva, que se juntaram à comemoração em torno da grande mesa. Na cabeceira desta, estão Don Sebastian, Dona Carmen, Dona Valéria, Bia, Hémin e Malu.

Hémin se levanta e se dirige aos pais de Malu:

— Don Sebastian, Dona Valéria, peço permissão para fazer um primeiro brinde. Quero oferecê-lo para essa moça maravilhosa que é sua filha e com quem pretendo me casar com as suas bênçãos, é claro, se ela me aceitar!

— Minha filha, você aceita este jovem como seu futuro marido? — pergunta Don Sebastian, com a mão direita colocada sobre o ombro esquerdo do jovem.

— Depois de tantas lutas, eu não deixaria esse homem fugir de jeito nenhum! — exclama Malu, sorrindo.

— Então, vamos todos fazer um brinde para o futuro casal — diz Don Sebastian, erguendo a taça de vinho.

— Vocês têm as nossas bênçãos — afirma Dona Carmen.

— E as nossas também — acrescenta Dona Valéria.

Nina aparece com mais taças para que o vinho fosse servido a todos os presentes. Don Sebastian então faz o brinde festivo:

— Um brinde à felicidade do casal. Um brinde para todos nós!

Nesse instante, Hémin dirige-se à Malu, entrega-lhe o buquê de rosas e beija-a amorosamente, depois, num só abraço envolve a jovem e o filho Carlinhos.

Então, Nina fica bem no meio do grupo, bate com os pés no chão para pedir silêncio e exclama:

— Gente, trouxemos um presente para os noivos, um par de

alianças feitas em Andaluzia, presente meu e desta linda moça, Bia. Vamos colocá-las?

O pessoal se organiza no meio do salão, formando um grande círculo, com Hémin e Malu ao centro.

— Bia, pode entregar as alianças! — fala Nina.

A moça se apresenta e entrega o pequeno estojo aos noivos. Hémin coloca uma das alianças na mão direita de Malu e esta põe a outra na mão direita de Hémin.

— Bem, como dizem os padres nas cerimônias de casamento — pode beijar a noiva! — exclama Don Sebastian.

Sorridentes e felizes, olhando-se fixamente, os noivos afinal, se beijam demoradamente e o salão explode em aplausos.

Seguem-se os vivas, as palmas e vários brindes regados a bom vinho e deliciosas sangrias. A música cativante dos *pasodobles* enche de alegria, energia e emoção todo aquele ambiente. Impressionante como as festas improvisadas são sempre as mais naturais e por consequência as melhores de nossas vidas.

— Saúde! Saúde! Saúde!

— Viva! Viva! Viva!

A festa ia longe e Malu puxa Hémin pelo braço, dizendo-lhe:

— *Matador* venha aqui para fora, no alpendre, quero lhe mostrar as lindas orquídeas de minha mãe.

Ali chegando, na penumbra do terraço, Malu abraça-se a Hémin, ergue-se na ponta dos pés e o beija intensamente, até quase perder o fôlego.

— Querida, você vai pegar essa mania de roubar beijos também?!

— Vou roubar quantos eu puder!

— Não será preciso roubar, meu bem. Eu vou beijá-la pelo resto da vida.

Agora é a vez de Hémin agarrar a moça e beijá-la apaixonadamente.

Nina aparece, vê a cena e sorridente exclama:

— Oh meu Deus! Esses dois! Quantos meninos e meninas ainda terei de criar nessa vida?

Em seguida, sentindo-se ignorada pelo casal, ela volta para o salão em festa, onde se depara com outra cena: Carlinhos brinca com o *poodle* da casa, fustigando o pequeno cão com um pedaço de pano vermelho e quando o bicho ataca, o garoto ergue o pano e desvia o corpo... E o melhor é que, para atizar o *poodle*, Carlinhos bate o pé no chão e grita

— *Venga, perrito, venga!*

Com um largo sorriso e com as mãos na cintura, Nina exclama:

— Oh! Meu Deus! Outra história dessas, com esse “El Gringuito”, eu não vou aguentar!

Nina procura pelos pais de Carlinhos para contar-lhes a proeza do garoto. Eles não estão no salão de festas, também não estão mais no alpendre, observa pelos reflexos no corredor acima das escadarias, que a luz no quarto de Malu está acesa, olha, pensa, conclui o raciocínio e diz com espanto:

— Em meio a toda essa festa, eu não acredito que eles estejam fazendo isso! Não acredito! Não acredito!

Nina suspira profundamente e continua a falar sozinha, em voz alta:

— Pensando bem, pelo que eu conheço da paixão desses dois, eu acredito! Eu acredito! Eu acredito!

E uma gostosa gargalhada espalha-se por todo o salão, fundindo-se ao ambiente festivo das palmas, dos brindes, dos cantos, do *pasodoble*, da guitarra e das castanholas...

Era madrugada. Uma madrugada encantada na encantadora Madri!

## Fim





# *Debate*

## **CORRIDAS DE TOUROS DEVEM SER PROIBIDAS?**

A controvérsia relativa à abolição das corridas de touros tem uma história muito antiga, contando inclusive com intervenção do Papa em 1765, que baixou resolução proibindo os cristãos de assistirem às corridas de touros na Espanha.

Na atualidade, esse debate estava efervescendo em todos os meios de comunicação. Ao longo do tempo, na Espanha e em alguns outros países onde ocorrem esses eventos — Portugal, França, México, Peru, Colômbia, por exemplo, em decorrência de movimentos contrários às touradas, alguns efeitos ou limitações foram alcançados, tal como a proibição da entrada de menores de 14 anos nas arenas e a restrição de horários de transmissão das corridas pelas redes de televisão.

O assunto se submete à disposição legal, razão pela qual sua discussão chega ao Parlamento Espanhol. Examinando um projeto de Lei com o objetivo de proibir as corridas de touros, o Parlamento decidiu levar o assunto à audiência pública, nomeando o deputado Julio Barraquel para presidi-la. Essas audiências teriam livre participação de Associações, ONGs, Entidades Representativas dos diversos setores envolvidos e outros interessados e devida-

mente documentadas proporcionariam melhores condições para a decisão de um assunto tão sério e complicado.



No primeiro dia de audiência, o auditório reservado para tal fim estava repleto e os representantes da mídia se faziam presentes, quando o deputado Julio Barraquel dá início aos trabalhos:

— Todos conhecem os objetivos desta reunião, que é pública e transparente. Nosso objetivo é procurar extrair da opinião dos senhores o melhor consenso sobre o tema da abolição das corridas, conduzindo-se a uma decisão que atenda desejos da nossa sociedade. Para facilitar a documentação, peço que todo aquele que quiser expressar sua opinião, levante-se, pegue o microfone, diga o seu nome e expresse o seu ponto de vista.

O primeiro debatedor se apresenta:

01) ELAINE, da ADDA Associação de Defesa dos Animais. Em boa hora veio esse projeto de Lei e lutamos pela sua aprovação, continuaremos a lutar sempre, por entendermos que as touradas são atos venais e terríveis para torturar animais em público. Ninguém pode negar que é um ato explícito de crueldade contra o touro que é picado, *banderillado* e afinal, morto, de forma deprimente na arena. Os jornais deram notícias desses tristes espetáculos nas últimas semanas. Por tanto, nossa entidade entende que as touradas devam ser imediatamente abolidas da Espanha.

02) MANUEL FUENTES. É verdade que algumas corridas são difíceis de se ver, dando até a impressão de que há uma crueldade premeditada. Como todo espetáculo, existem os ótimos, os regulares

e os péssimos. No caso das corridas de touros, *matadores* incapazes e medrosos, *picadores* exagerados nos seus golpes, multi-estocadas, direção pouco rigorosa quanto à qualidade do evento e desrespeito às normas clássicas do toureio — isso sim pode dar a aparência de crueldade. Não sei que corridas a moça andou vendo e creio que não deu sorte e só viu os piores *matadores* e os piores touros.

03) ELAINE: — Esses argumentos não valem. Não existe crueldade bonita ou feia. Tudo é crueldade contra os animais.

04) LUZIA FALCO: — Um aparte, por favor! Concordo inteiramente com a Elaine. Essa também é minha decidida opinião a respeito. Tudo o que fazem contra o touro é crueldade!

05) MANUEL FUENTES: — Nesse aspecto de crueldade, não sei por que todo mundo se preocupa e quer acabar com as corridas de touros. Existem crueldades muito maiores e a estas é que as entidades deveriam se preocupar com prioridade. A começar pela crueldade humana contra os humanos: milhões de crianças que morrem de fome, milhões de mulheres e crianças trucidadas nas guerras e revoluções, as torturas, os crimes decorrentes dos fanatismos religiosos e político, etc. Além do mais, o homem é por natureza e necessidade um predador de animais. Que bela vida e morte gozam os animais que vão para os matadouros de toda espécie? E que bela vida tem os suínos, as aves, os crustáceos, mantidos em cativeiro absoluto, comendo dia e noite e mortos sem ver a luz do sol?

06) ELAINE: — Não nos cabe resolver todas as mazelas do Mundo e apenas procuramos fazer a nossa parte, uma crueldade não justifica a outra.

07) MANUEL FUENTES: — Não, minha cara, não é nada disso! Apenas uma questão de prioridade, para que vocês não fi-

quem achando que estão defendendo a coisa mais importante do mundo — acabar com as corridas de touros. O que eu quero dizer é que dezenas de entidades ou organizações como a sua, teriam muito que fazer só para acabar com o trabalho escravo e semi-escravo, para combater a pedofilia, combater os abutres do capitalismo selvagem, os quais usurpam a renda dos mais pobres, etc...

08) ELAINE: — Puxa! Nem com um exército de ONGs se conseguiria disso tudo... Só queremos acabar com as corridas, ou seja, fazer a nossa parte. Se cada um fizer a sua parte, este mudo ficará muito melhor.

09) MANUEL FUENTES: — Pois é, minha cara, pois é! Você disse tudo...

10) PAMIGUEL: — Eu creio que todo mundo invoca com a *fiesta* por que ela é transparente, pública, o touro é morto na frente de todos e por isso, incomoda mais. Seria interessante também que o pessoal do contra visitasse as *ganaderias* para ver como vivem e são tratados os touros bravos.

11) MARISA: — Seria bom se o touro pudesse responder a uma pergunta: — Hei touro, agora que você já cresceu e está gordinho, o que prefere? Ir para arena, aonde um *matador* vai acabar com você, quando não terá a mínima chance de se salvar ou de acertar uma chifrada na bunda deles, ou prefere ir direto para o matadouro e sofrer uma morte mais “tranquila”? E nesse último caso, meu caro touro, se poderia dizer que você teve uma morte mais “humana”?

12) GEORGE: — Também entendo que as touradas podem melhorar em diversos aspectos, de forma a recuperar o brilhantismo de outros tempos — toureiros com capacidade de lidar e dominar touros difíceis e um desenrolar das *faenas* que permitam o touro chegar à *suerte* da estocada menos castigado e chumbado.

13) MIRNA da ONG “AC”, (Adios Corridas): — É isso mesmo! Não sei por que os toureiros desgastam tanto o animal para enfrentá-lo? Aquele sangramento provocado pelos *picadores* é uma coisa nojenta e exagerada. Não sei se o *matador* manda no *picador*, ou se o presidente da corrida é que determina ou se o *picador* faz o que quer. Do jeito que o touro fica, até eu enfiaria nele uma espada...

Ouve-se um alvoroço com muitas pessoas falando ao mesmo tempo.

DEPUTADO: — Por favor, muita calma e falem um de cada vez.

14) RAFAEL: — Essa moça está dizendo bobagens. Está se referindo a uma péssima corrida de touros. Há eventos de péssima qualidade em qualquer outro espetáculo ou arte. Não se pode nunca generalizar. Se você assistiu a uma péssima obra teatral, não poderá dizer por aí que o teatro é uma coisa horrível! E também é um engano julgar que em razão de o touro ter sido levado à exaustão, que qualquer idiota entraria na arena para matá-lo. Esse pensamento é de quem não conhece a nobreza do touro bravo, que até o último de suas forças tentará atingir o adversário. Quem conhece a história das touradas sabe que é justamente nessa fase que ocorreram os acidentes e mortes de *matadores*...

15) VASQUEZ: — Concordo. Eu acho que esse pessoal do contra tem mesmo é inveja. Na verdade verdadeira, é preciso ser muito macho para entrar numa arena e encarar um “Miura”. Quem daqui se habilita?! Dona Mirna, eu desafio a senhora a enfiar a espada no lugar certo num touro, mesmo depois de morto...

16) ANGELITO: — Lá vem essa história de machismo, até parece que o mundo é deles e não reconhecem o valor e a cora-

gem dos outros sexos. — diz um rapaz franzino ao fundo com voz delicada — Eu acho que esses toureiros são mesmo covardes.

17) VASQUEZ: — Essa não! Que outros sexos? Que eu saiba, por Deus e pela natureza, só existem dois: o macho e a fêmea, o homem e a mulher, o touro e a vaca. Existem alguns casos raros, absolutas exceções. Mas a arena de touros, não é a praia das mulheres e repito, isso é coisa pra homem!

18) ANGELITO: — Vasquez, lá vem você com esse preconceito idiota. Eu sou gay e tenho muito orgulho disso!

19) VASQUEZ: — Não se trata de preconceito. Reconheço e respeito as exceções, só que me enche o saco essa história de indignação contra alguém que se declare homem ou macho e até parece que o ideal é não ser... E quer saber mais, meu querido, eu quero ver você ficar na frente do touro com a capa parada e se rebolando todo, daí vai ver a chifrada que vai levar...

— Absurdo! Protesto! — alvoroço na platéia.

Então, o Deputado batendo insistentemente a campainha, tenta reorganizar a sessão:

DEPUTADO: — Por favor, por favor, silêncio! Vamos deixar essa história de preferências sexuais e voltar ao nosso assunto. Estamos num debate transparente. Numa democracia todos são livres e merecem respeito. Não há lugar nem razão para preconceitos de qualquer natureza. Vamos todos nos respeitar mutuamente e continuar o debate. Quem é o próximo?

20) MIRNA: — Vamos lutar sempre contra esse espetáculo violento, cruel, sanguinário e que ainda tenta se justificar com base na tradição e até na religião.

21) ANTONIO. Nos frigoríficos e matadouros, a morte do animal é muito mais estressante e sórdida, sem nenhuma possibilidade de luta. Por outro lado, um animal toureado já não pode voltar para a lida. Seria menos cruel retirá-lo da arena para que fosse liquidado num matadouro? Teremos de discutir e pôr um ponto final na violência que os seres humanos infringem ao mundo animal para alimentar-se, vestir-se, divertir-se? É um belo e nobre ideal, mas já se pensou nas consequências que adviriam se fosse possível realizar essa “utopia”? Vocês todos concordam em se alimentar exclusivamente de vegetais? Todos concordam em perder pacificamente o resultado de seus empregos ou atividades do complexo econômico financeiro assentado sobre as ações humanas que se utiliza dos animais para seus fins?

22) LUZIA FALCO: — Tudo isso é violência, um tipo não exclui o outro. Não há justificativa ou desculpa para a violência!

23) ELAINE: — Mais uma vez os “aficionados” tentam desviar a atenção do particular para o geral, mas é combatendo os particulares que chegaremos à melhoria do geral. A tourada é um particular que afronta a sensibilidade das pessoas que respeitam os direitos dos animais.

24) MIRNA: — Nós estamos discutindo a crueldade contra os touros na arena, mas não podemos nos esquecer também da crueldade praticada em algumas escolas de tauromaquia, onde bezerras muitas vezes são verdadeiramente trucidados nos exercícios práticos dos alunos. Não podemos também esquecer a crueldade contra os cavalos utilizados nas corridas de touros, pelos *picadores*. É bem verdade que desde 1927 os cavalos são protegidos por um acolchoado com base metálica colocadas no seu abdômen, mas antigamente, milhares de cavalos morriam. Mesmo assim, os cavalos têm os olhos vendados e as orelhas tampadas, afim de que possam desempenhar a sua função na lida, pois se vissem e ouvis-

sem o avançar sobre eles dos chifres dos touros, sairiam correndo apavorados sem que ninguém conseguisse segurá-los.

25) GILMAR: — É verdade! Já pensou nas porradas que os cavalos levam em suas barrigas no impacto furioso dos touros? Pense em você protegendo seu abdômen com um grande acolchoado e sobre ele receber um direto do Mike Tyson.

26) JÚLIA: — Realmente, o homem é um bicho estranho. É capaz de tratar alguns animais melhor do que trata seres humanos, como por exemplo, o cachorrinho dessa madame ao lado — com roupinhas, jóias e botinhas... Por outro lado, cavalos e burros que serviram de montaria ou puxaram suas carroças durante muitos anos e ainda as vacas que lhes deram dez crias e leite por toda uma vida, quando já não servem mais são mandados para os frigoríficos ou fábricas de sabão.

27) CARLINO: — Isso não é nada, Júlia. Se estou andando de carro e passo perto de algum cachorro que estava atravessando a rua, minha mulher grita: “Seu idiota, você não viu o cãozinho?” Mas se encontro uma pessoa passando devagar na frente do carro, ela grita: “Passe por cima desse idiota!”

— Outro dia, estava no parque e passou ao meu lado um carrinho de bebê todo enfeitado, uma mulher parou e perguntou à dona do carrinho: “Que gracinha! Menino ou menina?”. Olhei o tal e era um cachorrinho... Não se fala mais “macho” ou “fêmea”?

— E tem mais... Meu amigo recebeu da esposa um belo presente pelo dia dos pais. Cometi a besteira de perguntar-lhe o porquê disso, tendo em vista que o casal não tinha filhos... A resposta veio decepcionada: “Você se esquece do nosso *poodle* Lilíco?”

28) MÁRCIO: — Não gostei dessas manifestações anticânicas. Está provado que faz bem ao homem física e psiquicamente a companhia de um cão, seja de qualquer raça ou porte. Se querem

saber, o cachorro é mais confiável do que o homem. Milhares de pessoas também preferem. Viva os cães!

29) JÚLIA: — Isso mesmo! Viva a humanidade!

DEPUTADO: — Pessoal! Pessoal! Por favor, vamos deixar esse assunto dos cachorros e voltemos aos nossos touros.

30) WILSON: — Sou inglês, nascido em Londres e venho acompanhando com interesse esse debate. Fui a algumas touradas quando estive em Sevilha e devo confessar que não gostei. A Espanha é um lindo país, com uma diversidade cultural e histórica que sempre me surpreende e encanta. Na atualidade, é um país de grande progresso e desenvolvimento em todos os aspectos, enquadrando-o perfeitamente como uma nação moderna e do primeiro mundo. É justamente por isso, que não entendo a permanência das touradas, um traço de país atrasado e medieval.

31) VASQUEZ: — Eu posso te explicar meu caro londrino. Embora muitos estrangeiros desgostem das touradas e muitos outros pelo mundo afora se tornem “aficionados”, esse assunto de permanência ou não das touradas só pode dizer respeito ao povo espanhol, que por razões óbvias conhece as raízes culturais, históricas e até mesmo religiosas que, sem dúvida alguma, caracterizam uma tradição secular do nosso povo. Para entender a *fiesta* é preciso a vivência com os eventos que surgem espontaneamente nos campos da Andaluzia, Navarra, Castilla. É preciso entender os sonhos dos jovens que pensam na glória futura de ser um *matador*. Esses sonhos começam nos campos, depois para povoados e ainda para praças maiores das cidades. Sonha-se em ser um Manolete, assim como um jovem brasileiro pensa em ser um futuro Pelé. Mas qual sabor teriam as festas<sup>13</sup> que ocorrem em feriados religiosos locais e regionais se não tivessem a culminá-las a tradi-

---

13. Ferias.

cional corrida de touros? E ademais, meu caro, não há nenhuma vergonha no fato de a Espanha manter a tradição das touradas e lembre-se, nós não nos sentiríamos ofendidos se um americano dissesse que nossos países, Espanha e Inglaterra, são atrasados e medievais, porque mantemos orgulhosamente a monarquia em nossas sociedades.

32) ELAINE: — Ora... Essa argumentação é completamente descabida. Não sei por que esses aficionados procuram fugir do assunto em causa, que é o touro, ou melhor, o sacrifício inútil e covarde desses animais só para satisfazer a um bando de neuróticos.

33) VASQUEZ: — Neurótica é você, que deve ter raiva por ter sido abandonada por algum *matador*... — responde com um sorriso irônico — Eu acho que vocês deveriam pesquisar sobre a interpretação sexual das touradas, pois segundo algumas teorias têm tudo a ver com instinto animal e sexo. Por oportuno e com licença do senhor Deputado, vou ler para vocês um trecho de um artigo de autoria de Carolina Meyer:

“A tourada permite que experimentemos um prazer, uma identificação com nosso “eu” primitivo somente alcançada durante a prática sexual. O momento do “passe”, em que o toureiro se expõe completamente ao touro, na medida em que ele vai sendo atraído pelo pano, representa um instante de tangência entre o belo, o plástico, o civilizado, o reto — o homem — e o monstro, o corpo estranho, o rasgo de realidade, o torto — o touro. O “olé!” da platéia é praticamente a ejaculação depois de tamanha tensão sexual. Para Julián, “o melhor momento da corrida é o triunfo, quando todo o público está entregue e a arena se converte numa enxurrada de aplausos”. Finalmente, os dois corpos, homem e touro se afastam, sob pena de o primeiro morrer em caso de contato entre os dois. Daí a tangência com o profano. Para que o espetáculo seja completo, é preciso matar o touro. Do contrário,

a tourada seria apenas um esporte, uma exibição das destrezas do atleta, a exemplo do que acontece em Portugal e no México, por exemplo, em que o animal não é sacrificado. Segundo Leiris, a morte do touro representa a reconstituição do reto e a derrota do torto. Espetáculo que não é nada senão a reconstrução do nosso processo civilizatório. Sim, durante o “passe”, tivemos nosso momento de tangência, de revelação. Vibramos. Ficamos extasiados. Contudo, é necessário retornar à superfície da normalidade. Só o sexo nos proporciona tão intenso contato com nosso desejo primitivo, oprimido, porém jamais eliminado. O ato sexual precisa ter um fim e o que fica é a sensação de vazio depois do orgasmo. E é na ânsia sexual, conclui Michel, que o toureiro mata o touro. Primeiro, como representação do poder, do falo, que é o animal, na tentativa de superá-lo, de tomar para si a sua força. É por isso, que ele morre por uma espada. É também por isso, que o *matador* deve molhar os dedos no sangue do touro no momento da estocada final. Depois, conforme dito, o touro deve ser sacrificado em nome do restauro da normalidade, do reto”.

34) PATRÍCIA: — Realmente, como se vê, somente Freud poderia explicar essa neurose dos aficionados...

35) VASQUEZ: — Não é neurose Dona Patrícia! Isso é paixão! Somente experimentada por homem ou mulher que tem “tesão”.

36) ADRIANA: — Há cerca de seis meses, levada por um amigo, fui pela primeira vez a uma tourada em Sevilha, na Praça chamada La Maestranza e acho que o nome tem a ver com maestria na arte de tourear. A Praça é linda, o público e todo o visual é empolgante. Achei os toureiros lindos e garbosos nos seus trajes multicoloridos. Todo esse conjunto é realmente uma festa digna de ser vista. Mas daí começou realmente a luta entre o homem e o touro. Um aficionado sentado ao meu lado tentava insistentemen-

te me explicar sobre o que estava acontecendo na arena. Quando se aproximava o final do espetáculo, me perguntou se estava gostando. Respondi-lhe sinceramente que não, estava detestando, pois não concordava com a matança de animais. Decepcionado, ele me perguntou se eu não comia carne bovina, oriunda dos milhares de bovinos mortos nos frigoríficos. Respondi, então, que só comia frango e peixe. Ele então me perguntou, ironicamente, se as aves e os peixes eu os comia ainda vivos... Ou se eu não considerava que eles também eram animais sacrificados pelo homem... Respondi-lhe que pelo menos esses animais não eram torturados em público como esses touros. Terminada a corrida fui embora pensativa e cheia de dúvidas. Eis que na semana seguinte me vi assistindo na televisão a outra corrida e achei o espetáculo muito bonito e pensei e me perguntei se já estaria me convertendo em uma “aficionada”. Na outra semana, lá estava eu novamente em frente à televisão, assistindo a outra corrida e admirada com a valentia de um guapo toureiro... Estava tudo muito legal e começava a entender melhor a *fiesta*, quando chegou a vez do quinto touro da tarde. Assim que o outro toureiro seguiu com sua *muleta* e espada para matá-lo, achei que na verdade o touro já estava morto pelas feridas que já haviam lhe infringido. Desliguei a televisão. Desisti. Não poderiam eliminar desse espetáculo esses lances tão deprimentes?

37) ELAINE: — Gostei da sua explanação, Adriana. É por isso, que defendemos a extinção desse pretense espetáculo, que muitos ainda têm a coragem de chamar de Arte...

38) VASQUEZ: — A tourada é uma arte sim senhora, tanto que a Adriana estava inclinada a apreciá-la. Aliás, é a única arte em que o artista corre risco de vida. Infelizmente existem realmente lances ruins, em geral decorrentes de toureiros fracos e um trabalho mal feito pela sua *cuadrilla* e por vezes o touro também contribui para isso por não ter a nobreza e bravura necessárias. A qualidade do espetáculo é resultante direta das qualidades do

*matador* e do touro. Enfim, nem sempre se pode ter o ideal, ou seja, os *matadores* de elite, os verdadeiros *diestros*. Estes sabem conduzir as *faenas* de forma a superar os defeitos eventuais do touro, bem como, dominar e preparar o touro para a morte. O *diestro* orienta o *picador*, os *banderilleiros*, de forma a ter nas mãos um touro capaz de investir na etapa final, para que possa brilhar a sua técnica com a *muleta* e afinal, proporcionar ao público uma “estocada” emocionante. Tanto assim, que é justamente na hora da morte do touro que a morte ronda também o toureiro.

39) PEDRO: — Eu quero só acrescentar que espetáculos ou detalhes de má qualidade acontecem não só nas touradas como também em outros eventos planejados e realizados pelo homem, infelizmente. Eu já vi gente desmaiar em lutas de boxe e vi gente vomitar em lutas de cães de briga. Vi casas de shows serem depredadas pelo público diante de apresentações de baixo nível e assim por diante... Minha cara Adriana, fiquei consternado com sua pequena história de amor e ódio. Prometo que vou dar-lhe um vídeo raro sobre as grandes *faenas* do *diestro* Antonio Bienvenida e você se decidirá facilmente.

40) LUZIA FALCO: — Um aparte, por favor! Não faz nenhum sentido a comparação com lutas de boxe, pois nestas os envolvidos estão ali por vontade própria...

41) DIOGO: — Não sou um entendido, mas venho acompanhando com muito gosto essas discussões para formar a minha opinião. Percebo que a grande crítica que se faz às corridas é o sangramento do touro pela ação do *picador*, por vezes excessivo e que acaba com o animal, como foi o caso descrito pela Adriana. Notei também que nesta fase da corrida, chamada *suerte de varas* ou *suerte de picar*, essa ação é muitas vezes objeto de vaias e assovios do público. Não se poderia tirar essa fase das corridas ou pelo menos limitá-la?

42) JEFFERSON: — Sou do jornal “O Semanário”. A discussão sobre essa ação específica de *picar* o touro é tão antiga quanto controversa. Do ponto de vista do aficionado ou do entendido, essa ação é importante e necessária, não só pela tradição, mas porque tem por objetivo enfurecer o animal, testar o poder e contundência de seus ataques ao cavalo, a insistência em atacar apesar dos ferimentos, ou seja, a sua nobreza. Ao mesmo tempo, pelo sangramento, o objetivo é diminuir-lhe o ímpeto e fazê-lo abaixar a cabeça, tornando possível de ser trabalhado com a capa. Do ponto de vista dos críticos às touradas, essa ação minguia toda força do touro, rompe a musculatura do pescoço do animal e, portanto diminui sensivelmente a força das suas chifradas. Não creio que isso justifique qualquer alteração na composição do espetáculo, que tem tradição secular e na verdade o resultado dessa ação dependerá sempre da qualidade dos seus atores: O *matador*, o touro, o *picador*, o *banderilleiro*, o presidente e o público. Sim, o público é peça importante, pois quanto mais entendido for, saberá avaliar as qualidades e defeitos dos homens e dos touros durante a *lida*, determinando o encerramento da carreira dos atores sem capacidade.

43) ADRIANA: — Não sei por que têm de ser imutáveis essas regras. Por exemplo, não se poderia diminuir o tamanho da ponta de aço que penetra no dorso do animal na ação de picá-lo? Reduzindo assim o sangramento, essa coisa que causa tão má impressão no público? Não se poderia impor limitação quanto à duração e quantidade dos *piques*? Em alguns outros esportes populares como, por exemplo, o futebol e as corridas de Fórmula Um, ocorrem pequenas alterações em seus regulamentos, sempre com o objetivo de melhorar o evento para os seus participantes e em especial para o público — o senhor do espetáculo.

44) VASQUEZ: — Eu continuo com o mesmo entendimento que já expressei: Cada touro é um touro, cada *matador* é um *matador*, cada espectador é um espectador...

45) MIRNA: — Eu continuo também com a minha opinião. Tourada é coisa antiga, passada, decadente e por tanto sujeita à fatal extinção pelo governo, tendo em vista o efeito funesto que provoca no povo. O que quer dizer, por exemplo, esses trajes ridículos e agarrados que usam esses toureiros e suas tropas?!

46) VASQUEZ: — A pior coisa que um governo pode fazer é decidir o que o povo pode ver e como deve se divertir. O que está na tradição, no sangue e no gosto do povo, não se mexe impunemente. Sempre em tempos de menor brilhantismo, ressurgem as forças que querem acabar com as touradas. Nunca conseguiram e nunca conseguirão, pois sempre aparecem novos *matadores* de elite e as touradas voltam a adquirir o vigor de sempre. Quanto aos trajes, Dona Mirna, o nome correto é *Traje de Luces* e representam maiúscula e secular tradição. Isso não tem relação com atraso ou anacronismo. A não ser que você considere as vestes e sapatilhas do balé clássico, ou as óperas e operetas, tudo como coisa “atrasada”...

47) CRISTIANE: — Bem, alguma coisa parece que já se conseguiu, embora pouco: os cavalos estão hoje mais protegidos e são raríssimos os casos de sua morte nas arenas. Menores não podem frequentar as Praças de Touros em algumas províncias e a transmissão por televisão das corridas, estão restritas a determinados horários.

48) JEFFERSON: — Interessante é verificar o resultado dessas restrições objetivando proteger os menores, em nome da moral e dos bons costumes. No interior, nas cidadelas, nos campos, nas *ganaderias*, os meninos continuarão convivendo com os touros e com a ambientação própria da *fiesta*. Mas quem conseguirá tirar desses meninos o sonho de ser um *matador*? Por outro lado, os jovens dos campos e das cidades continuarão a assistir pelas redes de televisão, até altas horas da noite e madrugada, filmes

de terror, violência, pornografia... Modernamente, pela internet terão acesso infundável às informações e experiências de todo tipo, inclusive da miserável pedofilia.

Nesse instante entra no recinto um senhor de barbas brancas, trajando um terno escuro, com uma Bíblia nas mãos.

49) Meu nome é JESSÉ, pastor Jessé, da Igreja Prece e Vitória, Servo do Senhor e vim aqui para trazer a mensagem que Ele me enviou... Aleluia! Aleluia! Escutem:

— As forças malignas e diabólicas dominam este mundo. “A Bíblia diz que o maligno jaz neste mundo”, portanto tudo isso são sinais evidentes da distorção da mente humana através da influência de Satanás, pois a Bíblia sagrada diz que ele iria cegar o entendimento humano. Somente a falta de conhecimento leva todos os praticantes a tal crueldade, onde pra eles não passam de diversão, onde nem sempre são os verdadeiros culpados e necessitam de ajuda para serem libertos. Somente Jesus Cristo pode libertá-los, nós podemos ajudar levando a verdade. Pois “O Senhor é Espírito e onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade. Aleluia, aleluia!”

50) CRISTIANE: — Espero que as palavras do Pastor iluminem esses renitentes defensores deste circo, onde os animais são vítimas da bestialidade humana. Deus não poderia estar de acordo mesmo com esses chamados espetáculos, onde anualmente, milhares de cavalos e touros são sacrificados, depois de torturados, para satisfazerem os negócios da tauromaquia.

51) VASQUEZ: — Lá vem essa velha história. Impressionante como todo mundo se incomoda com as corridas de touros! Se a pessoa detesta a *fiesta*, simplesmente não deve ir à Praça e não deve deixar seus filhos irem, mas não queira que todos desgostem do que essa pessoa desgosta, nem queira proibir...

— Querem acabar ou limitar. Poxa! Se alguém tem ojeriza ao sangue, deve mesmo ir a outro tipo de espetáculo — como “Circo de Soleil”, balé, cinemas, teatros, etc. Se a pessoa até gosta da *fiesta*, mas tem horror à morte do touro, pode ir às touradas de Portugal, nas quais as pontas dos chifres dos touros são encapsuladas e os touros não são mortos na arena...

52) JOSUÉ: — É... O que os olhos não veem o coração não sente... Porém quem quiser ver uma tourada verdadeira e testar seus instintos e emoções, terá obrigatoriamente de assistir a uma *corrida* na Espanha. Interessante repetir uma expressão dita por alguém importante e cujo nome não me lembro...

“A *fiesta* é um espetáculo de morte. De vida e de morte. Uma tragédia. A história cultural da Espanha, desde 1650 estará atrelada a La Fiesta. Se eu fosse ditador da Espanha, acabaria com uma penada, as corridas de touros. Mas enquanto elas existem, continuarei assistindo...”

53) JEFFERSON: — Por que será que esse espetáculo de vida e de morte, a fúria do animal contra a arte e a técnica do homem, esse jogo enfeitado por luzes, cores, música e povo, essa composição de sangue e areia à luz brilhante do sol, é tão contraditória? Creio que é o aspecto fascinante da *fiesta*, pois até mesmo os seus adversários se sentem atraídos, queiram ou não, pelo seu fascínio. Como bem disse, simplesmente, Federico Garcia Lorca: “A corrida é o único lugar aonde se vai com segurança ver a morte rodeada da mais deslumbrada beleza”.

Vaias e aplausos misturam-se no auditório.

54) IZIDRO: — Ouvi muito falar sobre *matadores*, crueldades, sexo, etc. Mas não se pode perder de vista que o touro bravo é o ator principal e se essa raça ainda existe é por que existem as tou-

radas. Nos últimos quatro séculos, esse touro é criado, manejado e selecionado com fins comerciais, ou seja, para a luta nas arenas — para as corridas de touros. Portanto, quem não conhecer razoavelmente a origem e as peculiaridades da raça, não está em condições de debater esse assunto. Essa raça seria descendente mais direto do “uro” — o antepassado de todas as raças bovinas. Esse tronco ibérico vem mantendo ao longo do tempo seu instinto selvagem e seus principais atributos físicos, uma fortaleza animal com grande par de chifres pontiagudos, capaz de sobreviver na natureza, mesmo sem ajuda do homem. Sua utilização primeira pelo homem foi nos festejos rurais, mais tarde nos esportes dos nobres, que lidavam com os touros, montados em seus cavalos. Com o surgimento das corridas de touros da era moderna, surgiram as primeiras *ganaderias* no século 19. A partir daí a criação comercial do touro bravo buscou atender à demanda das corridas, procurando assim, manter as características originais da raça, até hoje. O touro bravo é um animal magnífico, criado com muito amor e carinho nos campos, é por todos admirado e tem o privilégio das pastagens selecionadas.

55) PEDRO: — É verdade, pouco se conhece sobre a vida do touro bravo. É um animal que busca refúgio e segurança numa manada. Os bezerras com oito ou nove meses são desmamados e como sua maturidade sexual se dá entre dezesseis e dezoito meses, pouco depois de um ano os machos são separados das fêmeas. Nas manadas, há uma rigorosa hierarquia — tem um touro dominante chamado *mandón* que bate nos demais machos. Violentas lutas ocorrem quando outro touro desafia o líder, sendo que o touro derrotado é desprestigiado pelo grupo, fica isolado e passa a ser um animal muito perigoso — um touro *alongado*.

56) ANGELITO: — Lá vem essa história de machismo novamente!

57) PEDRO: — Calma, meu querido! Por falta das fêmeas e para evitar que briguem e se montem uns nos outros, em cada manada costuma haver um “touro maricas”, mais fraco ou tímido que o resto, para ser montado pelos demais. Isso não é interessante?

58) GUTIERREZ: — Bem lembrado, mas isso só serve para explicitar outro caso de desrespeito com os animais. Assisti a um vídeo sobre o desembarque, chamado de *desencajonamento*, de touros de suas jaulas para os currais anexos às arenas. Como os touros podem brigar entre si, nesses currais são colocados “bois”<sup>14</sup>, a fim de receber os touros e acalmá-los. Não raro os touros não querem saber de conversa e chegam a atacar esses pobres bois.

59) LUZIA FALCO: — Por favor... É sem limite a crueldade dessa prática. Um absurdo o estresse a que são submetidos esses pobres animais.

60) MIRNA: — Concordo. Também isso é um caso explícito de maus tratos aos animais, mas voltando ao caso do touro bravo, é tudo muito interessante, mas justamente por ser um belo animal, não há razão para sacrificá-lo nas arenas. Deveria ser adaptado para outras atividades de real interesse humano. Afinal, sacrificar o touro na arena é preservar a raça?

61) RAUL: — Trabalho num escritório de um empresário de corridas de touros e fico admirado ao ver com que facilidade muita gente quer simplesmente acabar com as touradas na Espanha. Não se perguntam quanto às consequências de uma coisa assim, pois não somente iria acabar com a criação do touro bravo, como traria um desastre econômico-financeiro em todas as atividades envolvidas nesse processo: A criação, o manejo e comercialização dos touros. Seria o fim das *ganaderias* específicas, o fim das *plazas de toros*, o fim de todos os profissionais que direta ou indiretamen-

---

14. Animais castrados e mansos.

te atuam nas arenas, o fim de milhares de empregos. Considere-se ainda o prejuízo para o turismo e consequente perda da renda nacional. Não podemos esquecer que o turismo é uma atividade das mais importantes na economia do nosso país e não há qualquer propaganda turística, por qualquer meio de comunicação, onde não apareçam as touradas como um dos maiores atrativos nacionais. O pessoal do “contra” pode negar isso??

62) VASQUEZ: — Ora, no dia em que for proibida a tourada, começa a extinção da raça do touro bravo. Essas ONGs que vivem gastando fortunas para salvar da morte algumas dezenas de animais considerados raros e sujeitos à extinção, não se incomodam com a extinção certa de dezenas de milhares de touros bravos, cuja única e secular vocação é a luta nas arenas? O touro de lida é uma verdadeira relíquia e de inestimável valor e a raça não se extinguiu porque nos últimos três séculos as festas nobres com touros e depois as corridas populares, propiciaram sua artificial conservação através das *ganaderias* específicas.

63) ELAINE: — Esse aspecto, reconheço que é importante, mas não é imutável. É claro que a abolição das corridas seria acompanhada de um programa de adaptações e remanejamentos de atividades, além de um período razoável de tempo para essa passagem. Porém, o interesse econômico de alguns, especialmente de empresários, criadores e alguns *matadores* milionários, não justifica a continuidade dessa matança pública de touros.

64) VASQUEZ: — Essa pretensão simplista de acabar com uma atividade especializada e profissionalizada, com raízes seculares, é que não resiste a esta argumentação. Além do mais, o touro bravo é um patrimônio espanhol de incalculável valor e não pode ser extinto só porque algumas pessoas têm ojeriza pelas touradas. Ora, se alguém foi, viu e não gostou da *fiesta*, é só não ir mais. Repito que não se devem tirar opiniões apressadas com

base em um evento de má qualidade. Assim, se eu for a um jogo de futebol e assistir dois times ruins dando pontapés, um juiz ladrão, brigas nas torcidas, etc., eu vou dizer que não gostei, achei horrível e não volto mais... Agora, não vou sair por aí e criar uma ONG para acabar com o futebol. Mesmo porque, de repente você poderá assistir a outro jogo de futebol com jogadores de alto nível e então apreciar a beleza desse esporte.

65) MIRNA: — Não concordo. Para mim, seja o touro bom ou ruim e o toureiro ótimo ou péssimo, tanto faz: o que existe é uma matança covarde de animais. Além disso, esses aficionados têm a mania de desviar a atenção de forma a que todos se preocupem com o touro e assim se esqueçam da tourada... Belo animal... Triste final... Gostam tanto do touro que fazem questão de honrá-lo com a morte. Por outro lado, a natureza e o homem podem perfeitamente readaptar essa raça para outros fins e atividades.

66) JOSUÉ: — Poucos têm ideia do que seja o touro bravo e olham para ele como se fosse outro bovino qualquer, apenas mais bravo. Não! Este touro é o único que serviria para uma tourada, pelo seu instinto selvagem e uma incrível bravura. Já houve casos de lutas desses touros contra tigres e até leões e não foram eles que saíram correndo... É um animal que ataca com a intenção de destruir tudo o que se move na sua frente, mesmo que seja uma folha de papel. É um engano pensar que o touro investe na capa do toureiro porque ela é vermelha. Poderia ser de qualquer cor e até mesmo branca, tanto faz, ele ataca porque o toureiro fica estático e a capa é que se move em sua direção. Para ele, moveu está vivo. A tarefa do toureiro é manejar a capa com técnica e habilidade, através dos diversos “passes” e essa é a esperteza do homem em face da estupidez do touro, o eterno *logro* aplicado nessas lutas. Mesmo estúpido, o animal vai aprendendo, lance a lance, mas não tem tempo de completar o aprendizado, pois a luta é de tempo curto, não mais de vinte minutos. É por tal razão que o mesmo

touro não pode ser usado mais de uma vez nas corridas, pois se tornaria muito perigoso para o *matador*. Se o touro perceber que o inimigo verdadeiro é o homem e não a capa, adeus toureiro...

67) LUCIENE: — Ah, quer dizer então que já descobrimos uma forma de acabar com esse esporte horripilante. É só a gente conseguir dar um curso rápido para os touros... Se a gente não consegue acabar com as touradas, vamos acabar com os toureiros e o resultado é o mesmo.

Novo alvoroço na platéia, uns xingam, alguns aplaudem e outros sorriem.

68) JOSUÉ: — Não é brincadeira não. Ao contrário, é muito importante que as pessoas que desejem o fim das touradas tenham consciência e conhecimento de tudo que gira em torno delas, por exemplo, para ser um *matador* não basta ter coragem, ter frequentado algumas *capeas* pelo interior e treinado alguns movimentos com a capa e logo se meter dentro de uma arena. Além de conhecer o touro bravo em todas as suas características - atitudes, comportamentos, reações, etc. - o futuro *matador* deverá ter aprendido a ter o domínio das técnicas básicas da arte de tourear. Esse aprendizado poderá ser nas escolas, na literatura ou pela simples vivência. Gostaria de resumir alguns aspectos básicos:

Diferente de outros animais selvagens, o touro bravo não ataca para saciar a fome e sim pelo ímpeto de vencer e destruir tudo o que se move à sua frente;

A impetuosidade com que o touro se lança contra a capa do *matador*, impede-o de parar logo em seguida, dando tempo ao *matador* para enfrentar nova investida;

Ao atacar e justo no momento em que vai golpear com a

cabeça e os chifres, diz-se que ele fecha os olhos. Isso permite ao homem se esquivar do touro usando sua maestria e audácia;

O touro bravo mistura seu instinto selvagem a uma nobreza da raça que o conduz a atacar sem parar o que se mexe diante dele. Neste ataque, fixado o objetivo, ele lhe dá preferência sobre qualquer outra coisa.

A confiança em conhecer o touro e os princípios fundamentais da arte do toureio, é o que determinará, juntamente com uma elevada e indispensável dose de coragem, o surgimento de um grande *matador*. Quantas coisas estão envolvidas com as touradas, quanta literatura sobre touros, técnicas, touradas e *matadores*, tantas escolas da tauromaquia, quantos museus, quantas *plazas de toros* e festejos típicos por todos os rincões de nossas fronteiras... quanta história! E tudo isso querem fazer desaparecer numa simples penada!

69) MIRNA: — Fiquei até emocionada com sua argumentação, mas isso em nada muda a opinião da nossa ONG, pois esses registros, essas histórias e essas coisas todas, seria melhor que jamais tivessem existido.

70) JOSUÉ: — Nesse caso, a sua organização também não existiria, o que seria uma maravilha e assim vocês não ficavam enchendo o saco, pois confundem salvar uma dezena de animais em extinção com abolição das corridas de touros. Isso é que é um absurdo! Isso parece uma brincadeira, de muito mal gosto!

71) FRED: — Não sou contra, nem a favor, mas estou aprendendo muito de ouvir coisas das quais não tinha o mínimo conhecimento. Creio que todos que estão presentes vão aprender alguma coisa, sejam do contra ou a favor, desde que haja boa vontade em entender o ponto de vista do outro, ou seja, para o be-

nefício dessa audiência é fundamental abandonar o radicalismo. Confesso que fui a uma tourada e não entendi nada e talvez por isso, não tenha gostado. Concordo que o conhecimento é fundamental para apreciar de verdade um espetáculo. Imagino o que um turista japonês vai pensar da tourada, se ele nem sabe o rito primário e as regras que fundamentam a corrida. Imagino também alguém colocado num estádio de futebol americano, sem conhecer as regras do jogo, o que acharia daqueles homenzarrões parecendo gladiadores disputarem uma bola oval e toda hora se amontoando um sobre o outro como se fosse uma briga constante.

72) VASQUEZ: — Bem lembrado! O espetáculo precisa também de um público entendido e exigente, além de bons touros e toureiros. As touradas são carregadas de ritos, regras, termos e simbolismos próprios, que só com o tempo podemos dominar. Numa tourada, é preciso saber julgar não só o *matador* e o desempenho da sua *cuadrilla*, mas também julgar o touro e seu comportamento. Aliás, os bons toureiros gostam de enfrentar os touros verdadeiramente nobres, ou seja, aqueles animais que mesmo tendo sido *picados*, *banderillados* e levados à exaustão pelos lances praticados pelo *matador*, continuam a investir e atacar até o último momento. Qualquer outro bovino logo no primeiro golpe do *picador* desistiria de atacar o cavalo e no próximo ferimento passaria a correr pela arena procurando a saída para os currais.

73) ELAINE: — Eu não sou nenhuma ignorante em touradas, já acompanhei várias e tenho a minha opinião formada: além da crueldade explícita, é um espetáculo, se é que se pode chamar assim, cansativo e repetitivo e por isso, mesmo deprimente. Para mim, esses pretensos *matadores*, salvo raríssimas exceções, são todos uns covardes, enfiando a espada nos pobres touros quando esses já estão praticamente mortos.

O clima da platéia está tenso, uns xingam, outros se exaltam

e alguns aplaudem. A campainha toca incessantemente e o Deputado intervém:

— Gente, calma! Vocês não ouviram o que Fred disse ainda há pouco? Vamos acabar com o radicalismo, o qual não nos leva a nada. Vamos manter a ordem.

74) PEDRITO: — Já disseram que se a tourada é cultura, canibalismo é gastronomia. Pessoalmente gostaria que as touradas fossem aniquiladas por todas as forças do mal!

75) JOELMIR: — Caros amigos, meu sonho é que alguém pegasse essa lança, com a qual picam o touro e enfiasse no rabo desses toureiros...

76) DOUGLAS: — Ora, ora... Apesar da opinião dos deprimidos e despeitados, é indiscutível que as boas *corridas* constituem um espetáculo que alcança momentos de beleza indescritível e de grandes emoções próprias de uma robusta tradição hispânica...

77) JAIRO: — Quanto às touradas, estou de acordo com as opiniões da UNESCO, desde 1980: “... é uma afronta à moral, à educação, à ciência e à cultura...”

78) SYLMARA: — Acho um absurdo essa gente querer acabar com uma das maiores tradições do nosso país, especialmente quando são estrangeiros e vêm se meter em assuntos que só aos espanhóis diz respeito. Todavia, concordo que é muito boa essa discussão no sentido de melhorar e aperfeiçoar as “corridas de touros...”, minimizando os aspectos que dizem respeito à violência e/ou crueldade.

79) ELAINE: — Como bem disseram a UNESCO e outras organizações respeitadas, essa atividade não tem nada a ver com

arte e cultura — atributos que os defensores querem dar às touradas, mas que para mim são subterfúgios de verdadeira ignorância.

80) VASQUEZ: — Vocês é que são ignorantes!

81) MARÍLIA: — Sou espanhola e há muito tempo não ia a uma praça de touros. Fui a Las Ventas no último domingo para acompanhar alguns amigos que visitavam Madri e me senti horrorizada, ou melhor, envergonhada! Não sou nenhuma entendida, mas pelo que vi, o *matador* é um covarde que só enfia a espada no pobre touro quando ele já está praticamente morto de tanto sangramento que lhe infringiram. O pobre touro, acho que de nobre não tinha nada, pois desde o início estava era louco pra salvar sua pele...

82) VASQUEZ: — Oh meu Deus! É a mesma velha história. Marília, pelo que você está dizendo, foi muita infelicidade sua presenciar um espetáculo ruim, daqueles que mesmo os aficionados gostariam que não tivessem acontecido. Reconheço que não estamos num momento brilhante e por vezes essas coisas acontecem. São altos e baixos, são episódios pontuais.

83) MIRNA: — Para nós da ONG SOS Touro isso sempre acontece. O que mais se vê nas arenas é sangue, é mesmo um espetáculo de “sangue e areia”...

84) VASQUEZ: — Isso é um exagero. Você está generalizando e isso é um perigo para a análise correta do esporte, da arte, ou do espetáculo de qualquer natureza. Por exemplo, você gosta de boxe? Existem clássicos dessa luta entre homens, mas também inúmeras lutas deprimentes, nas quais um lutador massacra com socos o rosto do adversário, que fica com a face sangrando e deformada. Quantos lutadores já não foram obrigados a abandonar os ringues pela vida toda, em decorrência de sequelas físicas e men-

tais irreparáveis? E nem por isso, esse chamado esporte deixou de ser referido como a “nobre arte”... E o que dizer das lutas chamadas de “vale-tudo”, nunca vi vocês chocados com o sofrimento, a dor e o sangue... Só porque são homens?

85) ELAINE: — Creio que estamos nos desviando do assunto que interessa. Não estamos aqui para discutir o boxe, mas sim a abolição das touradas. Estas sim é que nada têm a ver com arte, cultura ou esporte...

Nesse instante, percebe-se um alvoroço no recinto, com a entrada de oito moças todas vestidas com sobretudos pretos e que se perfilam bem à frente do auditório. Elas ficam uma ao lado da outra olhando a platéia e sem falar nada. De repente, num mesmo gesto, todas tiram os casacos e aparecem desnudas, somente com calcinhas pretas. Dos seios pendiam pequenos cartazes, cada um com uma letra que no seu conjunto formavam a expressão “S.O.S. TOURO”. Na platéia, uns vaiavam outros aplaudiam, mas no fim todos se divertiam especialmente os fotógrafos e cinegrafistas. Então, fazem menção de que vão tirar as calcinhas, quando o deputado toca a campainha e suspende a reunião, determinando um intervalo de dez minutos. As moças se retiram, sob aplausos.

Com a volta à normalidade, o deputado determina o reinício dos trabalhos.

86) ELAINE: — Depois dessa demonstração artística, nada melhor para discutir essa tal de “arte taurina”. Não sei como muita gente tem a coragem de atribuir arte e cultura a essas touradas. Bastaria a exibição de alguns vídeos de *corridas* para enquadrá-las como a arte da matança e a cultura do sanguinário. Nenhuma manifestação artística verdadeira vai desaparecer com a abolição das touradas.

87) CELSO: — Do Semanário “Cultura Hoje”. E não se extinguirá nunca e ninguém poderá negar a influência cultural das touradas, um espetáculo que alcança momentos de indescritível emoção e beleza! É um teatro onde a figura empolgante do touro, a majestade do *matador*, a dança de cores e formas envolvendo a morte, o *pasodoble* e a emoção do público, formam um contexto de impressionante valor para qualquer expressão artística. Explica-se daí a quantidade imensa de trabalhos de pintores, desenhistas, escultores, poetas, escritores, etc. Todos voltados para o touro, o *matador*, a *fiesta*. Para quem ainda acha a *fiesta* que em termos de arte e cultura não tem magnitude, peço licença para lembrar alguma coisa sobre o tema:

Na pintura — Francisco Góya e Pablo Picasso, cujos nomes dispensam apresentação, produziram verdadeiras obras primas vinculadas ao mundo taurino, como a representação do homem e do touro — “El Minotauro” de Picasso. Ainda o expressionismo da arte de Antonio Saura e Francis Bacon.

Gravuras — obras românticas, estampas populares, cartazes de grandes pintores espanhóis como: Zuloaga, Solana Vazquez Diaz. Alguns *diestros* também se revelaram como artistas plásticos: Antonio Sanchez, Andres Vazquez.

Escultores como: Bemlliure e Sebastian Miranda, a escultura abstrata de Gargallo e Alberto Sanchez.

As corridas de touros serviram de inspiração também para os pincéis surrealistas de Salvador Dali, Joan Miró, Magritt, Oscar Dominguez, José Caballero.

Música — Gênero de música historicamente vinculada à tauromaquia, o *pasodoble* também dispensa qualquer comentário como robusta tradição de arte e cultura hispânicas. O flamenco, em todos os seus diversos ritmos — Sevilhanas, Garrotin, Alegrias, Soleas, tangos e fandangos, expressa com vigor e emoção a alma espanhola, tanto quanto as festas com touros. O *pasodoble*, um dos seus ritmos, é o gênero taurino por excelência e está presente

em todos os espetáculos taurinos, nas festas populares, em todas as atividades culturais típicas das regiões.

No mundo da **ópera** — CARMEN, de Bizet — LA ORACION DEL TORERO, de Joaquim Turina — LA CORNADA, de Alfonso Sastre, são destaques indiscutíveis de popularidade.

Cinema — As touradas serviram de inspiração para várias películas e documentários, desde “Sangue e Areia”, o mais famoso, com Tyrone Power e Rita Hayworth, até “Fale com Ela”, de Pedro Almodóvar.

Literatura — poderia falar de centenas e centenas de obras, reportagens e documentários, com destaque, pela fama internacional, de Ernest Hemingway e suas obras — “O Sol Também se Levanta”: “Morte na Tarde”.

— Isso tudo não é arte? Não é cultura? E diante de tudo isso ainda tem gente com dúvida? — finaliza José.

88) MIRNA: — Nossa Senhora! Do jeito que você apresenta, dá impressão de que sem as touradas esse mundo estaria perdido! Ora, o fato de Picasso ter pintado “Guernica”, expressão de morte, dor, medo e guerra, não quer dizer que ele seja adepto do terrorismo e o fato de Dali ter pintado várias obras com expressão de caveiras, ossadas e figuras disformes, não quer dizer que fosse adepto da destruição e do obscurantismo. Ou seja, até a morte, a tortura, a miséria e o terror, podem servir de inspiração para artistas de qualquer ramo. Mas isso não quer dizer que eles vivenciem essas coisas ou tenham alguma neurótica simpatia por elas.

89) CELSO: — Minha cara, você achou uma saída heróica... Mas lembre-se de que diante da realidade dos fatos, não há argumentos nem saídas, pois as saídas são desconexas.

90) ELAINE: — Ao contrário, acho que ela encontrou a saída certa. Falar, escrever, pintar sobre touros e touradas é um

ato normal de qualquer artista ou mesmo de qualquer pessoa. Eu seria capaz de escrever um documentário sobre uma corrida de touros, mesmo a detestando. Agora, quem se dedica a essa pretensa arte e a defende com unhas e dentes, esses tais “aficionados”, numa sociedade moderna, só podem ser taxados de ignorantes!

91) LUZIA FALCO: — Esses aficionados vivem citando expressões de arte e cultura, em defesa de seu ponto de vista. Acontece que isso é anacrônico, pois essas artes foram produzidas em tempos em que usar casaco de pele era considerado sinal de elegância. Tempos em que os galãs de cinema fumavam, ninguém falava da necessidade urgente de se economizar água, a expressão “efeito estufa” era algo inimaginável. Hoje temos um contexto bastante diferente e a preocupação com a própria sobrevivência suscitou discussões sobre o respeito às mais variadas formas de vida.

A platéia mais uma vez se movimenta entre vaias e aplausos.

92) CELSO: — Caramba! Muitos espíritos descerão da eternidade para assombrá-la e puxar as orelhas dessa moça que está chamando de ignorantes alguns dos maiores gênios da humanidade... E tem o desprate de continuar negando a importância cultural das touradas. Como disse Andrés Amorós — *Como poderia ser inculta uma festa que interessou a James Joyce e a Einstein, a Octavio Paz e Francisco Nieva, a Bizet, a Dali e Miró. Como pode ser sintoma de barbárie a festa que apaixonou a Góya e Picasso, a Garcia Lorca e Rafael Albert, a Hemingway e Orson Welles?* Além disso, estigmatizar a Ernest Hemingway, um dos maiores escritores americanos, como ignorante, só porque era reconhecidamente um “aficionado” e estudioso das corridas de touros, não é uma blasfêmia?!

93) ELAINE: — Reconheço que foi inadequada a generalização que fiz da ignorância. Mas estamos tratando aqui do

interesse de milhões de pessoas que veem nas touradas uma manifestação atrasada, da ignorância humana e dos seus instintos animais.

94) CELSO: — Para suavizar a discussão, peço licença para ler uma poesia, de autoria de um outro “ignorante” — João Cabral de Melo Neto, um dos maiores nomes da literatura brasileira:

“Eu vi Manolo Gonzáles  
e Pepe Luís, de Sevilha:  
precisão doce de flor,  
graciosa, porém precisa.  
Vi também Julio Aparício,  
de Madrid, como Parrita:  
ciência fácil de flor,  
espontânea, porém estrita.  
Vi Miguel Báez, Litri,  
dos confins da Andaluzia,  
que cultivava uma outra flor:  
angustiosa de explosiva.  
E também Antonio Ordóñez,  
que cultivava flor antiga:  
perfume de renda velha,  
de flor em livro dormida.  
Mas eu vi Manuel Rodríguez,  
Manolete, o mais deserto,  
o toureiro mais agudo,  
mais mineral e desperto,  
o de nervos de madeira,  
de punhos secos de fibra  
o da figura de lenha  
lenha seca de caatinga,  
*o que melhor calculava  
o fluido aceiro da vida,*

*o que com mais precisão  
roçava a morte em sua fímbria,  
o que à tragédia deu número,  
à vertigem, geometria  
decimais à emoção  
e ao susto, peso e medida,  
sim, eu vi Manuel Rodríguez,  
Manolete, o mais asceta,  
não só cultivar sua flor  
mas demonstrar aos poetas:*

*Como domar a explosão  
com mão serena e contida,  
sem deixar que se derrame  
a flor que traz escondida,  
e como, então, trabalhá-la  
com mão certa, pouca e extrema:  
sem perfumar sua flor,  
sem poetizar seu poema”*

95) MARÍLIA: — Já que é pra suavizar o espaço e sossegar os espíritos, também gostaria de ler uma jóia literária que achei na internet, com o título — “Ferdinando, o Touro”.

“Era uma vez na América, na Espanha, um touro mansinho chamado Ferdinando. Ele tinha um lugar preferido embaixo da árvore e gostava de cheirar as flores. O sonho dos outros touros era lutar nas arenas de Madri, mas não Ferdinando.

Um dia, vieram uns homens escolher para a próxima tourada o mais bravo de todos os touros. Os touros correram, pularam, deram cabeçada, mas Ferdinando preferiu sentar-se na sua sombra favorita e cheirar as flores.

Mas não viu onde sentava e sentou-se numa abelha! Saiu correndo como um louco... E foi escolhido para ir a Madri.

Chegada a hora, mal tinha coragem de entrar na arena. Animou-se a ver as flores que a platéia jogava e foi cheirá-las. Ele só queria cheirar as flores... Tiveram que levar Ferdinando para casa.

E, pelo que disseram, ele ainda está sentado lá, debaixo da sua árvore favorita, cheirando as flores bem tranquilo. Ele é muito feliz”.

**Moral da história:**

- \* Ferdinando usa drogas?
- \* A mãe do Ferdinando é uma vaca?
- \* Deixa o Ferdinando em paz!
- \* Ferdinando é gay?

Alguém da platéia grita: “Ferdinando é uma flor!” As risadas que se seguem demonstram que a calma retornara e o debate poderia prosseguir.

96) JÚLIO PONTES: — Sou do Jornal “Diário do Povo” e confesso que ainda não tenho uma opinião formada sobre o assunto. O que eu quero manifestar, é que no meu entender os perigos que rondam a sobrevivência das corridas de touros não são de responsabilidade única das Organizações que pretendem sua abolição ou limitação. Ou seja, uma boa parte da culpa se deve aos próprios interessados no “negócio”: os criadores da raça do touro de lida e suas Associações, os Empresários, os Órgãos públicos intervenientes, os “*Matadores*” e até mesmo o público aficionado e a imprensa especializada. Estudando o assunto, observei que ao longo das décadas, por razões políticas ou não, várias alterações foram feitas nos regulamentos da *fiesta* — que diminuem o brilho das corridas de touros: colocação nas arenas de touros de menor idade, ou seja, re-

ses com menos de quatro anos e por consequência de menor força, menor peso, menor agressividade. Ressalte-se que até anos recentes, a praga do “afeitado”, isto é, todas as manifestações fraudulentas que prejudicam a potência dos animais e modificam suas naturais defesas, inclusive os tais chifres cortados, limados ou despontados. Afinal, o verdadeiro touro bravo não é um animal apenas bonito, para ser fotografado. Pelas suas características originais, de genética e de manejo é um animal para ser temido... Também a atuação de muitos *picadores* torpes e *matadores* que praticamente “acabam” com o animal antes de enfrentá-lo, dando às corridas um objetivo de enganosa estética. O grande touro e o grande *matador* é que trazem brilho, emoção e arte ao espetáculo. Fora disso, as corridas podem apenas parecer um evento rude e sangrento e ser alvo de todas as críticas e movimentos que lutam para que desapareçam.

97) ANA MARIA: — Desculpe interrompê-lo, estou de acordo com tudo o que você disse, mas acho que deveria ser evitada a morte dos touros nas arenas, parte mais dramática das corridas...

98) JÚLIO PONTES: — Nesse ponto eu discordo, pois se não querem ver a morte do touro na arena, teriam de assistir a uma tourada em Portugal, onde as pontas dos chifres dos touros são protegidas. Corridas que também exigem coragem e habilidade e onde os touros não são mortos na frente do público... A verdadeira tourada tem de ser mantida na íntegra, ou não é uma tourada da Espanha... Ademais, qual o destino que seria dado aos milhares de animais que sairiam “vivos” das arenas? — Seriam mortos nos frigoríficos para aproveitamento de sua carne estressada? — Seriam criadas áreas de pastagem para sua aposentadoria? Lembremo-nos que os animais não poderão ser “reaproveitados”, ou seja, lidados outra vez nas arenas.

99) ANA MARIA: — Nada disso! Acho que se aposentando os *matadores* todos os problemas estariam resolvidos...

100) JÚLIO PONTES: — Interessante, mas gostaria de voltar à minha argumentação inicial, no que se refere à administração dos negócios taurinos, é de se observar que, a despeito de séculos de vivência, não houve modernização ou atualização visível das atividades taurinas. Por exemplo, instalações de equipamentos mais modernos e confortáveis para o público nas praças de touros; projetos de marketing para atração do público especialmente dos jovens; adequação e inovação dos horários, principalmente no verão, corridas noturnas, etc. Enfim, entendo que os criadores, os *matadores*, a administração e os empresários, são conjuntamente responsáveis pelo caráter romântico e heróico das corridas... A única e verdadeira garantia de manutenção eterna das corridas...

101) PETER: — Sou membro da PETA — People for the Ethical Treatment of Animals — “Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais”, uma Organização Internacional fundada em 1980, na Virgínia / USA. Estamos hoje em Madri, promovendo um movimento contra as touradas, pois nosso lema é que os animais não são nossos para comer, usar, fazer experiências ou para entretenimento.

102) VASQUEZ: — Meu caro Peter, pelo seu sotaque é claro que você não é espanhol e pelo que já li sobre essa “PETA”, é uma organização radical e de um extremismo tão grande que é capaz de afirmações do tipo — “mesmo que a pesquisa com animais resultasse na cura da AIDS, seríamos contra...”

103) PETER: — Não temos o que negar, somos pela liberação total dos animais e por isso, queremos a libertação dos touros bravos.

104) VASQUEZ: — Interessante, vocês devem sofrer de complexo de culpa e querem se curar às nossas custas. Afinal, depois de terem exterminado todos os seus búfalos, agora querem acabar com os nossos touros bravos?

105) EDUARDO: — Numa observação geral, fica claro que posições ultra-radicais não levam a nada, a não ser à fabulosas utopias. O homem é certamente o maior predador dos animais e deles depende para sua sobrevivência. Imaginar um mundo onde os animais não possam ser usados para nada é pensar num mundo vegetariano, no homem herbívoro. O que aconteceria com os milhões de animais até hoje sob domínio do homem? Multiplicar-se-iam sem parar e invadiriam as plantas e as ervas dos homens? Estes novamente ficariam à mercê dos predadores selvagens?

106) MARÍLIA: — Essa discussão é inútil e certamente procura subterfúgios abstratos para fugir do nosso objetivo possível e imediato: acabar com as corridas de touros.

107) BRAVIN — Ouvi quase todos os depoimentos e creio que haverá necessidade de mais tolerância e compreensão de ambos os lados, para se chegar ao difícil consenso. Alguém já disse que deveria ser amenizada a *suerte de picar*, por exemplo. Creio que também bastariam dois pares de *banderillas*, talvez apenas um para manter a tradição...Ou seja, sem suavizar os aspectos mais agudos e sangrentos da *fiesta*, a oposição continuará insistindo na sua total extinção...

108) CAMILO — Pensando bem, nesses aspectos, as touradas em Portugal são muito mais aceitáveis e os touros não são mortos na arena.

109) JULIO PONTES — Podem parar! Chega de cinismo, vocês estão interessados no sofrimento dos animais ou com as emoções provocadas nos humanos? Ademais, somente a tourada clássica é a verdadeira *fiesta braba* — provocadora, sim, de fortes emoções! Alguém já disse que touros nobres e *matadores diestros* manterão para sempre as corridas de touros.

110) BRAVIN — Não sei não. Neste mundo cada vez mais acelerado, a única coisa imutável é a inexorável mudança... Quem sabe o que ocorrerá daqui a 20 ou 30 anos, em pleno século 21?

Ouve-se um grande barulho na rua frontal ao auditório e alguém avisa o deputado que se trata de uma manifestação de grupos radicais pedindo a proibição das corridas de touros na Espanha.

DEPUTADO: — Senhoras e senhores aproveitando a oportunidade dessa manifestação, estamos terminando a audiência para que todos saiam com calma. Agradeço pela presença, interesse e participação nestes debates. Estou certo de que aprendemos muito sobre o assunto e sua controvérsia. Todas as considerações feitas pelos senhores serão integralmente levadas para a comissão da Câmara de Representantes, servindo de valiosos subsídios para a decisão sobre a matéria. Saibam os senhores que dada à dificuldade do assunto, um longo tempo será percorrido ainda, com muitos debates, reuniões e possivelmente outras audiências como esta. Boa noite a todos e obrigado.



# Glossário

## TERMOS TAURINOS UTILIZADOS DESTE LIVRO

**ALTERNATIVA:** Cerimônia pela qual um *novilleiro* torna-se um *matador* profissional.

**ARENA:** Círculo coberto de areia, onde se desenvolvem os combates.

**BANDERILLAS:** Hastes enfeitadas, coloridas, com uma fisga na extremidade, destinada à fixação no dorso do touro.

**BANDERILLERO:** Toureiro que realiza a *suerte de banderillas*, ou seja que as aplica nos touros.

**BARRERA:** Barreira, tapume ou gradil de madeira, geralmente pintada de vermelho, que circunda a arena e limita a ação dos touros.

**BURLADERO:** Área de proteção ou refúgio para os toureiros entrarem e saírem da arena.

**CALLEJÓN:** Passagem ou corredor entre a barreira e as arquibancadas.

**CAPA/CAPOTE:** São os panos ou tecidos usados pelos *matadores* na lida com os touros; o capote é uma peça grande, vermelho/amarelo, utilizada nos lances iniciais da corrida e nos *quites*. A capa é menor, vermelha, anexada à *muleta* na fase final das corridas.

CAPEAS: Corridas informais de novilhos nas vilas e vilarejos.

CORRIDA: O termo significa sempre corrida de touros, os combates desenvolvidos nas *plazas*.

CUADRILLA: Equipe de toureiros sob o comando de um *matador*: a cavalo o *picador*, a pé o *banderilleiro* e os peões.

DIESTRO: Toureiro ou *matador* hábil, um mestre.

ESTOCADA: Ação de estocar, enfiar a espada no touro.

FAENA: Série de passes executados com a *muleta* na *suerte de matar*—última fase da corrida.

FIESTA: É uma festa sempre envolvida com touros, a própria corrida.

GANADERIA: Fazendas de criação de gado.

INDULTADO: Touro salvo da morte por sua nobreza e bravura.

LA TIENTA – Teste de bravura de novilhos e novilhas para seleção.

LIDIAR: Lidar, lutar e combater os touros.

MATADOR: É o toureiro que já recebeu a *alternativa*, *matador* chefe da *cuadrilla*, profissional.

MONTERA: Espécie de boné especial usado pelos toureiros.

MULETA: Pano vermelho fixado num bastão de madeira, que o *matador* usa para execução dos passes, *faena*, na última fase da corrida.

NOVILLERO: Toureiro que ainda não recebeu a *alternativa*; corrida com *novillos*.

NOVILLO: Jovem touro de três anos aproximadamente.

PASE: Passe, lances com o capote ou a *muleta*, utilizados pelos *matadores* para dominar os touros.

PASEO: Desfile dos toureiros e sua *cuadrillas* no começo das corridas.

PICADOR: Toureiro a cavalo, que na primeira fase da corrida: *suerte de varas*: pica os touros com suas lanças.

PLAZA: Praça de touros, local onde se desenvolvem as corridas, arenas.

QUITE: Ação de separar o touro na sua investida no cavalo do *picador*.

RUEDO: Arena ou pista recoberta de areia.

SUERTE: Fases da corrida de touro:: *de picar, de banderillar, de matar*.

TERCIO: Uma das três fases da corrida, *suerte*.

TOREO: A arte de combater o touro, toureio.

TORERO: Profissional que se dedica às corridas de touros, *matador*

TORO: Touro, que nas corridas devem ter quatro anos ou mais.

TRAJE DE LUCES: Traje de luxo utilizado pelos toureiros na sua entrada nas arenas.



# Bibliografia

- ABELLA, C. *De Manolete A José Tomás — Historia Del Toreo En España Y Mexico Desde -1939 Hasta Nuestros Dias*. Alianza Editorial. Madri 2007/2008.
- ALMOYNA, J. M. *Dicionário De Português/Espanhol/Português*. Porto Editora Ltda. Lisboa, 1977.
- AMORÓS, A. *Toros y Cultura, Colección La Tauromaquia*. Espasa. Madri 1988.
- BACELLAR, L. *Escreva Seu Livro — Guia Pratico De Edição E Publicação*. Mercury. São Paulo, 2001
- HEMINGWAY, E. *Death In The Afternoon*. New York, 1932.
- HEMINGWAY, E. *O Sol Também Se Levanta (The Sun Also Rises)*. Abril Cultural. São Paulo, 1981.
- RANSON, S.W. T. *Initiation A L'art Taurin — Toros Et Toreros*. Madri, 962.
- SITES DE PESQUISAS VIA INTERNET — Diversas informações esparsas na imprensa aberta, manuais, jornais, revistas, etc.



Indique este livro para um amigo!  
Saiba como em [www.gizeditorial.com.br](http://www.gizeditorial.com.br)

Esta obra foi composta em fonte Electra LT Std 11,5/14,4  
e impressa em papel Cartão Supremo 250 g/m2 [capa]  
e em papel Alta Alvura 75 g/m2 [miolo].





**A** *Paixão de um Matador* é um romance que faz jus ao título – intrigante, envolvente, surpreendente. Quando um jovem matador de touros – El Gringo – e a bela e aristocrata Malu, de opinião absolutamente contrária às corridas de touros, se apaixonam, já se pode prever os encontros e desencontros do casal ao longo de três temporadas taurinas na Espanha. As diferenças sociais, os preconceitos e todas as adversidades surgidas ao longo do tempo, só poderiam ser superadas por um profundo sentimento de amor.

Os aspectos virtuosos da história são a fluência, o ritmo dinâmico numa passagem por vários ícones da cultura espanhola, a contundência dos fatos, o que, tal qual uma corrida de touros, não dão fôlego ao leitor! Os acidentes e incidentes que ocorrem dentro e fora das arenas, constituem episódios – pitorescos, dramáticos, hilariantes – que se alternam propiciando uma ação e vibração constantes.

E, finalmente, como apêndice do livro, um “Debate” imaginário relativo às corridas de touros com base na realidade, convidando à reflexão sobre a controvérsia.

Boa Leitura!

A Editora

ISBN 978-85-7855-134-6



9 788578 551346

